

LICEU ALLAN KARDEC
BURI-SP

CENTRO ESPÍRITA SINHANINHA

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

PRIMEIRO ANO



QQQ - QUEIROZ

LIVRARIA, EDITORA E DISTRIBUIDORA

Rua Inácio Xavier Luiz, n. 10 – Vila Sene

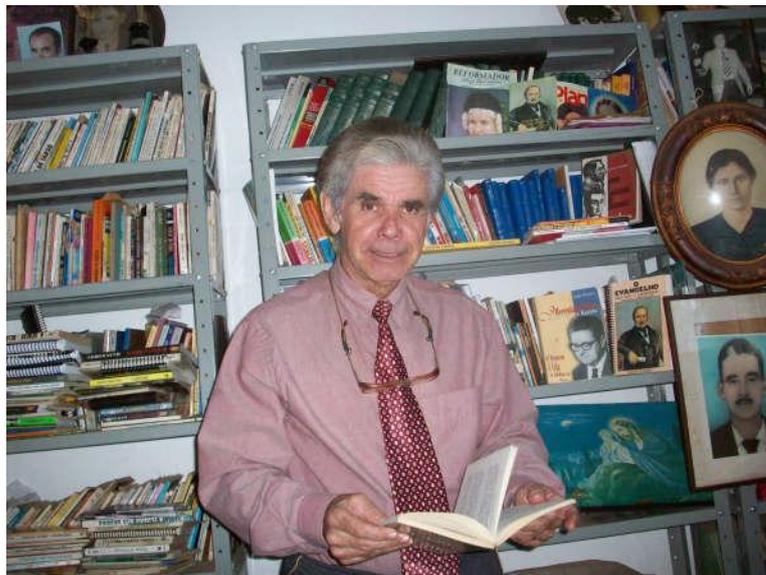
BURI-SP. CEP 18.290.000. Fone (15) 3546-1191

e-mail – jose.fleuri@itelefonica.com.br

site: www.qqqueiroz.com.br

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

PRIMEIRA DOBRA DA CAPA (DIANTEIRA)



JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941, é Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteadó (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996). Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – *scripto sensu* -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário de 1998 até 2.001, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT). É autor dos livros sobre Filosofia do Direito, pela Editora Mundo Jurídico: “A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER À Luz da Filosofia e do Direito Natural” (2003), “CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA” - Projeto Comentado (1ª. Edição/ 2006, 2ª. Edição/2010), “SUICÍDIO É OU NÃO É CRIME?” (em parceria com seu filho Dr. Allan Francisco Queiroz, 2007), MEDICINA ESPÍRITA - CIÊNCIA MÉDICA (2009), PENA DE DURAÇÃO INDETERMINADA (Filosofia do Direito e Filosofia Espírita – 2009).

CONTRA CAPA

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO E RESUMO

ESCOLA DE ESPIRITISMO

PRIMEIRO ANO

ÍNDICE ANALÍTICO

| | |
|--|----|
| - Tese aprovada pelo IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizada em 1.968..... | 10 |
|--|----|

PROGRAMA DE UM CURSO DE QUATRO ANOS:

| | |
|--|----|
| I ANO. 1) Cadeira de Introdução ao Espiritismo; 2) Cadeira de Introdução à Filosofia Espírita; 3) Cadeira de Introdução à Ciência Espírita; 4) Cadeira de Introdução à Religião Espírita..... | 16 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| II ANO. 1) Cadeira de Doutrina Espírita; 2) Cadeira de Filosofia Espírita; 3) Cadeira de Ciência Espírita; 4) Cadeira de Religião Espírita..... | 16 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| III ANO. 1) Cadeira de Doutrina Espírita; 2) Cadeira de Filosofia Espírita. Ontologia; 3) Cadeira de Ciência Espírita; 4) Cadeira de Religião Espírita..... | 17 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| IV ANO. 1) Cadeira de Doutrina Espírita; 2) Cadeira de Filosofia Espírita; 3) Cadeira de Ciência Espírita; 4) Cadeira de Religião Espírita..... | 18 |
|--|----|

- PRELIMINARES:

| | |
|---|----|
| - Mediunidade (Espírito Emmanuel)..... | 20 |
| - Ante a Mediunidade (Espírito André Luiz)..... | 22 |

PRIMEIRA PARTE CADEIRA DE INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO

| | |
|---|----|
| - Posição do Espiritismo no processo do Conhecimento: Parapsicologia e Espiritismo..... | 25 |
|---|----|

A dinâmica da evolução espiritual através da Mediunidade

HORIZONTE TRIBAL E MEDIUNISMO PRIMITIVO

| | |
|---|----|
| - Mediunismo e Espiritismo..... | 28 |
| - Origem Sensória da Crença na Sobrevivência..... | 30 |
| - Da Litolatria ao Politeísmo Mitológico..... | 32 |
| - Ampliação da Teoria de Spencer..... | 34 |

HORIZONTE ESPIRITUAL: MEDIUNIDADE POSITIVA

| | |
|------------------------------|----|
| - Transcendência Humana..... | 36 |
| - Inteligência Suprema..... | 38 |

| | |
|-----------------------------|----|
| - Inteligência Finita..... | 40 |
| - Mediunidade Positiva..... | 41 |

EMANCIPAÇÃO ESPIRITUAL DO HOMEM DESENVOLVIMENTO DA RAZÃO

| | |
|-----------------------------------|----|
| - Imanência e Transcendência..... | 43 |
| - Desenvolvimento da Razão..... | 45 |
| - O Drama Medieval..... | 46 |
| - A Maturidade Espiritual..... | 48 |

MUNDO DE REGENERAÇÃO

| | |
|----------------------------|----|
| - Humanidade Cósmica..... | 51 |
| - Destinação da Terra..... | 53 |
| - Ordem Moral..... | 54 |
| - Império da Justiça..... | 57 |

Dialética do Conhecimento: percepção, desenvol- vimento mental, Conceituação e Consciência

| | |
|-----------------------------------|----|
| - O Problema do Conhecimento..... | 60 |
|-----------------------------------|----|

SEGUNDA PARTE CADEIRA DE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA Conceito de Filosofia Espírita.

PERFIL DA FILOSOFIA ESPÍRITA

| | |
|--|----|
| - Introdução. Raízes das coordenadas da evolução humana: o tempo e o pensamento..... | 64 |
| - Do indivíduo Como Representação Coletiva..... | 65 |

FILOSOFIA E ESPIRITISMO

| | |
|---|----|
| - O que é Filosofia?..... | 67 |
| - O que é Espiritismo?..... | 68 |
| - A Tradição Filosófica. Raízes da Filosofia Espírita na História da Filosofia..... | 69 |

TEORIA DO CONHECIMENTO

| | |
|---|----|
| - Como Conhecemos?..... | 71 |
| - O que Conhecemos?..... | 73 |
| - O processo gnoseológico..... | 75 |
| - Fideísmo Crítico. Kardec e a Crítica da Fé <i>Versus</i> Kant e a Crítica Da Razão..... | 76 |
| - Ontologia Espírita..... | 80 |
| - Existencialismo Espírita..... | 86 |
| - Cosmossociologia Espírita..... | 90 |
| - Parassociologia e Cosmossociologia..... | 94 |
| - Colaboração Interexistencial..... | 95 |

TERCEIRA PARTE CADEIRA DE INTRODUÇÃO À CIÊNCIA ESPÍRITA

| | |
|--|-----|
| - A Ciência Espírita (alocução do Sr. Allan Kardec aos Espíritas de Bruxelas)..... | 102 |
| - O Desenvolvimento Científico e a Ciência Espírita (explanção de J. Herculano Pires)..... | 106 |
| - Pesquisa Científica da Mediunidade. Sessões Experimentais. J. Herculano Pires..... | 112 |

A Ciência Espírita e a Parapsicologia. J. Herculano Pires.

| | |
|--|-----|
| - O que é o homem?..... | 115 |
| - Mec (Memória extracerebral) Mergulho no Passado. Reencarn... 118 | |
| - Parapsicologia e Espiritismo..... | 125 |
| - PSI e a revolução cristã – Liberdade, Igualdade, Fraternidade..... | 129 |
| - PSI e a civilização do espírito..... | 132 |
| - PSI e o desenvolvimento moral..... | 135 |

QUARTA PARTE

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À RELIGIÃO ESPÍRITA

Conceito de Religião. O problema da Religião em Espírito e Verdade nos Evangelhos

| | |
|--|-----|
| - A Religião Espírita. Religião em Espírito e Verdade..... | 139 |
| - O Espiritismo e as Religiões..... | 139 |
| - Panteísmo Espírita..... | 141 |
| - Teologia Espírita..... | 143 |
| - Cristianismo e Espiritismo..... | 144 |
| - A Revelação..... | 148 |
| - A Primeira Revelação..... | 148 |
| - A Segunda Revelação..... | 149 |
| - A Terceira Revelação..... | 150 |
| - A Revelação e a Pesquisa Científica..... | 151 |
| - A Ciência Espírita..... | 152 |
| - O Livro dos Espíritos – Resumo da Doutrina dos Espíritos..... | 155 |
| - A Ciência e o Espiritismo..... | 157 |
| - Profissão de Fé Espírita Racional. Deus, A Alma, Criação, Criação dos Espíritos, Reencarnações, Manifest. de Espíritos.... | 160 |
| * | |
| - BIBLIOGRAFIA | 166 |

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

Livro: Pedagogia Espírita. J. Herculano Pires

(Págs. 174-181)

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

Tese aprovada pelo IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado em Curitiba, Paraná, de 15 a 18 de fevereiro de 1968.

A Educação Espírita pode ser encarada sob dois aspectos: a Educação Geral, que trata da formação das gerações espíritas na cultura mundana ou na *mundanidade*, segundo o conceito heideggeriano, e portanto sem nenhum sentido pejorativo; e a Educação Espírita propriamente dita, segundo o conceito kardeciano da psicologia evolutiva palingenésica. Ambas se completam reciprocamente na tendência comum da formação moral do educando. Não há, portanto, entre elas, nenhum conflito essencial, mas é evidente que há uma discrepância formal que a Pedagogia Espírita terá de superar, aproveitando-se das possibilidades dialéticas implícitas no sentido psico-evolutivo e no objetivo moral comum.

Essa superação se torna mais fácil quando a própria Pedagogia Geral se abre atualmente em várias perspectivas espíritas, da qual a mais importante é a do *relativismo-crítico, neokantiano* que se define nas escolas alemã de Kerchensteiner e francesa de René Hubert, com o declarado objetivo da *comunhão de consciências* para o advento da *República dos Espíritos*. Toda a Filosofia hubertiana e toda a sua Pedagogia concorrem poderosamente para o encontro e a fusão dos princípios educacionais comuns com os princípios espíritas. Releva considerar, por outro lado, que a tradição educacional espírita radica em Rousseau, que é ao mesmo tempo a origem de toda a Pedagogia Moderna e uma das mais fortes raízes filosóficas do Espiritismo através de Pestalozzi, mestre de Kardec. Significativo, ainda, o fato das relações culturais genéticas entre Rousseau e Kant, reafirmando a comunidade de origem, sentido e objetivo das duas correntes de pensamento mencionadas.

A Escola Espírita, e portanto a Pedagogia Espírita, não aparecem no processo de desenvolvimento das teorias pedagógicas de maneira estranha, mas numa seqüência histórica natural, infelizmente ainda não bastante estudada. Cabe aos pedagogos e professores espíritas aprofundarem as pesquisas e ampliarem as demonstrações a respeito. À maneira da Escola Cristã, que nasceu do conflito formal com a chamada Escola Pagã, mas tinha nela mesma as suas raízes históricas, o que Hubert, Jaeger, Marrou e outros esclarecem suficientemente, as relações entre a Pedagogia Geral do nosso tempo e a Pedagogia Espírita constituem um fato cultural-histórico da mais alta importância para o momento de transição que vivemos nesta *civilização em mudança*.

Mas se as discrepâncias formais entre o Paganismo e o Cristianismo eram mais acentuadas e exigiram a separação conflitiva das duas Escolas, as discrepâncias formais entre a Mundanidade e o Espiritismo são hoje bastante atenuadas pelo desenvolvimento do Humanismo, que é a forma de Cristianismo herético dominante no Mundo. Não obstante, o simples fato de existir na consciência cristã contemporânea esse sentido herético revela a presença de resíduos pa-

gãos em nossa cultura, exigindo da Pedagogia Espírita um esforço específico para a formação educacional espírita nos dois aspectos mencionados acima.

O primeiro, que é o da Educação Geral, resolve-se com a criação do sistema educacional espírita, já em desenvolvimento, desde que seguido da orientação teórica necessária, que é tarefa dos pedagogos espíritas. O segundo, que é o da Educação Espírita propriamente dita, exige a criação de um sistema educacional específico. Essa exigência é tanto maior quanto as nossas deficiências culturais se acentuam precisamente no plano filosófico, dificultando a compreensão do Espiritismo como uma concepção de vida que se assenta numa forma superior de mundividência.

Por outro lado, a extensão e a complexidade da Doutrina, com suas múltiplas conseqüências em todas as direções culturais e vivenciais, portanto práticas ou morais, exigem também uma possibilidade permanente de aprofundamento dos seus conceitos e princípios, o que só será possível com a criação das Escolas de Espiritismo de nível superior, de tipo universitário, abrindo perspectivas para o estudo e a pesquisa. Não se trata propriamente da pesquisa fenomênica, que também se desenvolverá, mas principalmente da pesquisa doutrinária, com o aprofundamento do exame e da compreensão da Doutrina Espírita.

As escolas de espiritismo

A criação das Escolas de Espiritismo exige, logo de início, uma reformulação de nossas atitudes no campo doutrinário, que parecerá perigosa à primeira vista, mas que uma análise ponderada nos mostrará ser necessária e benéfica: trata-se não apenas do problema da gratuidade, mas também de outros, sem a revisão dos quais será impossível a criação das Escolas de Espiritismo. Temos de encarar o problema do ensino espírita em si, com todas as implicações decorrentes de uma interpretação puramente cultural humana. As Escolas Espíritas exigem professores de Espiritismo, graus espíritas de ensino, diplomas de aprendizado espírita.

É evidente que todas essas exigências se chocam com as atitudes simplistas que até hoje assumimos, embora necessariamente, dadas as condições espontâneas da propagação da Doutrina, em sua fase de penetração no Mundo. Já agora, porém, seria grandemente prejudicial insistirmos em atitudes que não condizem com as exigências do próprio desenvolvimento doutrinário. O Espiritismo é um processo cultural e deve ser encarado como tal. Abrange todo o campo do conhecimento, *toca em todos os ramos da Ciência*, como acentuava Kardec, e representa mesmo aquele momento de *Síntese do Conhecimento* de que nos falaram Léon Denis e Sir Oliver Lodge.

Kardec assinalou que o aspecto religioso do Espiritismo é a conseqüência moral da Ciência Espírita e da Filosofia Espírita. Compreendemos hoje perfeitamente esse problema. Ora, não é possível confundirmos a exigência natural de gratuidade para as atividades religiosas com as condições especiais das atividades culturais. O próprio Kardec deu-nos o exemplo disso, estabelecendo a necessária diferença entre os dois campos. Para entregar-se às atividades de escritor e editor, no campo doutrinário sem as quais não teríamos a Doutrina Espírita — teve de aceitar os proventos de sua atividade cultural e material, enquanto nas atividades morais e religiosas dava o exemplo da mais absoluta abnegação.

Todas estas considerações têm por fim demonstrar que o diretor, os professores e os funcionários das Escolas de Espiritismo não podem nem devem funcionar de maneira gratuita, o que aliás já se verifica, por exemplo, no funcionamento dos Hospitais Espíritas e das próprias escolas do nascente sistema educacional espírita. Digno é o trabalhador do seu salário, e só se pode dispensá-lo quando se tiver meios próprios de renda. As Escolas de Espiritismo são como as Escolas de Filosofia, de Medicina, de Engenharia, com a única diferença de que não formam especialistas profissionais, mas preparam os alunos para a construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais humana. Isso não impede que também os prepare noutro sentido, para o exercício da profissão de professor, diretor ou funcionário dessas mesmas escolas, ou ainda de assistentes para os hospitais espíritas, orientadores de editoras espíritas, jornais, revistas e publicações espíritas várias, e assim por diante.

O campo de atividades espíritas aumentará na proporção em que melhor compreendermos a Doutrina e sua profunda significação na Vida mundana. Seríamos imprudentes como as virgens da parábola, ou hipócritas como os fariseus formalistas, se não tratássemos de preparar, com o rigor exigido pelo desenvolvimento cultural do século, os especialistas de que vão depender inevitavelmente as atividades espíritas no futuro, nesse futuro, aliás, que já está começando aos nossos olhos. Ou tratamos o Espiritismo a sério, dando-lhe por nós mesmos o lugar e o direito de cidadania que lhe cabem no mundo cultural, ou lhe negaremos, também nós, o que os adversários sempre lhe negaram. Esse o dilema com que nos defrontamos no momento.

Estrutura das escolas de espiritismo

As Escolas de Espiritismo devem ser organizadas como verdadeiras unidades do ensino superior, com todas as suas características. Poderão mesmo dividir-se, no seu desenvolvimento, em cursos especializados, como os das nossas atuais Faculdades de Filosofia. Inicialmente não será possível fazer-se mais do que o ensino global da Doutrina, com as diversas matérias curriculares determinadas pelas divisões e subdivisões dos chamados *aspectos doutrinários*. Não dispomos de condições para mais do que isso, mas é necessário começarmos assim e o quanto antes.

Os professores terão de ser forçosamente, obrigatoriamente, de nível universitário. Os alunos terão de apresentar certificados de conclusão do ensino secundário ou equivalente ou superior. As matérias e os processos de ensino terão tratamento universitário. Porque, sem essas condições, não seria possível dar ao ensino a eficiência necessária, nem fazer que as Escolas de Espiritismo atinjam o seu alto objetivo no plano cultural. O regime escolar terá todas as exigências do regime universitário, acrescidas ainda do mais absoluto rigor nas avaliações de aproveitamento, pois a finalidade do ensino não é utilitário no sentido comum, mas num sentido mais alto, referente à formação espiritual do homem.

Como não será possível a oficialização do ensino ou a subvenção, ele terá de ser pago. É da cobrança das taxas que sairá a renda necessária à manutenção da Escola e ao pagamento de diretores, professores e funcionários. Mas, se houver pessoas capazes de compreender a importância dessas Escolas, e que disponham de recursos, poderão ajudar a sua manutenção e oferecer bolsas de estudo aos alunos que não possam pagar. As doações serão necessárias e tão meritórias como as que se fazem para hospitais e outras obras assistenciais.

Convém não esquecer que as Escolas Espíritas necessitarão de bibliotecas especializadas, com milhares de volumes de obras nacionais e estrangeiras, bibliotecários e auxiliares. Necessitarão de laboratórios diversos, na proporção em que se desenvolverem, com todo o pessoal exigido para o seu bom funcionamento. Necessitarão de aparelhos e instrumentos de pesquisa, de secretarias bem organizadas e fichários, enfim, de todos os recursos indispensáveis ao bom desenvolvimento dos seus cursos.

As cadeiras escolares

Os compêndios básicos de estudo são os livros da Codificação, mas secundados por todas as obras necessárias, espíritas ou não, relacionadas com o assunto especial de cada cadeira.

Por exemplo:

A Cadeira de Filosofia Espírita terá por compêndio básico *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, mas disporá também de toda a bibliografia doutrinária. A Cadeira de Psicologia Espírita se firmará em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas necessitará da bibliografia metapsíquica, da parapsicológica e mesmo da psicológica. A Cadeira de Sociologia Espírita abrangerá os livros básicos citados e mais a bibliografia sociológica geral. E assim por diante.

Os professores de cada cadeira terão de ser espíritas e formados em Universidades na matéria que vão lecionar. A primeira dificuldade está em que os professores não estudaram sistematicamente o aspecto espírita de suas respectivas matérias. Mas é evidente que o terão de fazer e que o fato de serem espíritas, de terem um conhecimento geral da Doutrina, muito lhes facilitará a tarefa. As Escolas de Espiritismo formarão aos poucos os seus próprios mestres, elevando em breve tempo o nosso conhecimento doutrinário, hoje difuso e individual, de tipo exclusivamente autodidata, ao plano superior do estudo sistemático, da verdadeira formação universitária.

Somente assim poderemos superar o estágio inferior dos nossos conhecimentos, diante de uma doutrina que nos oferece infinitamente mais do que agora podemos alcançar. E isso tanto mais necessário, quanto as pesquisas científicas e filosóficas estão avançando aceleradamente na direção dos nossos princípios. O conhecimento avança em bloco para a descoberta do Espírito, e se não nos prepararmos convenientemente, não estaremos em condições de enfrentar os problemas que irão surgindo, e que na verdade já estão surgindo, em nossas relações com a cultura geral. Nossa falta de preparo doutrinário poderá criar novos tipos de dificuldade e incompreensão.

O Espiritismo, como Kardec assinalou, tem a missão cultural de auxiliar a Ciência, a Filosofia e a Religião. Mas para cumprir essa missão é necessário que os Espíritas se tornem capazes de compreender profundamente a sua própria Doutrina. Só o estudo sistemático, em profundidade, através de métodos adequados, nos fará penetrar nos segredos que o Espiritismo ainda guarda para todos nós. Só a pesquisa metódica, orientada e perseverante nos levará a descobrir as diversas contribuições que o Espiritismo deu no passado, dá no presente e dará no futuro ao desenvolvimento cultural do Mundo.

A síntese espírita não é apenas conclusiva, pois o processo da cultura é dialético. Cada conclusão de um ciclo, no plano evolutivo do conhecimento, representa uma espécie de balanço anual de uma empresa: *o deve* e *o haver* se fe-

cham num resultado provisório, que determinará as condições do novo ano. Ernst Cassirer estudou com admirável precisão este problema, vendo-o com olhos espíritas, embora sem ser espírita. Arnold Toynbee também o estuda numa perspectiva espírita, embora não sendo espírita. A verdade *é*, impondo-se a todos os que procuram vê-la. A síntese espírita fecha uma espiral de conhecimento humano e abre outra espiral, rumo às civilizações superiores. Daí a nossa responsabilidade, como detentores de um patrimônio cultural que deve desenvolver-se em todas as suas possibilidades, passando de potência a ato através das condições que teremos de criar nesta fase de transição.

A realidade e a utopia

Pode-se opor a este sonho das Escolas de Espiritismo a objeção do bom senso, e o bom senso é uma categoria lógica das mais importantes e atuantes no Espiritismo. Mas a verdade é que se o bom senso impõe a prudência, não determina a inação. Não podemos desperdiçar as oportunidades imediatas de tempo e recursos com tentativas utópicas, pois há sempre a exigência de realizações possíveis no imediato. Mas também não devemos apegar-nos ao imediatismo a ponto de sacrificarmos o futuro. O bom senso determina o equilíbrio. E por isso é bom examinarmos o problema do equilíbrio entre a realidade e a utopia.

Karl Mannheim, que também não é espírita, mostrou-nos de maneira exaustiva que a utopia é a atração das realidades de amanhã, é o chamado das coisas futuras, despertando no indivíduo e na sociedade as energias necessárias para atingi-las. Falta o equilíbrio entre realidade e utopia quando nos fascinamos por esta e esquecemos aquela. Mas no Espiritismo aprendemos a avançar para o futuro através das condições do presente. Não podemos nos conduzir no corpo material apenas como Espíritos, mas nem por isso devemos nos conduzir apenas como corpo. Daí a rejeição espírita aos exageros do misticismo, de um lado, e do racionalismo cético, de outro. No caso das Escolas de Espiritismo a situação é a mesma. Se quisermos fazer de um dia para o outro as escolas ideais, é certo que fracassaremos. Mas a utopia, essa atração da realidade futura, pode encarnar-se desde já entre nós como criança. E a criança, que hoje engatinha, amanhã começará a andar e breve se fará adulta.

As primeiras dificuldades materiais que encontramos decorrem da falta de recursos e da falta de interesse utilitário imediato nos cursos. Nosso mundo pragmático transformou as escolas em simples meio de preparação profissional, de adaptação da criatura às exigências do ganha-pão e as conveniências do enriquecimento. Estudar é ensaiar para o salto no trampolim da vida prática. Mas o Espiritismo já demonstrou que não existem apenas os interesses imediatos do mundo, pois o homem não é *simplesmente homem*, segundo a expressão irônica do bom-senso de Descartes. Há nele, por mais simples, a mesma inspiração dos teólogos, esses *homens mais do que homens*. Essa inspiração é hoje orientada pela *Ciência Admirável* que Descartes quis descobrir, auxiliado pelo Espírito da Verdade, e que se realizou no Espiritismo. Assim, o bom-senso espírita já demonstrou a muita gente a utilidade do estudo aprofundado e sério do Espiritismo.

Não podemos abrir uma grande Escola de Espiritismo, mas nada impede que lancemos a sua semente através de uma organização modesta, que inicialmente poderá limitar-se a cursos noturnos. Os poucos alunos do início serão os poucos idealistas da marcha para o futuro. Os professores não serão certamente

ótimos, mas terão um pouco de boa-vontade. A direção da Escola há de ser falha, às vezes impaciente, mas não lhe faltará o auxílio espiritual. Havendo boa-vontade e compreensão do problema, não se permitindo que o corrosivo do pessimismo, da crítica pedante ou da crítica beócia destrua os germes em desenvolvimento, a Escola de Espiritismo se transformará em realidade. Os dois tipos de crítica a que nos referimos serão inevitáveis: a pedante é a do universitário que zombará das pretensões espíritas, mesmo sendo espírita; a beócia é a do espírito simplista que despreza a cultura e desconhece o Espiritismo, mesmo que esteja nele há cinquenta anos e se encontre em posição de dirigente. Uma e outra crítica nada valem. Só devemos ouvir a crítica honesta e sensata que nos ajudará a superar as deficiências e avançar.

Poucos alunos, rendimento insuficiente, professores mal pagos ou até mesmo gratuitos — mas a idéia em marcha. O necessário é que os organizadores se convençam da absoluta necessidade da criação das Escolas de Espiritismo. Assim convencidos, não se importarão com as dificuldades. Os próprios frutos do ensino, que é aprendizado para os professores também, servirão de estímulo a todos. Os rendimentos, por pouco que sejam, terão de deixar obrigatoriamente um saldo para a formação do capital patrimonial. *Não se deve esquecer que as Escolas de Espiritismo nunca poderão constituir-se em negócio.* Serão fundações ou organismos semelhantes, com reversão permanente dos lucros a si mesmas. Os vencimentos de professores e funcionários obedecerão a um critério de sacrifícios nas fases iniciais. Mas logo que possível, os vencimentos deverão corresponder aos padrões profissionais, para que o padrão de ensino não venha a sofrer, pois a verdade é que os professores e os funcionários, por mais dedicados que forem, não desempenharão suas funções a contento se estiverem preocupados com problemas financeiros angustiantes.

Por um mecenato espírita

Todas as considerações acima levam naturalmente à conclusão da necessidade de um *Mecenato Espírita*. É verdade que a maioria dos espíritas são pobres, mas existem muitos espíritas afortunados. Em geral, preferem aplicar seus recursos em favor de obras de assistência social, acreditando que os juros espirituais são maiores nesse campo, ou simplesmente por espírito de caridade. É necessário demonstrar a esses confrades que a caridade maior está precisamente na prevenção das desgraças, e que essa prevenção só é possível através da educação, da formação educacional espírita.

As obras de assistência correspondem ao dever de fraternidade que a Doutrina nos desperta, e não deveremos jamais descuidar delas. Mas isso não impede que cuidemos também da assistência educacional, lembrando-nos da Pedagogia Filantrópica de Pestalozzi, seguida por seu discípulo o Prof. Denizard Rivail, mais tarde Allan Kardec. Os espíritas ricos deverão pensar seriamente na urgência da criação das Escolas de Espiritismo. Sabe-se que, nos Estados Unidos, o interesse religioso dos protestantes pela educação, determinou o maravilhoso florescimento de vasta rede de Universidades.

No Brasil os espíritas podem fazer o mesmo. Urge despertar o nosso meio para o dever de contribuir eficazmente para a formação cultural-espírita do povo, com doações em dinheiro e bens patrimoniais em favor de instituições educacionais espíritas. Esse é o movimento que nos reclama neste segundo século da era espírita, cuja tônica deve ser o interesse pela cultura, como o do primeiro

século foi o interesse pela assistência social. A falta de uma sólida formação cultural espírita neste século porá fatalmente em perigo as conquistas realizadas pelo Espiritismo no século anterior.

Os programas

As Escolas de Espiritismo terão de adotar, desde o início, programas capazes de abranger, em linhas gerais, toda a problemática doutrinária. Esses programas irão se modificando com a experiência e com as novas condições que surgirem do crescimento escolar, mas principalmente com o avanço das pesquisas. Podemos formular desde já, com a experiência dos cursos regulares e dos estudos individuais que temos feito, um roteiro de currículo, a título apenas de sugestão. É o seguinte:

Programa de um curso de quatro anos.

I Ano:

1) **Cadeira de Introdução ao Espiritismo:** Posição do Espiritismo no processo do Conhecimento. A dinâmica da evolução espiritual através da mediunidade. Dialética do conhecimento: percepção, desenvolvimento mental, conceituação e consciência. O problema da Razão. Unidade fundamental dos campos do Conhecimento. Materialismo e Espiritualismo. Aparecimento do Espiritismo no momento histórico determinado pela evolução humana.

2) **Cadeira de Introdução à Filosofia Espírita:** Conceito de Filosofia Espírita. Natureza crítica e fideísta da Filosofia Espírita. Suas raízes na História da Filosofia. Relações da Filosofia Espírita com as correntes principais da Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea. Perspectivas da Filosofia Espírita e sua contribuição para o desenvolvimento das correntes atuais do pensamento filosófico. Filosofia Espírita e Metafilosofia.

3) **Cadeira de Introdução à Ciência Espírita:** Conceito de Ciência Espírita. Observação, pesquisa e experimentação. Experimentação (Experiências) de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Posição metodológica de Kardec. Concordâncias e discordâncias do método espírita com os métodos científicos do século passado e do presente. Motivos da rejeição da Ciência Espírita pela Ciência Oficial. O problema da *crendice* de Kardec, denunciada por Richet. O problema da fé na Religião e na Ciência. Papel específico da fé na Ciência Espírita.

4) **Cadeira de Introdução à Religião Espírita:** Conceito de Religião. Processo histórico da evolução religiosa dos povos. O problema religioso na Filosofia de Pestalozzi. As formas da Religião na Filosofia de Bergson. Posição de Kardec em relação ao problema religioso. Origens da Religião: teorias de Feuerbach, Tylor e Spencer; a teoria marxista; a teoria espírita e a contribuição de Ernesto Bozzano. O problema da *Religião em Espírito e Verdade* nos Evangelhos.

II Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Características fundamentais da Doutrina Espírita. Estrutura e sentido de *O Livro dos Espíritos*. As demais obras da Codificação e suas relações com *O Livro dos Espíritos*. Função e significação da *Revista Espírita* de Allan Kardec. Exame geral da estrutura da Codificação. Cosmvisão espírita. *A Escala dos Mundos, a Escala Espírita* e a posição de

Flammarion quanto às relações da Astronomia com esses problemas. O Espiritismo e as conquistas atuais de astronomia e da Astronáutica.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Deus como necessidade lógica e exigência intrínseca da consciência humana. Relação Deus-Universo: a trindade universal ou estrutura tríplice do Universo. O fluido universal e suas diversificações: fluido vital e perispiritual. O conceito de fluido no Espiritismo e nas Ciências e suas implicações filosóficas. Espírito e Matéria: inter-relação e interação desses elementos. Dualismo absoluto e dualismo relativo. O monismo espírita. As Filosofias atuais em face dessas posições espíritas.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** As provas científico-espíritas da sobrevivência. Confirmações da sobrevivência pela pesquisa psíquica e metapsíquica. Posição atual do problema na Parapsicologia. A mediunidade como faculdade humana normal: mediunidade generalizada e mediunidades específicas. Confirmações da teoria mediúnica pelas pesquisas psíquicas, metapsíquicas e parapsicológicas. O problema do animismo. Fraudes conscientes e inconscientes: os motivos psicológicos das fraudes. A superestimação do problema da fraude pelos adversários do Espiritismo como meio de desmoralização da pesquisa psíquica.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** O problema da legitimidade e do valor dos textos bíblicos e evangélicos. *O Evangelho Segundo o Espiritismo:* método seletivo de elaboração da obra e significação doutrinária desse método. A moral evangélica e seu desenvolvimento à luz da Revelação Espírita. A moral espírita: implicações morais da teoria da evolução espiritual, da reencarnação e da lei de ação e reação. O problema da Revelação: as três Revelações fundamentais que marcaram momentos decisivos da evolução terrena. A dupla natureza da III Revelação e sua continuidade indefinida, em virtude do reconhecimento universal da mediunidade.

III Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação científica atual do problema da pluralidade dos mundos habitados. Pesquisas mediúnicas de Kardec sobre os mundos habitados: comunicações e estudos da *Revista Espírita*; critério seguido nessas pesquisas. O dogma da Criação: a Gênese bíblica em face da Ciência e do Espiritismo. Evolução do princípio inteligente: reinos mineral, vegetal, animal e hominal. O mito de Adão e Eva: o homem terreno e as migrações planetárias.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita: Ontologia:** Conceito espírita do Ser; o Ser e os seres; Seres materiais e seres espirituais; o ser do corpo e o ser anímico. O problema da existência: natureza transitória da existência corporal; a existência espiritual; facticidade existencial e desenvolvimento da essência nos dois planos; as existências sucessivas. *O existente ou homem no mundo e o interexistente ou homem no intermúndio:* mediunidade e emancipação da alma. O problema da comunicação: o ato mediúnico, suas modalidades e seus graus.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Psicologia Espírita como psicologia integral: o psiquismo como produto de ação da alma no corpo; interação alma-corpo; a potência anímica e sua atualização na existência; a consciência e o meio. Encarnação e nascimento: duplo condicionamento pela hereditariedade e pela lei de afinidade espiritual. As atividades mediúnicas ou paranormais: fenômenos anímicos e relações espirituais. Relações psíquicas entre vivos e entre estes e os Espíritos: o meio psíquico interexistencial. Psicologia evolutiva palingenésica:

instintos orgânicos e instintos anímicos determinando o grau evolutivo e as possibilidades de atualização espiritual do ser na existência. Psiquiatria Espírita e suas possibilidades. Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** As leis naturais como leis de Deus. Deus na Natureza: imanência de Deus no Universo. As leis morais. A lei de adoração como determinante da natureza religiosa do homem, o aparecimento e desenvolvimento das religiões. O problema da queda: desenvolvimento do livre-arbítrio, libertação das leis naturais e responsabilidade perante as leis morais. Razão e função da prece: sintonia mental e moral com entidades superiores. Confirmação atual da teoria da prece pelas pesquisas telepáticas da Parapsicologia. A doutrina dos espíritos protetores, amigos e familiares; suas raízes históricas; sua razão moral, determinada pela lei de fraternidade; suas comprovações nas experiências psíquicas e na prática espírita.

IV Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para *mundo de regeneração*. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência espiritual. Liberdade, igualdade e fraternidade. A lei de Justiça, Amor e Caridade.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Desenvolvimento do ser moral e substituição da ordem Social pela ordem Moral. Natureza coercitiva da ordem social e natureza espontânea da ordem Moral. Cosmologia espírita: o Universo Moral; significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela caridade: realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita. Maiores possibilidades de aproximação do problema das origens pela mente humana. Desenvolvimento mental e espiritual favorável à melhor compreensão de Deus e de suas relações com o Mundo e a Humanidade. Perspectivas de relações interplanetárias.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Sociologia Espírita: relações psíquicas como determinantes de processos sociais; relações interexistenciais; influências recíprocas entre o mundo invisível e o visível; a dinâmica sócio-espiritual em substituição ao conceito de estática e dinâmica sociais. A cosmossociologia: relações interplanetárias ou de civilizações cósmicas. Ampliação e aprofundamento do conceito de Medicina Psicossomática. Superação do organocentrismo em Biologia. Esclarecimento do problema da antimatéria em Física. Domínio do tempo e do espaço pelo pensamento: contribuição da pesquisa espírita para as experiências parapsicológicas.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** Teologia Espírita: linhas gerais da concepção espírita de Deus e de suas relações com os homens. Impossibilidade atual de explicação dos motivos da Criação: esta como uma realidade diante da

qual nos encontramos e cujo sentido se revela nas coisas, na Natureza e em nós mesmos. Presença de Deus no homem e do seu poder criador na própria natureza humana: estímulo da fé e despertar das forças psíquicas pela lei de adoração. O problema das penas e recompensas futuras. Perdão dos pecados: arrependimento e reparação. A lei de ressurreição. *Vós sois deuses.*

Provas e títulos

O desenvolvimento de um programa assim estruturado, para um curso de quatro anos, é ainda insuficiente para o estudo realmente profundo e minucioso da Doutrina Espírita. Mas as Escolas de Espiritismo podem criar também cursos de especialização ou de pós-graduação, de dois ou três anos, conforme as necessidades da matéria.

As provas do curso, para aprovação nos anos sucessivos, não devem depender de exames nem de notas. Os trabalhos realizados pelos alunos no correr de cada ano — trabalhos e pesquisas orientados pelos professores, pois a verdadeira aprendizagem se realiza mais pelo *fazer* do que pelo *ouvir* — são os elementos de avaliação natural do aproveitamento. Além disso, as aulas deverão ser sempre seguidas de conversações e debates, fornecendo ao professor a possibilidade de acompanhar, anotando regularmente para seu uso, o progresso de cada aluno. Deve-se evitar a utilização de notas, mesmo em sentido global, para não haver o problema antipedagógico e antiespírita dos primeiros lugares.

Concluído o curso, o aluno deverá receber o seu diploma, que não será de bacharel nem de licenciado ou doutor, mas apenas de *Formação Teórica em Doutrina Espírita*. Esse, segundo nos parece, o título justo de *formação teórica*, não implica uma condição moral nem representa um grau de evolução espiritual. Diz simplesmente que o formando adquiriu os conhecimentos teóricos referentes à Doutrina. A prática espírita, que é sobretudo moral, depende inteiramente da sua capacidade de aplicar esses conhecimentos.

Nos casos de especialização posterior, o aluno deverá receber um certificado de *especialização teórica*. Mas é evidente que, se for possível a criação de cursos de especialização prática, no tocante a pesquisas e experimentações mediúnicas, o título será de *especialização experimental*. Como já acentuamos atrás, não devemos nos embarçar com as possíveis conseqüências desses diplomas e certificados, pois o próprio esclarecimento doutrinário adquirido nas Escolas de Espiritismo constitui a melhor barreira para qualquer desvirtuamento.

Acreditamos, aliás, que acima de todas essas pequenas preocupações deve pairar o interesse maior da formação espírita dos que desejam estudar.

*

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

Programa de um curso de quatro anos

PRELIMINARES

MEDIUNIDADE

Apresentação do Espírito Emmanuel, no livro Mecanismos da Mediunidade, do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier

Acena-nos a antiguidade terrestre com brilhantes manifestações mediúnicas, a repontarem da História.

Discípulos de Sócrates referem-se, com admiração e respeito, ao amigo invisível que o acompanhava constantemente.

Reporta-se Plutarco ao encontro de Bruto, certa noite, com um dos seus perseguidores desencarnados, a visitá-lo, em pleno campo.

Em Roma, no templo de Minerva, Pausânias, ali condenado a morrer de fome, passou a viver, em Espírito, monoideizado na revolta em que se alucinava, aparecendo e desaparecendo aos olhos de circunstantes assombrados, durante largo tempo.

Sabe-se que Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e sua esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe pressagiarem a queda no abismo.

Os Espíritos vingativos em torno de Calígula eram tantos que, depois de lhe enterrarem os restos nos jardins de Lâmia, eram ali vistos, freqüentemente, até que se lhe exumaram os despojos para a incineração.

Todavia, onde a mediunidade atinge culminâncias é justamente no Cristianismo nascituro.

Toda a passagem do Mestre inesquecível, entre os homens, é um cântico de luz e amor, externando-lhe a condição de Medianeiro da Sabedoria Divina.

E, continuando-lhe o ministério, os apóstolos que se lhe mantiveram leais converteram-se em médiuns notáveis, no dia de Pentecostes (Atos, capítulo 2, versículos 1 a 13.), quando, associadas as suas forças, por se acharem “todos reunidos”, os emissários espirituais do Senhor, através deles, produziram fenômenos físicos em grande cópia, como sinais luminosos e vozes diretas, inclusive fatos de psicofonia e xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados em várias línguas, simultaneamente, para os israelitas de procedências diversas.

Desde então, os eventos mediúnicos para eles se tornaram habituais.

Espíritos materializados libertavam-nos da prisão injusta. (Atos, capítulo 5, versículos 18 a 20).

O magnetismo curativo era vastamente praticado pelo olhar (Atos, capítulo 3, versículos 4 a 6) e pela imposição das mãos. (Atos, capítulo 9, versículo 17).

Espíritos sofredores eram retirados de pobres obsessos, aos quais vampirizavam. (Atos, capítulo 8, versículo 7).

Um homem objetivo e teimoso, quanto Saulo de Tarso, desenvolve a clarividência, de um momento para outro, vê o próprio Cristo, às portas de Damasco, e lhe recolhe as instruções (Atos, capítulo 9, versículos 3 a 7). E porque Saulo, embora corajoso, experimente enorme abalo moral, Jesus, condoído, procura Ananias, médium clarividente na aludida cidade, e pede-lhe socorro para o companheiro que encetava a tarefa. (Atos, capítulo 9, versículos 10 e 11).

Não somente na casa dos apóstolos em Jerusalém mensageiros espirituais prestam contínua assistência aos semeadores do Evangelho; igualmente no lar dos cristãos, em Antioquia, a mediunidade opera serviços valiosos e incessantes. Dentre os médiuns aí reunidos, um deles, de nome Agabo (Atos, capítulo 11, versículo 28), incorpora um Espírito benfeitor que realiza importante premonição. E nessa mesma igreja, vários instrumentos medianímicos aglutinados favorecem a produção da voz direta, consignando expressiva incumbência a Paulo e Barnabé. (Atos, capítulo 13, versículos 1 a 4).

Em Tróade, o apóstolo da gentilidade recebe a visita de um varão, em Espírito, a pedir-lhe concurso fraterno. (Atos, capítulo 16, versículos 9 e 10).

E, tanto quanto acontece hoje, os médiuns de ontem, apesar de guardarem consigo a Bênção Divina, experimentavam injustiça e perseguição. Quase por toda a parte, padeciam inquéritos e sarcasmos, vilipêndios e tentações.

Logo no início das atividades mediúnicas que lhes dizem respeito, vêem-se Pedro e João segregados no cárcere. Estêvão é lapidado. Tiago, o filho de Zebedeu, é morto a golpes de espada. Paulo de Tarso é preso e açoitado várias vezes.

A mediunidade, que prossegue fulgindo entre os mártires cristãos, sacrificados nas festas circenses, não se eclipsa, ainda mesmo quando o ensinamento de Jesus passa a sofrer estagnação por impositivos de ordem política. Apenas há alguns séculos, vimos Francisco de Assis exalçando-a em luminosos acontecimentos; Lutero transitando entre visões; Teresa d'Avila em admiráveis desdobramentos; José de Copertino levitando ante a espantada observação do papa Urbano VIII, e Swedenborg recolhendo, afastado do corpo físico, anotações de vários planos espirituais que ele próprio filtra para o conhecimento humano, segundo as concepções de sua época.

Compreendemos, assim, a validade permanente do esforço de André Luiz, que, servindo-se de estudos e conclusões de conceituados cientistas terrenos, tenta, também aqui (Sobre o tema desta obra, André Luiz é o autor de outro livro, intitulado "Nos Domínios da Mediunidade". — (Nota da Editora.), colaborar na elucidação dos problemas da mediunidade, cada vez mais inquietantes na vida conturbada do mundo moderno.

Sem recomendar, de modo algum, a prática do hipnotismo em nossos templos espíritas, a ele recorre, de escantilhão, para fazer mais amplamente compreendidos os múltiplos fenômenos da conjugação de ondas mentais, além de com isso demonstrar que a força magnética é simples agente, sem ser a causa das ocorrências medianímicas, nascidas, invariavelmente, de espírito para espírito.

Em nosso campo de ação, temos livros que consolam e restauram, meditam e alimentam, tanto quanto aqueles que propõem e concluem, argumentam e esclarecem. *Nesse critério, surpreendemos aqui um livro que estuda. Medite-mos, pois, sobre suas páginas.*

EMMANUEL

Uberaba, 6 de agosto de 1959.

*

(Apresentação do livro MECANISMOS DA MEDIUNIDADE, do Espírito André Luiz, pelo próprio)

ANTE A MEDIUNIDADE

Depois de um século de mediunidade, à luz da Doutrina Espírita, com inequívocas provas da sobrevivência, nas quais a abnegação dos Mensageiros Divinos e a tolerância de muitos sensitivos foram colocadas à prova, temo-la, ainda hoje, incompreendida e ridicularizada.

Os Intelectuais, vinculados ao ateísmo prático, desprezam-na até agora, enquanto os cientistas que a experimentam se recolhem, quase todos, aos palanques da Metapsíquica, observando-a com reserva. Junto deles, porém, os espíritas sustentam-lhe a bandeira de trabalho e revelação, conscientes de sua presença e significado perante a vida. Tachados, muitas vezes, de fanáticos, prosseguem eles, à feição de pioneiros, desbravando, sofrendo, ajudando e construindo, atentos aos princípios enfocados por Allan Kardec em sua codificação basilar.

Alguém disse que “os espíritas pretenderam misturar, no Espiritismo, ciência e religião, o que resultou em grande prejuízo para a sua parte científica”. E acentuou que “um historiador, ao analisar as ordenações de Carlos Magno, não pensa em Além-Túmulo; que um fisiologista, assinalando as contrações musculares de uma rã não fala em esferas ultraterrestres; e que um químico, ao dosar o azoto da lecitina, não se deixa impressionar por nenhuma fraseologia da sobrevivência humana”, acrescentando que, “em Metapsíquica, é necessário proceder de igual modo, abstendo-se o pesquisador de sonhar com mundos etéreos ou emanações anímicas, de maneira a permanecer no terra-a-terra, acima de qualquer teoria, para somente indagar, muito humildemente, se tal ou tal fenômeno é verdadeiro, sem o propósito de desvendar os mistérios de nossas vidas pregressas ou vindouras”.

Os espíritas, contudo, apesar do respeito que consagram à pesquisa dos sábios, não podem abdicar do senso religioso que lhes define o trabalho. Julgam lícito reverenciá-los, aproveitando-lhes estudos e equações, qual nos conduzimos nestas páginas (A convite do Espírito André Luiz, os médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira receberam os textos deste livro em noites de quintas e terças-feiras, na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais. O prefácio de Emmanuel e os capítulos pares foram recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier, e o prefácio de André Luiz e os capítulos ímpares foram recebidos pelo médium Waldo Vieira. — (Nota dos médiuns.), tanto quanto eles mesmos, os sábios, lhes homenageiam o esforço, utilizando-lhes o campo de atividade para experimentos e anotações.

Consideram os espíritas, que o historiador, o fisiologista e o químico podem não pensar em Além-Túmulo, mas não conseguem avançar desprovidos de

senso moral, porquanto o historiador, sem dignidade, é veículo de imprudência; o fisiologista, sem respeito para consigo próprio, quase sempre se transforma em carrasco da vida humana, e o químico, desalmado, facilmente se converte em agente da morte.

Se caminham atentos à mensagem das Esferas Espirituais, isso não quer dizer se enquistem na visão de “mundos etéreos”, para enternecimento beatífico e esterilizante, mas para se fazerem elementos úteis na edificação do mundo melhor. Se analisam as emanções anímicas é porque desejam cooperar no aperfeiçoamento da vida espiritual no Planeta, assim como na solução dos problemas do destino e da dor, junto da Humanidade, de modo a se esvaziarem penitenciais e hospícios, e, se algo procuram, acima do “terra-a-terra”, esse algo é a educação de si mesmos, através do bem puro aos semelhantes, com o que aspiram, sem pretensão, a orientar o fenômeno a serviço dos homens, para que o fenômeno não se reduza a simples curiosidade da inteligência.

Quanto mais investiga a Natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz, eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam.

Existem, no entanto, outras manifestações da luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente poderemos recolher informações pelas vias do espírito.

Prevenindo qualquer observação da crítica construtiva, lealmente declaramos haver recorrido a diversos trabalhos de divulgação científica do mundo contemporâneo para tornar a substância espírita deste livro mais seguramente compreendida pela generalidade dos leitores, como quem se utiliza da estrada de todos para atingir a meta em vista, sem maiores dificuldades para os companheiros de excursão. Aliás, quanto aos apontamentos científicos humanos, é preciso reconhecer-lhes o caráter passageiro, no que se refere à definição e nomenclatura, atentos à circunstância de que a experimentação constante induz os cientistas de um século a considerar, muitas vezes, como superado o trabalho dos cientistas que os precederam.

Assim, as notas dessa natureza, neste volume, tomadas naturalmente ao acervo de informações e deduções dos estudiosos da atualidade terrestre, valem aqui por vestimenta necessária, mas transitória, da explicação espírita da mediunidade, que é, no presente livro, o corpo de idéias a ser apresentado.

Não podemos esquecer a obrigação de cultivar a mediunidade e acrisolá-la, aparelhando-nos com os recursos precisos ao conhecimento de nós mesmos.

A Parapsicologia nas Universidades e o estudo dos mecanismos do cérebro e do sonho, do magnetismo e do pensamento nas instituições ligadas à Psiquiatria e às ciências mentais, embora dirigidos noutros rumos, chegarão igualmente à verdade, mas, antes que se integrem conscientemente no plano da redenção humana, burilemos, por nossa vez, a mediunidade, à luz da Doutrina Espírita, que revive a Doutrina de Jesus, no reconhecimento de que não basta a observação dos fatos em si, mas também que se fazem indispensáveis a disciplina e a iluminação dos ingredientes morais que os constituem, a fim de que se tornem fatores de aprimoramento e felicidade, a benefício da criatura em trânsito para a realidade maior.

ANDRÉ LUIZ (Uberaba, 11-8-59).

ESCOLA DE ESPIRITISMO
Programa de um curso de quatro anos
J. Herculano Pires
PRIMEIRA PARTE

CADEIRA DE INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO

Posição do Espiritismo no processo do conhecimento

Parapsicologia e Espiritismo

Livro: Parapsicologia, Hoje e Amanhã. J. Herculano Pires

Os domínios da Parapsicologia são um enclave no vasto império do Espiritismo: um pequeno território autônomo, recortado pelos cientistas no campo da imensa fenomenologia espírita. Os livros de Parapsicologia, por isso mesmo, costumam citar o Espiritismo e os fenômenos espíritas como antecedentes dessa nova Ciência. Um exemplo típico desse procedimento é o livro do Prof. Ricardo Musso, do Instituto Argentino de Parapsicologia, que traz o expressivo título: En los limites de la Psicología, mas seguido de um subtítulo bastante significativo: Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología.

Para os psicólogos que, tendo à frente o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, reiniciaram as pesquisas metapsíquicas neste século, dando-lhes nova orientação sob esse novo nome, o Espiritismo representa uma fase antiga e superada do trato com o paranormal. É o passado. E com ele a Metapsíquica, cujas experiências e investigações estão sendo submetidas a rigorosa e penosa revisão. As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são, portanto, amistosas, como pensam geralmente espíritas e não-espíritas. Pelo contrário, têm sido até bastante ásperas, pois os parapsicólogos não desejam qualquer confusão entre os dois campos. O enclave científico, orgulhoso como um Principado de Mônaco, retém ciosamente o que conseguiu conquistar do vasto império que o rodeia e ameaça dismantelá-lo por completo no futuro, se os espíritos puderem ser eliminados.

A tese parapsicológica é a seguinte: O Espiritismo surgiu em virtude de interpretações apressadas de fenômenos desconhecidos. Escapando ao controle das Ciências, esses fenômenos ofereceram larga margem à credence humana. Depois surgiu a Metapsíquica, pretendendo colocar o problema nos devidos termos. Mas essa Ciência também se perdeu no emaranhado dos fenômenos paranormais, avançando demasiado rapidamente nas suas investigações. Agora a Parapsicologia tem de repor tudo novamente em seus lugares. E isso sem pressa, sem precipitar conclusões, avançando devagar e com a mais absoluta segurança, que o terreno é traiçoeiro.

A tese espírita é bem outra. Tentemos resumi-la: A Metapsíquica e a Parapsicologia representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Louváveis esforços que farão os homens de ciência compreenderem a verdade do Espiritismo, dando-lhes uma visão mais ampla e mais bela da vida

universal. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas a levarão fatalmente ao reconhecimento da realidade espiritual. Como o Espiritismo não quer outra coisa para todos os homens, a existência desse pequeno e orgulhoso enclave científico, no seu território, longe de incomodá-lo, só pode dar-lhe satisfações.

Mas nem todos os espíritas entendem essa tese. Alguns pensam que a Parapsicologia é apenas uma nova denominação — orgulhosamente dada pelos cientistas, com o fim exclusivo de fugirem à verdade — ao vasto império do Espiritismo. Outros chegam a temer que os espíritas, fascinados pelo brilho aparente e a prosperidade desse Principado de Mônaco, acabem se perdendo no pano verde das suas cartas de baralho e dos seus jogos de dados. Ficam indignados quando vêem espíritas militantes entregarem-se a atividades parapsicológicas. E outros, ainda, certamente os mais felizes e ingênuos — que ganharão o Reino dos Céus — entendem que todo parapsicólogo é um espírita disfarçado de cientista para minar e sabotar o edifício das Ciências materiais.

Como vimos no confronto das duas teses, a aspereza existente nas relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia decorre apenas da falta de compreensão. Se os parapsicólogos abdicassem dos seus preconceitos positivistas ou pragmatistas, e se os espíritas, por sua vez, abdicassem dos resíduos de dogmatismo que ainda alimentam, essas relações seriam as mais amistosas e compreensivas. É o que, felizmente, já vem ocorrendo em várias áreas. Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e aqui mesmo, no Brasil, alguns parapsicólogos e espíritas já aprenderam a darem-se as mãos, jogando fora os seus preconceitos e os seus possíveis temores.

Tanto a Parapsicologia quanto o Espiritismo objetivam exclusivamente a descoberta da verdade sobre a natureza humana. Aquela realiza o seu trabalho no campo das Ciências positivas, servindo-se dos métodos a elas inerentes; este o faz no campo das Ciências culturais, servindo-se também da metodologia específica. O Espiritismo surgiu de um processo de síntese do conhecimento: a conjugação das experiências científicas e religiosas do homem, num momento exato de fusão, permitiu o aparecimento de uma concepção nova, de natureza global, para o estudo dos problemas humanos. Por isso, Kardec afirma que o Espiritismo é uma Ciência, mas que trata especificamente do elemento inteligente do Universo, ou seja, uma Ciência espiritual. Não se pode confundí-lo com as Ciências chamadas positivas que tratam do elemento material do Universo. Mas é evidente que as duas formas de Ciência devem conjugar-se para abrangerem todos os aspectos do Universo. A Parapsicologia surgiu das pesquisas psicológicas, perfeitamente integrada nos quadros e nas exigências das Ciências positivas. Podem e devem, portanto, marchar lado a lado na conquista do objetivo comum.

Para esclarecer melhor o que acima dissemos basta lembrar que o Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais. Ao examinar esses fenômenos ele toma uma posição analítico-sintética e não somente analítica. Não vê os fenômenos em si, como o faz a Parapsicologia, mas os fenômenos em si ligados a um contexto. Por isso o seu método é cultural e não apenas científico. As Ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos. O Espiritismo é global e entrosa os fenômenos em si mesmos e no contexto a que per-

tencem. Psicologicamente, podemos dizer que o procedimento do Espiritismo é gestáltico, ou seja: ele se preocupa com a forma global e não com os detalhes.

Os parapsicólogos entendem que essa posição do Espiritismo é arcaica, pertence ao passado místico da Humanidade. Para eles a verdade só pode ser descoberta pela análise, pelo esmiuçamento dos problemas, isolados e submetidos ao processo cartesiano de divisão. Mas o Espiritismo não despreza a análise. Procura apenas colocá-la no devido lugar, como uma simples fase do processo do conhecimento. Aliás, o próprio desenvolvimento das Ciências positivas está sendo feito nesse sentido. O método gestáltico em psicologia e a teoria da relatividade na física são exemplos disso. O que nos mostra que o Espiritismo está bem firmado na sua posição, que não é arcaica, mas adiantada, representando uma antecipação no campo do conhecimento. Enganam-se os parapsicólogos que desprezam o Espiritismo. E mais ainda se enganam os espíritas que, empolgados pelo desenvolvimento atual das Ciências positivas, entendem que a Parapsicologia vai realmente tomar o lugar do Espiritismo e arquivá-lo nas estantes empoeiradas do passado.

Para maior clareza podemos dizer que os parapsicólogos são como os mineiros que cavam no escuro, arrancando os minérios da terra. Os espíritas são como os pedreiros que constroem à luz do sol, sobre a terra. É evidente que o trabalho dos parapsicólogos interessa de perto aos pedreiros do Espiritismo. E não há razão nenhuma para os pedreiros se assustarem com o trabalho penoso dos mineiros. Os espíritas, portanto, não devem menosprezar nem superestimar os domínios da Parapsicologia, que na verdade estão encravados — na exata expressão da palavra francesa enclave — nos próprios domínios do Espiritismo.

A investigação parapsicológica já venceu a sua primeira fase — a constatação da existência do extrafísico no Homem e no Universo — e está avançando para a demonstração da supervivência do homem após a morte. Rhine dedica-se, no momento, à elaboração de metodologia especial necessária a essa comprovação científica que vai aos poucos realizando, no exame dos fenômenos teta, de manifestação de entidades espirituais. Enquanto isso, podemos assinalar a área da concepção espírita já plenamente confirmada pela pesquisa parapsicológica.

Ao afirmar que as funções psi são comuns a toda a espécie humana, a Parapsicologia confirma a tese espírita da mediunidade generalizada. Reconhecendo a diversificação dessas funções em dois campos, o subjetivo e o objetivo, endossa a divisão espírita das manifestações inteligentes e dos fenômenos físicos. Sustentando a independência da mente, que percebe e age sem se servir dos órgãos corporais, restabelece a dualidade relativa de corpo e espírito. Provando a ação psicocinética, confirma a tese espírita das relações alma-corpo. E, por fim, reconhecendo a existência de fenômenos mentais possivelmente produzidos por mentes desencarnadas, confirma a divisão espírita dos fenômenos mediúnicos em dois campos: os anímicos (produzidos pela própria alma do médium) e os espíritas (produzidos por espíritos desencarnados). O campo de psigama está hoje dividido em duas áreas — a de PES, percepção extra-sensorial, e a de Teta, manifestações de espíritos. Além disso, ao tratar da existência de pseudofenômenos paranormais, a Parapsicologia endossa as explicações espíritas a respeito da existência dos chamados fenômenos espiritóides.

Assim, as novidades parapsicológicas, que deviam "aturdir os ingênuos espiritistas" nada mais fazem do que reafirmar tardiamente as teorias espíritas, já confirmadas pelas experiências do Espiritismo há mais de um século. Não é de admirar que os adversários do Espiritismo queiram reduzir a Parapsicologia à triste condição de um pavlovismo ou um behaviorismo paranormal. É o único recurso que lhes resta diante do avanço das Ciências na comprovação progressiva das pesquisas e teorias espíritas.

A posição de Rhine no tocante à questão da sobrevivência é declarada nos seus últimos livros e artigos. O Prof. Jorge Ayala, da Universidade do México, declarou-nos pessoalmente: Rhine segue por etapas — a primeira, foi a prova de que os fenômenos existem; a segunda, a prova de que a mente não é física; a terceira será a da sobrevivência espiritual do homem. A equipe de Puhariche, que realizou pesquisas com Arigó e outros médiuns, tem o mesmo objetivo.

É importante assinalar que até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo. Pelo contrário, só têm confirmado, passo a passo, a doutrina espírita em seu aspecto científico.

*

A dinâmica da evolução espiritual através da mediunidade

Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires.

I PARTE - FASE PRÉ-HISTÓRICA

CAPÍTULO I - HORIZONTE TRIBAL E MEDIUNISMO PRIMITIVO

1. MEDIUNISMO E ESPIRITISMO. — As ciências sociais têm uma grande contribuição a dar ao estudo do Espiritismo. Quem viu isso com mais clareza, segundo nos parece, foi Ernesto Bozzano. O grande discípulo italiano de Herbert Spencer, profundamente ligado ao desenvolvimento dos estudos sociológicos, uma vez atraído para o campo dos estudos espíritas, soube aplicar a este o conhecimento adquirido em outros campos. Seus trabalhos sobre as manifestações supranormais entre os povos selvagens, publicados na revista milanesa "Luce e Ombra", em 1926, posteriormente reunidos no livro "Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali", representam uma das mais poderosas contribuições para o esclarecimento histórico do problema espírita.

Kardec já havia esclarecido que os fatos espíritas são de todos os tempos, uma vez que a mediunidade é uma condição natural da espécie humana. Mas é com Bozzano que temos a primeira penetração espírita no exame antropológico e sociológico do homem primitivo, revelando-nos, com base em investigações científicas, as formas pré-históricas do fenômeno mediúnico. Aliás, os estudos de Bozzano levam-nos mais longe, pois revelam também as origens mediúnicas da religião. Temos assim uma teoria espírita da gênese da crença na sobrevivência, que se apresenta como uma síntese das teorias opostas da teologia e da sociologia.

Para maior clareza do nosso estudo, servimo-nos do esquema que nos fornece o chamado "método cultural", dos antropólogos ingleses, aplicado por John Murphy, com pleno êxito, em seus estudos sobre as origens e a história das religiões. Método usado na antropologia cultural e no estudo das religiões com-

paradas, aplica-se perfeitamente às necessidades de clareza do nosso estudo. Seu esquema é constituído pelos "horizontes culturais", dentro dos quais o desenvolvimento humano pode ser analisado na amplitude de cada uma das suas fases. É evidente que não vamos muito além do esquema. Nosso intuito não é o estudo antropológico, nem o das religiões comparadas, mas apenas o esclarecimento do problema espírita.

Os "horizontes culturais" são os meios em que se desenvolveram as diferentes fases da evolução humana. A expressão é metafórica. Chama-se, por exemplo, "horizonte primitivo", o mundo do homem primitivo. A palavra "horizonte" mostra que devemos encarar esse homem dentro dos limites da nossa visão, de todas as condições do meio físico e social em que ele vivia, na paisagem cultural fechada pelos horizontes do mundo primitivo. Podemos assim examinar cada fase em seu meio, cada homem em seu mundo, compreendendo-os melhor. O estudo de Bozzano, embora anterior a esse método, integra-se nele.

O "horizonte primitivo" é geralmente dividido em três formas: o primitivo propriamente dito, o anímico e o agrícola. Em nosso esquema, reduzimos as duas primeiras formas a uma única: o "horizonte tribal", que nos permite abranger numa visão geral o problema mediúnico do homem primitivo, e destacamos a terceira forma, dando-lhe autonomia. Isso porque o "horizonte agrícola" tem interesse especial no tocante à mediunidade. Assim, nosso esquema da fase pré-histórica do Espiritismo é o seguinte: horizonte tribal, agrícola, civilizado, profético e espiritual. Até o "horizonte profético", segundo Murphy. O "horizonte espiritual" é uma formulação nova, exigida pelo Espiritismo.

O "horizonte tribal" caracteriza-se pelo mediunismo primitivo. Adotamos a palavra "mediunismo", criada por Emmanuel para designar a mediunidade em sua expressão natural, pois é evidente que ela corresponde com precisão ao nosso objetivo. "Mediunismo" são as práticas empíricas da mediunidade. Dessa maneira, temos as formas sucessivas do mediunismo primitivo, do mediunismo oracular e do mediunismo bíblico, só atingindo a mediunidade positiva no "horizonte espiritual", que surge com o Espiritismo. Somente com o Espiritismo a mediunidade se define como uma condição natural da espécie humana, recebe a designação precisa de "mediunidade" e passa a ser tratada de maneira racional e científica.

Convém deixar bem clara a distinção entre fatos espíritas e doutrina espírita, para compreendermos o que Kardec dizia, ao afirmar que o Espiritismo está presente em todas as fases da história humana. Os fatos espíritas — assim chamados os fenômenos ou as manifestações mediúnicas — são de todos os tempos. As práticas mágicas ou religiosas, baseadas nessas manifestações, constituem o Mediunismo, pois são práticas mediúnicas. A doutrina espírita é uma interpretação racional das manifestações mediúnicas. Doutrina ao mesmo tempo científica, filosófica e religiosa, pois nenhum desses aspectos pode ser esquecido, quando tratamos de fenômenos que se relacionam com a vida do homem na terra e sua sobrevivência após a morte, sua vida e seu destino espiritual.

É enorme a confusão feita pelos sociólogos neste assunto, seguindo de maneira desprevenida a confusão proposital feita pelos adversários do Espiritismo. Os estudos sociológicos do mediunismo referem-se sempre ao espiritismo. Entretanto, a palavra "Espiritismo", criada por Allan Kardec, em 1857, e por ele bem explicada na introdução de "O Livro dos Espíritos", designa uma doutrina

por ele elaborada, com base na análise dos fenômenos mediúnicos e graças aos esclarecimentos que os Espíritos lhe forneceram, a respeito dos problemas da vida e da morte. As práticas do chamado "sincretismo religioso afro-brasileiro", por exemplo, não são espíritas. O sincretismo religioso é um fenômeno sociológico natural. O Espiritismo é uma doutrina.

Defrontamo-nos, neste ponto, com uma complexidade que também tem dado margem a confusões. Os fatos mediúnicos são fatos espíritas, assim chamados pelo próprio Kardec, mas não são Espiritismo. Porque o Espiritismo se serve dos fatos mediúnicos como de uma matéria-prima, para a elaboração de seus princípios, ou como de uma força natural, que aproveita de maneira racional. Exatamente como a hidráulica se serve das quedas d'água ou do curso dos rios para a produção de energia. Esclarecidos estes pontos; podemos passar à análise dos fenômenos mediúnicos no horizonte tribal.

2. ORIGEM SENSÓRIA DA CRENÇA NA SOBREVIVÊNCIA. — Bozzano apóia-se especialmente nas pesquisas do antropólogo Andrew Lang e do etnólogo Max Freedom Long, realizadas entre as tribos da Polinésia, para mostrar a existência dos fenômenos espíritas no horizonte tribal. Serve-se também de outras fontes, não esquecendo os estudos de seu mestre Herbert Spencer. Andrew Lang é o autor da tese espírita da origem mediúnica da religião, tese que lançou em seu livro "The Making of Religion". Bozzano esposa essa tese e procura esclarecê-la, confrontando-a com a tese spenceriana, na qual encontra, aliás, os germes da explicação espírita do problema.

A primeira afirmação de Bozzano é a da universalidade da crença na sobrevivência. Vejamos como ele inicia o seu estudo: "Se consultamos as obras dos mais eminentes antropólogos e sociólogos, notamos que todos concordam em reconhecer que a crença na sobrevivência do espírito humano se mostra universal." Esse fato é confirmado por várias citações textuais. A seguir, Bozzano analisa as explicações que lhe dão os sociólogos e antropólogos, para concluir pela inoperância das mesmas. Somente Spencer encontra intuições seguras, que são mais tarde desenvolvidas por Lang. Este realizou um trabalho de análise comparada dos fenômenos do mediumismo primitivo com as experiências metapsíquicas, concluindo pela realidade daqueles fenômenos, que constituem a base concreta da crença na sobrevivência.

O primeiro fato concreto a surgir no horizonte primitivo, no tocante a esse problema, é o da existência de uma força misteriosa que impregna ou imanta objetos e coisas, podendo atuar sobre criaturas humanas. É a força conhecida pelos nomes polinésicos de "mana" e "orenda". Considerada em geral como imaginária, essa força produz os mais estranhos fenômenos. Bozzano lembra a resposta de Marcel Habert a Goblet D'Alviella, sobre a natureza imaginária dessa força. Dizia Habert: "Passa-me pela mente uma nuvem de dúvida. Mana e Orenda não seriam talvez concepções demasiado abstratas, para podermos considerá-las o princípio de que partiram os selvagens, para chegar aos espíritos?"

A dúvida de Habert é considerada por Bozzano "fundamental e psicologicamente" justa, uma vez que conhecemos a natureza concreta do pensamento primitivo, incapaz dos processos de abstração mental que caracterizam o homem civilizado. Mana ou Orenda não é uma força imaginária, mas uma força real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa força primiti-

va corresponde ao ectoplasma de Richet, a força ou substância mediúnic das experiências metapsíquicas, cuja ação foi estudada cientificamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda. O método comparativo, seguido por Lang, oferece-nos aí o seu primeiro resultado. A imaginária força dos selvagens encontra similar nas pesquisas dos sábios europeus e americanos, empenhados nos estudos espíritas e metapsíquicos.

O etnólogo Max Freedom Long, que era também mitólogo, realizou demoradas pesquisas entre as tribos da Polinésia, e particularmente das ilhas do Havaí, convivendo durante anos com os selvagens, para verificar a realidade e a natureza dessa força primitiva. Conclui que os kahunas, curandeiros polinésios, consideravam a existência de três formas de Mana, ou três frequências, três voltagens dessa força, à semelhança da corrente elétrica. A mais baixa voltagem correspondia à força emitida pelos corpos materiais do cristal ao organismo humano; a voltagem média, à proveniente da mente humana; e a voltagem superior, à proveniente de uma espécie de centro espiritual da mente humana, permitindo ao homem prever o futuro e realizar fenômenos físicos a distância, bem como materialização e desmaterialização de objetos.

Outra curiosa conclusão de Freedom Long é a de que os kahunas consideravam essa força como susceptível de acumulação. Os curandeiros, que usavam de feitiçaria, podiam prender espíritos inferiores que, a seu mando, faziam provisões de Mana para atuar em ocasiões oportunas. Bozzano mostra que as conclusões do etnólogo correspondem às de Andrew Lang e aos relatos e observações de numerosos outros estudiosos do assunto, bem como de viajantes e missionários que conviveram com tribos diversas, em diferentes épocas e várias regiões do globo. Por outro lado, estabelece as relações entre essa força e o ectoplasma, o que também fizera Freedom Long.

O segundo fato concreto, de ordem espírita, do horizonte tribal, é o da existência dos próprios espíritos, também universalmente afirmada. Antropólogos e etnólogos (A **Etnologia** é o estudo ou ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia no âmbito da antropologia cultural e social, buscando uma apreciação analítica e comparativa das culturas.) costumam estabelecer arbitrariamente certa distância de tempo entre o aparecimento de um e outro fato. Bozzano, entretanto, rejeita essa tese, para sustentar a simultaneidade de ambos. Lembra que nenhuma pesquisa ou observação revelaram essa pretensa sucessão dos fatos e assevera: “A verdade, pelo contrário, é que essas duas concepções aparecem sempre associadas.” Uma das provas está nas próprias conclusões de Freedom Long, onde vemos os espíritos operarem através de mana, ou seja, servindo-se dessa força. A coexistência das duas concepções, a da força misteriosa e a dos espíritos, impõe-se também diante da multiplicidade dos fenômenos mediúnicos no meio primitivo, onde, como acentua Bozzano, a presença de agentes espirituais se impunha, de maneira positiva. Vemos, assim, que as superstições dos selvagens, as suas práticas mágicas, não eram nem podiam ser de natureza abstrata, imaginária. Decorriam, como tudo na vida primitiva, de realidades positivas e de fatos concretos, conhecidos naturalmente dos selvagens, como sempre foram e são conhecidos dos homens civilizados, em todas as épocas e em todas as latitudes da Terra. Somente nos momentos de grande refinamento intelectual, quando os homens constroem o seu mundo próprio, de abstrações mentais, e se encastelam nas suas tentativas de explicação racional das coisas, é que essas realidades passam a ser negadas, por uma reduzida elite. O materialismo é, portanto, uma es-

pécie de flor de estufa, artificial, cultivada em compartimentos de vidro, que isolam a mente da realidade complexa da natureza.

O aparecimento desses dois fatos espirituais no horizonte primitivo — a ação de uma força misteriosa e a ação de entidades espirituais — deve ser considerado, entretanto, juntamente com o problema do antropomorfismo (tendência a atribuir a Deus ou a deuses sentimentos, paixões, idéias e atos humanos). De uma posição positivista, como a que Bozzano assumia, antes de se tomar espírita, esses dois fatos se explicariam pelo próprio antropomorfismo. De uma posição espírita, entretanto, tal explicação se torna insuficiente. Porque o antropomorfismo é a característica psíquica do mundo primitivo, a maneira rudimentar de interpretação da natureza pelo homem. Reduzir todo o processo da vida primitiva a esse psi-quismo nascente, limitá-lo apenas à mente embrionária de criaturas semi-animais, é um simplismo que o Espiritismo rejeita.

3. DA LITOLATRIA (Culto das pedras) AO POLITEÍSMO MITOLÓGICO — O antropomorfismo é uma espécie de fase preparatória do animismo. A fase em que o homem primitivo ainda não desenvolveu suficientemente o seu psi-quismo, e em que interpreta todas as coisas em termos exclusivamente humanos. Quer dizer, aplica ao exterior as noções rudimentares que possui da natureza humana, dando forma humana aos elementos naturais. Podíamos aplicar-lhe o principio de Protágoras, o sofista: "O homem é a medida de todas as coisas." Mas uma medida por assim dizer afetiva, sem o controle da razão. É pelo sentimento, e não pelo raciocínio, que o homem primitivo humaniza o mundo.

Estamos certamente no alvorecer da razão, e mais do que isso, no subsolo do processo do conhecimento. As teorias materialistas não enxergam nada mais do que a luta dessa razão nascente com o mundo exterior. Para elas, as manifestações supranormais não são outra coisa além de projeções desse poder psíquico, visões alucinatórias da mente primitiva. Murphy, citando Rodolfe Otto, lembra que estamos diante de um processo de adoração rudimentar, em que o homem parece adorar-se a si mesmo nas coisas exteriores. Veremos como o antropomorfismo, por este aspecto, se enquadra na "lei de adoração", que Kardec estuda em "O Livro dos Espíritos".

O antropomorfismo se revela por duas formas, que tanto podem ser sucessivas como simultâneas, o que é difícil precisar. Admitindo que sejam sucessivas, podemos citar como primeira forma a vital, ou seja, aquela em que o homem primitivo projeta nas coisas o seu sentimento vital, dando vidas às coisas inanimadas. A segunda forma é a volitiva, esse "segundo grau do antropomorfismo", de acordo com Murphy, em que o homem projeta também a sua vontade, e por isso mesmo personaliza as coisas. Neste grau já nos defrontamos com o desenvolvimento do animismo, a fase em que o homem vai dar não apenas vida e vontade aos objetos e coisas, mas a sua própria alma.

Bozzano já nos mostrou o absurdo de admitir-se um processo tão complexo de abstração mental em homens primitivos. Somente a tese espírita pode, portanto, socorrer as teorias materialistas, que tateiam no caminho certo, mas não conseguem firmar-se nele. A tese espírita nos mostra que o processo do antropomorfismo é auxiliado pelos fenômenos mediúnicos. O simplismo da projeção anímica nas coisas exteriores complica-se, com a resposta dessas coisas ao homem, através da ação natural dos espíritos. É evidente que o homem primitivo

tem de interpretar as coisas de acordo com as suas experiências vitais. A razão se forma na experiência. O homem enquadra o mundo nas categorias nascentes da razão, enche essas categorias, como queria Kant, com o conteúdo das sensações. Mas as categorias, como explica hoje o Relativismo Crítico, e particularmente René Hubert, não são fixas ou estáticas, mas dinâmicas. São a própria experiência em movimento, e não um resultado da experiência. E essa experiência implica os fatos supranormais, o contato do homem primitivo com forças estranhas, como no caso de mana ou orenda, e com os "agentes espirituais" de que fala Bozzano.

Podemos formular uma verdadeira escala da adoração no mundo primitivo. Embora seus graus possam ser simultâneos e não sucessivos, o simples fato de existirem esses graus, mostra que a adoração, resultando de um sentimento inato no homem, desenvolve-se num verdadeiro processo. No grau mais baixo, temos a litolatria ou adoração de pedras, rochas e relevos do solo; no grau seguinte, a fitolatria ou adoração vegetal, de plantas, flores, árvores e bosques; logo acima, a zoolatria ou adoração de animais; e somente num grau mais elevado, a mitologia propriamente dita, com a sua forma clássica de politeísmo. O processo da adoração se desenvolve, assim, a partir do reino mineral até o humano ou hominal. Cada uma dessas fases é ligada à outra por uma interfase, em que os elementos de adoração se misturam. E os resíduos das várias fases, desde a litolátrica, permanecem ainda nos sistemas religiosos da atualidade. O homem carrega consigo as suas heranças, através do tempo.

Se encararmos todo esse processo dentro apenas da teoria do antropomorfismo, ou mesmo do animismo, será difícil ou impossível explicar a sua persistência nas fases superiores do desenvolvimento humano. Porque o natural, e até mesmo o dialético, no desenvolvimento, é o homem libertar-se progressivamente daquilo que o ajudou numa fase e o atrapalha em outra. A persistência do antropomorfismo e do animismo, nas próprias elites culturais da atualidade, demonstra que neles havia alguma coisa além da simples projeção do homem nas coisas. Essa "alguma coisa", como já vimos, é a presença dos "agentes espirituais" atuando incessantemente sobre o homem e as comunidades humanas, em todas as fases da pré-história e da história.

Kardec dedicou o segundo capítulo da terceira parte de "O Livro dos Espíritos" à Lei da Adoração. Os Espíritos Superiores, que o ajudaram mediunicamente na elaboração do livro, ensinaram-lhe que "a adoração é o resultado de um sentimento inato no homem", como o sentimento da existência da divindade. Acrescentaram que ela faz parte da lei natural, ou seja, do conjunto de forças naturais que constituem o mundo, ao qual o homem naturalmente pertence. A seguir, mostraram como a lei de adoração se desenvolve nas sociedades humanas, a partir da adoração exterior de objetos materiais, até atingir aquela fase superior que definiram com estas palavras: "A verdadeira adoração é a do coração". Já vimos, anteriormente, que esses ensinamentos espirituais concordam com a interpretação antropológica de Murphy e Rodolfe Otto, de que o antropomorfismo é uma forma de "adoração rudimentar".

Lembremos ainda, para evitar confusões, que os Espíritos não falavam a Kardec por meio de visões ou de outras formas místicas de revelação. Quando dizemos que os Espíritos Superiores ajudaram Kardec a elaborar "O Livro dos Espíritos", os chamados "homens cultos" costumam torcer o nariz, lembrando que também a Bíblia, os Evangelhos e o Alcorão foram ditados por Deus ou por

Espíritos. Acontece, porém, que as antigas escrituras pertencem às fases do mediunismo empírico, enquanto a codificação espírita pertence à fase da mediunidade positiva. Os Espíritos Superiores (superiores em conhecimento e refinamento espiritual, precisamente como os homens superiores), conversavam com Kardec e o auxiliavam através da prática mediúnica. Quer dizer: através de comunicações mediúnicas sujeitas a controle, e não de revelações místicas, aceitas de maneira emotiva.

Por outro lado, quando acentuamos a natureza racional do Espiritismo, não negamos o valor do sentimento. O velho debate filosófico entre razão e sentimento, traduzido no plano religioso pelo dualismo de razão e fé, encontra no Espiritismo a sua solução natural, pelo equilíbrio de ambos, na fórmula clássica de Kardec: a “fé raciocinada”. No estudo do antropomorfismo, com suas formas rudimentares de adoração, encontramos todo um esquema elucidativo do velho e debatido problema. Razão e fé se apresentam como as formas de contradição de um processo dialético.

4. AMPLIAÇÃO DA TEORIA DE SPENCER — O materialismo do século dezoito negou a ação dos "agentes espirituais", tanto sobre as comunidades primitivas, quanto sobre as coletividades civilizadas. Bozzano, que foi positivista durante anos, explicava a crença na sobrevivência através da teoria de Spencer, o filósofo que chegou a considerar como um Aristóteles moderno. Em que pese toda essa admiração, a realidade inegável dos fatos espíritas mostrou a Bozzano que a tese spencereana estava errada, que não era possível explicar-se a gênese da crença universal na sobrevivência por alguns fenômenos comuns, sensoriais, que exigiriam do homem primitivo uma reelaboração mental, no plano abstrato. Não obstante, Bozzano reconheceu que Spencer “pusera os pés no caminho certo”. Chega a ser emocionante a maneira por que o antigo discípulo corrige o mestre, reconhecendo-lhe os méritos.

Entende Bozzano que faltou a Spencer o conhecimento das experiências metapsíquicas. Dessa maneira, o gênio de Spencer viu-se obrigado a tatear no plano das ciências materiais. Apesar disso, precisamente por ser um gênio, Spencer tocou no ponto central do problema, indicando os rumos certos de sua solução. A crença na sobrevivência decorre de experiências concretas do homem primitivo, e não de formulações do pensamento abstrato. Sua origem está nas sensações, e não na cogitação filosófica. Esse o ponto central, que Spencer soube ver. Usando o método comparativo, Bozzano mostra como a tese de Spencer pode ser desdobrada ou ampliada, com o acréscimo dos fatos metapsíquicos, para tornar-se plenamente verdadeira.

Vejamos como isso é possível. As origens da crença na sobrevivência, para Spencer, são estes fatos comuns da vida primitiva: o sonho, quando o selvagem se sentia liberto do corpo e agindo em lugar distante; a sombra que o seguia nas caminhadas ao sol e a sua imagem refletida na água, quando se debruçava nas bordas de um lago; o eco de sua voz, repetida pelos desfiladeiros e as cavernas. Bozzano acrescenta, ao sonho comum, o sonho premonitório, que faz ver com antecedência um acontecimento futuro; ao fenômeno da sombra e do reflexo na água, os fenômenos de vidência, de aparição e de materialização de espíritos; ao eco, o fenômeno da voz-direta. E acrescenta, ainda, à força imaginária de mana ou orenda, a prova concreta das ectoplasmias. Como se vê, a tese spencereana desdobra-se, amplia-se, atingindo os fatos metapsíquicos, que escavavam a Spencer. Com essa ampliação, a gênese da crença na sobrevivência não

deixa o terreno do concreto, dos fatos sensoriais, em que Spencer a colocara. Mas, ao mesmo tempo, o problema da indução, que implica o uso do pensamento abstrato, é substituído pela experiência imediata, mais acorde com a mentalidade primitiva. O selvagem não precisava induzir, dos vários fenômenos citados por Spencer, uma supra-realidade, pois esta se impunha a ele através dos fenômenos espíritas ou metapsíquicos, direta e imediatamente.

Quanto ao problema das ectoplasmias, convém lembrarmos que o ectoplasma, emanção fluídica do corpo do médium, é hoje uma realidade, cientificamente comprovada. Não somente as experiências clássicas de Richet, Crookes, Schrenck-Notzing e outros a comprovaram, como também e principalmente os estudos experimentais do Prof. W. J. Crawford, da Universidade de Belfast, Irlanda, que já referimos. Esses estudos foram realizados entre 1914 e 1920, com a médium Kathleen Goligher. Verificou Crawford a existência de alavancas de ectoplasma, produzindo os fenômenos de levitação. Mais tarde, chamou essas alavancas de “estruturas psíquicas”. No “Tratado de Metapsíquica”, entretanto, Richet se refere a essas estruturas como “Alavancas de Crawford”.

Gustavo Geley realizou também numerosas experiências com o ectoplasma, servindo-se da médium Eva Carrière, a mesma que realizara sessões com Richet, em Argel, na casa do General Noel, produzindo as excelentes materializações de Bien Boas, um árabe. Richet publicou, no “Tratado”, uma fotografia dessas materializações, vendo-se o fantasma de Bien Boas pairando no ar e ligado por uma “alavanca” ao corpo da médium. Constatou Geley, com o mais rigoroso critério científico, as formas de emanção fluídica do ectoplasma, que descreveu como “uma substância esbranquiçada que sai do corpo da médium”. Aconselhamos os interessados neste assunto a lerem o capítulo intitulado “Ectoplasma”, do livro “História do Espiritismo”, editado em português pela Livraria “O Pensamento”, de S. Paulo, em 1960, em tradução de Júlio Abreu Filho.

Mas o que nos interessa, quanto ao ectoplasma, neste momento, é a sua relação com as forças mágicas de mana ou orenda. Além da emanção fluídica esbranquiçada, a que se refere Geley, o ectoplasma apresenta-se também de forma invisível. Assemelha-se, então, a uma força imponderável, como o magnetismo ou a eletricidade. O Prof. Imoda, italiano, nas experiências de ideoplastia, que realizou com a médium Linda Gazzera, em conjugação com Richet, expõe uma curiosa teoria das três formas do ectoplasma: a invisível, a fluídica-visível e a concreta, no seu livro “Fotografias de Fantasmas”. Geley, por sua vez, constatou que o ectoplasma, em forma invisível, girava em torno das pessoas, nas sessões, antes da produção de fenômenos.

O mais curioso, porém, é a comparação dos dados colhidos sobre a força mana ou orenda, na Polinésia, por Freedom Long, e as observações do Prof. Crawford, em Belfast, sobre o ectoplasma. Verifica-se então a plena correspondência entre as duas forças. Os selvagens polinésicos diziam, como já referimos, que o ‘ectoplasma humano’ é produzido pela mente. O Prof. Geley afirma, por sua vez, que os Espíritos, nas sessões experimentais realizadas por ele e outros cientistas, na Europa e na América, agiam sobre o cérebro dos médiuns e dos participantes da reunião, para provocar a emanção do ectoplasma. A observação vulgar dos selvagens, traduzindo uma simples opinião, coincide, assim, com a observação científica de Geley. Como em tantos outros casos; a ciência confirma, dessa maneira, um conhecimento vulgar, adquirido na experiência comum.

Provocada a emanção, o ectoplasma gira em torno dos assistentes, flui em redor do grupo, aumentando pouco a pouco sua intensidade e sua força, para afinal se dirigir ao médium. Liga-se ao sistema nervoso deste, formando aquilo que Geley considera “um suprimento”. É graças a este “suprimento” que os Espíritos, chamados por Geley de “operadores”, conseguem produzir, em seguida, os vários fenômenos de levitação, movimento de objetos e materialização. A teoria científica do “suprimento” de ectoplasma corresponde também à “superstição” polinésica de acumulação ou armazenamento de mana ou orenda, para operações mágicas posteriores.

Resta acentuar que o processo de seleção do médium e de realização de sessões é praticamente o mesmo, entre selvagens e civilizados. Bozzano explica que os selvagens se utilizam de indivíduos sensitivos, depois de prová-los quanto a essa qualidade, e realizam suas sessões à noite ou ao entardecer, evitando a luz excessiva do sol. Freedom Long chega a pormenores curiosos. Os selvagens se dispõem ao redor de uma pequena cabana de palhas, para cantar e dançar, ao entardecer. O médium fica no interior da cabana. Esta corresponde, como vemos, à cabina mediúnica das experiências científicas, onde o médium se livra da incidência da luz na sala de sessões. As experiências de Crookes, por exemplo, feitas à plena luz, com as famosas materializações de Katie King, eram desse tipo. A médium ficava num gabinete ou cabina, onde se processa a elaboração ectoplásmica. Só depois de materializado, o espírito sai para a sala iluminada.

Os fenômenos produzidos nas selvas são naturalmente mais grosseiros, violentos e fortes, que os produzidos nas experiências científicas. Isso se explica pela qualidade mental dos assistentes, do próprio médium, e conseqüentemente dos “operadores” ou espíritos que atuam no meio selvagem. Os fenômenos do meio civilizado são mais sutis, revestindo-se, por vezes, de inegável harmonia e beleza, como ocorria nas materializações de Katie King, com Crookes, e nas famosas sessões com o médium Douglas Home, onde havia encantadoras materializações de mãos.

As mãos grosseiras da selva, porém, e as delicadas mãos inglesas das sessões de Home, revelam a mesma coisa: a sobrevivência do homem após a morte do corpo e a possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados. As mãos produzidas por mana ou orenda indicam aos homens o mesmo caminho de espiritualização indicado pelas mãos de ectoplasma. Das selvas à civilização, os Espíritos ensinam aos homens que a vida não se encerra no túmulo, como não principia no berço.

*

CAPÍTULO V - HORIZONTE ESPIRITUAL: MEDIUNIDADE POSITIVA

1. TRANSCENDÊNCIA HUMANA — A individualização espiritual representa o momento de transcendência humana, ou seja, aquele em que o homem supera as condições da própria humanidade. Até esse momento, ser humano é estar ligado a condições animais, diferenciando-se das outras espécies apenas pela razão. Há deuses e homens. Os deuses são entidades espirituais, superiores, que vivem nos intermúndios, gozando do privilégio da imortalidade. Os homens são criaturas efêmeras, escravizadas ao solo, “bichos da terra, tão pequenos”, segundo a expressão de Camões. Mas, quando a evolução mediúnica abre as perspectivas do horizonte espiritual, o homem descobre que ele e os deu-

ses são semelhantes, e por isso mesmo se eleva sobre a condição humana, atingindo a divina.

Na Antigüidade e na Idade Média, o dualismo humano-divino se mostra bem claro. Um fenômeno mediúnico de possessão é sempre tomado como manifestação demoníaca ou sagrada. O homem, não tendo ainda atingido o horizonte espiritual, não pode conceber que o espírito comunicante seja da sua mesma natureza. Para ele, trata-se de uma entidade estranha, boa ou má. Entretanto, no horizonte profético de Israel, já aberto às perspectivas espirituais, aparecem as declarações insistentes de que os espíritos comunicantes são de natureza humana, como vemos nos casos espíritas da Bíblia, Velho e Novo Testamentos. Somente na era moderna, porém, essa compreensão irá se tornar efetiva. Porque só então o espírito humano amadureceu o suficiente, para que a promessa do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade, possa cumprir-se. É por isso que o espírito de Charles Rosma, ao comunicar-se em Hydesville, através da mediunidade das irmãs Fox, numa família metodista, não é mais tomado como demônio ou deus, mas como o espírito de um homem. Assim aceito, Rosma pode falar do seu estado, do seu passado, e dar as indicações de sua passagem ocasional pela residência em que foi morto, bem como das condições dessa morte e dos indícios existentes no subsolo, que serão encontrados mais tarde.

Rosma pode ser tomado como um exemplo do fenômeno da transcendência humana, que assinala o aparecimento concomitante da mediunidade positiva. Não encontramos mais, em Hydesville, o profeta bíblico, nem o oráculo ou o pagé, mas o médium, ou seja, o indivíduo humano que se tornou capaz de servir de intermediário entre seres espirituais e carnis, ambos da mesma natureza. Rosma, o mascate, morto na casinha de Hydesville, transcende sua condição material humana, mas continua humano no plano espiritual. De mascate, passa a espírito, e como espírito se comunica, graças à mediunidade das meninas da família Fox. Já não estamos mais no plano místico e misterioso do mediunismo, mas no plano científico, racional, da mediunidade positiva.

Vemos assim que o aparecimento do horizonte espiritual é uma decorrência natural da evolução mediúnica. Mas vemos também, como assinala Kardec em "A Gênese", que essa evolução se realiza num contexto histórico, juntamente com a evolução mental, moral e espiritual do homem, no processo de desenvolvimento econômico-social da humanidade. Sem o desenvolvimento científico, assinala Kardec, não se criaria no mundo o clima necessário à compreensão do Espiritismo: Quando tratamos, pois, de mediunidade positiva, não fazemos abstração das condições históricas que propiciaram o seu aparecimento. Temos de encarar o problema no seu contexto, para bem compreendê-lo.

A transcendência humana que caracteriza o horizonte espiritual não significa, por isso mesmo, uma fuga ou uma deserção das condições humanas. Pelo contrário, significa o aparecimento dessas condições, permitindo a superação da animalidade e a transferência do homem para o plano antigamente reservado às divindades, fossem elas benéficas ou maléficas. Por outro lado, essa superação não representa um passe de mágica, um fato sobrenatural, uma descontinuidade no processo histórico, mas o seu prosseguimento natural. Tornar-se divino é o próprio destino do homem. O divino, como já dissemos, é aquilo que está acima do humano, assim como o humano é o que está acima do animal. Deste, ao homem, há a distância de uma superação, mas essa distância não é vazia. Do homem ao divino há também uma distância, que se prolonga através de fases evo-

lutivas bem definidas. Podemos falar, lembrando Einstein, de um "continuum" do processo evolutivo, englobando matéria e espírito. Porque nesse processo não há solução de continuidade.

Já vimos as fases evolutivas inferiores, em que o homem sobe, pouco a pouco, do plano biológico para o social e deste para o profético e o espiritual. Mas nos dois últimos, o profético e o espiritual, já se iniciam as fases evolutivas superiores. Veremos como essas fases se definem no plano mental, ao analisarmos a série de concepções que constituem, no seu conjunto, o processo de transcendência no horizonte espiritual. É pelo pensamento que o homem se eleva, supera as condições da vida humana no plano físico, atingindo as possibilidades de sublimação humana no plano espiritual. Ortega y Gasset definia o homem como um drama. Nada nos oferece melhor visão desse drama, em sua extensão e em sua profundidade, do que o estudo da evolução humana à luz dos princípios espíritas.

2. INTELIGÊNCIA SUPREMA — Em seu famoso estudo sobre a consciência metafísica do Ocidente, Wilhelm Dilthey assinala três motivos fundamentais para a nova concepção do mundo que surgiu a partir dos gregos. "Como uma fuga (música) se compõe de poucos motivos fundamentais, assim esses três motivos dominam toda a metafísica humana", declara Dilthey, acrescentando: "Foram transmitidos pelos povos antigos, unificando-se no Império Romano, no mundo em declínio abarcado por esse império, e nele se fundiram intimamente. Dessa união surgem as obras dos Pais da Igreja e as dos últimos autores pagãos. Na obra de Agostinho, "A Cidade de Deus", encontramos sua máxima unificação."

Os motivos fundamentais de Dilthey são: a idéia grega de Deus como inteligência suprema, arquiteto do universo; a idéia romana do mundo como um sistema de relações jurídicas; e a idéia judaica da criação do mundo. Vemos que essa observação de Dilthey concorda com a proposição de John Murphy sobre o aparecimento do horizonte profético. Mas não devemos esquecer-nos de que nesse horizonte já começa a raiar uma nova perspectiva, a do horizonte espiritual. Aliás, é exatamente nesse novo horizonte que a consciência metafísica de Dilthey vai se definir, como o processo de transcendência que já assinalamos, e que o próprio Dilthey menciona no seu trabalho.

Três motivos, também, nada mais que três notas fundamentais, constituem a base e a substância dessa fuga musical que, a partir dos gregos, dos romanos e dos judeus, arrebatará os espíritos e os conduzirá à epopéia da Renascença, eclodindo na forma de uma verdadeira alvorada espiritual, no século dezoito. Se Dilthey fosse espírita, teria alcançado, com sua extraordinária argúcia, os contornos mais sutis dessa nova conjugação de motivos, que não se processa apenas no imanente, mas também no transcendente. Ou seja: que não se refere apenas ao homem, e à idéia de Deus por ele formulada, mas também ao próprio Deus, e às relações do céu com a terra. Dilthey, historicista, permaneceu no plano histórico, analisando apenas os movimentos de idéias ao longo do tempo. Quando, porém, aplicamos a mesma análise às conseqüências do processo histórico, entramos na resultante metafísica e presenciamos o fato transcendente da libertação espiritual do homem.

As três notas da grande fuga se confundem com as assinaladas por Dilthey, mas num outro plano. A primeira é a da concepção de Deus como inteli-

gência suprema, centro mental do universo, não apenas o artista divino de Platão ou o artesão bíblico, mas a própria inteligência universal. Esta concepção aparece simultaneamente no período histórico e nos limites geográficos assinalados por Murphy para o horizonte profético. Não se limita aos gregos. Podemos encontrá-la na Índia, na China, na Mesopotâmia e na Judéia. Mesmo na China de Confúcio, quando a idéia de Deus parece apagar-se ou substituir-se pela concepção moralista, numa forma jurídica semelhante a dos romanos, vemo-la brilhar na idéia do Tao. Mas é na Judéia que ela vai atingir a sua definição, e a partir de Jesus é que ela se derrama sobre os homens de maneira abundante, graças à analogia Deus-Pai, que impregna a sua pregação.

A segunda nota é a concepção do Homem como inteligência finita, submetida a Deus, mas em desenvolvimento, filha de Deus, evoluindo universalmente para Ele. A terceira é a concepção jurídico-espiritual do mundo, uma forma em que se fundem o pensamento jurídico dos romanos e os anseios espirituais dos judeus. Nessa forma, as relações entre Deus e o Homem aparecem como espirituais, independentemente de fórmulas e cultos. As relações diretas, já estabelecidas pelos profetas bíblicos, atingem sua culminância na permanente ligação do Pai com o Filho, explicada por Jesus e que dará motivo, mais tarde, para interpretações místicas do mistério da Divindade.

Essas três notas fundamentais: Deus como inteligência suprema, o Homem como filho de Deus, e as relações diretas entre o Pai e o Filho, se fundem na característica do horizonte espiritual, que é a transcendência. A fuga musical se consuma. O espírito humano se liberta dos liames terrenos, para alçar-se acima de si mesmo e projetar-se num futuro sem limites. A música nos toca através dos sentidos, mas está além dos sentidos. Embora os sons que a compõem pertençam ao domínio da percepção, a harmonia que deles resulta e a emoção que provocam, a mensagem que traduzem, extravasam do concreto. A música é sempre uma fuga ao real, sublimação, transcendência. Daí a felicidade da comparação de Dilthey, principalmente quando a aplicamos à evolução espiritual do homem.

Mas nenhuma doutrina consubstancia mais clara e poderosamente as notas dessa fuga musical, do que a Doutrina Espírita, que por isso mesmo assinala a culminância do horizonte espiritual. A definição de Deus, em "O Livro dos Espíritos", é como a pancada sonora da primeira tecla ou da primeira corda, para o início da fuga. "O que é Deus?", pergunta Kardec. E o Espírito da Verdade responde: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." Mais adiante, quando Kardec pede uma definição minuciosa, o Espírito o adverte: "Não vos percais num labirinto, de onde não poderíeis sair."

Está assim colocada a premissa maior da nova concepção do mundo, que assinala o horizonte espiritual. Deus não é uma forma humana, não é uma figura mitológica, não é um símbolo. Deus é a realidade fundamental, a Inteligência Suprema, a fonte de que surgem todas as coisas, assim como da inteligência finita do homem surgem as coisas que constituem o seu mundo finito. Não é possível dar forma a Deus, limitá-lo, restringi-lo, dominá-lo pela nossa razão, como não é possível dar forma a nossa própria inteligência. Deus e Homem superam o mundo formal, o plano das aparências. E, assim, o horizonte espiritual se abre sobre todos os horizontes anteriores, como o alargamento infinito de uma realidade finita, em que os homens vinham se arrastando, através dos milênios.

3. INTELIGÊNCIA FINITA — Procuremos aprofundar o tema da inteligência finita em relação com a Inteligência Suprema ou infinita. As mais antigas concepções religiosas, do Oriente e do Ocidente — como o Vedismo indiano ou Druidismo gaulês — mostram-se impregnadas de emanatismo. As almas humanas são apresentadas como emanções da Divindade. A inteligência finita do homem nada mais é que uma centelha da Inteligência Suprema, que dela provém e a ela voltará. Ainda hoje, no meio espírita e nos meios espiritualistas mais diversos, essa concepção encontra defensores, e não raro é apresentada como novidade. Há mesmo quem pretenda, com ela, superar a concepção espírita ou "melhorá-la", afirmando que somente o emanatismo pode dar explicação cabal do processo da Criação. O Espiritismo, entretanto, não pretende dar explicações cabais, definitivas e absolutas. Seu objetivo é a penetração gradual no desconhecido, que a razão humana não pode tomar de assalto. Por isso mesmo, sua posição é científica, como assinalava Kardec, não religiosa ou mística, ao tratar dos problemas fundamentais da vida humana.

Concebido como inteligência finita, o homem não se apresenta no Espiritismo como emanção de Deus, mas como sua criação. Se fosse emanção, seria parte do próprio Deus. Sendo criação, é obra de Deus. No capítulo primeiro da segunda parte de "O Livro dos Espíritos" encontramos a pergunta 77, assim formulada: "Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou não seriam mais do que emanções ou porções da Divindade, por essa razão chamados filhos de Deus?" E a resposta é clara e incisiva: "Meu Deus! São obra sua, precisamente como acontece com um homem que faz uma máquina. Esta é obra do homem, e não ele mesmo. Sabes que o homem, quando faz uma coisa bela e útil, chama-a sua filha, sua criação. Dá-se o mesmo com Deus. Nós somos seus filhos, porque somos sua obra." Num capítulo anterior, o primeiro da parte primeira do livro, encontramos, na pergunta número 10, a explicação de que o homem não pode compreender a natureza íntima de Deus, porque: "para tanto, falta-lhe um sentido". Somente com a evolução, esclarece o livro, o homem desenvolverá esse sentido, aproximando-se gradativamente do conhecimento de Deus.

A inteligência finita é, portanto, uma criação da Inteligência Suprema. Criação universal, a que Deus concedeu, por toda parte, a mesma natureza. Como essa natureza é essencialmente evolutiva, a inteligência finita, em todo o universo, avança para Deus, através de uma incessante expansão de suas faculdades, de um contínuo aprimoramento de si mesma. Aristóteles já notara esse movimento ascensional das coisas e dos seres, colocando o seu Deus na impassibilidade de um ímã universal, que a tudo e a todos atrai, "como a criatura amada atrai o amante." Esta segunda nota da fuga musical a que Dilthey se refere, e que interpretamos aqui à luz do Espiritismo, constitui uma das características fundamentais do horizonte espiritual. Podemos encontrá-la, como acabamos de ver, tanto entre os gregos, na idade de ouro da Grécia, quanto entre os indianos ou os judeus, ou ainda entre os gauleses e os bretões, no Ocidente.

A concepção do homem como filho de Deus, e ao mesmo tempo como sua obra, sem nenhuma explicação pretenciosa da maneira ou da técnica da criação, apresenta-se no Espiritismo como provisória com todas as características de uma teoria científica, a ser confirmada mais tarde. Há, naturalmente, um profundo mistério por trás dessa alegoria. O Espiritismo está consciente disso, mas também está consciente de que não há outra maneira racional de enfrentar o mistério, senão essa. A razão demonstra ou exige um processo criador, e consequen-

temente uma força criadora. A intuição humana, latente em cada homem e imamente na espécie, desde todos os tempos, faz pulsar o coração diante do mistério, como nas bordas de um abismo. E todo aquele que não teme equilibrar-se nas bordas, "sabe", por intuição e por exigência da razão, que uma Inteligência Suprema atua no Universo. Não há, pois, como deixar de admiti-la. E os próprios Espíritos, comunicando-se através da mediunidade, confirmam essa intuição humana.

Filha de Deus e obra de Deus, a inteligência finita reúne em si a explicação emanatista e a explicação artística. É uma concepção dialética, uma síntese histórica. De um lado, o emanatismo védico, e, de outro, a arte platônica e o artesanato bíblico, chocam-se e se fundem no processo da criação. Deus não expende centelhas nem fabrica inteligências. É, antes, uma fonte criadora, um Pai Supremo, que gera filhos na matriz misteriosa do Universo. Vemos que já existe, nesse aprofundamento da idéia, um avanço na concepção do poder criador de Deus, primeiramente interpretado como luz a irradiar-se, depois, como artista ou artesão a construir, e, por fim, como um ser a procriar. Da exterioridade à interioridade, a concepção do poder criador parte da analogia objetiva, a luz a irradiar; para a analogia operacional, o artista a plasmar a sua obra; e atinge a analogia orgânica, com o Pai Supremo a gerar os filhos humanos e finitos.

Estes filhos, porém, herdaram as qualidades paternas. Para serem legítimos, não podem e não devem permanecer num plano de inferioridade constante. Assim como os filhos humanos nascem pequeninos e frágeis, mas crescem e igualam-se aos pais, assim também os filhos divinos, embora inferiores no início, trazem no íntimo o poder de crescer e igualar-se ao Pai. Embora estejamos, nesse ponto, em pleno terreno hipotético, a observação das leis naturais autoriza a hipótese. A biologia, a psicologia, a sociologia, a história, a antropologia, a arqueologia (ciência que estuda monumentos e vestígios de civilizações antigas) e a paleontologia (ciência que estuda os animais e vegetais fósseis, principalmente através dos traços deixados nos sedimentos geológicos), oferecem bases seguras à hipótese do crescimento humano, a partir das formas inferiores da animalidade, até alcançar as superiores expressões da consciência espiritual. Mas ninguém, talvez, tenha expressado melhor esse princípio do que o apóstolo Paulo, ao afirmar que somos "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo".

4. MEDIUNIDADE POSITIVA — Jesus assinala o aparecimento do horizonte espiritual, marcando o início de um novo ciclo histórico no Ocidente. Com o seu ensino, amplamente divulgado e aceito, as grandes concepções do passado, limitadas a pequenos círculos de iniciados ou eleitos, modelam uma nova mentalidade coletiva. O Deus-Pai de Jesus transcende o Deus-Familiar de Abraão, Isaac e Jacó, supera a natureza tutelar dessa concepção judaica. Por isso, o Deus evangélico não é guerreiro, mas amoroso e justo; não faz discriminações, não exige culto externo, não quer intermediários. Como Pai Universal, o antigo Javé tribal atinge dimensões cósmicas, é o Deus dos homens e dos anjos, da terra e das "outras moradas" que existem no infinito.

Paulo, que exemplifica o drama da transição da consciência judaica para a cristã, adverte que Deus não deseja cultos externos, semelhantes aos dedicados às divindades pagãs, mas "um culto racional", em que o sacrifício não será mais de plantas ou animais, mas da animalidade, ou seja, do ego inferior do homem. A religião se depura dos resíduos tribais, despe-se dos ritos agrários e da complexidade que esses ritos adquiriram no horizonte civilizado. Torna-se espiritual.

Os próprios apóstolos do Cristo não compreendem de pronto essa transição. Pedro chefia o movimento que Paulo chamou "judaizante", tendendo a fazer do Cristianismo uma nova seita judaica. Mas Paulo é a flama que mantém o ideal do Cristo. Inteligente e culto, é um dos poucos homens capazes de compreender a nova hora que surge, e por isso o Cristo o retira das hostes judaicas, para colocá-lo à frente do movimento cristão.

A religião espiritual, desprovida de culto externo, iluminada pela razão, individualiza-se. O cristão não precisa do sacramento de um sacerdote, do beneplácito de uma igreja, mas tão-somente da pureza da sua própria consciência. O rito do batismo, que Pedro exige dos novos adeptos, juntamente com a circuncisão, repugna a Paulo, que o substitui pelo "batismo do espírito", ou seja, a elucidação evangélica, seguida do desenvolvimento mediúnico. O mediunismo profético se generaliza, porque "o espírito se derrama sobre toda a carne", e a fé, iluminada pela razão, deixa o terreno primário da crença, para elevar-se ao da convicção, através do conhecimento direto da realidade espiritual, tão clara e positiva quanto a material. A mediunidade desenvolvida encoraja os apóstolos, que se mantêm em contato com as forças espirituais, para poderem enfrentar o poder temporal. Os mártires, os santos e os sábios encherão o mundo de espanto, com as luzes de uma nova e vigorosa concepção da vida, que eleva o homem acima de si mesmo.

É evidente que tudo isso não se realiza de um dia para outro, mas através de um lento processo de evolução social, econômica, cultural e espiritual. Jesus se chamava a si mesmo de semeador, porque conhecia o lento processo da semeadura e germinação das idéias. Sabia, também, que os princípios da sua doutrina, do seu ensino, teriam de sofrer as deformações naturais desse processo. Por isso anuncia, como vemos no Evangelho de João, a vinda do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade, incumbido de restabelecer a pureza da seara, separando o joio do trigo. O horizonte espiritual se abre em espirais crescentes sobre o mundo: primeiro, num círculo restrito de apóstolos e adeptos, oferece o modelo de uma nova ordem; depois, espalha-se pela terra, modificando as consciências, mas comprometendo-se com os elementos da velha ordem; por fim, domina o mundo, mas impregnado das heranças mitológicas; e só então consegue romper as perspectivas apocalípticas de "um novo céu e uma nova terra", através da Reforma e do Espiritismo.

Quando os homens atingiram o nível necessário de conhecimentos, para voltarem à verdadeira concepção cristã, tornando-se capazes de compreender o que o Cristo havia ensinado e o que não pudera ensinar na sua época, segundo as suas próprias palavras, então a revolta sacudiu a Igreja e o Espírito derramou-se fartamente sobre toda a carne. Lutero encarnou a luta contra o paganismo idólatra que invadira, como terrível joio, a seara cristã. Combateu corajosamente o comércio de indulgências. Reclamou e impôs a volta a Cristo e aos textos esquecidos do seu Evangelho. Mas depois de Lutero viria o Espírito da Verdade, para impor o retorno não somente à letra, aos textos, e sim ao próprio espírito do Evangelho, à essência espiritual do Cristianismo. E Kardec iniciaria o grande movimento doutrinário de restabelecimento do ensino de Jesus, sob a égide da Falange do Espírito da Verdade.

É por isso que vemos, na propagação do Espiritismo, repetirem-se os milagres da fé e da coragem dos cristãos primitivos. Completa-se, com a era do Consolador, o ciclo espiritual iniciado há dois mil anos, pelo próprio Cristo. Os

mártires se entregavam às chamas e às feras, porque sabiam existir uma realidade supra-terrena, e não apenas por crerem nessa realidade. Entre os espíritas, veremos a mesma coisa. O escritor inglês Denis Bradley conclui o seu livro, "Rumo às Estrelas", declarando peremptoriamente: "Eu não creio. Eu sei." É essa convicção poderosa, resultante do desenvolvimento da mediunidade positiva, que faz o movimento espírita enfrentar todas as forças organizadas do mundo, desde o púlpito até à cátedra, para sustentar uma nova concepção da vida e do mundo.

Kardec explica, em "A Gênese", capítulo primeiro, porque o Espiritismo só poderia surgir em meados do século dezenove, depois da longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu ele: "O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências. Só poderia, pois, aparecer, depois da elaboração delas. Nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo explicar-se apenas pelas leis da matéria." Como se vê, da conjugação dos elementos materiais e espirituais, em evolução simultânea, resulta o clima que permite ao mundo atingir a plenitude do horizonte espiritual, onde a mediunidade positiva se torna a fonte de esclarecimento e orientação dos problemas do espírito. Graças a ela, o homem se emancipa da tutela dos ritos e cultos primitivos.

*

II PARTE - FASE HISTÓRICA

CAPÍTULO I - EMANCIPAÇÃO ESPIRITUAL DO HOMEM

DESENVOLVIMENTO DA RAZÃO

1. IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA — Colocando o problema da evolução humana em termos de imanência e transcendência, segundo a acepção moderna desses vocábulos, podemos compreender melhor a natureza transcendente do horizonte espiritual. Os quatro horizontes que o antecedem: o tribal, o agrícola, o civilizado e o profético, representam o período de imanência do processo evolutivo. Nesse período, de acordo com o "princípio da imanência", de Le Roy, toda a potencialidade espiritual do homem encontra-se em desenvolvimento, tudo o que nele é implícito transita para o explícito. A experiência da magia, dos mitos agrários e da mitologia civilizada, das religiões organizadas e da eclosão profética, nada mais é do que uma seqüência de fases do período imanente, em, que o homem acorda em si mesmo as forças latentes da alma, preparando-se para a fase de transcendência que virá com o horizonte espiritual.

Esse é um dos motivos porque a Revelação Cristã se mostra mais poderosa e atuante que as anteriores. Já vimos que o horizonte espiritual aparece com Jesus, com ele se define. Vimos também que Israel representou, mais do que os outros países, o momento em que as forças desenvolvidas no período da imanência atingiram a sua culminância. Assim, o próprio desenvolvimento histórico explica e justifica as afirmações místicas, aparentemente dogmáticas, da supremacia espiritual de Israel e do seu papel de povo eleito. Para a mentalidade mística dos horizontes anteriores, a posição de Israel não poderia ser interpretada senão como uma determinação celeste. A própria alegoria da Aliança confirma isto. O pacto firmado entre Deus e seu povo é a simples divinização de um sistema agrário de compromissos humanos. Mas era através dessa alegoria que os

antigos conseguiam entender e explicar uma realidade inexplicável, qual fosse a supremacia espiritual do povo hebraico e o seu dever indeclinável de liderança mundial.

A incompreensão do fato permanece ainda hoje, tanto no seio das religiões cristãs, quanto no próprio judaísmo. A expectativa milenária do Messias, e a ambição de domínio universal e absoluto das seitas cristãs provindas do judaísmo, nada mais são do que resíduos do período de imanência. A destinação messiânica de Israel não foi e não é encarada no seu sentido histórico, mas no seu antigo aspecto teológico. Daí a razão do povo eleito esperar ainda o cumprimento da promessa divina, e das seitas cristãs modernas, que se julgam herdeiras da mesma promessa, insistirem tão firmemente nos seus direitos de dominação e orientação exclusiva das consciências, para salvação das almas.

O Espiritismo, doutrina livre, dinâmica, sem dogmas de fé, sem intenções exclusivistas ou pretensões salvacionistas, corresponde precisamente à fase de esclarecimento do horizonte espiritual. Por isso é que ele se apresenta como desenvolvimento natural do Cristianismo, seqüência inevitável do processo histórico, enfrentando o problema da salvação em termos de evolução, e procurando explicar as alegorias do passado à luz da compreensão racional. Curioso notar-se que, nesse ponto, os adversários do Espiritismo o acusam de racionalismo, sustentando a tese imanente, ou seja, a tese provinda do período de imanência, segundo a qual existem mistérios que a razão não alcança. Entre esses mistérios, figura o da destinação messiânica de Israel, que, como vimos, não era explicável no período anterior, mas hoje é perfeitamente compreensível.

No período de imanência, o homem não havia atingido a emancipação espiritual que lhe permitiria encarar os grandes problemas da sua própria destinação. Possuindo, entretanto, o sentimento intuitivo desses problemas, procurava racionalizá-los através de símbolos, de alegorias. No período de transcendência, o homem, já espiritualmente desenvolvido, possui os elementos necessários para enfrentar esses problemas e resolvê-los. Isso não quer dizer, entretanto, que o Espiritismo se considere, ou que os espíritas se considerem como novos detentores da verdade absoluta. Pelo contrário: o Espiritismo proclama a existência de problemas que são ainda insolúveis, como a da própria natureza de Deus. Insolúveis, porém, no momento presente, uma vez que o processo evolutivo levará o homem, progressivamente, a desvendar os novos mistérios que lhe forem sendo propostos pela própria evolução.

As reservas modernas quanto ao racionalismo são explicáveis, diante da experiência que conduziu os homens ao ceticismo, à descrença, ao materialismo, e conseqüentemente a uma posição incômoda, de negativismo explícito ou implícito dos valores da vida. Mas o racionalismo espírita representa precisamente o reajuste da posição racionalista. Porque a razão aplicada ao julgamento do passado, em função das conquistas ainda recentes do presente, provoca o desequilíbrio do espírito, quando se pretende estabelecer o absolutismo racional. No Espiritismo, a razão é apresentada como uma função do espírito, um dos seus instrumentos de ação, e não como o próprio espírito. O absolutismo da razão não existe, embora a razão se apresenta como instrumento indispensável para o esclarecimento espiritual.

Por outro lado, é necessário considerar que a razão foi a escada de que o homem se serviu, para superar os horizontes anteriores, libertando-se do domí-

nio das forças naturais ou instintivas. A razão é, por assim dizer, a alavanca espiritual que elevou o homem do período de imanência para o de transcendência, permitindo-lhe julgar-se a si mesmo e delinear as perspectivas da sua própria libertação. O Espiritismo, como doutrina que corresponde exatamente às aspirações e às exigências do horizonte espiritual, não pode abrir mão da razão, nem mesmo em favor da intuição, que pertence a um período futuro do desenvolvimento humano.

2. DESENVOLVIMENTO DA RAZÃO — O horizonte profético assinalou a fase culminante de desenvolvimento da razão. Já tivemos ocasião de estudar os motivos dessa ocorrência, no vasto período histórico que vai do IX ao III século antes de Cristo, segundo a teoria de John Murphy. Resta-nos apreciar a maneira por que a razão vai progressivamente impondo os seus direitos, até conquistar a supremacia necessária, para libertar o espírito humano dos liames terríveis do passado.

Podemos observar com segurança o vigoroso surto da razão no horizonte profético, a começar da própria agitação profética na Palestina. Os conquistadores de Canaã carregavam no espírito a herança das civilizações mesopotâmica e egípcia. Os germes da razão estavam bem desenvolvidos naquelas mentes inquietas, que procuravam construir um novo mundo para si mesmas e anunciar aos demais povos o advento de uma nova ordem. Mas foram os profetas de Israel os corifeus desse movimento renovador, quer levantando sua voz contra o apego aos velhos hábitos, quer anunciando com insistência a aproximação dos novos tempos.

Os debates teológicos de Israel aparecem como uma preparação da eferescência medieval. Os profetas agitam a pasmaceira teológica do povo eleito, propondo questões que perturbam a própria ordem social. Ao mesmo tempo, na Grécia, a filosofia se desprende da sua matriz órfica, supera o pensamento místico do orfismo tradicional, e ensaia os primeiros passos da perquirição racional. Na própria China estagnada surge a inquietação provocada pela introdução do Budismo e pelo aparecimento do Confucionismo. Na Índia védica, submetida ao jugo das tradições, a renovação budista mistura-se às influências procedentes do pensamento grego, cujo poder de irradiação não conhece barreiras, no Ocidente ou no Oriente. No mundo romano, a infiltração grega submetia as tradições do Império e o politeísmo dominante ao julgamento progressivo, que a contribuição judeu-cristã iria acelerar de maneira decisiva.

O Cristianismo aparece como o verdadeiro remate desse vasto processo. Jesus não se limita a condenar o apego ao ritualismo religioso no mundo judaico. Ele proclama a natureza espiritual de Deus, e conseqüentemente a do homem, filho de Deus. Ensina a universalidade do espírito, rompendo assim as barreiras de todos os preconceitos tribais, que dividiam a humanidade em grupos raciais ou religiosos. Mostra que o samaritano podia ser melhor que um príncipe da igreja judaica, e adverte à mulher samaritana que Deus devia ser adorado, não através de fórmulas exteriores, em locais considerados sagrados, mas "em espírito e verdade".

Quando observamos o fenômeno do aparecimento e da propagação do Cristianismo, primeiramente na Palestina, e depois no mundo, verificamos que se tratava de uma verdadeira revolução. Mas a característica dessa revolução é precisamente o apelo à razão. O Cristianismo exigia das criaturas o uso desse

poder misterioso do raciocínio, que as fazia senhoras de si mesmas, responsáveis pelos seus atos. Contra a autoridade das Escrituras e dos Rabinos, bem como da própria tradição, Jesus proclamava a soberania da consciência. Limpar o vaso por dentro, e não apenas por fora; servir-se do sábado, em vez de escravizar-se a ele; orar conscientemente, sabendo que Deus, sendo Pai, não dá pedra a quem lhe pede pão, nem cobra a quem lhe pede peixe.

Os homens ainda não estão preparados para compreender todos os princípios dessa revolução. Continuarão apegados, por muito tempo, aos velhos moldes autoritários, subjugados pelos antigos preceitos. Mas o fermento está lançado na medida de farinha, e inevitavelmente a fará levedar. Os próprios apóstolos não assimilaram suficientemente as lições do Mestre. Procurarão ajustar o Cristianismo aos velhos moldes judaicos, retê-lo nas sinagogas, prendê-lo ao Templo de Jerusalém. Pedro, o velho pescador, não admitirá cristão que não se submeta a ser circuncidado. Mas Jesus conhece um homem que amadureceu o suficiente para fazer prevalecer a razão sobre o costume, o uso, a tradição. Esse homem é Paulo de Tarso, que promoverá no Cristianismo nascente o movimento vivo de repulsa ao predomínio do passado.

A reforma grega do Orfismo pelo Pitagorismo, a reforma indiana do Hinduísmo pelo Budismo, a reforma chinesa do Taoísmo pelo Confucionismo e a reforma síria do Judaísmo pelo Cristianismo, eis os grandes eventos históricos que assinalam o advento mundial, no horizonte profético, da era da razão. Pitágoras é o primeiro a ensaiar, na Grécia do século sexto, e no mundo inteiro, a união do pensamento místico ao racional. E a partir dos pitagóricos, o grande drama da evolução humana, durante milênios, se desenvolverá nesse plano: a luta pela racionalização da fé.

A crença pela crença, a fé pela fé, a obrigação e a necessidade de aceitar a tradição, como verdade absoluta, acabada e perfeita, são característicos dos horizontes primitivos, das fases de predomínio do instinto e do sentimento. Na proporção em que a razão se desenvolve, em que o homem aprende a pensar e a julgar, a fé cega, tradicional, já não pode satisfazê-lo. A fórmula comodista: "Creio porque creio", exigirá um substituto dinâmico e fecundo: "Creio porque sei".

O horizonte profético se encerra com o predomínio da razão. Ao contrário do que se costuma dizer, a razão não aparece como exclusivamente grega, não obstante a contribuição da Grécia seja a mais decisiva para o seu desenvolvimento. Encontramos, como já vimos acima, o florescimento da razão ao longo de todo o horizonte profético, renunciando a supremacia mundial que ela deverá assumir, com o advento do horizonte espiritual. Mas haverá ainda uma grande fase histórica de reação, de luta profunda e morosa, entre a razão e a fé, embora aquela tenha de sair triunfante.

3. O DRAMA MEDIEVAL — A Idade Média é a fase dramática do desenvolvimento da razão. A tentativa pitagórica renova-se nesse vasto e sombrio período da história europeia, mas em condições completamente diversas. O Cristianismo nascente recebera, desde a Palestina, um duplo impulso de racionalização: de um lado, a insistência do Cristo em libertar os homens do dogmatismo fideísta dos judeus; de outro, a influência do pensamento grego, bem patente nos próprios evangelhos. "Religião do livro", como mais tarde a chamariam os muçulmanos, penetrou essa nova religião no Império Romano em meio à efer-

vescência da decadência, incentivando e acalorando os debates em torno dos problemas da fé. Mas no próprio Cristianismo a contradição dialética se acentuava de maneira ameaçadora. Com o correr do tempo, a fé conseguiu superar sua antagonista, a razão, e submetê-la ao seu império. Nada exprime melhor esse fato do que a fórmula medieval: "A filosofia é serva da teologia."

Os que ainda hoje acusam o Cristianismo de religião reacionária e obscurantista, em virtude do medievalismo e suas conseqüências, esquecem-se de que foi ele a única religião capaz de incentivar o desenvolvimento da razão, e até mesmo de preservar a herança cultural greco-romana através do período bárbaro. Esquecem-se de que próximo a Nazaré existia a Decápolis grega, e que o próprio nome da nova religião derivou de uma palavra grega. Esquecem-se ainda dos fatos históricos fundamentais do desenvolvimento do Cristianismo na Europa, entre os quais devemos assinalar a aproximação constante com o pensamento grego, o interesse pelas suas contribuições filosóficas, a tentativa de "pensar o evangelho através da lógica grega", e até mesmo a de platonizar e arismetelizar os fundamentos da nova religião.

A reação do fideísmo, entretanto, quase fez recuar o ímpeto da razão. O passado mítico e místico da humanidade pesou fundamente na balança. O próprio Cristo foi transformado em novo mito, e suas expressões alegóricas, empregadas sempre num sentido racional, esclarecedor, converteram-se em dogmas de fé. "O cordeiro que tira o pecado do mundo", imagem explicativa, referente à crença judaica na eficácia mágica do sacrifício de animais; "o resgate dos pecados pelo sangue", alegoria ligada à antiga superstição da era agrária, de purificação pela efusão de sangue; a transubstanciação do pão e do vinho em corpo e sangue do Cristo, idéia mágica, de sentido alegórico, proveniente dos antigos "Mistérios" das religiões orientais; e assim tantas outras, adquiriram a força de preceitos literais, de ordenações divinas. Ao mesmo tempo, as formas do culto exterior, das religiões pagãs e judaicas, e as próprias festas do paganismo, foram adaptadas à nova religião. O processo de sincretismo religioso, hoje tão bem conhecido e estudado pelos sociólogos, transformou o Cristianismo em novo domínio do mito e da mística.

Apesar de todo esse gigantesco esforço de asfixia da razão, esta, entretanto, continuou a se desenvolver. Submetida ao império da fé, constrangida a servir aos dogmas, em vez de criticá-los, transformada em "serva da teologia", nem por isso a razão pôde ser esmagada. Porque, mesmo para servir ao dogmatismo, ela conseguia agitar e inquietar os espíritos. As heresias surgiram do chão "como cogumelos", segundo a expressão de Tertuliano, e mesmo depois que o princípio de usucapião, do direito romano, foi empregado racionalmente contra a razão, em defesa do fideísmo asfixiante, a razão continuou a abrir as suas brechas na muralha dogmática. O próprio Tertuliano acabou como herege, e foram muitos os padres e doutores que, embriagados pelo vinho grego da dialética, resvalaram para o abismo das condenações.

A famosa Querela dos Universais, provocada pelo desafio de Porfírio, discípulo de Plotino, marcará a fase decisiva do desenvolvimento da razão, no mais agudo período da consolidação da dogmática medieval. Figuras brilhantes de pensadores cristãos, como estrelas perdidas no céu escuro do medievalismo, assinalarão o roteiro da razão, como um traço de giz no quadro-negro da época. A partir dos hereges dos quatro primeiros séculos, sufocados pela violência ortodoxa dos que se julgavam herdeiros exclusivos da era apostólica, podemos gi-

zar no quadro uma linha que passa por Agostinho, no século V; por Erígena e Alcuíno, no século VIII; pelo dialético Beranger de Tours, do século XI, que negava a Eucaristia; por Abelardo, com seu "Sic et Non"; pelo trabalho dos "mestres de sentença", entre os quais se destaca Pedro Lombardo; para, afinal, chegarmos a Tomás de Aquino, que representa a codificação das contradições medievais, com sua "Suma Teológica".

O drama da razão na Idade Média empolga pelos seus lances heróicos, mas ao mesmo tempo assusta, pelo trágico de seus episódios cruéis. Abelardo é uma das figuras mais representativas, senão a própria encarnação desse drama. Em pleno século XI, aceitava a supremacia da fé, mas chegou a tentar uma explicação racional do dogma da Trindade, caindo na condenação de heresia. Duas vezes foi condenado pelos Concílios. E para que não faltasse, no simbolismo da sua vida, o colorido das paixões humanas da época, temos o seu romance com Heloísa e o desfecho cruel a que é levado. Dilthey considerou a Idade Média como um caldeirão, em que ferviam as idéias, misturando, num gigantesco processo de fusão, as contribuições do pensamento greco-romano com os princípios judeu-cristãos. Esse imenso "cozido", que teve de ser preparado através de um milênio, só estaria completo nos albores do século XV, logo após a codificação da "Suma Teológica".

A luta entre a razão e a fé encontra, portanto, o seu epílogo, na Renascença. Embora tenhamos de reconhecer a sua continuidade, mesmo em nossos dias, a verdade é que ela agora se processa em plano secundário, como simples resíduo natural de épocas superadas. Descartes foi o espadachim que deu o golpe final nesse duelo de milênios. Inspirado pelo Espírito da Verdade, segundo a sua própria expressão, o filósofo do "cogito" libertou a filosofia da servidão medieval e preparou o terreno para o advento do Espiritismo. Mais tarde, Kardec poderia exclaimar, como vemos no pórtico de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que "Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as etapas da humanidade".

O que hoje se condena como racionalismo não é propriamente a razão, mas o absolutismo racional. A luta filosófica que se travou e ainda se trava no nosso tempo já não se refere mais ao problema antigo e medieval de razão e fé, mas às questões modernas, tipicamente metodológicas, de razão e intuição. É uma batalha que se trava no campo da teoria do conhecimento, e não mais no campo da superstição e do dogmatismo fideísta. Para o Espiritismo, essa batalha está superada.

A razão é apenas o instrumento de que o Espírito, o Ser, em sua manifestação temporal, se serve para dominar o mundo. A intuição é o processo direto de conhecimento, de que o Espírito dispõe em seu plano próprio de ação — o espiritual — e que desenvolverá no plano material, na proporção em que o dominar pela razão. Mas a importância da razão, no processo evolutivo do homem, como forma de libertação espiritual, jamais poderá ser negada. Ao estudar o Renascimento, compreendemos o papel do racionalismo, na emancipação espiritual do homem, e o motivo por que o Espiritismo não pode abdicar de suas características racionalistas, para realizar a sua missão emancipadora total.

4. A MATURIDADE ESPIRITUAL — O Renascimento assinala o momento histórico de emancipação espiritual do homem. O processo de desenvolvimento da razão aparece completo, nesse homem novo que, com Descartes, re-

futa o dogmatismo medieval e proclama os direitos do pensamento. Não importa que o fenômeno cartesiano pertença ao século dezessete, quando os albores da nova era já haviam surgido no catorze, no Quattrocento italiano. O processo, como vimos anteriormente, vinha de muito antes. Mas assim como Abelardo encarna o drama medieval em todas as suas cores, Descartes é quem encarna a epopéia do Renascimento, a vitória da razão sobre o fideísmo medieval. Nele e através dele é que a razão triunfa para sempre, marcando os rumos de um novo mundo, para uma humanidade renovada.

Mas o episódio histórico que assinalará, como verdadeiro marco no tempo, o momento de emancipação espiritual do homem, somente ocorrerá em fins do século dezoito, na efervescência da Revolução Francesa. O estabelecimento do Culto da Razão, por Pierre Gaspar Chaumette, com a entronização da bailarina Candeille, da Ópera de Paris, na presença de Robespierre, em 1793, na Catedral de Notre Dame, é um episódio que representa verdadeira invasão do processo histórico pelo mito. Aliás, toda a Revolução Francesa apresenta esse curioso aspecto de uma revivescência mítica em pleno domínio da história. Foi um movimento histórico que se desenrolou no plano da alegoria. Cada uma das suas fases, e ela inteira, no seu conjunto, aparecem como símbolos. Nesse vasto enredo alegórico, o Culto da Razão é a simbologia específica, o episódio lendário, que marca a vitória do homem sobre a lenda e o mito.

Chaumette foi guilhotinado em 1794. Pagou caro e sem demora a ofensa cometida contra os poderes celestes, ao substituir em Notre Dame o culto da Mater Divina pelo da Razão Humana. Assim entenderam, e ainda hoje o entendem, os supersticiosos adversários do progresso espiritual do homem. Mas o sentido do episódio não estava na heresia. Chaumette não era um iconoclasta, nem um profanador de templos. Era apenas um intérprete do momento histórico em que a Razão Humana proclamava a sua libertação da Mater Divina, ou seja, em que o homem se libertava da Fé Dogmática, para usar o raciocínio, duramente conquistado através dos milênios.

Fácil compreender-se o horror que a audácia revolucionária provocou no mundo. A bailarina Candeille foi conduzida à Catedral de Notre Dame sobre um andor, vestida de azul, com barrete frígio na frente, precedida de um cortejo de moças vestidas de branco, ostentando faixas tricolores. A Convenção decidira substituir a religião tradicional por essa religião racionalista, e Robespierre presidiu a cerimônia. Uma estátua do Ateísmo foi queimada durante a festa que se seguiu. A religião de Chaumette era espiritualista, rejeitava o ateísmo e o materialismo. Mas quem poderia entender esse espiritualismo que não se submetia aos dogmas e aos sacramentos? Até hoje, o episódio do Culto da Razão causa arrepios aos próprios historiadores, que passam rapidamente sobre ele. É qualquer coisa de monstruoso, que deve ser esquecido.

Durante dois meses, novembro e dezembro de 1793, o Culto da Razão se estendeu pela França. As igrejas foram desprovidas de seus aparatos tradicionais e a Deusa Razão foi entronizada em cerimônias festivas. Carlyle, referindo-se à cerimônia de Notre Dame, exclama indignado que a bailarina Candeille era levada em procissão, e acrescenta: "escoltada por música de sopro, barretes frígios, e pela loucura do mundo." Realmente, tudo parecia loucura, naquele momento irreal. A tradição se esboroava. Os ídolos caíam. Bispos e padres renunciavam. Carlyle acentua que surgiam, de todos os lados: "curas com suas recém-

desposadas freiras". E uma bailarina da ópera era transformada em deusa, embora apenas de maneira simbólica.

Mas toda essa loucura nada mais era que a reação do espírito contra a asfixia das tradições. Qual o momento de libertação que não traz consigo esses arroubos? Passadas, porém, as emoções do início, o coração se acalma e a razão restabelece as suas leis. Por outro lado, a "loucura do mundo", a que Carlyle se refere, pode ser historicamente identificada com a própria razão, pois vemo-la sempre denunciada pelos tradicionalistas, pelos conservadores renitentes, nos momentos cruciais da evolução humana. 'Os homens velhos, como as castas e os povos envelhecidos' — ensina Ingenieros — vivem esclerosados em suas armaduras ideológicas e não podem compreender senão como loucura as verdadeiras revoluções sociais, que afetam os interesses estabelecidos e transformam as idéias dominantes.

A vitória da razão, na sua luta milenar contra o obscurantismo fideísta, não podia deixar de parecer um momento de loucura. Porque, desenvolvida através de um laborioso processo de acúmulo de experiências, de geração a geração, de civilização a civilização, o seu crescimento se assemelha ao das plantas que rompem o calçamento das ruas, para afirmar o poder da vida sobre as construções artificiais. Sabemos hoje, pelo aprofundamento que o relativismo crítico realizou na doutrina das categorias, de Kant, que a razão é o sistema dessas categorias vitais, forjadas no processo da experiência sempre renovada. Assim como a planta, rompendo o calçamento, afirma as exigências vitais da natureza, em toda parte, assim também a razão, violentando as estruturas das velhas convenções, afirma as exigências vitais da consciência humana. A primeira dessas exigências é a liberdade, fundamento e essência do homem, que asfixiada durante um milênio no caldeirão medieval, explodiu com o fragor de uma detonação atômica, no período da Revolução Francesa.

Devemos ainda lembrar que o episódio do Culto da Razão tem o seu lugar no centro de uma linha de acontecimentos históricos. Não foi um caso isolado. Mesmo porque, na história, não existem casos dessa espécie. Já tivemos ocasião de lembrar o antecedente pitagórico da luta medieval entre a razão e a fé. Jérôme Carcopino estabeleceu as ligações entre o pitagorismo e o cristianismo primitivo, nos seus estudos sobre a conversão do mundo romano. No período medieval já traçamos a linha que assinala o desenvolvimento dessa luta. Basta que a retomemos agora em Descartes, para vermos a sua continuidade no mundo moderno. Mas o mais curioso é vermos como essa luta sugeriu, no pensamento francês, tão afeito à síntese, a idéia de uma religião racional, que teve também o seu lento desenvolvimento.

Sem procurarmos entrar em maiores indagações, acentuemos que Descartes fundava o seu racionalismo na inspiração do Espírito da Verdade. Aparente contradição, que mais tarde se esclarecerá. Logo a seguir, temos o caso de Espinosa, que estabelece ao mesmo tempo a forma racional de uma interpretação panteísta do cosmos e lança as bases, segundo Huby, "do mais radical racionalismo escriturístico". Dessas tentativas, surgem muitas derivações e paralelismos, que parecem desembocar na Convenção. Cloutz propõe que o Deus Único seja o povo, e a Deusa Razão, de Chaumette, levará na mão o cetro de Júpiter-Povo.

Fracassada a tentativa revolucionária, e retomadas as igrejas, não tardará muito a aparecer a tentativa de Auguste Comte, de fundação da Religião da Humanidade. Nessa linha milenar se insere o racionalismo espírita, que surge com Kardec, em meados do século dezenove, como a síntese definitiva de um grande processo histórico. O Espiritismo representa o triunfo decisivo da razão. Não sobre a fé, com a qual se estabelece o equilíbrio, mas sobre o dogmatismo fideísta, que em nome da última asfixiava a primeira.

*

CAPÍTULO V - MUNDO DE REGENERAÇÃO

1. HUMANIDADE CÓSMICA — Aquilo que há cem anos parecia uma simples utopia, ou a alucinação de um visionário, hoje já se tornou admitido até mesmo pelos mais fortes redutos da tradição terrena. A evolução acelerou-se de tal forma, no transcorrer deste século, a partir da publicação de "O Livro dos Espíritos", que o sonho de uma humanidade cósmica parece prestes a mostrar-nos a sua face real, através das conquistas da ciência. Nossos primeiros vôos nas vastidões espaciais alargaram as perspectivas da vida humana, ao mesmo tempo que as investigações do cosmos modificaram a posição dos cientistas e dos próprios setores religiosos mais tradicionais. Admite-se a existência de mundos habitados, em nosso sistema e fora dele, e a possibilidade do estabelecimento de um próximo intercâmbio entre as esferas celestes.

"O Livro dos Espíritos" já afirmava, desde meados do século dezenove, que o cosmos está povoado de humanidades. E Kardec inaugurou as relações interplanetárias conscientes, através das comunicações mediúnicas, obtendo informações da vida em outros globos do nosso próprio sistema solar. Na secção "Palestras Familiares de Além-Túmulo", da *Revue Spirite*, Kardec publicou numerosas conversações com habitantes de outros planetas, alguns deles, como Mozart e Pallissy, emigrados da Terra para mundos melhores. Todo o capítulo terceiro da primeira parte de "O Livro dos Espíritos" refere-se ao problema da criação e da formação dos mundos, contendo, do item 55 ao 58, os períodos anunciadores da "Pluralidade dos Mundos".

Os Espíritos afirmaram a Kardec que todos os mundos são habitados. A audácia da tese parece temerária, e está ainda muito longe de ser admitida. Mas é evidente que em parte já está sendo aceita por todo o mundo civilizado. Por outro lado, a condição fundamental para a sua aceitação já foi também admitida: a de que as formas de vida variam ao infinito, de mundo para mundo, uma vez que a constituição dos próprios globos é também a mais variada possível. Hoje, nos países cientificamente mais adiantados, como os Estados Unidos e a Rússia, fazem-se experiências de laboratório para o estudo da astrobiologia. As sondas espaciais, por sua vez, demonstraram a existência de vida microscópica nas mais distantes regiões do espaço, e o exame de aerólitos vem demonstrando que as pedras estelares trazem para a terra restos de fósseis desconhecidos.

Concomitantemente com esses progressos, na própria Terra as investigações científicas se ampliaram, revelando através da Física, da Biologia e da Psicologia, novas dimensões da vida. A Física Nuclear, a Biônica, a Cibernética e a Parapsicologia modificam a nossa posição diante dos problemas do mundo e da vida. Os parapsicólogos demonstram a existência de um substrato extrafísico na mente humana, e, portanto, na constituição do homem, ao mesmo tempo que os físicos nucleares revelam a natureza energética da matéria. Nossas concepções

vão sendo impulsionadas irresistivelmente além do domínio físico, em todos os sentidos. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais uma utopia ou uma simples alucinação.

No item 55 de "O Livro dos Espíritos", encontramos esta afirmação, em resposta à pergunta de Kardec sobre a habitabilidade de todos os mundos: "Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles." No item 56 vemos esta antecipação: a constituição dos diferentes mundos não se assemelha. E no item 57, a explicação de que os mundos mais distantes do sol têm outras fontes de luz e calor, que ainda não conhecemos.

A tese da pluralidade dos mundos habitados leva-nos imediatamente ao conceito de solidariedade cósmica. No item 176 encontramos a afirmação de que: "todos os mundos são solidários". Esta solidariedade se traduz pelo intercâmbio reencarnatório. Os espíritos mudam de globos, de acordo com as necessidades ou conveniências de seu processo evolutivo. Essas migrações, entretanto, não são feitas ao acaso, mas segundo as leis universais da evolução. Cada mundo se encontra num determinado grau de aperfeiçoamento. Suas portas serão franqueadas aos espíritos, na proporção em que estes vão, por sua vez, atingindo graus superiores em sua evolução pessoal. Como os homens, nas relações internacionais, espíritos superiores podem reencarnar-se em mundos inferiores, cumprindo missões civilizadoras. Da mesma maneira, espíritos de mundos inferiores podem estagiar em mundos superiores se estiverem em condições para isso, e voltar aos seus globos, para ajudá-los a melhorar.

A humanidade cósmica é solidária, e a civilização cósmica é infinitamente superior ao nosso pobre estágio terreno, de que tanto nos vangloriamos. Há mundos de densidade física fora do alcance dos nossos sentidos, habitados por humanidades que nos pareceriam fluídicas, e que não obstante são, no plano em que se encontram, concretas e definidas. Humanidades felizes, que se utilizam de corpos leves e habitam regiões paradisíacas, numa estrutura social em que prevalecem o bem, o amor e a paz, o perfeito entendimento entre as criaturas. Humanidades livres da escravidão dos instintos animais e dos corrosivos morais do egoísmo e do orgulho, que infelicitam os mundos inferiores.

"A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea", ensina Kardec, no comentário que faz ao item 191 de "O Livro dos Espíritos". Os espíritos passam gradativamente "do estado de embrião ao de infância, para chegarem, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea". Assim, as concepções geocêntricas de céu e inferno, como prêmio ou castigo eternos de uma curta existência num pequeno mundo inferior, são substituídas pela compreensão copérnica da vida universal e do progresso infinito para todas as criaturas. Bastaria esta rápida visão da humanidade cósmica para nos mostrar como ainda estamos, infelizmente, distantes de uma assimilação perfeita da Doutrina Espírita. Quando conseguirmos compreender integralmente esta cosmo-sociologia e suas imensas conseqüências, estaremos à altura do Espiritismo.

2. DESTINAÇÃO DA TERRA — Os Espíritos explicam, no capítulo terceiro da primeira parte de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: “A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa que absoluta. Um mundo é inferior ou superior em relação aos que estão abaixo ou acima dele, na escala progressiva.” A medida cósmica é a evolução. “Embaixo” e “em cima” são expressões graduais, e não locais. A terra já foi um mundo inferior, quando habitado pela humanidade primitiva que nela se desenvolveu. O seu progresso foi ainda incentivado por migrações de espíritos, realizadas em massa, no momento em que um mundo distante conseguiu subir na escala dos mundos. Seus “resíduos evolutivos” foram então transferidos para o nosso planeta. Criaturas superiores aos habitantes terrenos, exilados na Terra, deram-lhe extraordinário impulso evolutivo. Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.

Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está prestes a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração. Vejamos, porém, como explicar o nosso estágio atual. Ensina “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo citado: “A superioridade da inteligência de um grande número de habitantes indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles revelam são a prova de que já viveram, e de que realizaram algum progresso. Mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o índice de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou numa terra ingrata, para aí expiarem as suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que mereçam passar para um mundo mais feliz.”

Ao mesmo tempo, Espíritos ainda na infância evolutiva, e Espíritos de um grau intermediário, mesclam-se às coletividades em expiação. Representamos uma mistura de exilados e população aborígine. Os antigos habitantes do mundo primitivo convivem com os imigrantes civilizadores. Mas estes mesmos civilizadores ainda são bastante imperfeitos, e realizam sua missão expiando as faltas cometidas em outros mundos. A explicação prossegue: “A Terra nos oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, de que as variações são infinitas, mas que têm por caráter comum o de servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo com a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho, que desenvolve simultaneamente as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, transforma o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito.”

Esta bela comunicação é assinada por Santo Agostinho, que usa o título de santo para fins de identificação. A seguir, com a mesma assinatura, temos uma mensagem sobre a condição do mundo em que o nosso planeta se transformará: o mundo de regeneração. Estes mundos, explica o Espírito: “servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes”. São, portanto, simples escalas de aperfeiçoamento na cadeia universal dos mundos. Prossegue a informação espiritual: “Nesses mundos, sem dúvida o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas livre das paixões desordenadas que vos escravizam.” Estas frases traduzem uma bem-aventurança com que há muito sonhamos: “A palavra amor está gravada em todas as frentes; uma perfeita equidade regula as relações sociais.”

Não estamos diante de uma humanidade perfeita, mas apenas de um grau de evolução superior ao nosso. O homem ainda é falível, sujeito a se deixar levar por resíduos do passado, arriscando-se a cair de novo em mundos expiatórios para enfrentar provas terríveis. Quem não verifica o realismo desta descrição, comparando o nosso desenvolvimento atual com o nosso passado, e verificando as diretrizes do progresso terreno? Os Espíritos não anunciam uma transição miraculosa, mas uma transformação progressiva do mundo, que já está em plena realização. Nosso mundo de regeneração será mais ou menos feliz, segundo a nossa capacidade de construí-lo. O homem terreno atingiu o grau evolutivo que lhe permite responder plenamente pelas suas ações. Deus respeita o seu livre-arbítrio, para que ele possa aumentar a sua responsabilidade.

No mesmo capítulo citado, e com a mesma assinatura espiritual encontramos ainda estes esclarecimentos. "Acompanhando o progresso moral dos seres vivos, os mundos por eles habitados progredem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles mesmos avançam na via do progresso. Assim, marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e das habitações, porque nada é estacionário na natureza. Quanto esta idéia é grande e digna do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder, a que concentra a sua solicitude e a sua providência sobre o imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!"

Esta concepção cósmica não é grandiosa apenas no seu aspecto exterior, mas também e principalmente no seu sentido subjetivo, e, portanto, profundo. O que mais se afirma, em toda a sua extensão, é o princípio de liberdade e de responsabilidade humanas. Os Espíritos, que são as criaturas humanas, encarnadas ou não, aparecem como os artífices do seu próprio destino pessoal e coletivo, e como os demiurgos platônicos que modelam os mundos. Deus lhes oferece a matéria-prima das construções, mas são eles os que constroem, com inteira liberdade — dentro das limitações naturais das condições de vida em cada plano — cometendo crimes ou praticando atos de justiça, bondade e heroísmo, para colherem os resultados de suas próprias ações.

O sentido ético dessa concepção é revolucionário. Deus não está, diante dela, em nenhuma das duas posições clássicas do pensamento filosófico e religioso: nem como o Ato Puro de Aristóteles, indiferente ao Mundo, nem como o Jeová humaníssimo da Bíblia, comandando exércitos e dirigindo as ações humanas. Só mesmo a síntese cristã do Deus Pai, velando paternalmente pelos filhos, corresponde à sua grandeza. E é justamente essa síntese que se corporifica na idéia de Deus da concepção espírita. Mas, como até hoje, o Deus Pai do Cristianismo não se efetivou entre os homens, o Espiritismo o apresenta em novas dimensões, promovendo a sua revolução ética no mundo em transição.

3. ORDEM MORAL — É precisamente a revolução ética do Espiritismo que estabelecerá a ordem moral do mundo de regeneração. Aquilo que hoje chamamos ordem social, porque baseada nas relações de sociedades que implicam transações utilitárias, será de tal maneira modificada, que poderemos mudar a sua designação. A humanidade regenerada, embora ainda não tenha atingido a perfeição relativa dos mundos felizes, viverá numa estrutura de relações de tipo

moral. Os valores pragmáticos serão substituídos naturalmente pelos valores morais, porque o homem não mais valerá pelo que possui, em dinheiro, propriedades ou poder político, mas pelo que revela em capacidade intelectual e aprimoramento espiritual.

A dinâmica social da caridade, que o Espiritismo hoje desenvolve ativamente, em nosso mundo de provas e expiações, tem por finalidade romper o egocentrismo social dos indivíduos atuais, para em seu lugar fazer desabrochar o altruísmo moral, que caracterizará o cidadão do futuro. Mesmo no meio espírita, muitas pessoas não compreendem o sentido da filantropia espírita, entendendo que ela se confunde com os remendos de consciência das esmolos dos ricos. A verdade, porém, é que a caridade é o único antídoto eficaz do egoísmo, esse corrosivo psíquico, que envenena os espíritos e toda a sociedade. A prática da caridade é o aprendizado necessário do altruísmo, é o treinamento moral das criaturas em expiação e prova, com vistas ao mundo de regeneração.

Vemos no item 913 de "O Livro dos Espíritos" essa colocação precisa do problema: "Estudai todos os vícios, e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não chegareis a extirpá-los, enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades."

Mas a prática da caridade não pode limitar-se à criação de serviços de assistência. A caridade espírita não é paternalista, mas fraterna. Não pode traduzir-se em protecionismo, mas em ajuda mútua: a mão que distribui não socorre apenas, porque também recebe. Só há uma paternidade: a de Deus. Sob ela, desenvolve-se a fraternidade humana, com deveres e direitos recíprocos. No capítulo XV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", item 5, encontramos esta exposição do problema: "Caridade e humildade são as únicas vias de salvação; egoísmo e orgulho, as de perdição. Este princípio é formulado em termos precisos nas seguintes frases: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo: toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos." E para que não houvesse equívoco na interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta-se: "E eis o segundo mandamento, semelhante ao primeiro." Quer dizer que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus, de maneira que tudo o que se faz contra o próximo, contra Deus se faz. Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação."

"O Livro dos Espíritos", em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: "De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material e, sobretudo, com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as

usanças e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo."

O amor do próximo não pode existir sem o amor de Deus, e vice-versa, porque o apego ao mundo, aos bens materiais, aos valores transitórios da terra, aguça o egoísmo. A "importância da personalidade", por sua vez, é incentivada pela ordem social utilitária, baseada no jogo de interesses imediatistas. A compreensão espírita do mundo e do destino do homem modificará a ordem social. A certeza da sobrevivência e o conhecimento da lei de evolução arrancarão o homem das garras do imediatismo: ele pensará no futuro. Assim fazendo, verá as coisas de mais alto e aprenderá que o valor supremo e o supremo bem estão nas leis de Deus, que são a justiça, o amor e a caridade. Compreender isso é amar a Deus, amar a Deus é praticar as suas leis. Sem o amor de Deus, o homem alimenta o amor de si mesmo, o egoísmo, que o liga estreitamente ao mundo e aos seus bens transitórios e falsos.

A referência às instituições egocêntricas, à legislação humana, contrária às leis de Deus, à organização social e injusta e à educação deformante, mostram-nos o que acima acentuamos, ou seja, que a caridade não se limita à assistência. De que vale amparar apenas os pobres, os necessitados, e entregar à loucura e à embriaguez do dinheiro e do poder os ricos do mundo? Espiritualmente os dois são necessitados, pois o rico voltará na pobreza, a fim de corrigir-se pela reencarnação. Cumpre, por isso mesmo, lutar pela transformação social, pela modificação da ordem egoísta que incentiva e perpetua o egoísmo, no círculo das reencarnações dolorosas.

Qual, porém, a maneira de lutarmos por essa transformação? O item 914 o aponta: a educação. E Kardec, no comentário final sobre o item 917, o reafirma: "A cura poderá ser prolongada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-ão endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas." As respostas dadas a Kardec eram de Fénelon, um educador. O próprio Kardec, pedagogo, estava à altura de compreender, e prontamente endossou a opinião do Espírito.

As pessoas pouco afeitas ao estudo dos problemas políticos e sociais estranharão o caminho indicado. Não obstante, se foi Platão o primeiro a tentar a reforma do mundo pela educação, com a sua "República", foi Rousseau o primeiro a obter resultados positivos nesse sentido. Ambos eram utópicos, mas exerceram poderosa influência no mundo. E depois deles, compreendeu-se, principalmente a partir da Revolução Francesa, que nenhuma transformação podia efetuar-se e manter-se, sem apoiar-se na educação. As próprias formas de transformação violenta, como a Revolução Comunista e as Revoluções Nazista e Fascista, na Alemanha e na Itália, apoiaram-se imediatamente na educação. Porque a educação é a orientação das novas gerações, e a transmissão às mesmas de todo o acervo cultural da civilização: é a criação do futuro, a sua elaboração.

Educar, entretanto, não é apenas lecionar, ensinar nas escolas. A educação abrange todos os setores das atividades humanas e todas as idades e condi-

ções do homem. Daí a conclusão de Kardec, no mesmo comentário citado: "O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro." A educação espírita deve ser feita em todos os sentidos, através da palavra e do exemplo, numa luta incessante contra o egoísmo e em favor da caridade.

Nos capítulos sobre a lei de igualdade e a lei de justiça, amor e caridade, Kardec e os Espíritos apontam os rumos dessa batalha pela transformação do mundo. O próprio Espiritismo é um gigantesco esforço de educação do mundo, para que a humanidade regenerada de amanhã possa substituir o quanto antes a humanidade expiatória de hoje. Mas é necessário que os espíritas se eduquem no conhecimento e na prática da doutrina, para que possam educar o mundo nos princípios de renovação, que receberam do Consolador.

4. IMPÉRIO DA JUSTIÇA — A ordem moral será o império da justiça. O mundo de regeneração não poderá efetivar-se, portanto, enquanto não criarmos na Terra uma estrutura social baseada na justiça. Já vimos que a tarefa é nossa, pois o mundo nos foi dado como campo de experiência. Submetidos a expiações e provas aprendemos que o egoísmo é nefasto e que devemos lutar pelo altruísmo, a começar de nós mesmos. Mas como fazê-lo? Qual o critério a seguir, para que a educação espírita do mundo se converta em realidade, produzindo os frutos necessários?

Kardec nos explica; ao comentar o item 876: "O critério da verdadeira justiça é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria para si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, pois isso não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal como norma de partida, podemos estar certos de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo."

O critério apontado, como vemos, é o da caridade. O império da justiça começará pelo reconhecimento recíproco dos direitos do próximo. A lei de igualdade regerá esse processo. Kardec declara ao comentar o item 803: "Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu, portanto, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Todos são iguais diante dele."

Liberdade, igualdade e fraternidade, são os rumos da civilização. Em "Obras Póstumas" aparece um trabalho de Kardec sobre esses três princípios, tantas vezes deturpados, mas que deverão predominar no mundo de justiça. Escreveu o codificador: "Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação." A seguir, Kardec coloca a fraternidade como princípio básico, apontando a igualdade e a fraternidade como seus corolários.

A igualdade absoluta não é possível, dizem os contraditores dos ideais igualitários, alguns mesmo alegando que a desigualdade é lei da natureza. Citam, em favor dessa tese, o fenômeno da individualização, bem como a diversi-

dade de aptidões. Lembrem que os próprios minerais, vegetais e animais se diversificam ao infinito. Mas esquecem-se de que a lei natural não é a desigualdade, mas a igualdade na diversidade. Vimos como Kardec define a igualdade dos homens perante Deus. Vejamos também a sua explicação das desigualdades no plano social, que é precisamente o plano material da fragmentação e da especificação.

Escreveu Kardec, no comentário ao item 805: "Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado como Espírito. Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir, e também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei da caridade, que os deve unir!"

Nada existe como absoluto em nosso mundo, que é naturalmente relativo. A fraternidade, a igualdade e a liberdade são conceitos relativos, que tendem, porém, para a efetivação absoluta, através da evolução. No mundo de regeneração esses conceitos encontrarão maiores possibilidades de se efetivarem, porque a evolução moral terá levado os homens a se aproximarem dos arquétipos ideais. O Espiritismo nos convida à superação do relativismo material, para a compreensão dos planos superiores a que nos destinamos, como indivíduos e como coletividade. Nossa marcha evolutiva está precisamente traçada entre o relativo e o absoluto.

O império da justiça, no mundo de regeneração, marcará o início da libertação dos Espíritos que permanecerem na Terra. Mas esse mesmo fato representará a continuidade da escravidão, para os que forem obrigados a retirar-se para mundos inferiores. A desigualdade se manifesta na separação das duas coletividades espirituais, mas apenas como uma condição temporária da evolução, determinada pelas próprias exigências da igualdade fundamental das criaturas. Essa igualdade fundamental, que se define como de origem, natureza e essência, — origem, pela criação divina, comum a todos os espíritos; natureza, pela mesma qualidade, que é a individualização do princípio inteligente; e essência, pela mesma constituição espiritual e potencialidade consciencial; — desenvolve-se através da existência, nas fases sucessivas da evolução, que constituem as formas temporárias de desigualdade, para voltar à igualdade no plano superior da perfeição. Trata-se de um processo dialético de desenvolvimento do ser. Podemos figurá-lo assim: os espíritos partem da igualdade originária, passam pelas desigualdades existenciais, e atingem finalmente a igualdade essencial.

A justiça de Deus é absoluta, e por isso mesmo escapa às nossas mentes relativas. Mas na proporção em que formos evoluindo, alargaremos as nossas perspectivas mentais, para atingir a compreensão das coisas que hoje nos escapam. O Espiritismo é doutrina do futuro, que age no presente como impulso, levando-nos em direção aos planos superiores. É natural que muitos adeptos não o compreendam imediatamente, na inteireza de seus princípios e de seus objetivos. Mas é dever de todos procurar compreendê-lo, pelo estudo atento e humilde, pois sem a humildade necessária, arriscamo-nos à incompreensão orgulhosa e arrogante.

À maneira do Reino do Céu, pregado pelo Cristo, e das leis do Reino, que ele ensinou aos seus discípulos, o Espiritismo prepara o império da justiça na Terra. Não pode fazê-lo senão pela prática imediata da justiça através dos princípios que nos oferece, convidando-nos à aplicação pessoal dos mesmos em nossas vidas individuais, e sua natural extensão, pelo ensino e o exemplo, ao meio em que vivemos. A transformação espírita do mundo começa no coração de cada criatura que a deseja. Por isso ensinava o Cristo que o Reino de Deus está dentro de nós, e que não começa por sinais exteriores.

*

3 – Dialética do conhecimento: percepção, desenvolvimento mental, conceituação e consciência.

Livro: O Espírito e o Tempo (continuação)

O PROBLEMA DO CONHECIMENTO — Já vimos, nos capítulos anteriores, que o problema do conhecimento se apresenta como um processo histórico, que se desenvolve através de fases sucessivas, precisamente definidas. O que dissemos da tradição filosófica reafirma essa tese. Ao estudar os horizontes culturais, vimos que o conhecimento positivo só se tornou possível com a superação das fases anímica, mítica e religiosa, no momento em que as ciências começaram a desenvolver-se. Kardec explica, no capítulo primeiro de “A Gênese”, que o Espiritismo só poderia aparecer depois do desenvolvimento das ciências. Que diríamos disso, ao lembrar que as ciências, segundo vimos acima, deram origem ao materialismo?

A Filosofia Espírita é dialética: explica a realidade através das suas próprias contradições. O aparecimento das ciências e seu desenvolvimento colocaram o homem diante da realidade objetiva. Essa realidade afugentou os fantasmas da superstição, mas ao mesmo tempo facilitou a compreensão do fenômeno mediúnico. Se, por um lado, as pessoas mais apegadas ao plano físico negaram a existência de vida além da matéria, por outro lado, as pessoas mais desapegadas foram capazes de interpretar a mediunidade de maneira racional. A consequência apresentou-se de maneira dupla: surgiu o materialismo, mas surgiu também o espiritualismo científico.

O Espiritismo se apresenta, assim, como um processo gnoseológico especial, ou seja, como uma forma especial do processo do conhecimento. Superadas as fases anteriores da evolução, o homem se torna apto a captar a realidade de maneira mais intensa. Desapareceram os embaraços da superstição, e o campo visual do homem se tomou mais claro e mais amplo. Liberto do temor de Deus e do Diabo, o homem se reconhece a si mesmo como uma inteligência autônoma, atuante na matéria. Ao reconhecer isso, percebe que a dualidade espírito-matéria, anteriormente percebida de maneira confusa, esclarece-se. A inteligência humana é um poder atuante, que supera também o mistério da morte.

O desenvolvimento e o treinamento da razão através da Idade Média, e a conseqüente eclosão do racionalismo na Renascença, liberto da garga das emoções primitivas e das elaborações teológicas do misticismo, conferem ao homem a maturidade suficiente para enfrentar a realidade como ela é. Os fenômenos anímicos e mediúnicos do passado podem agora ser examinados de maneira racional. A captação da realidade já não é mais emocional. As categorias da Azão definiram-se e aguçaram-se, permitindo uma captação direta do “aqui” e do “agora” existenciais, sem a mescla das sensações confusas e das emoções turbilhonantes do passado. A razão, dominando o caos das sensações e das emoções, equaciona de novo a realidade psicofísica: põe o psiquismo humano e a realidade exterior sobre a mesa, para uma avaliação direta.

Surge, em conseqüência dessa nova forma de captação e de julgamento do real, uma nova concepção do mundo. Essa concepção é ao mesmo tempo

A tica e genética. Do ponto de vista crítico, ela julga o passado, a antiga concepção e a antiga posição do homem diante do mundo. Do ponto de vista genético, ela constrói uma nova concepção e uma nova posição. Lembrando ainda a lei

dos três Estados, de Augusto Comte, poderemos dizer que a nova concepção se apresenta como uma síntese da oposição dialética entre o “estado teológico” e o “estado positivo”. Por isso mesmo é que a dualidade de conseqüências, a que acima nos referimos, teria fatalmente de ocorrer. Ao sair do “estado teológico” e entrar no “estado positivo”, o homem tinha fatalmente de elaborar a sua concepção positiva do mundo, ou seja, a concepção materialista. No mesmo instante, porém, esta concepção surgia como oposição à concepção teológica. O processo dialético se completa na síntese espírita: a concepção espírita do mundo reúne o misticismo teológico e o cientificismo positivo. Daí a sua natureza de espiritualismo-científico.

Julgar o mundo é avaliá-lo. A concepção espírita equivale, portanto, a uma reavaliação do mundo. Diante dela, os antigos valores estão peremptos, superados. Também para a concepção materialista, os antigos valores tinham perecido. O materialismo substituíra os valores espirituais e morais pelos valores

litários. Mas o Espiritismo reformula os dois campos e modifica a posição de ambos. Os valores espirituais são reconduzidos ao primado do espírito, mas os valores morais e materiais não são desprezados ou subestimados, como na antiga Mística. Há um novo critério valorativo: a lei de evolução. Este critério substitui, por um processo de síntese dialética, os dois critérios que anteriormente se opunham: o salvacionista e o pragmático. A salvação não está mais na fuga ao utilitário, mas no bom uso do utilitário, em favor da evolução.

A axiologia espírita não é antropológica. Sua escala de valores não funciona em relação ao homem, mas à realidade universal. É o que vemos, por exemplo, nesta afirmação de Kardec, em seu comentário ao item 236 de “O Livro dos Espíritos”: “Nada existe de inútil na Natureza; cada coisa tem a sua finalidade, a sua destinação.” As coisas valem, não em referência aos interesses passageiros do homem, mas em referência ao processo cósmico de evolução, dentro do qual o homem se encontra como uma forma passageira do Espírito. Este é imortal, e por isso mesmo sabe que as circunstâncias não podem determinar uma escala real de valores. O próprio homem vale pelo quanto evolui, e não pelo que é ou pelo que aparenta ser, num dado momento.

Essa nova axiologia tem suas conseqüências no plano da cosmologia e da cosmogonia. Na cosmologia, Kardec afirma: “Todas as leis da Natureza são leis divinas.” (cap. I de “O Livro dos Espíritos.”) A estrutura de leis naturais do cosmos não se restringe ao plano físico, porque é uma estrutura global, que abrange, segundo os termos da moderna ontologia do objeto, todas as regiões ontológicas. A cosmologia espírita é íntegra, e não dualista. É um todo, em que não há sobrenatural e natural, pois o cosmos é um processo único. Na cosmogonia é que vai surgir o dualismo, porque o cosmos aparece como criação. Temos então a dualidade Criador e Criatura. Mas essa dualidade, mesmo no plano

mogônico, que pertence à religião espírita, explica-se como causa e efeito, numa espécie de polaridade, que, segundo advertem os Espíritos, nossa inteligência atual não consegue apreender em sua verdadeira natureza. Não obstante, a evolução nos assegura, desde já, que a compreensão se tornará possível no futuro, pois é dado ao homem saber, na proporção em que ele cresce espiritualmente.

Chegamos assim a um aspecto da teoria espírita do conhecimento que é de fundamental importância, porque resolve naturalmente o velho problema filosófico dos limites do saber, e resolve até mesmo o impasse a que, nesse terre-

no, chegou o pensamento kantiano. Para a Filosofia Espírita, não há zonas interditas ao conhecimento humano. O saber metafísico é tão possível quanto o

Acional. A própria razão transcende os limites de suas categorias, na proporção em que novas experiências lhe vão sendo acessíveis. O homem é um processo, e na proporção em que se desenvolve, supera-se a si mesmo, superando as suas limitações. A interdição às zonas superiores do conhecimento não decorre de nenhuma determinação misteriosa, e nem mesmo de qualquer espécie de incapacidade, mas apenas da falta de crescimento, de desenvolvimento, de evolução e maturação do homem.

O problema das origens é, por enquanto, de ordem religiosa, ou como Kardec prefere dizer: moral. Deus criou o mundo, mas como e por que, ainda não o podemos saber. O que sabemos, sem dúvida possível, é que o mundo existe e nós existimos nele. A Filosofia Espírita parte dessa realidade existencial,

Ara investigar as suas dimensões, que não se restringem ao simples existir, mas se ampliam no evoluir, no vir-a-ser. O que sabemos é que o homem, como todas as coisas, evolui, e que o destino do homem é transcender-se a si mesmo.

*

SEGUNDA PARTE

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

Conceito de Filosofia Espírita

Livro: Introdução à Filosofia Espírita – J. Herculano Pires

PERFIL DA FILOSOFIA ESPIRITA

I – Introdução. Raízes das coordenadas da evolução humana: o tempo e o pensamento.

Uma introdução à Filosofia Espírita exige longa pesquisa de suas raízes nas coordenadas da evolução humana: o tempo e o pensamento. A História da Filosofia é um *continuum*, que nasce da primeira indagação do homem sobre a Natureza e depois sobre a vida e sobre ele mesmo. Da Magia à Religião e desta à Filosofia o pensamento se desenrola numa seqüência ininterrupta de formulações pessoais que se encadeiam em processo dialético. Não existe a seqüência tantas vezes apresentada de Magia-Religião-Ciência-Filosofia. O que realmente existe é um paralelismo de ação mental que parte da primeira tomada de consciência do Mundo pelo homem. Na primeira paralela temos a seqüência Magia-Religião, que se desenvolve no plano da afetividade. Na segunda paralela temos a seqüência Experiência-Ciência-Filosofia, que se desenvolve no plano da razão. Entre as duas, interligando o fluido do sentimento e da razão, temos a faixa de terra da *práxis*, onde o homem opera desenvolvendo a sua capacidade de manusear as coisas e os seres. Desse manuseio nasce o complexo do Conhecimento, delta em que vão desaguar as correntes paralelas para a fusão que dará forma ao dualismo Cultura-Civilização.

Kercheinstainer caracterizou com clareza os dois elementos desse complexo com sua teoria da Cultura Subjetiva e Cultura Objetiva. A primeira é o acúmulo de conhecimentos abstratos de um aglomerado social isolado por contingências geográficas. A segunda é o acervo de obras materiais produzido por esse aglomerado. O desenvolvimento da Técnica vai superando no tempo as distâncias dos aglomerados humanos e promovendo as aproximações que determinam a fusão das culturas isoladas num sistema cultural único, já em vias de conclusão em nosso tempo.

Ernst Cassirer mostrou como as culturas desaparecidas concentram-se nas obras materiais que produziram, das quais renascem ao toque de novas culturas, como aconteceu no Renascimento. Os resíduos válidos de antigas e superadas culturas são então incorporados a novos sistemas culturais. A seqüência aparentemente interrompida se restabelece e a acumulação cultural se agiganta, gerando a Tragédia da Cultura, pois o enorme acervo transcende a capacidade de assimilação da mente humana e determina a fragmentação das especializações. Arnold Toynbee assinalou a relação entre Religião e Civilização, que se caracteriza no desenvolvimento dos ciclos culturais. A teoria dos ciclos vem de longe e teve grande voga entre os gregos. Cada ciclo é uma fase do desenvolvimento cultural, que se encerra para dar início a outro. Do ciclo das Civilizações Agrárias surgiu ciclo gigantesco das Civilizações Orientais, massivas e teocráticas, que se fechou na Pérsia, projetando as suas conquistas na Grécia, onde surgiram as civilizações antípodas de Esparta e Atenas. Roma herdou e desenvolveu ao máximo o espólio espartano, em mistura com o florescimento da democracia ateniense, tipicamente filosófica. Plotino deu seqüência ao platonismo tentou realizar a campanha italiana do sonho da República de Platão. Mas o ciclo da civi-

lização greco-romana chegava ao fim. Duas novas civilizações lutavam para definir-se asfixiadas pelo poder romano: a Judaica, na Ásia, e a Celta, na Europa.

Foi então que surgiu a Síntese Cristã, infiltrando-se na Europa com seus princípios renovadores, minando o Império Romano em suas bases e encontrando ressonância na Cultura Celta, dominante nas Gálias. O Cristianismo iniciava um novo ciclo, que iria desenvolver-se penosa mas rapidamente, graças à dinâmica social dos seus princípios. O esplendor da Filosofia Grega deixaria na sombra os princípios do Celtismo. Mas Aristóteles já havia advertido que os celtas era o único povo filósofo do mundo. Dois milênios passariam na estruturação dos primórdios da Civilização Cristã, impregnada de resíduos greco-romanos e judeus. Mas as sementes do Druidismo, religião dos celtas, aguardavam no chão da Europa o momento propício à sua germinação. Coube a Allan Kardec um nome druida — revelar a sintonia celta-cristã e anunciar o nascimento de um novo ciclo. Rejeitado pela cultura dominante, como fora Cristo em seu tempo, Kardec enfrentou os poderes da época e proclamou o advento da Era Espírita. Elaborou os seus fundamentos, apoiado nas bases tríplexes da Ciência, da Filosofia e da Religião. A Filosofia Espírita definiu-se como o fulcro de um novo ciclo da evolução humana. Não se trata de um fato ocasional ou isolado, mas do resultado de todo o processo histórico do pensamento, ou da razão, como queria Hegel, em seu desenrolar na temporalidade.

DO INDIVÍDUO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA

Na tribo ou na horda, nas civilizações agrárias ou nas civilizações teocráticas, o indivíduo é apenas uma peça da engrenagem social. Funciona segundo as exigências do meio, guiado pelas forças operantes da estrutura sócio-cultural. Denis de Rougemont demonstrou como essas forças determinam a sujeição absoluta do indivíduo à estrutura. Quando ele se reconhece dotado de características próprias, realizando-se na transcendência horizontal da relação social, destaca-se da massa. Corre então o risco da excomunhão. Mas se dispuser de estrutura individual suficientemente unificada (personalidade) poderá elevar-se sobre o meio, iniciando a fase da transcendência vertical. Nesse caso ele se projeta como uma forma de representação coletiva. Será então o chefe, o líder, o guia, integrando o grupo dirigente da comunidade, a sua *inteligência*. Mas assim mesmo estará freado pelos condicionamentos sociais, terá de fazer concessões à moral social, aos sistemas estabelecidos, às crenças vigentes, ao contexto geral da tradição. Se quiser sobrepor-se a esses fatores poderá ser esmagado pela pressão da massa, traduzida nas sanções institucionais. Foi o caso de Sócrates, como foi o caso de Jesus.

Nas civilizações sócio-cêntricas do passado, que se desenvolviam isoladas, esse processo de representação coletiva, que na tribo se dividia entre o cacique e o pagé — o primeiro representando o poder humano, o segundo o poder espiritual, fundiu-se na síntese do Rei-Deus, sagrado e ungido para dirigir e defender o povo. A reação natural à rigidez dessa institucionalização perigosa se fez sentir no campo das manifestações paranormais, através de profetas, oráculos e pitonizas. João Batista degolado por ordem de Herodes é talvez o símbolo mais vigoroso da profecia social como revolta contra a sagração artificial dos reis-deuses. Mas a representação coletiva atingiu o seu ponto máximo na figura do Messias — o sol fecundador das messes após as agruras do inverno, segundo a tese mitológica. Os messias eram os salvadores e ao mesmo tempo os vingadores, os que vinham salvar os humildes e castigar os poderosos. Investidos da sa-

gração divina pelo próprio Deus, centralizavam na sua individualidade privilegiada, os poderes da Terra e do Céu. Os seus ensinamentos constituíam uma revelação divina, pela boca desses arautos falava o próprio Deus.

Kardec analisou esse processo e definiu as revelações messiânicas como *personais e locais*, típica das civilizações isoladas, dirigidas a uma comunidade determinada em sua localização geográfica. Nos fins do ciclo de isolamento, quando a síntese sócio-cultural greco-romana tentava abranger o mundo e criava condições novas de vida, o messias judeu, Jesus de Nazaré - que mais tarde seria designado, significativamente, pelo nome do messias grego: Cristo, apresentou-se ainda como revelador pessoal e local, mas já abrindo perspectivas, em seus ensinamentos, para a universalidade que caracterizaria o desenvolvimento do Cristianismo, rompendo ao mesmo tempo o sócio-centrismo judeu e as pretensões romanas de hegemonia. A reação, tanto judaica quanto romana, foi esmagadora, mas não conseguiu deter o fluxo natural da evolução humana. A Igreja Cristã, formada segundo os modelos judaico e pagão, por força das determinantes históricas, apresenta-se então como curiosa síntese do Templo de Jerusalém e do Capitólio. A Cadeira de São Pedro substituiu, ao mesmo tempo, a Cadeira de Moisés e o Trono de César. O Deus-Pai de Jesus se reveste das características de Júpiter Capitolino e Roma volta a dominar o mundo. O Bispo de Roma transforma-se na representação coletiva das massas bárbaras convertidas ao Cristianismo. Na figura do Papa concentram-se os poderes da Terra e do Céu.

Entretanto, no milênio medieval o processo dialético prossegue lento e seguro. Um mundo novo está fermentando nas querelas absurdas e uma nova revelação está sendo elaborada nas suas entranhas psíquicas.

A Filosofia Grega inflama o pensamento cristão, despertando-o para a compreensão dos poderes do homem, do valor intrínseco do *ser humano*. O dogma da encarnação humana de Deus, reflexo das teorias egípcias e indianas do avatar búdico, produz efeitos contraditórios. De um lado, reforça temporariamente o conceito do homem-deus do passado; de outro lado, desperta a atenção dos pensadores para os poderes divinos do homem. A subversão vai se confirmar nessa linha com o desenvolvimento do Humanismo. A Ciência renascerá das cinzas de Aristóteles e o homem se fará o revelador racional dos mistérios encobertos pela mística religiosa.

As revelações pessoais e locais estão definitivamente superadas. Os messias do passado tornam-se místicos ignorantes, incapazes de revestir-se dos poderes da representação coletiva. A Revolução Francesa proclamará a supremacia da razão sobre todo o passado fideísta. Kardec poderá então distinguir dois tipos de revelação, ambos divorciados da mística e do mistério: a revelação científica, feita pelos pesquisadores dos mistérios da Natureza, e a revelação espiritual, feita através da mediunidade e da pesquisa dos fenômenos paranormais, das condições do mundo supra-sensível. A partir desse momento as revelações pessoais, locais ou não, não terão nenhum sentido. A verdade não pertence a ninguém em particular, a nenhum profeta, messias ou vidente. É um patrimônio comum, ao alcance de todos os que se esforçam para descobri-la. A revelação é coletiva.

O indivíduo como representação coletiva existiu e funcionou nas dimensões do passado, como exigência natural de um mundo fechado em si-mesmo, incapaz de superar os condicionamentos sócio-mesológicos de cada civilização isolada, entregue às suas próprias forças. No mundo novo que surgiu da abertura

cristã, tendo por paradigma a especulação ateniense e por bússola a mensagem racional do Evangelho, não há mais lugar para a autoridade individual no tocante à problemática da verdade, que brota do real-em-si e não das interpretações individuais, sujeitas a condicionamentos desconhecidos. Nenhum indivíduo transformado em representação coletiva e nenhum colégio de iluminados por sabedoria infusa podem decretar a verdade. A Filosofia dedutiva e sistemática do passado cedia lugar à lógica indutiva, liberta das predeterminações arbitrárias dos sistemas.

II — FILOSOFIA E ESPIRITISMO

1. *O que é Filosofia?*

É comum ouvir-se de pessoas que não aceitam o Espiritismo a afirmação de que a Filosofia Espírita não existe. Conhecido professor brasileiro de Filosofia chegou a declarar numa entrevista à imprensa brasileira que “O Livro dos Espíritos” nada tem de filosófico. A mesma coisa acontece com o Marxismo. Papini esforçou-se, em toda a sua vida, para provar que Marx era um economista e, portanto, não devia ser confundido com um filósofo. Como se um economista não pudesse e até mesmo não precisasse de filosofar. Sartre, pelo contrário, considera o Marxismo como a única Filosofia do nosso tempo. As opiniões são contraditórias, mas isso não nos deve impressionar, pois opiniões não passam de palpites, de pontos de vista individuais, sujeitos às idiossincrasias de cada um. E Pitágoras, o criador do termo Filosofia, já afirmava que a Terra é a morada da opinião. Mais tarde, Descartes advertiu que o preconceito e a precipitação, dois vícios comuns da espécie humana, prejudicam o juízo e impedem a descoberta da verdade.

Um filósofo, um professor de filosofia, um pensador honesto e até mesmo uma simples criatura de bom-senso não podem negar a existência da Filosofia Espírita, a menos que não saibam o que essa palavra significa. Muito menos negar a natureza filosófica de “O Livro dos Espíritos”, que é um verdadeiro tratado de Filosofia. Veja-se, por exemplo, como Yvonne Castellan, que não é espírita, encara esse livro em seu estudo sobre o Espiritismo. Consulte-se o “Dicionário Técnico e Científico de Filosofia” de Lalande. E leia-se o admirável ensaio de Gonzales Soriano, desafiadoramente intitulado “El Espiritismo es la Filosofia”.

São muitas as definições de Filosofia, mas a que subsiste como essencial é ainda a de Pitágoras: “Amor da Sabedoria”. Daí a exatidão daquele axioma: “A Filosofia é o pensamento debruçado sobre si mesmo”. Eis a descrição perfeita de um ato de amor: a mãe se debruça sobre o filho porque o ama e deseja conhecê-lo. A sabedoria é filha do pensamento, que a embala em seus braços, alimentando-a e fazendo-a crescer. Assim, o objeto da Filosofia é ela mesma, não está fora, no exterior, mas dentro dela. Podemos defini-lo como a relação entre o pensamento e a realidade. Essa a razão de Gonzales Soriano afirmar que o Espiritismo é “a Filosofia”. Razão, aliás, que ele demonstra filosoficamente em seu livro. O Espiritismo é, segundo sua definição, “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade.” É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade.

2. — *O que é Espiritismo?*

Respondida a pergunta sobre Filosofia devemos tratar ligeiramente da natureza do Espiritismo. E nada mais necessário do que isso, porque nada mais desconhecido em nosso mundo do que ele. Fala-se muito em Espiritismo, mas quase nada se sabe a seu respeito. Kardec afirma, na introdução de "*O Livro dos Espíritos*," que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua "filosofia", o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção da realidade. Mas de onde vem essa concepção? Como foi elaborada?

Os adversários do Espiritismo desconhecem tudo a respeito e fazem tremenda confusão. Os próprios espíritas, por sua vez, na sua esmagadora maioria estão na mesma situação. Por quê? É fácil explicar. Os adversários partem do preconceito e agem por precipitação. Os espíritas, em geral, fazem o mesmo: formularam uma idéia pessoal da Doutrina, um estereótipo mental a que se apegaram. A maioria, dos dois lados, se esquece desta coisa importante: o Espiritismo é uma doutrina que existe nos livros e precisa ser estudada. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

Assim, temos alguns dados: o Espiritismo é uma doutrina sobre o mundo, dá-nos a sua interpretação e nos mostra como nos devemos conduzir nele. Mas como nasceu essa doutrina, em que cabeça apareceu pela primeira vez? Dizem que foi na de Allan Kardec, mas não é verdade. O próprio Kardec nos diz o contrário. Os dados históricos nos revelam o seguinte: o Espiritismo se formou lentamente através da observação e da pesquisa científica dos fenômenos espíritas, hoje parapsicologicamente chamados de fenômenos paranormais. Os estudos científicos começaram seis anos antes de Kardec, nos Estados Unidos, com o famoso caso das irmãs Fox em Hydesville. Quando Kardec iniciou as suas pesquisas na França, em 1854, já havia uma grande bibliografia espírita, com a denominação de neo-espiritualista, nos Estados Unidos e na Europa. Mas foi Kardec quem aprofundou e ordenou essas pesquisas, levando-as às necessárias conseqüências filosóficas, morais e religiosas.

O "*O Livro dos Espíritos*" nos oferece a súpula do trabalho gigantesco de Kardec. Mas se quisermos conhecer esse trabalho em profundidade temos de ler toda a bibliografia kardeciana: os cinco volumes da codificação doutrinária, os volumes subsidiários e mais os doze volumes da *Revista Espírita*, que nos oferecem o registro minucioso das pesquisas realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. E precisamos nos interessar também pelos trabalhos posteriores de Camille Flammarion, de Gabriel Dellane, de Ernesto Bozzano, de Léon Denis (que foi o continuador e o consolidador do trabalho de Kardec).

Veremos, assim, que Kardec partiu da pesquisa científica, originando-se desta a Ciência Espírita; desenvolveu a seguir a interpretação dos resultados da pesquisa, que resultou na Filosofia Espírita; tirou, depois, as conclusões morais da concepção filosófica, que levaram naturalmente à Religião Espírita. É por isso que o Espiritismo se apresenta como doutrina de tríplice aspecto. A Ciência Espírita é o fundamento da Doutrina. Sobre ela se ergue a Filosofia Espírita. E desta resulta naturalmente a Religião Espírita. Muitas pessoas se atrapalham com isso e perguntam: "Como uma doutrina pode ser, ao mesmo tempo, Ciên-

cia, Filosofia e Religião?” Mas essa pergunta revela a ignorância do processo gnoseológico. Porque, na verdade, o conhecimento se desenvolveu nessa mesma seqüência e, em todas as formas atuais de conhecimento, repete-se o processo filogenético.

No Espiritismo, porém, esse processo aparece bem preciso, bem marcado por suas fases sucessivas, entrosadas numa seqüência lógica. Podem alguns críticos alegar que Kardec não partiu da pesquisa, mas da crença. Alguns chegam a afirmar que foi assim, que ele já acreditava nas comunicações espíritas antes de iniciar o seu trabalho de investigação. Mas essa afirmação é falsa, a suposição é gratuita. Basta uma consulta às anotações íntimas de "*Obras Póstumas*" e às biografias do mestre para se ver o contrário. Quando lhe falaram pela primeira vez em mesinhas falantes, Kardec respondeu como o fazem os cétricos de hoje: "Isso é conversa para fazer dormir em pé". Só deixou essa atitude cética depois de constatar a realidade dos fenômenos. Então pesquisou, aprofundou a questão e levou-a às últimas conseqüências, como era, aliás, de seu hábito, do seu feitio de investigador. Charles Richet lhe faz justiça (embora discordando dele) em seu *Tratado de Metapsíquica*.

Encarando a obra de Kardec pelo seu aspecto científico, sem os preconceitos que têm impedido a sua justa avaliação, ela nos parece inatacável. Alega-se que o seu método de pesquisa não era científico, mas foi ele o primeiro a explicar que não se podiam usar na pesquisa psíquica os métodos das ciências físicas. O desenvolvimento da Psicologia provaria mais tarde que Kardec estava com a Razão. Hoje, as pesquisas parapsicológicas o confirmam. No tocante ao aspecto filosófico, o desenvolvimento atual das investigações mostram a posição acertada do Espiritismo como doutrina assistemática, "livre dos prejuízos de espírito de sistema", como declara "*O Livro dos Espíritos*", utilizando a conjugação dos métodos indutivo e dedutivo para o esclarecimento da realidade em seu duplo sentido: o objetivo e o subjetivo. A Filosofia Espírita se apresenta como antecipação das conquistas atuais do campo filosófico e abertura de perspectivas para o futuro.

3. — A Tradição Filosófica. Raízes da Filosofia Espírita na História da Filosofia.

A Filosofia Espírita se apresenta naturalmente integrada na tradição filosófica. Foi por isso que Kardec colocou sob o título de "*O Livro dos Espíritos*" a indicação: "Filosofia Espiritualista". Em "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" ele indica Sócrates e Platão como precursores do Cristianismo e do Espiritismo, sendo este o desenvolvimento histórico daquele. Mas podemos ir mais longe, demonstrando as múltiplas relações da Filosofia Espírita com as mais significativas escolas filosóficas do passado. Na verdade, a Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.

Essa convergência, porém, não se faz de súbito, não é um "arranjo", como pretendem os adversários gratuitos do Espiritismo. Podemos ver "com os olhos" o processo de convergência delinear-se na própria História da Filosofia. Dos pitagóricos (com sua simbiose espiritual traduzida na doutrina da metempsicose) aos jônicos (com sua busca da origem única, da substância originária), aos eleatas (com a procura do Ser em seu sentido absoluto), até Plotino (o neoplatonismo investigando a "alma-viajora"), passando pela contribuição da dou-

trina de forma e matéria, de Aristóteles (antecipação da teoria espírita do perispírito), chegamos ao Renascimento. E é nesta fase que a confluência se define: primeiro com a rebelião de Abelardo, preparando o advento de Descartes; depois, com este, o pai do pensamento moderno, que escreveu o "Discurso do Método" sob inspiração do Espírito da Verdade; a seguir com Espinosa, que fez da "Ética" um livro precursor (em estrutura, substância e ligações históricas) de "*O Livro dos Espíritos*".

A tradição filosófica é o terreno vasto e profundo em que podemos descobrir as raízes da Filosofia Espírita. Mas, como vimos, essa tradição se prolonga até o mundo moderno que começou no Renascimento e veio findar na guerra de 1914-18. E depois, no mundo contemporâneo, reencontramos as conotações filosóficas do passado. No mundo moderno podemos lembrar as figuras centrais de Hegel e Kant, o primeiro com sua dialética da idéia (evolução do princípio espiritual através da matéria) e o segundo com sua teoria do númeno e do fenômeno e sua crítica da razão (correspondentes à teoria espírita da alma e matéria e a crítica da fé em Kardec). Na atualidade as principais escolas filosóficas apresentam relações evidentes com a Filosofia Espírita. Estudaremos essas relações no prosseguimento deste trabalho. Mas convém destacar desde logo o paralelismo da corrente filosófica característica do pensamento atual com o Espiritismo. Paralelismo tanto mais evidente quanto se apresenta no tempo e no espaço (contemporaneidade), no método de abordagem dos problemas filosóficos (o enfoque ontológico existencial), e na procura da compreensão racional (humana e não teológica) da problemática da existência. E a corrente das Filosofias da Existência, que surgiu na mesma época do Espiritismo; na Europa, na mesma posição assistemática (Kierkegaard e sua aversão aos sistemas), com o mesmo processo de abordagem do problema do Ser (através do ser humano na existência) e a mesma busca de transcendência na interpretação da natureza humana ou essência do ser.

Mas acontece com o Existencialismo o que Kardec assinalou no tocante às ciências materiais: o paralelismo com o Espiritismo vai até o limite da conceitualização da "existência". Depois desse limite o Espiritismo prossegue sozinho, investigando e aprofundando o problema das relações interexistenciais, que abre as possibilidades de comprovação das antigas intuições sobre as existências múltiplas do ser. No Espiritismo essas intuições, que desde a antiga metempsicose egípcia, adotada pelos pitagóricos, até a ressurreição judaica e a teoria católica de ressurreição da carne se mantiveram no plano sobrenatural, transformam-se em conceitos racionais comprovados pela experiência e a investigação científica.

Chegamos assim a um ponto de contato da Filosofia Espírita com o panteísmo de Espinosa, que é o da negação do sobrenatural. A Filosofia Espírita não é panteísta, o que está explícito em "*O Livro dos Espíritos*". Mas isso não impede que haja entre Espinosa e Kardec a concordância no tocante ao sobrenatural. Para a Filosofia Espírita o sobrenatural, segundo a concepção vigente até nossos dias, é apenas "o natural ainda não conhecido", pois tudo quanto existe pertence à Natureza e tudo quanto estiver além da Natureza não é acessível ao nosso conhecimento (posição paralela à do criticismo kantiano). Esse conceito de Natureza no Espiritismo é um dos pontos mais significativos da Filosofia Espírita e a coloca numa posição de vanguarda perante o pensamento contemporâneo. Quando as ciências atuais se viram obrigadas a adotar a expressão "para-

normal”, como substitutiva da expressão “sobrenatural”, nas investigações sobre a natureza humana, nada mais fizeram do que seguir a orientação firmada pelo pensamento espírita há mais de um século.

Como se vê, desta simples exposição inicial, é inegável a natureza de síntese da Filosofia Espírita. Ela representa um daqueles momentos de confluência de todas as conquistas culturais do homem para um delta comum, a que se refere Arnold Toynbee nos seus estudos sobre o desenvolvimento das civilizações. Ernst Cassirer, filósofo alemão contemporâneo, em seu ensaio "*A Tragédia da Cultura*"; analisa o processo de evolução cultural do homem através das civilizações sucessivas, demonstrando que as conquistas essenciais de cada época são transmitidas à outra por meio de concretizações, de formas sintéticas de expressão. O Espiritismo, como afirmaram Kardec, Léon Denis, Sir Oliver Lodge, Gustave Geley, e Gonzales Soriano, entre outros, é a síntese cultural do nosso tempo. A Filosofia Espírita sintetiza em sua ampla e dinâmica conceituação todas as conquistas reais da tradição filosófica, ao mesmo tempo que inicia o novo ciclo dialético da nova civilização em perspectiva.

*

III – TEORIA ESPÍRITA DO CONHECIMENTO: Como Conhecemos? O que conhecemos? O processo gnoseológico.

1 - Como conhecemos? Já vimos que o problema do conhecimento é básico em Filosofia. Pois se esta tem por objeto a Sabedoria, o que vale dizer o nosso saber, aquilo que sabemos, é claro que o conhecimento e a maneira pela qual o adquirimos é de importância fundamental em toda a indagação filosófica. Por isso a Teoria do Conhecimento é uma das partes mais complexas e mais debatidas da Filosofia, em todos os tempos. Na Filosofia Espírita ela assume uma importância ainda mais profunda, pois a pergunta “Como conhecemos?” implica a relação espírito-corpo. E essa relação exige a definição dos seus componentes, envolvendo as perguntas “o que é espírito?” e “o que é corpo?”.

Mas antes dessas questões há outra, relacionada com os próprios elementos do ato de conhecer. A tradição filosófica nos mostra duas posições clássicas diante desse problema: a platônica ou socrático-platônica, que envolve a questão da reminiscência, das idéias inatas, e a sofística ou empírica que se refere apenas aos nossos sentidos. Há entre esses dois campos, numerosas escolas e subescolas, mas para o nosso propósito bastam essas duas linhas fundamentais, que permanecem válidas em nossos dias e representam as pontas do dilema de conhecer. Nessas duas linhas, a resposta à pergunta “Como conhecemos?” é dada pela seguinte contradição: 1^a.) “Conhecemos pelo espírito”; 2^a.) “Conhecemos pelos sentidos”. O primeiro a dar uma resposta conciliatória, ao que parece, foi Aristóteles com a sua teoria dos dois espíritos do homem: o **formativo** e o **receptivo**. Esta dualidade é resolvida pela Filosofia Espírita de maneira dialética, como veremos.

Os elementos do conhecer podem ser definidos como a **razão** e o **sensorio**. Nesses dois elementos encontramos os seus respectivos instrumentos, que podemos chamar os **instrumentos do conhecer**. Na razão encontramos os conceitos ou idéias, que Sócrates foi o primeiro a descobrir (escondidos atrás das palavras) e que Kant chamaria mais tarde de categorias. No sensorio encontramos as sensações, que na Psicologia atual podemos chamar de percepções. Assim, o conhecer é um ato de relação. O conhecedor, que é o homem, se põe em

relação com alguma coisa, percebe essa coisa e procura identificá-la. Mas identificá-la com o que? Com os conceitos ou idéias, com as chamadas categorias da razão, que não estão nos sentidos, mas no espírito. Essa identificação é o próprio ato de conhecer. Captamos pela vista uma forma à distância. Ela nos parece um cavaleiro. Identificamos a forma visual com a idéia ou conceito de um cavaleiro. Mas, ao nos aproximarmos, verificamos que se trata de uma pedra com forma de cavaleiro: refazemos a identificação automaticamente. É assim que um objeto captado pelos nossos sentidos pode enganar-nos, mas a verificação da razão corrige o erro.

Estão aí os dois espíritos da teoria de Aristóteles. O primeiro é o **espírito-formativo**, que para Aristóteles era a própria alma humana procedente do mundo espiritual, não sujeita às influências do mundo exterior. O segundo é o **espírito-receptivo**, uma espécie de matéria em que se imprimem as sensações do mundo exterior, segundo Aristóteles. Isto implica a teoria aristotélica da forma e matéria. As formas do mundo exterior se imprimem na matéria dos sentidos e dão forma a essa matéria. Mas na Filosofia Espírita não é assim. Os sentidos são apenas instrumentos de captação. E esses instrumentos pertencem à condição existencial do homem encarnado, do homem no mundo. O homem é um composto de espírito e corpo. O corpo é o escafandro de que o espírito se serve para mergulhar nas profundidades da matéria. Quando deixamos o escafandro os seus instrumentos não funcionam. Quando deixamos o corpo os seus instrumentos morrem.

Para a Filosofia Espírita, portanto, a dualidade de espíritos da teoria aristotélica não existe. O homem é essencialmente um espírito. Assim, o espírito é a substância do homem e o corpo o seu acidente. A percepção é uma faculdade do espírito e não do corpo. É o escafandrista que vê através dos vidros do escafandro e não este que vê pelos seus vidros. A contradição das teorias platônica e sofística do conhecimento se resolve numa síntese funcional. Essa contradição ainda existe na Filosofia atual. Podemos representá-la pela teoria racional de Kant e a empírica ou sensorial de Locke: a escola racional e empírica do conhecimento. A síntese funcional é a que nos oferece a reunião do racionalismo e do empirismo num sistema de funções. Esse sistema é o processo vital do homem, ou seja, um espírito encarnado, uma razão prisioneira da rede sensorial, funcionando em relação ao mundo através dessa rede.

A percepção, segundo a Filosofia Espírita, é uma faculdade geral do espírito, que abrange todo o seu ser. Veja-se o ensaio teórico sobre as sensações dos espíritos, em “O Livro dos Espíritos”. O espírito não percebe através dos órgãos, não vê pelos olhos nem ouve pelos ouvidos. Vê e ouve por todo o seu ser. Somente quando sujeito ao corpo, tem a sua percepção reduzida ao organismo sensorial. Mas, apesar disso, a sujeição corpórea não é absoluta. O espírito, mesmo encarnado, extravasa dos limites sensoriais e tem percepções extra-sensoriais. Essa a grande “descoberta” da Parapsicologia, que, segundo o próprio prof. Rhine: “só é nova para a Ciência”. Sim, pois os homens sabem, desde todos os tempos, que podem ver sem os olhos e perceber sem os sentidos em todos os campos da percepção.

Mas se os homens podem ver sem os olhos, hão de ver também coisas não visíveis para os olhos. Eis a questão, diria Shakespeare. E essa questão nos leva de volta à teoria das reminiscências de Sócrates e Platão. Que teoria é essa? A de que os nossos espíritos, ou seja, nós mesmos, antes de encarnarmos neste

mundo já conhecíamos muitas coisas. Esse conhecimento está dentro de nós na forma de reminiscência, de lembrança amortecida pela carne. Por isso Sócrates inventou a **maiêutica**, o processo de tirar o conhecimento das profundezas do ignorante como se tira água do poço. E Platão ensinou, com o famoso mito da caverna, que na terra somos apenas sombras, as projeções passageiras e irrealis de nós mesmos, dos nossos espíritos, que na realidade vivem acima da matéria, transcendem a ela. E hoje, os parapsicólogos mais esclarecidos, mais conseqüentes consigo mesmos – como o casal Rhine, os profs. Soal, Carington, Price, Tichner e outros -, afirmam que a mente e o pensamento não são materiais, pertencem a outro plano da natureza, a outro plano da complexa estrutura do Universo. A teoria espírita do conhecimento tem a sanção das últimas conquistas científicas.

Mas voltemos ainda aos **instrumentos do conhecimento** para tratarmos de um deles, que é para a Filosofia Espírita de muita importância. Trata-se da idéia ou conceito de **espírito**. Todas as especulações foram feitas para explicar a existência desse conceito. Conhece-se a teoria da projeção anímica, de Feuerbach, adotada pelo Marxismo: “Não foi Deus quem criou o homem, mas o homem quem criou Deus”, a teoria animista de Taylor; a teoria da imaginação primitiva, de Spencer, que o seu discípulo Ernesto Bozzano ampliou para torná-la espírita. E é em Bozzano “*Popoli Primitivi e Manifestazione Supernormale*” que vamos encontrar a resposta espírita a todas essas hipóteses imaginosas. O conceito de espírito é uma categoria lógica, semelhante às de espaço e tempo, que o homem desenvolveu com a experiência sensível. As pesquisas científicas da Metapsíquica, da chamada Ciência Psíquica Inglesa, da antiga Parapsicologia alemã e da atual Parapsicologia, ao lado das investigações clássicas e modernas da Ciência Espírita confirmam essa teoria. Não foi da imaginação primata (incapaz de tal abstração) que surgiu o conceito de espírito, mas dos fenômenos de aparições, de materializações e de todos os tipos de manifestações paranormais.

2. - O que conhecemos? O espírito é, pois, o conhecedor, é o princípio inteligente da Natureza, cuja faculdade perceptiva se desenvolve através de fases sucessivas. Primeiro, temos a sensibilidade vegetal; depois, a perceptibilidade animal; por fim, a inteligência humana. Uma frase célebre de Léon Denis resume todo esse processo milenar: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem.” O conceito de alma foi estudado por Kardec na introdução de “O Livro dos Espíritos”. A Filosofia Espírita define a alma como o espírito encarnado. O princípio inteligente, quando manifestado na matéria, produz a vida, segundo o nosso restrito conceito de vida. Assim, ele anima a matéria, é a **ânima** dos latinos, a alma das coisas e dos seres. No homem, a alma é o espírito que anima o corpo. Quando o homem morre, sua alma volta ao estado de espírito, liberta-se da função de alma. Não existem **almas do outro mundo**, pois estas, na verdade, são espíritos.

Mas o que é que o conhecedor conhece, o que é que conhecemos através da nossa faculdade perceptiva e da nossa capacidade intelectual? Há o conhecimento das coisas exteriores e o das coisas interiores. Há a percepção objetiva, que estabelece a relação sujeito-objeto, e a percepção subjetiva, que faz do sujeito o seu próprio objeto. Isso quer dizer, em termos epistemológicos (na teoria das ciências) que há Ciência e há Filosofia. Como já vimos, a Ciência investiga os objetos exteriores, a Filosofia investiga a si mesma, é o pensamento debruçado sobre si mesmo. Podemos retornar às explicações de Platão: há o mundo sen-

sível e o mundo inteligível. Temos acesso ao sensível por meio da percepção, captamos, sentimos, percebemos as coisas exteriores. Temos acesso ao inteligível por meio da razão e da intuição. São essas as duas faces da realidade. O verso e o reverso da moeda com que pagamos o direito de saber.

Desde o tempo dos gregos a nossa Civilização Ocidental vem se debatendo entre esses dois campos do conhecimento. Hoje, temos o mundo dividido em duas partes: numa se desenvolve o pensamento materialista como ideologia oficial dos Estados; noutra, o pensamento espiritualista na mesma posição. Nem uma nem outra dessas formas de pensamento, dessas sistematizações do conhecimento, conseguiu trazer nem poderá trazer ao homem a solução dos seus problemas. A Filosofia Espírita se coloca entre ambas e nos oferece a solução dialética, nos termos da velha e boa dialética de Hegel, mostrando o equívoco desse divisionismo artificial e anunciando o advento da compreensão global da realidade.

Espírito e matéria, ensina a Filosofia Espírita, são os dois elementos constitutivos do universo. Sobre ambos paira o poder unificador que é Deus. Essa, diz “O Livro dos Espíritos”, é a trindade universal. Mas a realidade não se fecha apenas nesse tríptico, nesse esquema geral. Ela é una em essência, mas é múltipla nas suas manifestações. A lei cósmica é a da diversidade da unidade. Querer reduzir o real a um dos seus aspectos, o materialista ou o espiritualista, é simples utopia. A própria História da Filosofia nos mostra a impossibilidade de uma interpretação esquemática da realidade. Os esquemas das diversas escolas filosóficas serviram apenas de muletas do pensamento, em sua busca da verdade. Hoje, os filósofos compreendem que as escolas servem como pontos de observação, como posições estratégicas e não como trincheiras definitivas no campo de batalha do conhecimento. Não mais se formulam grandes sistemas. A época dos sistemas passou. A sistemática foi substituída pela problemática: importam os problemas, não as explicações conclusivas.

A Filosofia Espírita foi uma antecipação dessa nova atitude filosófica. Na mesma época em que surgiam os dois últimos grandes sistemas filosóficos: o Positivismo de Augusto Comte e o Marxismo, os Espíritos diziam a Kardec que era necessário apresentar ao mundo uma Filosofia racional, “livre dos prejuízos do espírito de sistema”. E lhe davam as linhas mestras do novo pensamento através do processo dinâmico do diálogo, que hoje está consagrado em todo o mundo. A forma de perguntas e respostas de “O Livro dos Espíritos”, às vezes considerada antiquada por alguns espíritas sequiosos de novidades, é hoje a forma preferida para a busca de soluções em todos os setores das atividades humanas. O diálogo é a **maiêutica** de Sócrates e a **dialética** de Platão e de Hegel ressuscitadas em nosso tempo. É o instrumento mais prático de conhecimento no plano social. E foi através dele que surgiu a Filosofia Espírita, no diálogo mediúnico de Kardec com os Espíritos.

A **mediunidade** se apresenta como a oportunidade do diálogo paranormal. A palavra paranormal é simplesmente uma substituta da palavra sobrenatural. Classifica o fenômeno natural inabitual a que se referia Richet. Na proporção em que os homens avançam na evolução espiritual o diálogo mediúnico se integra na normalidade. Quando Sócrates dialogava com o seu *daimon* (demônio ou espírito protetor) ou quando Joana D’Arc dialogava com as suas vozes, ou quando Abrahão Lincoln (à maneira do patriarca bíblico) dialogava com os Espíritos na Casa Branca, em Washington, não estavam fora da Natureza nem de

normalidades. Só a ignorância das leis naturais que regem a comunicação interexistencial (a comunicação mediúmica entre os diferentes planos de existência) levou os homens a tratarem o assunto com prevenção e excesso de superstição. O diálogo mediúnico que fez a Donzela de Orléans a empunhar a espada e salvar a França, que levou Sócrates a impulsionar o conhecimento, que fez Lincoln assinar a lei de libertação dos escravos nos Estados Unidos, que orientou Mackenzie King no governo do Canadá, e assim por diante, levou Kardec a formular a Doutrina Espírita e oferecer ao mundo a maior síntese filosófica de todos os tempos, que é a Filosofia Espírita.

3. – O processo gnoseológico. Aplicada ao Espiritismo, na avaliação da totalidade da Doutrina, a Teoria Espírita do Conhecimento nos mostra essa doutrina como a última fase de um processo gnoseológico que abrange toda a evolução humana. Kardec explica, no cap.I de “A Gênese”, os motivos do aparecimento do Espiritismo em meados do século passado (XIX). Era necessário o desenvolvimento das Ciências, a superação racional dos estágios anteriores da evolução, para que o homem se tornasse capaz de compreender o problema espírita. O processo gnoseológico iniciado na era tribal se desenvolve através das fases anímica, mágica, mítica, mística ou religiosa, atingindo a científica ou racional e passando, então, à psicológica ou espírita.

Lembremo-nos rapidamente da lei dos três estados da evolução gnoseológica segundo Augusto Comte. Temos primeiro, o **estado teológico** em que tudo se explica pela intervenção dos deuses; a seguir, o **estado metafísico** das explicações abstratas (o ópio faz dormir porque tem a virtude dormitiva); e depois, o **estado positivo** em que predominam as Ciências. Kardec acrescentou a essa teoria, por sugestão de um leitor da “Revista Espírita” (Veja-se o n. de abril de 1858) o **estado psicológico** iniciado pelo Espiritismo. Vemos hoje o acerto desse acréscimo. As ciências psicológicas dominam o mundo atual e já se abriram para o futuro através da investigação parapsicológica. A Humanidade avança, segundo a observação de Simone de Beauvoir, que não é espírita, “num constante **devenir**”. O homem se liberta da matéria, emancipando-se como espírito.

Mas o Espiritismo não é apenas a fase derradeira do processo gnoseológico em que nos encontramos como componentes da Humanidade terrena. Ele apresenta também, em si mesmo, as características de um processo gnoseológico especial. A Teoria do Conhecimento nos mostra que as fases sucessivas do conhecer se repetem no desenvolvimento do Espiritismo. Através do seu aspecto científico ele nos oferece a captação sensorial do mundo fenomênico, dessa faixa da Natureza em que o espírito se manifesta no sensível, e a captação extra-sensorial do inteligível, da realidade espiritual. Através da Filosofia Espírita, nos mostra a interpretação racional do Universo e do Homem numa visão integral. Através da Religião Espírita, - moral, normativa e jamais ritual, sacramental, destituída de resíduos mágicos – determina a orientação adequada, no plano existencial, à nossa conduta em face da realidade ampla que conseguimos decifrar.

Assim, a Teoria Espírita do Conhecimento explica, ao mesmo tempo, o problema do conhecer em sua expressão mais simples e em sua expressão mais complexa. Aprendemos, graças a ela, que o processo gnoseológico é uma conquista e uma integração. Conquistando pelo conhecimento progressivo o **saber** espírita integramo-nos na realidade multidimensional da era cósmica. Não pensamos mais em termos geocêntricos, organocêntricos ou antropocêntricos e, por

isso mesmo, não vivemos mais apegados a temores e superstições. O Espiritismo nos confere a emancipação espiritual de cidadãos do Cosmos. Pertencemos à Humanidade Cósmica.

IV – FIDEÍSMO CRÍTICO – KARDEC E A CRÍTICA DA FÉ VERSUS KANT E A CRÍTICA DA RAZÃO.

A Teoria Espírita do Conhecimento nos levou da simples sensação até à captação da realidade espiritual. O Espiritismo, como síntese de todo o progresso espiritual da Humanidade, repete, em seu desenvolvimento, o processo filogenético do conhecer. O Espiritismo aparece, assim, como um novo ser da família do conhecimento. À maneira das crianças que repetem, em sua vida intra-uterina, o processo da evolução animal, o Espiritismo reinicia a descoberta do mundo no campo fenomênico através da sensação e da percepção, passando pelo desenvolvimento racional para atingir o plano metafísico da fé. Mas a fé espírita apresenta-se como **raciocinada** e, portanto, proveniente do raciocínio. É uma filha da razão, e, não obstante, tem como pai o sentimento.

Se nos lembrarmos de que a razão, no plano existencial, procede da sensação, veremos que a imagem do processo filogenético se justifica. Para Kant a razão era um sistema de princípios universais e necessários, que organizava os dados da experiência sensível. Era o espírito humano, dotado do poder de discernir e disciplinar as sensações, que organizava o conhecimento a partir das categorias racionais. Para os neokantianos atuais, na corrente do Relativismo Crítico de Octave Hammelin e René Hubert, as categorias da razão se formam na experiência, são as próprias experiências sensoriais transformadas em elementos dinâmicos do psiquismo. Na Filosofia Espírita esses elementos são apriorísticos, segundo entendia Kant, mas como potencialidades. A experiência sensível os desenvolve e **atualiza**, transforma a potência em ato.

Vemos assim que a sensação excita e desenvolve a razão, mas esta é que dá **sentido** à sensação. O princípio inteligente universal possui os germes da razão, que a experiência sensorial faz desabrochar. No cap. “Progressão dos Espíritos”, de “O Livro dos Espíritos”, itens 114 a 127, vemos que a evolução espiritual (semelhante ao desenvolvimento psíquico das crianças) parte do geral indiferenciado (indiferenciação psíquica) para a diferenciação progressiva dos reinos vegetal, animal e hominal, atingindo neste a plena individualização e buscando conscientemente a perfeição. Os espíritos humanos aparecem no plano existencial dotados de **inteligência** (capacidade de captar o nexos das coisas e das idéias), de **livre-arbítrio** (liberdade de escolha) e da **missão** (obrigação a cumprir) a desenvolver na ordem universal ou na **harmonia do Universo**, aperfeiçoando-se moralmente para se aproximarem de Deus. Isso nos mostra o conhecimento como um processo que vai do finito (o plano fenomênico ou sensorial) ao infinito (Deus) de maneira que sensação, razão e intuição aparecem como simples fases (de desenvolvimento sucessivo mas coexistentes no dinamismo espiritual) da evolução dos seres.

Razão e Fé constituem, portanto, elementos essenciais do espírito, conjugados em torno de um eixo que é a Vontade. Esta, a Vontade, se representa pelo **livre-arbítrio**, o princípio da liberdade, sem o qual a Razão de nada serviria e a Fé não teria sentido. Vê-se claramente a natureza sintética do Espiritismo. Todas as antinomias, todas as contradições se resolvem numa visão mais ampla do problema universal. O racionalismo e o empirismo, o positivismo e o idealismo,

o materialismo e o espiritualismo, o ontologismo e o existencialismo, e assim por diante, encontram o seu delta comum numa visão **gestáltica** ou global do Universo. Não há motivo para as intermináveis disputas a respeito de Razão e Fé, pois ambas pertencem à própria substância do ser, que desprovido de uma delas já não poderia ser.

Fé e Razão estão implícitas na própria destinação dos seres e a Razão se desenvolve, ao mesmo tempo, apoiada na Fé e buscando a Fé. Vice-versa, a Fé serve de apoio à Razão e nela encontra o meio de se desenvolver. Para a demonstração desse sincronismo a Filosofia Espírita teve de cumprir a tarefa de explicar a Fé. Isso levou Kardec a realizar a crítica da Fé, como Kant se vira obrigado, para superar as divergências do empirismo e do racionalismo, a realizar a crítica da Razão. Kardec não faz um trabalho sistematicamente filosófico porque o seu objetivo não é fundar um sistema novo de Filosofia, mas oferecer ao mundo “uma Filosofia Racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema”, como já tivemos oportunidade de ver. Mas a sua crítica da Fé penetra na raiz do problema. Depois de mostrar que ela pertence à própria essência do ser, estuda o processo de sua manifestação. Psicologicamente (itens 960 a 962 do L.E.) a fé se apresenta como “o sentimento inato de justiça” que todas as criaturas humanas possuem. Sentimento que se apóia na “idéia inata de Deus”, nessa certeza intuitiva que faz do homem uma criatura naturalmente religiosa, a ponto de nunca haver existido uma tribo ou um povo ateu. Assim, sociologicamente a Fé se manifesta como um elemento de ligação social, o cimento que embasa as estruturas da sociedade e se concretiza nas instituições religiosas. Gnoseologicamente a Fé se traduz na Lei de Adoração, lei natural que dirige todo o processo da evolução humana, individual e coletiva, e que só aparece definida e estudada em “O Livro dos Espíritos”.

No Cap. XIX de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” Kardec estuda os aspectos imanente e transcendente da Fé. O imanente é o que ele chama a Fé humana, que consiste na “confiança na realização de alguma coisa, a certeza de atingir um fim”. O transcendente é a fé religiosa. O homem tem fé em si mesmo, na sua força, na sua inteligência, na sua capacidade. Mas tem fé, também, no seu destino, nas forças sobrenaturais e em Deus. Em todos os estágios de sua manifestação, desde as eras primitivas até os nossos dias, a Fé se justifica pela Razão. Mas somente na era espírita, no momento em que o Espiritismo desvenda novas perspectivas à compreensão humana, a fé se confirma pela explicação racional e se demonstra de maneira científica. A Fé cega do passado se transforma, então, na Fé racional e raciocinada do Espiritismo.

A posição crítica de Kardec, em relação à Fé, assemelha-se à de Kant em relação ao problema da Razão. Ambos procuram tirar a Filosofia de um impasse. No século dezoito esse impasse se referia à natureza e aos limites do conhecimento. Ao dogma metafísico da Razão como elemento único do conhecimento, e ao dogma empirista que colocava as sensações nessa mesma posição, sucedera o agnosticismo de Hume, para quem todo conhecimento se tornava impossível e toda verdade ilusória. Kant se propõe a realizar uma crítica profunda da Razão e consegue chegar a uma síntese parcial do processo gnoseológico, superando a contradição racional-empírica. Recorre à Ética e nela se apóia para superar as contradições e oferecer uma nova base à Metafísica destruída pela época das luzes. Kant restabelece o valor da Razão e reconstrói os fundamentos da Fé. A natureza moral do homem lhe oferece os elementos necessários à vitória sobre

Hume. De Kant para frente, a existência de Deus se torna uma verdade moral que não depende dos sofismas racionais. Mas a fé, reduzida ao campo ético, fica exposta às controvérsias que logo mais se travarão sobre o próprio valor da Moral e que, ainda hoje conturbam o mundo filosófico.

O grande problema do século dezenove era o da validade da fé. Kardec enfrenta esse problema com a simplicidade do bom-senso cartesiano. Não necessita de entrar na arena das grandes especulações. Dispõe de duas armas excelentes: o bom-senso e a pesquisa científica. O bom-senso lhe oferece o melhor da conquista kantiana: a liberdade de julgar, que prova a natureza transcendente do Homem. A pesquisa científica lhe assegura a prova positiva e até mesmo material dessa transcendência. Fica, pois, dispensado dos circunlóquios infundáveis da argumentação filosófica. É com essas duas armas que ele responde ao desafio do século. E com elas realiza a crítica necessária, que completa a especulação kantiana, provando a validade universal da fé.

A crítica de Kardec reveste-se das exigências fundamentais do chamado **espírito-crítico**: é genética ou externa, examinando a origem e a manifestação objetiva da Fé no plano social; e é ontológica ou interna, investigando a substância e o significado da Fé em si mesma, como um fato subjetivo. Nada falta, pois, à sua crítica da Fé para ser filosoficamente válida. No item 4 (Questão 4) de “O Livro dos Espíritos”, encontramos a afirmação da existência de Deus como necessidade lógica. A Filosofia Espírita reafirma o postulado cartesiano: “A idéia de Deus está no homem como a marca do obreiro na sua obra.” E completa o pensamento de Descartes de que: “Tirar Deus do Universo seria como tirar o Sol do nosso sistema solar”, com o célebre postulado kardeciano: “Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, e a grandeza da causa corresponde à grandeza do efeito.”

A posição espírita no tocante ao problema da Fé está hoje suficientemente confirmada pela investigação filosófica. O Relativismo Crítico, essa corrente neokantiana a que já nos referimos, estabelece o primado moral das **exigências da razão** no campo do conhecimento. A primeira dessas exigências, para o conhecimento do Universo e o desenvolvimento moral do homem é a existência de Deus. A segunda é a Fé em Deus, a confiança interna, intuitiva, no seu poder e na sua providência, não como uma entidade pessoal, antropomórfica, mas como “a intuição de uma Presença e a identificação a essa Presença”, segundo a expressão final de Hubert em “Esboço de Uma Doutrina da Moralidade”. Por outro lado, a Fé espírita não se enquadra num sistema dogmático e ritual: o seu ambiente natural e necessário é o da liberdade moral. Para Kardec, como para seu mestre Enrico Pestalozzi, a religião verdadeira é a Moralidade, a que leva o homem, não à santidade convencional, mas à sua realização como ser moral. Kant e os neokantianos dizem o mesmo.

O pecado de Kant foi o da dicotomia no plano do conhecimento, negar à Razão a possibilidade da metafísica. Essa posição estimulou, em nossos dias, alguns pensadores que procuram manter-se no campo do empirismo, entendendo que as ciências não podem ir além do sensível. Mas é tão insustentável esse argumento que os próprios filósofos materialistas o têm recusado. John Lewis, filósofo marxista inglês, afirma em seu livro “Ciência, Fé e Ceticismo”, que tal argumento implica a rejeição da realidade objetiva das próprias leis e teorias científicas. Wilhelm Dilthey, o famoso filósofo historicista alemão, estuda a formação da consciência metafísica do Ocidente a partir dos gregos, passando pela

Idade Média e eclodindo na Renascença, para concluir que o método experimental das ciências se fundamenta na Fé.

Um trabalho de Alfred North Whitehead, “**A Ciência e o Mundo Moderno**”, põe água na fervura demonstrando que toda a nossa estrutura científica se alicerça numa fé ingênua e jamais demonstrada. Se a religião parte do pressuposto da existência de Deus, de que tanto zombam alguns cientistas, a verdade é que a Ciência faz o mesmo, partindo do pressuposto da ordem universal. Essa ordem, por sua vez, exige um poder mantenedor, uma força ou um conjunto de forças que garanta o controle e a regularidade permanente das funções criadoras e renovadoras da Natureza. O que Kardec chamou de “sentimento intuitivo da existência de Deus”, o filósofo Whitehead chama de “convicção instintiva”. Os termos se equivalem, mas a expressão de Kardec é mais adequada. Ouçamos Whitehead: “Em primeiro lugar, não pode haver Ciência viva se não estiver difundida a convicção instintiva de uma **ordem das coisas** e, em particular, de uma **ordem da Natureza**.” E acrescenta: “Usei intencionalmente a palavra **instintiva**.” Referindo-se ao agnosticismo da filosofia de David Hume, lembra Whitehead que a Ciência o repeliu e continuou apegada à fé na ordem universal, sem o que voltaríamos à Idade Média.

Uma passagem curiosa de Whitehead nos lembra o Evangelho. Escreve ele: “A fé científica se manteve à altura das circunstâncias e aplainou tacitamente a montanha filosófica.” É uma confirmação histórica e científica de que a fé remove montanhas. Ai das Ciências se assim não fosse! E Whitehead confirma a seguir a teoria de Dilthey: “Minha explicação é que a fé na possibilidade da Ciência, originada antes da teoria científica moderna, é um derivado inconsciente da teologia medieval”. Teríamos de voltar a Dilthey para lembrar que em seu livro “**O Homem e o Mundo**” ele considera a Idade Média como um longo período de treinamento da Razão, durante o qual fermentou na Europa o racionalismo iluminista que deveria eclodir no Renascimento e dar início ao mundo moderno.

Dessa maneira, a Ciência aparece no Renascimento como uma reação da Teologia Medieval contra si mesma. Por isso, Descartes surge como o continuador de Abelardo, cujo racionalismo é levado pelo cartesianismo “sob inspiração do Espírito da Verdade” (segundo as declarações do próprio filósofo) às últimas conseqüências. Os pressupostos metafísicos da ordem universal e das conexões de causa e efeito não puderam ser abandonados nem mesmo pelo Positivismo e o Materialismo Dialético, pois sem esses pressupostos seria impossível qualquer conhecimento e voltaríamos ao agnosticismo destruidor de Hume. A fé científica permitiu o desenvolvimento das Ciências e continua a sustentá-la.

E podemos ir além, acrescentando que neste momento, quando um foguete cósmico é lançado no espaço (façanha que tem servido para novas e ingênuas esperanças de parte dos negadores sistemáticos), o poder da Fé se confirma e se demonstra. Por outro lado, o lançamento de um foguete é um ato de submissão a Deus. Pois o que faz a inteligência humana para conseguir essa realização, senão curvar-se ante a realidade das leis universais e obedecer rigorosamente a essas leis, sob pena de acabar numa catástrofe?

A Filosofia Espírita não é dicotômica, não divide a realidade em duas partes, não abre um abismo entre matéria e espírito. Pelo contrário, sua posição é monista, sua cosmovisão é global. As leis naturais, físicas, psíquicas, morais

ou metafísicas são todas leis de Deus. A fé humana do vendedor que confia em si mesmo, a Fé científica do sábio que confia na ordem universal, a Fé mística do crente que confia no seu santo ou no seu Deus são todas manifestações de uma mesma lei, que é estudada em “O Livro dos Espíritos” como **Lei de Adoração**. Essa lei universal levou Pierre Gaspar Chaumette a entronizar a bailarina Candeille no altar da Catedral de Notre Dame como a Deusa Razão; fez o filósofo positivista Augusto Comte cair de joelhos ante a deusa Clotilde de Vaux; obrigou Marx e Engels a proclamarem a classe operária como o Messias da redenção socialista; e só encontrou, apesar de tudo isso, na Filosofia Espírita a sua análise, a sua crítica e a sua explicação racional.

*

V — ONTOLOGIA ESPÍRITA

O problema do ser empolga toda a História da Filosofia e podemos considerá-lo como o elo que mantém a união do pensamento religioso com o filosófico. Deixando de lado a Filosofia mística do Oriente, que pertence ainda à fase do sincretismo gnoseológico, na qual a Filosofia e Religião formam um todo confuso, podemos situar o início da cogitação ontológica de Pitágoras. Dele passamos às escolas em contradição dos Eleatas e dos Jônios, atravessamos a era helenística, em que Plotino se destaca no neo-pitagorismo considerando o Ser como a "alma viajora do Infinito", passamos pela Idade Média em que a mística volta a impregnar o pensamento filosófico, pelo Renascimento em que se repete com Descartes o episódio pitagórico, pelo Mundo Moderno em que o problema do Ser vai ser posto em questão e chegamos à época atual, ao Mundo Contemporâneo, em que o Ser se apresenta novamente dominando a Filosofia.

A Filosofia Espírita integra-se perfeitamente nessa tradição filosófica. E cumprindo a sua função de síntese esclarece, como vimos no caso de Fé e Razão, o sincretismo das fases místicas, mostrando o Ser como o Centro natural de todo o processo do conhecimento. A contradição eleata-jônica, que ainda hoje domina o mundo filosófico, encontra a sua solução dialética na Filosofia Espírita. Bem sabemos que esta afirmação é da mais alta gravidade, mas podemos assegurar que já seria um lugar comum se os filósofos que imperam no pensamento atual houvessem examinado sem prevenções a questão espírita. Infelizmente, como escreveu Kardec há mais de cento e vinte anos, ainda hoje podemos repetir que os homens eminentes no campo do saber assumem às vezes atitudes bastante pueris, deixando de lado questões importantes por motivos puramente circunstanciais.

O Ser, para Pitágoras, era representado pelo número 1. É a inefável unidade pitagórica, geralmente considerada como a substância numérica da realidade. Pitágoras, como acentuou Bertrand Russel, é o primeiro filósofo e também o primeiro homem em que Fé e Razão se definem como um par. A Matemática é o processo racional de que ele se serve para esclarecer os problemas da fé no campo da mística. De um lado, Pitágoras é um órfico (ligado à tradição de Orfeu na história religiosa dos gregos) e de outro lado é um jônico (ligado ao desenvolvimento das pesquisas físicas de Tales, na Jônia). Assim, nele se fundem a concepção de Zenão de Eléia e Parmênides (escola eleata) do Ser como imóvel, uma esfera sem qualquer movimento (porque a esfera é a figura geométrica da perfeição e o não-movimento é a imagem ideal da perfeição), e a concepção de Tales de Mileto, do Ser como incessante movimento, a que Heráclito, de Éfeso,

dava a condição de constante *devir*, de renovação infinita. Definindo o Ser como a Unidade, o Número Um, Pitágoras o considerava imóvel. Mas admitindo que essa imobilidade podia sofrer abalos, dava-lhe a possibilidade de agitar-se. E era assim que ele explicava a gênese do Universo: um estremecimento de Um produz o Dois e desencadeia a Década, o número 10 que representa o Universo.

O Ser teológico da Mística se transforma assim no Ser racional da Filosofia e se multiplica numa infinidade de seres. Os números são infinitos e o infinito matemático representa a natureza infinita do Universo. Na Filosofia mais recente voltamos a encontrar a posição pitagórica. Para Sartre, o criador do Existencialismo Ateu, o Ser é uma espécie desses ovóides de que nos falam os livros de André Luiz (influência eleata) uma consciência fechada em si-mesma, envolta numa espécie de membrana limbosa (segundo a própria expressão sartreana em *L'etre et le Néant*), mas que se projeta na Existência (influência pitagórica) saindo de sua imobilidade e seu isolamento para *existir*. E nas demais correntes da Filosofia contemporânea o Ser continua na posição de problema fundamental. No marxismo e no neopositivismo é o ser humano o que importa. E o que é o ser humano, senão a projeção pitagórica do Ser único e a projeção sartreana do mistério *limboso*? Assim, o Ser é sempre, em qualquer sistema ou concepção, o mistério do Um e do Múltiplo.

Na Filosofia Espírita esse mistério se aclara através da *revelação* e da *cogitação*. A *revelação*, como vimos, pode ser humana ou divina. No caso é divina, pois reservamos para o campo humano a expressão clássica da técnica filosófica: a *cogitação*. Os Espíritos *revelaram* a existência do Ser pela comunicação mediúnica (e a provaram pela fenomenologia mediúnica), mas os homens confirmaram essa existência pela *cogitação*, pela pesquisa mental do problema. Todos conhecemos a expressão de Descartes, *Cogito, ergo sum*; penso, logo existo. Kardec não repetiu Descartes, mas acrescentou um verbo novo ao pensar, ampliando o conceito da presença de Deus no homem. Podemos interpretar assim a posição de Kardec: *Sinto Deus em mim, logo existo*. É o que vemos no cap. 10 de "*O Livro dos Espíritos*", onde a questão é assim colocada no item 6: "O sentimento intuitivo da existência de Deus que trazemos em nós seria efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?" A resposta dos Espíritos é esta: "Se assim fosse, porque os vossos selvagens teriam também esse sentimento?"

A essas duas perguntas, a esse duelo que travou com os Espíritos, Kardec acrescenta no comentário ao mesmo item: "Se o sentimento da existência de um Ser supremo fosse apenas o produto de um ensino, não seria universal e só existiria, como as noções científicas, entre os que puderam receber o ensino" O conceito espírita de Deus, portanto, como todos os nossos conceitos, se origina no plano do sentimento, da afetividade humana. O homem, primeiramente, sente que Deus existe. É o caso do selvagem, que Feuerbach acusou de medroso (criando Deus pela imaginação aterrorizada diante da Natureza) e que Spencer dotou de uma capacidade de abstração mental inaceitável, tanto numa apreciação psicológica, como antropológica e histórica. Primeiro sentimos, depois pensamos. Há um livrinho de Emmanuel, "*Pensamento e Vida*", recebido psicograficamente, por Chico Xavier, que explicará bem esse processo para aqueles que desejarem conhecê-lo do ponto de vista espírita.

Talvez agora se torne mais clara a nossa afirmação anterior que a Fé pertence à própria substância do Ser. Ao criar os seres (ou Espíritos) Deus lhes imprimiu sua marca, segundo Descartes, e essa marca é a idéia de Deus, inata no

homem. Mas Kardec se refere a um *sentimento intuitivo* que precede à idéia e esse sentimento é que representa a verdadeira marca do obreiro em sua obra. Assim, primeiro sentimos Deus e depois pensamos nele. O Ser está em nós por essa intuição, mas nós também somos seres. Cada criatura humana é um *ser espiritual*, mas é também um *ser físico* ou um *ser corporal*. Esse problema do *Ser físico*, hoje colocado pela chamada Ontologia do Objeto, é puramente verbal e, portanto, abstrato no plano da Filosofia atual. Mas na Filosofia Espírita é um problema concreto e suscetível de verificação experimental. Encontramo-lo no item 605.a de "*O Livro dos Espíritos*", que assim o coloca: "Se o homem não possui uma alma animal, que por suas paixões o rebaixe ao nível dos animais, tem o seu corpo, que freqüentemente o rebaixa a esse nível, porque *o corpo é um ser dotado de vitalidade*, que possui instintos, mas não inteligentes, limitados aos interesses de sua conservação.

Nas experiências de exteriorização da sensibilidade e da motricidade realizadas pelo Cel. Albert de Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, foi possível constatar-se a realidade desse *ser vital*, que os antigos conheciam, mas tomavam por uma espécie de alma humana, como vemos a partir dos gregos. Também em experiências de desdobramento mediúnico e em sessões de materialização e efeitos físicos vários observadores reconheceram materialmente a existência de uma espécie de corpo fluídico mais denso e pesado que o perispírito, que ao retirar-se do corpo material do médium embarçava o perispírito e ao mesmo tempo deixava o corpo carnal em estado de morte aparente. É o chamado *corpo vital* de certas doutrinas espiritualistas antigas, um ser que realmente corresponde à natureza animal do nosso corpo e é o responsável direto pelas nossas funções vegetativas. Assim, a Filosofia Espírita satisfaz as exigências atuais de ligação do pensamento filosófico com os dados da investigação científica, o que, aliás, constitui uma de suas características fundamentais.

O ser, portanto, não é apenas o Espírito, é também o perispírito e o *corpo vital*. Isso a partir do desencadeamento da Década, ou seja, da multiplicação do Ser único ou supremo que é Deus. Existe uma idéia geral de *Ser*, um conceito do Ser que foi bem definido em Aristóteles e na Bíblia. Para Aristóteles, o Ser é "aquilo que é". Na Bíblia é Deus quem fala, embora figuradamente, e se explica: "Eu sou o que é". Esse conceito desce do plano divino para o humano em Descartes, quando verifica, no *cogito* que ele é porque pensa. Mas o próprio Descartes volta ao conceito divino ao afirmar a existência de Deus no homem, ao encontrar essa existência no fundo do *Cogito*, ou seja, da sua cogitação filosófica. Então, Deus é e se afirma na intuição cartesiana de Um Ser supremo, como se afirma no *sentimento intuitivo* kardeciano. Parmênides, eleata, dizia que o pensamento do Ser é o próprio Ser. E o Ser, para ele, era uma esfera pensante (a esfericidade correspondendo à perfeição), mas como pensante, era ativo em si mesmo. Isso nos lembra a afirmação de Aristóteles de que Deus é o *ato puro*, ou seja, o Ser absoluto em que todas as potencialidades se encontram *atualizadas*, realizadas *em ato*.

Na Filosofia Espírita o conceito do Ser abrange todas as categorias *daquilo que é*, concordando, portanto, com o pensamento filosófico antigo e moderno. Mas ela tem as suas peculiaridades. A definição do Ser supremo, por exemplo, nos é dada no item 1º. de "*O Livro dos Espíritos*" da seguinte maneira: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." Houve quem considerasse essa definição como antropomórfica, pois a inteligência é caracte-

rística do homem. Essa crítica peca por ignorância: ignora que no Espiritismo o homem é criação de Deus e reflete no finito os seus atributos infinitos. Antes de pertencer ao homem, a inteligência é de Deus. Mas vejamos as proposições que surgem dessa definição: Deus é apresentado como inteligência porque é a causa de efeitos inteligentes; esses efeitos constituem todo o Universo e todos os seres; a inteligência é o aspecto de Deus mais acessível a nossa compreensão e mais suscetível de verificação para nós no plano fenomênico ou existencial. No comentário ao item 5 Kardec explica: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O universo existe; tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pode fazer alguma coisa."

Na resposta à pergunta 14 de "*O Livro dos Espíritos*", quando Kardec insiste numa definição mais completa de Deus, vemos a seguinte afirmação dos Espíritos: "Deus existe, não o podeis duvidar e isso é o essencial." Não precisamos examinar o resto da resposta, pois o exame desta simples sentença coloca-nos em várias pistas. São três proposições que surgem dessa afirmação: 1^a.) A afirmação de Deus como realidade absoluta e fundamental; 2^a.) A afirmação da existência de Deus, que coloca Deus no plano existencial, como realidade concreta e acessível aos nossos sentidos; 3^a.) A afirmação da impossibilidade de se negar Deus, que não apenas é mas também *existe*, e de cujo *ser e existir* somos partícipes.

A primeira proposição é "Deus existe", mas se desdobra logicamente em duas, afirmando primeiro a realidade de Deus como Ser e a seguir afirmando a existência de Deus. Deus como Ser é essência, como existência se projeta no plano fenomênico. Essa dedução provém do aspecto existencial do Espiritismo, formulado independentemente das chamadas Filosofias da Existência mas contemporâneo delas. O *existir* de Deus é visível na Natureza, no Universo com suas leis: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação". Isto levou alguns teólogos a acusarem o Espiritismo de panteísmo, mas o próprio "*O Livro dos Espíritos*" trata do assunto, repelindo por antecipação a acusação dos teólogos. A *existência* de Deus é reconhecida pelas religiões positivas como *imanência*. Ora, a imanência de Deus na Natureza é a sua própria *existência*, é a sua forma de existir no plano fenomênico. Se o Espiritismo for panteísta, todas as religiões superiores também o são, e isso de maneira irrevogável.

A terceira proposição é a de que não podemos duvidar da *existência* de Deus. Ela reforça as duas anteriores. Não podemos duvidar da existência de Deus porque ela implica a nossa própria *existência* e a do Universo em que *existimos*. Negar Deus seria negar a nós mesmos e negar a toda a realidade que nos cerca. Mas a Filosofia Espírita nos mostra também que não podemos ir além na afirmação dessa realidade suprema. Temos os nossos limites: somos Espíritos encarnados em corpos animais, submetidos a uma experiência sensorial que restringe a nossa percepção e o nosso entendimento. Falta-nos um sentido, diz o item 10 de "*O Livro dos Espíritos*", para podermos penetrar a natureza íntima de Deus. A tentativa de "entrar num labirinto" para explicar o que nos é inexplicável só poderia levar-nos ao engano e estimular o nosso orgulho. Entretanto, como vimos pela afirmação do item 10, o Espiritismo não é agnóstico. A Filosofia Espírita é evolucionista e sustenta que o homem chegará a compreender Deus em maior amplitude e profundidade, na proporção em que desenvolver as suas potencialidades espirituais.

Mas quando descemos do Ser supremo para os seres múltiplos que povoam o universo o problema se torna mais fácil. Compreendemos sem dificuldade que Deus cria os seres com os elementos constitutivos do Universo. A imagem simbólica do Gênesis: “Deus criou o homem do limo da terra” adquire um sentido profundo e grave. A expressão bíblica se nimba de luz e poesia. Não é mais um absurdo nem uma infantilidade: é a expressão de um processo cósmico de criação. Deus não faz o homem de barro num sentido vulgar, mas é do barro da terra, através da ação progressiva das suas leis que Ele arranca no correr dos milênios os seres da matriz do *não-ser*. Os Espíritos são os seres múltiplos e finitos que Deus cria com o barro simbólico do princípio inteligente, envolvidos na ganga do *fluido universal e do princípio material*. São como sementes mergulhadas na terra para germinar.

Mas a ontologia espírita, como todas as demais, implica ainda os problemas de essência, existência e forma. Os dois primeiros desses problemas obrigam-nos a uma referência histórica. O essencialismo filosófico sofreu um abalo em nossa época com o desenvolvimento do existencialismo. As chamadas Filosofias da Existência encaram as coisas em sua realidade imediata, ao contrário do clássico procedimento dos essencialistas que buscam a substância das coisas. Na verdade, trata-se de um simples método de abordagem do problema filosófico. Mas na Filosofia Espírita encontramos a síntese dessas posições. Os seres têm essência e essa essência se desenvolve através da evolução: é o *princípio inteligente*. Essa essência se reveste de formas diversas no processo evolutivo: a variedade infinita dos seres forma uma gigantesca escala que as Ciências distribuem em numerosas classificações de espécies, tanto na Mineralogia quanto na Botânica, na Zoologia e na Antropologia. Essência e forma constituem a existência. Tudo o que existe se constitui de uma essência que toma determinada forma e se reveste de matéria. A forma, como Aristóteles já descobrira, não pertence à matéria, mas dela se apossa para amoldá-la. Procede de um elemento intermediário: o fluido universal, que em suas modificações diversas se apresentava como magnetismo, eletricidade, princípio vital. Lemos no item 27 de “*O Livro dos Espíritos*”: “Ele se coloca entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, em suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conhecemos mais que ínfima parte”.

Essa expressão: “é fluido, como a matéria é matéria” mostra que a denominação de fluido tem um sentido hipostático. Espírito, fluido e matéria são as hipóteses (ou as faixas) do real. A realidade ontológica reflete a realidade cósmica. No ser humano essa realidade se apresenta no complexo *espírito, perispírito e matéria*. Entre os dois últimos existe ainda o *fluido vital*, como já vimos. Toda essa complexidade, entretanto, é simplesmente a expressão pluralista de um monismo fundamental. A essência é que tudo domina. Ela é a realidade última. Mas só através da existência conseguimos atingi-la. Temos de penetrar as capas existenciais do ser para encontrá-lo na sua realidade essencial. É por isso que o Espiritismo tem o seu aspecto existencialista: vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial, mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real.

A ontologia espírita oferece-nos uma visão dialética das coisas e dos seres. Aprendemos que a realidade aparente é ilusória (como a própria Física hoje

nos mostra), mas que é também necessária para chegarmos à realidade verdadeira. O ser humano está no ápice da escala evolutiva existencial. Acima dele se abrem as perspectivas de outra existência, a dos Espíritos que superaram o domínio da matéria e que as religiões chamam anjos, devas, arcanjos e assim por diante. Esses Espíritos conservam sua individualidade após a morte do corpo e a conservam através da evolução nos mundos superiores. Só a parte formal é perecível: o corpo e o perispírito. A essência do Espírito é indestrutível, pois representa a *atualização* das potencialidades do princípio inteligente, uma construção ou criação de Deus para fins que ainda ignoramos. Como a essência é a mesma em todos os Espíritos, encarnados e desencarnados ou encarnados em mundos inferiores ou superiores, a comunicabilidade dos Espíritos é uma lei universal, regida por princípios naturais, como os de afinidade, justiça e amor. Essa lei de comunicabilidade mostra na prática o absurdo da teoria existencial da incomunicabilidade proposta por Kierkegaard. As dificuldades da comunicação humana decorrem do estágio evolutivo da Terra, mas já estão sendo superadas por todas as formas de desenvolvimento material e psíquico, particularmente pelo desabrochar progressivo da percepção extra-sensorial, no processo de aprimoramento mediúnico do homem terreno.

Um problema difícil é o da transição do princípio inteligente para o reino hominal, após a evolução nos reinos inferiores. Em "*O Livro dos Espíritos*" Kardec se esquivou a esse problema, embora os Espíritos o tenham colocado em algumas passagens. É em "*A Gênese*", o volume final da Codificação, que ele resolve enfrentá-lo através de comunicações com Galileu, dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas pelo médium Camille Flammarion. Ali se define, no n.º 19 do cap. VI do referido livro, como uma *iluminação divina* esse momento decisivo. O Espírito então recebe, "com o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos". E a comunicação acentua: "Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na frente o seu augusto selo o Espírito toma lugar no seio da Humanidade."

Há uma espécie de seres que não figura na ontologia espírita: a dos seres condenados para sempre ou voltados eternamente ao mal. A Filosofia Espírita não admite essa concepção aberrante da justiça e do amor de Deus. Há diversidades no processo de evolução dos Espíritos, em virtude do livre-arbítrio, indispensável ao desenvolvimento da responsabilidade espiritual. Mas não há nem pode haver seres maus por natureza, pois isso estaria em contradição com o princípio da criação de todos os seres por Deus. Durante um século o Espiritismo foi acusado de demoníaco por negar a existência de espíritos eternamente maus. Agora, a própria teologia católica se modifica em suas bases para, graças a alguns pensadores corajosos, aproximar-se da concepção espírita. É conhecido o livro revolucionário de Giovanni Papini sobre o Diabo e suas conclusões favoráveis à posição espírita. Menos conhecida é a posição do padre Teilhard de Chardin, que não avançou tanto como Papini mas acabou afirmando que o condenado não fica excluído da ordem divina.

Aliás, em linhas gerais, Chardin é uma espécie de aproximação conceitual do Espiritismo, um referendado católico à Doutrina Espírita.

A *escala espírita* que figura em "*O Livro dos Espíritos*", a partir do n.º 100, oferece-nos um esquema ontológico da evolução do homem. Não se trata, como lembra Kardec, de um esquema rígido, mas de uma simples classificação em linhas gerais, para orientação dos estudiosos. Encontramos ali as diversas

ordens e graus dos Espíritos, encarnados e desencarnados, com que nos defrontamos neste mundo. É uma classificação espiritual que tem a sua aplicação psicológica no tocante aos encarnados, oferecendo-nos uma curiosa tipologia que muito nos auxiliará nas relações sociais. A Psicologia Espírita, hoje em desenvolvimento, mostrará a validade e o interesse da *escala espírita* na orientação dos estudos de tipologia e caracteriologia. Como se vê, andam enganados os que pensam que o Espiritismo é uma espécie de fuga à realidade. Além de mostrarmos as dimensões ocultas do real, ele nos oferece possibilidades de maior compreensão e controle da realidade aparente ou existencial que enfrentamos na vida terrena.

VI — EXISTENCIALISMO ESPIRITA

A natureza existencial da Filosofia Espírita se revela na sua *ecstase*, ou seja, na sua posição dentro do mundo, enfrentando os problemas do homem na existência. Por isso mesmo o Espiritismo não pode ser confundido com o Existencialismo, mas não há dúvida que encontramos na sua investigação ontológica uma fase existencialista. E é essa fase que chamamos Existencialismo Espírita, a arena filosófica em que o Espiritismo se defronta com o Existencialismo protestante de Kierkegaard, com o Existencialismo Católico de Gabriel Marcel, com o Existencialismo ateu de Jean Paul Sartre e assim por diante, armado dos mesmos instrumentos conceptuais e colocado na mesma posição de pesquisa das diversas correntes existenciais da Filosofia Contemporânea.

Nicola Abbagnano, existencialista italiano, entende que as Filosofias da Existência podem ser divididas em três grupos, tomando-se como critério o sentido e o emprego que dão à categoria filosófica do *possível*. Esta categoria implica todas as possibilidades do homem como um Ser na Existência. Abbagnano estabelece a seguinte divisão: a) — Grupo da *impossibilidade do possível*, formado por Kierkegaard, Martin Heidegger, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre, como figuras exponenciais; b) — Grupo da *necessidade do possível*, com Louis Lavelle, Rene Le Senne e Gabriel Marcel; c) — *Grupo da possibilidade do possível*, iniciado pelo próprio Abbagnano. Embora o grupo (a) constitua a área espiritualista, o Existencialismo Espírita se aproxima mais da posição de Abbagnano, dadas as relações evidentes dessa posição com a natureza científica da conceituação existencial espírita.

Tentemos uma explicação deste problema. Para o primeiro grupo as possibilidades humanas são irrealizáveis; para o segundo grupo são realizáveis, e mais do que isso, necessariamente se realizam graças ao Absoluto, ao Transcendente que supera a Existência (aceitação dos conceitos metafísicos do Ser e do Valor numa perspectiva religiosa); para o terceiro grupo, as possibilidades são o que são, ou seja, possíveis em si-mesmas, de maneira que não podem tornar-se *impossíveis*, nem apresentar-se como *necessidades*. A frustração de um *possível* não o anula, pois ele continua como possível, da mesma maneira por que uma hipótese pode ser submetida a uma experiência negativa, mas continuar válida e posteriormente se comprovar. A posição de Abbagnano representa uma síntese, uma solução dialética dos impasses em que caíram os dois grupos anteriores. E por isso mesmo se aproxima da posição espírita.

Ao mencionar a *ecstase* da Filosofia Espírita estamos reconhecendo nela uma estrutura ontológica. A Filosofia Espírita é um Ser conceptual, como todos os sistemas filosóficos, mas livre dos prejuízos do espírito de sistema, porque

sua estrutura é dinâmica e aberta, sem nenhuma ossatura dogmática. Expliquemos: os dogmas da Filosofia Espírita são princípios de razão e não postulados de fé, são os filamentos de uma estrutura lógica e por isso mesmo flexíveis. Assim, podemos discernir nessa estrutura as suas hipóteses ou regiões ontológicas: 1.º) - a *ecstase*, no sentido berkeleyano de relação inicial, em que o ser permanece fechado em si-mesmo; é o momento em que a Filosofia Espírita nasce do sensível, do concreto, pelo processo científico da indução, a partir do exame dos fenômenos; o momento em que ela se fecha na *existência* como um *ser no mundo*; 2.º) — a *ecstase* em que ela se abre na própria indução em direção à transcendência, na formulação de seus princípios metafísicos; 3.º) — a *ecstase*, em que ela se define como uma nova concepção do Ser, uma nova cosmovisão, que partiu de um ponto existencial terreno para abranger todo o Universo.

Assim, o que chamamos de Existencialismo Espírita é a Filosofia Espírita da Existência, a parte dessa Filosofia que encara o homem no mundo, da mesma maneira que *o ser aí*, a que se referia Heidegger. Até o aparecimento do Espiritismo o pensamento espiritualista era platônico: admitia o pressuposto de uma realidade metafísica da qual decorria toda a realidade física. O Espiritismo assumiu a posição aristotélica: buscar na realidade concreta a sua essência possível e dela partir para as induções metafísicas. "*O Livro dos Espíritos*" começa com a afirmação da existência de Deus, mas já vimos que essa existência se prova na própria existência do mundo, que Deus pode ser encontrado num simples *lançar de olhos sobre a natureza*. Temos de figurar Kardec-educador, a estudar o *ser humano* para poder educá-lo; Kardec-magnetizador, a estudar a influência magnética do homem e entre os homens para poder conhecê-los melhor; Kardec-cientista, a observar os fenômenos físicos em sessões mediúnicas e posteriormente a investigar os problemas do desprendimento espiritual durante o sono, numa série de experimentações rigorosamente controladas, para podermos compreender a posição existencial do Espiritismo na abordagem do problema do Ser.

Os problemas comuns das Filosofias da Existência são precisamente os problemas espíritas: o Homem como um *ser no mundo*; a Existência como uma forma peculiar da vivência humana, uma *atualização* absoluta (segundo Bochenski) e um constante refazer-se no tempo; o ser humano como um *projeto* que atravessa a Existência, que nela aparece *feito* (a facticidade humana se constituindo de subjetividade, afetividade e liberdade), de maneira que o homem é um ser atirado ao mundo com o nascimento, para avançar em direção à morte, através do desespero, da angústia, da dor. As Filosofias da Existência procuram resolver esses problemas pela investigação fenomenológica, a partir dos dados do *existir*, que é, na verdade, a própria vivência do mundo. Essa vivência se caracteriza pela percepção da fragilidade humana que gera o desespero e a angústia do homem. Nas correntes espiritualistas, como em Marcel, a angústia é substituída pela esperança conferida pela fé, mas essa solução metafísica não consegue repercutir nos demais pensadores. Heidegger considera o homem como *ser para a morte*, mas essa definição pessimista é atenuada pela sua afirmação de que *o ser se completa na morte*.

Toda essa temática existencial está presente na Filosofia Espírita. Bastaria lembrarmos, por exemplo, o livro famoso de Léon Denis, um clássico do pensamento espírita e continuador da obra de Kardec, intitulado "*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*", para vermos como a posição existencial da Filo-

sofia Espírita se entrosa na corrente existencial da atualidade. Mas "*O Livro dos Espíritos*", contemporâneo das obras de Kierkegaard, o iniciador dessa moderna corrente filosófica, já coloca os problemas existenciais de maneira precisa, como veremos a seguir.

Começemos pelo problema da facticidade. Com o nascimento, o homem aparece *feito* no mundo. Sua Facticidade se compõe do seu corpo e do seu psiquismo (corpo e espírito), de sua afetividade e sua liberdade (sua capacidade de percepção e seu livre-arbítrio) e esta facticidade está carregada de *possíveis*, das possibilidades que irão se desenvolver na *existência*. O homem parte, como uma flecha, do ventre materno para o berço, deste para a vivência do mundo (atravessando a *existência* como um projétil) para atingir o seu alvo na morte. Numa perspectiva puramente existencial o homem, na sua facticidade, não tem mais do que possibilidades, mas estas possibilidades vão se *atualizar* na existência, nos limites permitidos pelas circunstâncias. Não há, portanto, uma essência no homem, considerado o homem como *o existente*, mas apenas possibilidades. Sartre define a essência do homem como *um suspenso na sua existência*, pois a essência humana vai ser elaborada através da sua vivência no mundo. Essa essência, portanto, só se completa com a morte, com o fim da existência. Isto nos lembra a *imortalidade memorial* do Positivismo de Comte. O que o homem fez na existência é que constitui a sua essência. Com a morte o homem se acaba e sua essência permanece no mundo como um simples fato cultural. Não obstante, a vida do homem é *uma paixão inútil*, um esforço constante de superação, de transcendência. O animal vive, mas o homem *existe*, e esse existir se caracteriza pela paixão, pelo impulso de transcendência conscientemente dirigido. Só *existe*, o homem que segue esse impulso.

É fácil compreender que as filosofias da Existência, à maneira do que Kardec dizia das Ciências, avançam paralelas ao Espiritismo até certo ponto e depois se detêm, perplexas diante do mistério. O momento em que elas se detêm é o limiar da interexistência, esse intermúndio em que *o ser se completa na morte*, mas no qual se passam também fatos da mediunidade. É nesse momento que o Existencialismo se transcende a si-mesmo para transformar-se em Interexistencialismo. A Filosofia Espírita da Existência não se limita ao *existir no mundo*, como um fato simplesmente fenomênico, mas graças ao conceito de *mediunidade* oriundo da investigação científica objetiva e nela desenvolvido descobre *o existir no intermúndio* (que os gregos já conheciam como o existir dos deuses) e descobre ainda *o suceder das existências no mundo* como um processo palinogênico inerente a toda a Natureza (que os gregos também conheciam).

Assim, a Filosofia Espírita, em sua *ecstase* existencial, ilumina os problemas obscuros do Existencialismo. A facticidade misteriosa se explica pelo *fazer* anterior do Ser, através do desenvolvimento do princípio inteligente e sua projeção na existência como *ser humano*. Atravessando a *existência*, como um projétil (o *projeto* existencial) o homem completa na morte não o seu próprio Ser, mas o *ser* do corpo que chegou aos limites de suas possibilidades, nem a sua própria essência, mas apenas a essência de uma existência, através da vivência das experiências necessárias ao seu *atualizar* progressivo.

Para a Filosofia Espírita o corpo não é uma instância ontológica, mas uma instância existencial. Da existência material o ser passa para a existência espiritual, mudando de instância existencial: substitui o corpo físico pelo corpo energético do perispírito. E na existência espiritual encontramos ainda o pro-

blema existencial da facticidade com todas as suas implicações. O Espírito aparece *feito* no plano espiritual, dotado de um corpo que foi elaborado anteriormente, de um psiquismo que se desenvolveu na vivência mundana, com sua afetividade e sua intelectualidade preparadas nas existências sucessivas e consumadas na derradeira existência material. Não obstante, e até por isso mesmo, a existência espiritual é uma transcendência da existência material, é o momento em que a síntese do *em-si* e do *para-si*, que Sartre considera impossível, se realiza no *em-si-para-si*, ou seja, na *existência espiritual* que, para os gregos, era divina e os levava a chamar os Espíritos de deuses.

Mas o conceito de mediunidade ilumina também a existência terrena, dando-lhe uma nova dimensão. O *existente* ou *homem no mundo* adquire a condição espírita de *interexistente* ou *homem no intermúndio*. O avanço das Ciências Psicológicas está comprovando essa realidade já demonstrada pelo Espiritismo e sustentada pela Filosofia Espírita. A descoberta da percepção extra-sensorial provou que os rígidos limites existenciais não correspondem à realidade existencial. Há, na própria existência terrena, corporal, mundana, uma realidade psíquica superando e envolvendo a realidade puramente vital do homem. E quando Heidegger se refere ao *ser no mundo*, como *Mitsein* (ser com outros, o ser social) e à *Mitdasein*, ou coexistência (vida social), temos de acrescentar a esses dois conceitos a dimensão mediúnica das *testemunhas* de que falava o apóstolo Paulo, dos *outros* espirituais que nos envolvem e, portanto, da convivência espiritual que experimentamos através da existência.

Para a Filosofia Espírita da Existência o *existente* se define pela mediunidade. Esta consiste na faculdade normal (nem sobrenatural nem paranormal) de percepção extra-sensorial e, portanto, de comunicação com os *existentes* do intermúndio. A dinâmica e a mecânica dessa comunicação são estudadas em "*O Livro dos Médiuns*", que é um desenvolvimento dos problemas mediúnicos de "*O Livro dos Espíritos*". O *existente* atualiza as suas possibilidades mediúnicas que lhe ampliam a consciência de si-mesmo e da sua natureza existencial, através do desenvolvimento mediúnico, que não é apenas o sentar-se à mesa de sessões para *receber espíritos*, mas principalmente aguçar a visão espiritual, entendendo-se por visão todo o complexo da percepção extra-sensorial. Esse aguçamento equivale a um transcender dos limites existenciais, pois é um liberar progressivo da percepção global do espírito, um escapar da prisão sensorial orgânica para outras dimensões da realidade. O *existente*, com essa *atualização* dos seus *possíveis* espirituais, torna-se um *interexistente*, um *ser no intermúndio*. Mas o *intermúndio* não é um conceito espacial e sim um conceito hipostásico, não é quantitativo, mas qualitativo. A intuição grega dos deuses se converte na realidade espírita dos Espíritos e a do intermúndio espacial na realidade do intermúndio psíquico.

O *interexistente* não é apenas intuição, nem apenas hipótese, ou formulação teórica. Pelo contrário, o *interexistente* é uma realidade histórica, antropológica, que podemos encontrar em todos os tempos e lugares. Foram *interexistentes* os videntes e profetas de todas as épocas, os xanãs e pagés das tribos selvagens, os oráculos, as pitonisas, os taumaturgos de todas as religiões. São *interexistentes* os médiuns e os paranormais de hoje, os gênios de todas as épocas, os fundadores e propagadores de religiões. A História da Filosofia oferece-nos as figuras de Sócrates, Platão, Plotino, Descartes e Bergson como *interexistentes*. Na História da Psicologia temos o caso recente de Karl Jung. Na História Políti-

ca e Militar as figuras de Joana D'Arc, Abraão Lincoln, Makenzie King (do Canadá), Lord Dowding (Comandante da RAF na defesa de Londres durante a última guerra mundial), e assim por diante. Os casos famosos de Francisco Cândido Xavier e José Pedro de Freitas (Arigó) foram objeto de estudos numerosos, inclusive um estudo do primeiro como *interexistente*, publicado no livro "Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade", de Roque Jacintho. O conceito espírita de *interexistente* se comprova na realidade histórica e na realidade cotidiana das nossas próprias existências, quando não em nós mesmos.

O problema da comunicação, que a partir de Kierkegaard o Existencialismo colocou de maneira dramática — Kierkegaard rompeu o noivado porque não podia comunicar-se nem mesmo com a noiva, considerando como única forma de comunicação a do homem com Deus (o outro, segundo sua expressão) — esse problema é amplamente resolvido pela Filosofia Espírita da Existência. A *comunicação* é uma categoria filosófica do Espiritismo que tem amplitude cósmica. Vemos em "*O Livro dos Espíritos*" que o fluido universal é o veículo do pensamento, assim como o ar é o veículo da palavra. O homem pode comunicar-se às maiores distâncias. Daí a validade da prece, que é forma de comunicação. As experiências atuais de telepatia à distância confirmaram essa tese espírita, a ponto de levarem os cientistas soviéticos, materialistas, a se empenharem nas pesquisas telepáticas.

O aguçamento da visão espiritual pelo desenvolvimento mediúnico implica um problema filosófico de comportamento. A Filosofia Espírita da Existência coloca esse problema em termos de moralidade. Opõe-se assim aos sistemas orientais de desenvolvimento artificial das faculdades psíquicas, por entender que esses sistemas perturbam o equilíbrio existencial do homem. Só a moralidade, a evolução moral do ser e, portanto, o desenvolvimento de suas potencialidades espirituais pode permitir à criatura humana o aguçamento de sua visão espiritual. Cada existência é um processo condicionado pelas anteriores e pela preparação do Ser no mundo espiritual. Tem o seu plano e os seus limites, sendo estes determinados pelo grau de desenvolvimento real do Ser e pelos compromissos que o liga às circunstâncias terrenas. Qualquer tentativa de fuga a esses determinismos existenciais — o que pode ser feito em virtude do livre-arbítrio — atenta contra o equilíbrio moral do Ser. Assim, a Filosofia Espírita da Existência revela mais uma vez sua natureza de síntese do Conhecimento: coloca-se entre as posições contrárias ao hedonismo materialista ou existencialista, de um lado, e do absenteísmo religioso ou místico, de outro lado, postulando a obediência às leis naturais, o que, no caso da concepção existencial, equivale ao respeito pela *existência* e seus fins.

VII — COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

A Filosofia Espírita foi a primeira a apresentar uma concepção cosmo-sociológica de ordem científica. Emile Durkheim trataria mais tarde de um tipo de cosmo-sociologia anímica ao referir-se às cidades gregas do período arcaico, em que deuses e homens conviviam em estreita comunhão com a Natureza (L'Evolution Pédagogique en France, v.I, págs. 138-9), e René Hubert esclarece: "As cidades gregas. estão ainda muito próximas de suas origens culturais para haverem rompido o complexo de interações que ligam a vida social e a vida cósmica, bem como a vida psíquica individual e a vida social; o indivíduo forma corpo com a cidade e esta com o meio que a envolve; as divindades politeístas simbolizam ao mesmo tempo as grandes forças da Natureza" (*Traité de Pédago-*

gie Générale) págs. 24 e 25). Mas é no Espiritismo que a Cosmossociologia se define como uma realidade nova, marcando um avanço decisivo no processo do Conhecimento. Não se trata apenas da relação simbólica da fase mitológica, mas de uma relação positiva que se afirma em termos concretos e se confirma na investigação científica.

Os críticos e adversários do Espiritismo, que em geral o desconhecem, não vacilariam em contestar essa afirmação, recusando às pesquisas espíritas o caráter científico. Mas já agora teriam de enfrentar também as conclusões da Ciência em outros campos, como o da Física, onde os conceitos evoluíram para uma verdadeira Parafísica; da Astronomia, onde a teoria da pluralidade dos mundos habitados entrou para o domínio das possibilidades incontestáveis; da Biologia, onde o problema da vida rompeu a estreiteza da concepção organocêntrica; da própria Teologia, que passou a admitir, sob a influência científica, além da existência dos seres invisíveis a possibilidade de outras humanidades planetárias; e particularmente da Psicologia, que através das pesquisas parapsicológicas acabou provando cientificamente as relações humanas pela percepção extrasensorial e admitindo a existência de entidades extrafísicas em relação com o nosso plano. Assim, as investigações espíritas e as provas que apresentam no tocante às possibilidades cosmossociológicas estão hoje referendadas pelo desenvolvimento das Ciências. Negá-las e contestá-las com apoio em conceitos científicos superados é simplesmente recusar-se a aceitar as novas dimensões culturais do nosso tempo.

Mas, para uma exposição metodológica do problema, devemos partir de um exame geral da Cosmologia Espírita. E a primeira verificação que temos a fazer é a da existência de uma Cosmogonia Espírita, uma teoria genética do Cosmos que se enraíza na concepção bíblica. Os três primeiros capítulos de “*O Livro dos Espíritos*” nos apresentam essa parte cosmogônica de tipo religioso, que nem por isso, entretanto, se afasta do campo filosófico. Pelo contrário, enquadra-se perfeitamente na tradição filosófica e nas fases históricas mais recentes da Filosofia. Encontramos a afirmação de que o Universo foi criado por Deus no item 37 do cap. III. A seguir, nos itens 38 e 39, os esclarecimentos possíveis dessa criação, que resumimos no seguinte: *Deus criou o Universo pela sua vontade e os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no Espaço.*

Temos assim mais uma prova da natureza sintética do Espiritismo, no sentido de síntese histórica segundo a teoria de Arnold Toynbee a que já nos referimos. Toda a cosmogonia bíblica se encerra nesta simples afirmação: *Deus criou o Universo pela sua vontade.* E, logo mais, passamos à Cosmologia científica, que começa por esse esclarecimento, hoje confirmado pela própria Física nuclear: *os Mundos se formam pela condensação de matéria.* Daí por diante, a Cosmologia Espírita se desenvolve na linha puramente científica, apresentando os seis dias da Criação como seis períodos geológicos, a formação dos seres vivos como um processo evolutivo, a figura bíblica de Adão e Eva como simples alegoria, o aparecimento do homem em diversos pontos da Terra (o que determinou a variedade das raças), e o Universo como um sistema de mundos habitados de acordo com as condições específicas de cada um. Tudo isso hoje admitido no campo das teorias científicas. O cap. III se encerra com a explicação do dilúvio bíblico como uma catástrofe parcial e local, o que foi posteriormente

confirmado pelas pesquisas arqueológicas de Sir Charles Leonard Woolley no delta do Tigre e do Eufrates.

O cap. IV, que encerra a primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", é dedicado aos problemas ontológicos que já estudamos. A segunda parte, ou Livro II, se inicia com os problemas da origem e desenvolvimento espiritual do Homem, passando logo a seguir ao campo da Sociologia Espírita que começa no plano espiritual. Isso porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o verdadeiro, "normal e primitivo", do qual deriva o Mundo Corporal. É assim que passamos insensivelmente da Cosmogonia à Cosmologia e desta à Sociologia. A *escala espírita*, simples esquema de classificação tipológica dos Espíritos, em seu processo evolutivo, que começa no item 100 de "*O Livro dos Espíritos*" é, ao mesmo tempo, um elemento da Ontologia, da Psicologia, da Caracteriologia e da Sociologia Espíritas. Podemos aplicá-las tanto aos Espíritos em sua vida espiritual quanto aos homens ou Espíritos encarnados no Mundo Corporal.

Abrem-se no cap. II do Livro II as perspectivas da Sociologia Espírita em toda a sua amplitude. Compreendemos então a razão de Emmanuel haver declarado, em "O Consolador", que "O Espiritismo é o iniciador da Sociologia". Realmente, aquilo que podemos chamar de Sociologia num sentido lato só apareceu até agora nas páginas de "*O Livro dos Espíritos*". Porque somente esse livro nos propõe toda a extensão e complexidade do *fato social* e ao mesmo tempo nos mostra que esse *objeto* (como queria Durkheim que ele fosse encarado) é um objeto cósmico e não apenas terreno. A Sociedade Humana se projeta no infinito e se desdobra em sucessivas estruturas espirituais, angélicas, arcangélicas etc., rompendo até mesmo o conceito esferocêntrico ainda dominante em nossos dias (o da possibilidade de vida apenas em esferas planetárias) como resíduo do velho geocentrismo. Porque os Espíritos vivem não somente nas existências planetárias, como a nossa, mas no Espaço, ou seja, nas amplidões do Infinito, em hipóstases do Universo que não podemos sequer chamar de regiões, pois na verdade não sabemos como são, que aspecto apresentam.

Assim, a Sociologia Espírita entranha-se na própria ordem cósmica. Um fato social terreno está ligado ao Universo, determinado por leis universais. É, portanto, um *fato cósmico*. Há duas ordens de fenômenos que nos permitem verificar esse entrosamento no próprio mundo sensorial: a *palingenesia* e a *mediunidade*. A primeira (que não é apenas reencarnação, pois não se aplica somente à vida orgânica) mostra-nos aquilo que "*O Livro dos Espíritos*" afirma constantemente: *tudo se encadeia no Universo*. Verificamos através dela que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que *tudo se faz, se desfaz e se refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres*, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase do fim do item 540 do L. E: "Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o Arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo".

A segunda ordem fenomênica acima referida, a *mediúnica*, mostra-nos a unidade fundamental do Universo e a sua diversidade instrumental. O fato social terreno é de ordem instrumental, ocorre no campo das relações corporais (os corpos como instrumentos do Espírito). Mas esse fato é produzido pelos Espíritos e regido pela *lei da mediunidade*, lei básica das relações espírito-matéria em todo o Universo. Além disso, as leis universais de afinidade, justiça e amor estão

implicadas nele e o determinam. Uma consulta ao Livro III de "*O Livro dos Espíritos*" dedicado ao estudo das Leis Morais, poderia ajudar-nos a esclarecer a natureza cósmica dos mais diversos *atos sociais* terrenos. A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas. A lei universal da migração de Espíritos, da transferência de Espíritos de um mundo para outro, segundo a necessidade, projeta os antecedentes do *fato social* a distâncias inimagináveis.

Os fins da vida social são os mesmos, no Mundo Espiritual e no mundo Corporal: o desenvolvimento das potencialidades do Espírito, a sua realização moral. A palingenesia tem verso e reverso: nascemos e renascemos nos dois planos. As existências sucessivas são, portanto, intercaladas: a cada existência corporal sucede uma espiritual. E nessas duas existências as relações sociais constituem formas necessárias da evolução espiritual: na existência corporal as relações sociais são objetivas e condicionadas ao processo de exteriorização do Espírito; na existência espiritual as relações são subjetivas e sua interiorização condiciona o aproveitamento da experiência corporal. Exemplo: na existência corporal a exteriorização do Espírito determina a sua ligação com outros e estabelece os laços de família, que resumem os elementos de aglutinação da sociedade, os liames sociais (itens 773 a 775 do L.E.). A família se constitui em célula básica da sociedade. Mas os antecedentes da ligação familiar continuam a determinar ações e reações em cadeia, que se manifestam nos interesses objetivos: os interesses psicológicos estudados pela Psicologia comum. Na existência espiritual a interiorização do Espírito determina o confronto do seu comportamento existencial terreno com os fins da vida social, que na sua consciência estão marcados em forma de exigências morais. Esse confronto irá determinar o seu destino, as suas condições existenciais em nova encarnação.

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L.E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e, portanto, egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação, mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão porque a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o homem se abre para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo. No plano sociológico podemos esquematizar esse processo da seguinte maneira:

O selvagem isolado é o Narciso da lenda que ama a si mesmo. Esse amor (Adão gozando sozinho o Paraíso), entretanto, não lhe basta. A sua insatisfação o leva à procura de um objeto exterior que é arrancado por Deus do seu próprio Ser (Eva tirada da sua costela durante o sono, um sonho que se concretiza, uma potencialidade que se atualiza). Surge assim a primeira família e dela o primeiro clã. As ligações sociais se ampliam na tribo, na raça, na nação. Forma-se o primeiro organismo gregário e o egoísmo se transforma em sócio-centrismo. Mas desenvolve-se a Civilização: com ela, o gregarismo se transforma em sociabilidade. O indivíduo gregário se torna um ser social e as relações sociais o levam à expansão e atualização de suas potencialidades morais. O ser social atinge pouco a pouco a plenitude do ser moral. Mais um pouco e ele se liberta da roda pa-

lingenésica dos renascimentos, tornando-se um Ser Espiritual. Toda essa seqüência pode ser observada na Escala Espírita.

A Sociologia Espírita, abrangendo todo esse processo de desenvolvimento ontológico, pode ser dividida em duas partes: a Parassociologia e a Cosmossociologia. Trata-se de uma divisão puramente metodológica que tentaremos explicar da seguinte maneira:

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interestaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

O "*Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

O "*Evangelho Segundo o Espiritismo*" é o código moral da vida espírita e, portanto, o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronáuticas, figura no cap. III da primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", itens 55 a 58, sob o título de "Pluralidade dos Mundos". O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronáuticas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 (O Livro dos Espíritos) coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus ha-

bitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E: “Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos.” A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: “Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons.” Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: “Todos os mundos são solidários”.

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176-a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superarmos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

3 – COLABORAÇÃO INTEREXISTENCIAL (Filosofia Existencial - Explicação de J. Herculano Pires no livro “Curso Dinâmico de Espiritismo” – págs. 95-102).

A Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica - A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria (ilegítima, adulterada) do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices (leviandades, extravagâncias) da cantora Julliete Grecco (Aparecia em cena de vestido negro e com o contorno dos olhos sublinhado a lápis de igual cor. Essa moda, típica da época do existencialismo francês, marca sua imagem até hoje. Os representantes máximos dessa corrente intelectual, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, foram dois dos principais convidados de Juliette Greco para a inauguração de seu bar Tabou, em

Paris. Esses autores escreveram textos musicais para "a musa do existencialismo". Greco iniciou sua carreira com Chansonette em 1950, obtendo grande sucesso com *Je Haï les Dimanches*. Começou então a gravar discos e a fazer filmes, entre os quais *As Raízes do Céu* (1958). Sua autobiografia, de 1983, tem o título de uma de suas canções: *Je Suis Comme Je Suis*.), que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de "O Ser e o Nada" e da "Crítica da Razão Dialética" costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia.

Vida e Existência – O Homem é um pro-jecto - O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um 'pro-jecto', um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, o homem se completa na morte. A Filosofia Existencial admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único "existente". Esta palavra, "existente", designa o homem como ser na existência.

Conceito Espírita do homem, o único "ser existente" - Vejamos o sentido tipicamente espírita dessa concepção do homem. Antes de ser, o homem é apenas um vir-a-ser, uma coisa misteriosa fechada em si mesma. Ansiando por realização, essa coisa se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que a despertam e a transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com seu livre arbítrio. Para Sartre, ao chegar à morte o homem já elaborou a sua essência na existência, mas esta não subsiste porque o homem desaparece na morte: o homem é uma frustração. Para Heidegger, o ser se desenvolve na existência e se completa na morte: é uma realização. Para Jaspers, o desenvolvimento do ser na existência se faz em duas etapas: 1^a.) a transcendência horizontal, no plano social; 2^a.) a transcendência vertical, na busca de Deus. Sartre aplica ao existente a dialética de Hegel: a) o homem antes da existência é o "em-si"; b) o homem na existência é o "para-si"; c) o homem na morte é o "em-si-para-si". Como vemos, o "em-si-para-si" é a síntese dialética em que o "em-si" (fechado em si mesmo) e o "para-si" (aberto na relação social), que é a transcendência horizontal de

Jaspers, resolve-se no “em-si-para-si”, que é a condição divina atingida na transcendência vertical de Jaspers.

O conceito filosófico (espírita) de “existência” difere profundamente do conceito de vida. Enquanto a vida se define como o elã de Bergson, um impulso, uma força que penetra na matéria e, segundo a idéia hegeliana, modela as formas, a existência é subjetividade pura, o que vale dizer espírito. Assim, não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses subjetivos. Vivemos na psique e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independente das coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na interioridade de nós mesmos. Mesmo encarnados, não saímos do plano espiritual, continuamos nele, nosso habitat natural, como sonâmbulos. A matéria não nos absorve, apenas reflete-se em nossa sensibilidade. O dia e a noite, a vigília e o sono, como Jaspers observou, marcam o ritmo existencial da relação alma-corpo. Durante o repouso do corpo, para refazer-nos, voltamos ao mundo espiritual no veículo do perispírito, e, mesmo em plena vigília, escapamos da matéria através das fugas psíquicas, das projeções telepáticas, das várias modalidades da percepção extra-sensorial. A hipnose prova o sentido ilusório do viver. No estado sonambúlico ou hipnótico, semidesligados do corpo, vagamos no intermúndio e aceitamos facilmente as sugestões de uma situação irreal: tocamos violino sem violino, sentimos calor e suamos sem calor, resistimos ao fogo sem queimar-nos, regressamos no tempo e nos projetamos no futuro através da memória e assim por diante. A Gestalt nos mostra a ilusão da forma na percepção do mundo, em que as aparências pregnantes (que se impõe fortemente, em se tratando de uma estrutura perceptiva e no contexto da teoria da Gestalt = A **Psicologia da forma**, **Psicologia da Gestalt**, **Gestaltismo** ou simplesmente **Gestalt** é uma teoria da psicologia iniciada no final do século XIX na Áustria e Alemanha que possibilitou o estudo da percepção (Britannica, 1992:226). Segundo a Gestalt, o cérebro é um sistema dinâmico no qual se produz uma interação entre os elementos, em determinado momento, através de princípios de organização perceptual como: proximidade, continuidade, semelhança, segregação, preenchimento, unidade, simplicidade e figura/fundo. Sendo assim o cérebro tem princípios operacionais próprios, com tendências auto-organizacionais dos estímulos recebidos pelos sentidos.) cobrem a realidade material precipitando-nos em quedas e frustrações. A evolução da Física roubou-nos o mundo sólido e opaco do passado e lançou-nos no torvelinho dos átomos e das partículas nucleares. A matéria esfarelou-se nas mãos dos físicos e obrigou-nos a reconhecermo-nos como seres evanescentes, e que vivemos num mundo mágico de estruturas imponderáveis.

Diante dessa realidade fantástica, às leis físicas que Bertrand Russel se apegou para não naufragar no irreal, impõe-se a realidade-real das leis psíquicas, do espírito que domina, estrutura e ordena a matéria. O que chamamos de vida se transforma em existência, e esta não é mais do que a curta medida do tempo necessário para nos libertar-nos de um condicionamento mental determinado pela ilusão dos sentidos, como Descartes já verificara e demonstrara em suas tentativas de nos dar a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade lhe revelara em sonhos. O “cogito ergo sum” do filósofo aparece-nos hoje como um traço de união entre o Cristianismo puro do Cristo e o Espiritismo, em que a verdade revelada se restabelece na sua realidade incompreendida, como uma ponte fluídica e indestrutível que liga duas partes do real, separadas pelo abismo de quase dois milênios de loucura, de esquizofrenia religiosa. Ao descobrir que essa frase car-

tesiana – penso, logo existo – foi o “abre-te Sésamo” de um filósofo mágico que não queria ilusionar, mas atingir a Verdade, compreendemos que a ponte cartesiana passou sobre um abismo onde espumou por milênios a voragem de sangue e impiedade de um pesadelo mundial. E tão hipnótica foi essa voragem que cientistas e filósofos ainda resistem ao chamado da nova concepção do homem e do mundo que o Espírito da Verdade nos oferece. O próprio Descartes, apegado aos ídolos de Bacon (No que se refere ao *Novum Organum*, Bacon preocupou-se inicialmente com a análise de falsas noções (ídolos) que se revelam responsáveis pelos erros cometidos pela ciência ou pelos homens que dizem fazer ciência. É um dos aspectos mais fascinantes e de interesse permanente na filosofia de Bacon) saiu do seu deslumbramento para uma peregrinação ao ídolo de Nossa Senhora da Saletti, no cumprimento de uma promessa. Repetiu-se nesse episódio histórico a mensagem do Mito da Caverna na República de Platão. Um escravo escapou dos grilhões e foi ver à luz do Sol a realidade que só conhecia através das silhuetas de sombras. E quando voltou e contou o que vira lá fora, os demais o consideraram perturbado. No entanto, a partir de suas obras iniciava-se no mundo a Renascença Cristã, que se completaria mais tarde numa eclosão mediúnica em que as línguas de fogo do Pentecoste se acenderiam de novo sobre a cabeça dos Apóstolos da Nova Era.

O conceito de existência é o carisma do Século XX, da fase mais aguda da transição planetária para um grau superior da Escala dos Mundos. As inteligências terrenas foram convocadas para a nova batalha cristã, em que os Mártires da Verdade não sofreriam mais as penas cruentas do passado tenebroso, mas enfrentariam as angústias da incompreensão e o martírio inevitável da marginalização cultural. Os construtores da nova cultura, nascida dos princípios cristãos, iniciariam sob escárnio e calúnias a construção da Civilização do Espírito. Esse o grave problema que os espíritas precisam encarar com a maior seriedade em nosso tempo, pois somos herdeiros dessa causa e os continuadores dessa obra. Se não nos empenharmos nela com a devida consciência da sua importância, se não formos capazes de sacrifício e abnegação, em favor dos novos tempos, assumiremos também a nossa parte de responsabilidade nos fracassos que poderão levar-nos a uma catástrofe planetária.

Conceito de Existência e Conceito de Solidariedade Existencial entre os espíritos e os homens: “interexistência” - Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de “existência” dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofísica, impõe-se naturalmente o conceito espírita da “interexistência”. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal, mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipnotismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso dos “agêneres”. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária a que chamamos de “intermúndio”. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e

racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos oráculos e das pitonisas. Eles também conheciam os “agêneres”, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. **O conceito de interexistência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.**

A colaboração interexistencial e as pesquisas mediúnicas - E no Espiritismo esses conceitos se ampliam através das pesquisas mediúnicas, revelando as leis da colaboração interexistencial a que naturalmente se entregam os espíritos e os homens em todos os tempos, desde os primitivos até ao nosso. Contamos, pois, com a colaboração constante dos nossos companheiros de humanidade na batalha cristã de elevação na Terra. Anotemos a importância que, nesse contexto, adquirem as sessões mediúnicas de orientação e esclarecimento de espíritos sofredores ou malfeitores. A doutrinação espírita, sempre auxiliada pelos Espíritos Superiores e os Espíritos Bons que os servem, é um trabalho humilde de caridade que, no entanto, não se limita aos efeitos pessoais em favor do socorrido e das suas vítimas, pois sua contribuição maior é a renovação consciencial ou despertar das consciências humanas para as responsabilidades do ser na existência. Pouco pode fazer uma sessão de doutrinação, diante da extensão dos desequilíbrios, a multidão de sofredores e malfeitores que nos rodeiam. Mas cada espírito que se esclarece é uma nova irradiação nas trevas conscienciais. Além disso, numa pequena sessão não temos o esclarecimento apenas das entidades comunicantes. Em geral, é maior o número de espíritos assistentes, que se beneficiam com a doutrinação dos que se encontram na sua mesma situação. Por outro lado, o ambiente espiritual da sessão irradia suas luzes muito além do recinto estreito em que se realiza. O milagre da multiplicação dos pães se repete em cada sessão de humildes servidores da causa que é de toda a Humanidade. Os resultados positivos das sessões vão muito além do que podemos perceber, espalhando seus benefícios no intermúndio, no Espaço e na Terra. Note-se ainda que essas sessões representam a colaboração humana aos trabalhos de esclarecimento e orientação que os Espíritos realizam incessantemente no plano espiritual. Essa participação dos homens nas tarefas espirituais restabelece os elos de fraternidade desfeitos pelo formalismo igrejeiro. E desfaz a fábula do ciúme dos anjos, que teriam se rebelado contra Deus pela encarnação de Jesus como homem e pela concessão aos padres do direito de perdoar pecados, que os anjos não possuem. Fábulas dessa espécie, criadas pela pretenciosa imaginação teológica, dão-nos a medida do desconhecimento dos clérigos mais ilustrados e prestigiosos sobre a realidade espiritual. Os anjos não são mais do que espíritos humanos que se sublimaram em encarnações sucessivas. O Espiritismo coloca o problema da Criação em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Nas sessões mediúnicas de caridade, anjos, espíritos humanos e espíritos diabólicos participam como orientadores, doutrinadores e necessitados de doutrinação. Não sendo o Diabo mais do que uma alegoria, um mito representativo dos espíritos inferiores voltados ao mal, a presença dos impropriamente chamados espíritos diabólicos nas sessões de socorro espiritual é justa e necessária. Ninguém necessita mais do socorro humano do que essas criaturas transviadas. Quando elas não estão em condições de aproveitar a oportunidade, não lhes é facultada a comunicação mediúnica. Permanecem no ambiente como observadores, vigiados pelos espíritos guardiães, e aprendem aos poucos, como alunos ouvintes, a se prepararem para o tratamento de que necessitam. Muitas pessoas não gostam dessas sessões de comunicações desagradáveis, onde a caridade brilha

no seu mais puro esplendor. São nelas que os pretensos diabos deixam cair suas fantasias infelizes para vestir de novo a roupagem comum dos homens, voltando ao convívio dos que seguem a senda da evolução espiritual. Os grupos que se recusam a realizar esses trabalhos de amor acabam caindo nas mistificações de espíritos pseudo-sábios e pagam caro o seu comodismo e a sua pretensão.

A colaboração interexistencial iniciada pelo Espiritismo estabeleceu a verdadeira fraternidade espiritual na Terra. Esse fato marca um momento sublime nos rumos da transcendência humana. O planeta das sombras, cuja História é um terrível caleidoscópio de atrocidades e maldades, brutalidade e miséria moral, ganhou um ponto de luz celeste com essa reviravolta em suas precaríssimas condições religiosas. O desenvolvimento das práticas de socorro espiritual indiscriminado, oferecido a todos os tipos de necessitados, dará condições à Terra para se libertar das sombras e elevar-se aos planos de luz. O lema espírita: “Fora da Caridade não há Salvação” é o passaporte da Terra para a sua escalada aos planos superiores. Os médiuns que trabalham nessas sessões de socorro, ao invés de preferirem aquelas em que só se interessam por mensagens de Espíritos Superiores, estão mais próximos dos planos elevados e das entidades realmente superiores. Não foi para os elegantes e vaidosos rabinos do Templo que Jesus veio à Terra, mas, como ele mesmo disse, para as ovelhas transviadas de Israel. Os que pensam que só devem tratar com Espíritos Superiores provam, por essa pretensão, a incapacidade de compreender a elevação espiritual.

*

TERCEIRA PARTE

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À CIÊNCIA ESPÍRITA

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À CIÊNCIA ESPÍRITA

Conceito de Ciência Espírita. Observação, pesquisa e experimentação. Experimentação (Experiências) de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

A CIÊNCIA ESPÍRITA

O Espiritismo é uma Ciência Positiva – (Alocução do Sr. Allan Kardec aos Espíritas de Bruxelas e Antuérpia, em 1864 – Revista Espírita, Novembro de 1864, Editora Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho, págs. 319-326) – (...)

... Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar os irmãos em crença em suas tarefas. Assim, as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. O fim dessas visitas é sério e exclusivamente no interesse da doutrina; assim, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais a gente se pode entreter sem constrangimento e se esclarecer mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um leva o contributo de suas próprias observações. Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para o catequizar. Numa palavra, não vou fazer propaganda: só apareço em reuniões de adeptos, nas quais meus conselhos são desejados e podem ser úteis; eu os dou de boa vontade aos que julgam deles necessitar; abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Só me dirijo aos homens de boa vontade. Se nessas reuniões, excepcionalmente, se insinuam pessoas apenas atraídas pela curiosidade, ficarão desapontadas, pois aí nada encontrarão que as pudesse satisfazer; e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou de denegrimen- to, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembléia e dos assuntos aí tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões a que devo assistir, a fim de que se não equivoquem quanto às minhas intenções.

O Espiritismo tem sua fonte nos fatos da natureza: fatos positivos - Disse de começo que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão a vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Certo que, vendo o rápido progresso desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria seu crédito; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas certamente não teria, em poucos anos, adquirido o caráter de universalidade que a distingue. Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não: o Espiritismo não é concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Tem sua fonte nos fatos da natureza mesma, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos e a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita, mas que diaria-

mente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza, a que reside na ação do Espírito sobre a matéria - O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na natureza. Newton não inventou a lei da gravitação: esta lei universal existia antes dele; cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, posto não a conhecessem. Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, contudo ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis no momento de sua descoberta. É que os homens geralmente sentem dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custalhes concordar que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles próprios não encontraram. Mas como, em definitivo, esta lei repousa sobre fatos e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão que render-se à evidência, como os mais recalcitrantes tiveram que o fazer quanto ao movimento da terra, à formação do globo e aos efeitos do vapor. Por mais que taxem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

O médium: instrumento de pesquisa do Espiritismo - Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todas as épocas, se produziram de maneira espontânea. Mas o que, sobretudo, o favoreceu nessas pesquisas, é que lhe foi dado o poder de os produzir e os provocar, até um certo ponto. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Compreende-se que isto é uma comparação e não uma analogia. Há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual, para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu pela via da análise e da observação; ‘dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se apresentou como força ativa; só o proclamou depois de o haver constatado’.

O Espiritismo deverá provocar uma Revolução Moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo - Como força e como lei da natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à ciência, dando-lhe a chave de uma porção de problemas incompreendidos. Mas se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob um outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento e o homem, em vez de se arrastar na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao infinito; sabe de onde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que aqui adquire em saber e moralidade lhe é perdido, e que o seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da presente existência, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que nem mesmo tem por compensação a duração da vida, que ninguém pode aumentar à sua vontade, desde que podemos

cair amanhã, em uma hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de os desfrutar.

Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isto mesmo, abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas idéias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza, que dá um outro curso às idéias, uma significação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista.

Os detratores do Espiritismo, quando o conhecerem, o aclamarão como um socorro providencial - Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de o atacar, como o fazem, de lançar incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhes serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto melhor constatada quanto mais tiver que combater. Um dia deles dirão – o que não será para sua glória – o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem o seu curso, como todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo, que lhe censuram os detratores ou, pelo menos, os que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da natureza, enriquecido por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados do conhecimento humano.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não é nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui apenas um instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos

bons Espíritos por terem querido servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por me tornar digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para a realizar segundo a sua santa vontade. A tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que podem supô-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado ante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício; será a obra de minha vida até meu último dia, pois ante um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como pontos diante do infinito.

*

O Desenvolvimento Científico e a Ciência Espírita – (Explicação de José Herculano Pires em seu livro “Ciência Espírita”, Editora Paidéia, 1ª. edição, 1979, Introdução).

A inquietação do mundo atual, na busca de novas soluções para os problemas humanos, abrange todos os setores de nossas atividades e teria necessariamente de afetar o meio espírita. Mas a nossa Doutrina não é uma realidade entranhada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um vir-a-ser que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda. Confundi-la com as estruturas peremptas deste momento de transição e querer sujeitá-la às normas e modelos do que já foi é tentar prendê-la no círculo vicioso dos abortos culturais. O Espiritismo, rejeitado pelo mundo agora agonizante, não é cúmplice nem herdeiro, mas vítima inocente desse mundo como Jesus e o Cristianismo o foram no seu tempo. Se não tomarmos consciência dessa realidade histórica, com a lucidez necessária, não saberemos como sair do labirinto em que o Minotauro nos espera. O fio de Ariadne da salvação está nessa tomada de consciência. Na verdade, não é o fio mitológico, mas o fio racional das proposições doutrinárias de Kardec, limpidamente científicas. A prova disso ressalta aos olhos dos estudiosos e dos pesquisadores experientes, que não se deixam levar pelo sopro da vaidade em seus precários balões de ensaio. Porque a hora é propícia às inovações nefelibáticas do tipo de Rabelais. Para andar nas nuvens os nefelibáticos não precisam mais de subir ao céu, basta-lhes tomar o elevador de um arranha-céu. Não podemos adaptar o Espiritismo às exigências dos que negaram e negam a existência dos espíritos, aviltando o princípio inteligente e a razão nas correntes de Prometeu.

A Revelação Espiritual veio pelo Espírito da Verdade, mas a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec – Ele mesmo proclamou essa distinção e se entregou de corpo e alma ao trabalho científico, sacrificial e único de elaboração da Ciência Admirável que Descartes percebeu por antecipação em seus famosos sonhos premonitórios. Cientista, Pedagogo, diretor de estudos da Universidade de França, médico e psicólogo, ele se serviu de sua experiência e seu saber onímodo para organizar a Nova Ciência, que se iniciara desdobrando as dimensões espaciais e humanas da Terra. Em meados do século XIX, às portas do grande avanço científico do Século XX, os cientistas ainda não percebiam a sua total ignorância da estrutura real do planeta, de suas várias dimensões físicas e de sua população oculta. O peso esmagador da tradição teológica vendava os olhos da Ciência, que tinha de andar às cegas como a própria justiça humana. Essa Ciência, trôpega e bastarda, não obstante os seus pressupostos atrevidos, contava em seu seio com os pioneiros do futuro. À frente desses pioneiros se colocou Kardec, dotado de uma coragem assustadora, que lhe permitiu enfrentar com a insolência dos gênios todas as forças culturais da época. Graças à sua visão genial o solitário da Rua dos Mártires, conseguiu despertar os maiores cientistas do tempo para a realidade dos fenômenos espíritas, hoje estrategicamente chamados paranormais. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas como entidade científica e não religiosa. Dedicou-se a pesquisas exaustivas e fundou a “Revista Espírita” para divulgação ampla e sistemática dos resultados dessas pesquisas. Sua coragem serviu de amparo e estímulo aos cientistas que, surpreendidos pela realidade dos fenômenos fizeram os primeiros rasgos na cortina de trevas que cercava as mais imponentes instituições científicas. Foi para contestá-lo e estigmatizá-lo como inimigo das Ciências, comparsa dos bruxos

medievais, restaurador das superstições, que cientistas como Crookes, Schrenk-Notzing, Richet e outros resolveram atender aos apelos angustiados das Academias e Associações científicas. Dessa atitude corajosa resultou o escândalo das batalhas que romperam o impasse científico, revelando que o bruxo agia com o conhecimento e a segurança dos mais reputados cientistas. Era impossível desmenti-lo ou derrotá-lo. Kardec rompera definitivamente as barreiras dos pressupostos para firmar em bases lógicas e experimentais os princípios da Ciência Admirável dos sonhos de Descartes e das previsões de Frances Bacon.

Os fenômenos extrafísicos exigiam metodologia científica adequada ao objeto – A metodologia científica, minuciosa e mesquinha, desdobrou-se no campo do paranormal e aprofundou-se na pesquisa do inteligível com audácia platônica. Kardec não se perdeu, como Wundt, Werner e Fechner, no sensível das pesquisas epidérmicas do limiar das sensações. Percebeu logo que os métodos não podiam ser aplicados a fenômenos extrafísicos e estabeleceu o princípio da adequação do método ao objeto. Quando alguns membros da “Société Parisien” quiseram desviá-lo para a pesquisa biofísica das materializações, ele se recusou a fazê-lo, alegando que essa tarefa cabia aos especialistas das ciências materiais. Os objetivos que perseguia eram psicológicos e deu à Revue o subtítulo de “Jornal de Estudos Psicológicos”. Quando Zöllner, em Leipzig, realizou suas pesquisas psicofísicas com o ectoplasma e o problema da quarta-dimensão, tornou-se evidente que o mestre estava no caminho certo. Era preciso penetrar nos segredos da alma, deixando para os físicos as questões materiais. Sua firmeza metodológica denunciava o gênio de visão segura e posição inabalável. Ele criava, como declarou, a Ciência dos Espíritos, sua natureza, suas relações com a matéria e com os homens. Se não foi colocado oficialmente entre os pioneiros da Ciência, foi porque a sua posição era de rebeldia consciente e declarada contra o materialismo científico. Afirmava em seus escritos e palestras que os cientistas se empolgavam com o campo objetivo dos efeitos materiais, fugindo à pesquisa das causas profundas como o Diabo fugia da cruz. Mais tarde Richet, o fisiologista implacável, reconheceria o rigor das suas pesquisas, a firmeza da sua posição, sem as quais a Ciência não se libertaria da poeira da terra. Kant lhe opunha a barreira de sua autoridade ao afirmar que a Ciência só era possível no plano dialético. A proposição kantiana pesa até hoje na limitação das atividades científicas. Mas a audácia de Kardec o levou à vitória. Richet observou, numa carta histórica a Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, que a posição kardeciana deste contrastava decisivamente com as “teorias que atravancam o caminho da Ciência”.

Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los – As teorias podem ser as mais brilhantes – como observou Bozzano -, mas não podem prevalecer contra a realidade dos fatos. E Lombroso, que combatera tenazmente a volta às superstições, acabaria se penitenciando do seu erro nas páginas da revista “Luce e Ombra”, de Milão. Os frutos da tremenda batalha kardeciana começavam a modificar a mentalidade científica temerosa dos absurdos teológicos. Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los. Nenhuma autoridade era mais elevada, para ele, do que a realidade dos fatos comprováveis pela experiência científica e objetiva das pesquisas. Os cientistas mais audaciosos aprenderam com ele a superar os condicionamentos do formalismo acadêmico e enfrentar o mundo como ele é. Richet reconheceria no “Tratado de Metapsíquica”,

que Kardec jamais fizera uma afirmativa que não tivesse sido provada pelas pesquisas. O criador da Ciência atual e de sua metodologia eficiente e eficaz, queiram ou não os alérgicos ao futuro, na expressão recente de Remy Chauvin foi precisamente Kardec, o homem do século XIX que revelou, numa batalha sem tréguas, estes dois princípios fundamentais da nossa mundividência: 1 – A realidade é una e indivisível, firmada na Unidade Pitagórica que se revela na multiplicidade da Década. 2 – Tudo se encadeia no Universo, sem solução de continuidade. Os que tentam fragmentar essa unidade orgânica estão presos às falíveis condições do sensorio humano.

A Ciência Admirável elaborada por Kardec (o “bruxo parisiense”) continua a pesar nas preocupações e no desenvolvimento da Ciência atual, que avança inelutavelmente sobre o seu esquema científico – No desenvolvimento atual das Ciências, muitas cabeças gregas e troianas formularão novas, fascinantes e complexas teorias, mas só prevalecerão as que forem sancionadas pelas profecias fatais de Cassandra. O fatalismo, no caso, não decorre da natureza trágica das previsões, mas da comprovação dos fatos. A figura de Kardec continua suspensa sobre o panorama científico atual como o orientador indispensável dos novos caminhos do conhecimento, na rota cósmica das constelações. Em recente Congresso realizado em Moscou, provocado pelas controvérsias sobre a descoberta do corpo bioplásmico do homem, Kardec foi considerado como um racionalista francês do século XIX que antecipou diversas conquistas da tecnologia moderna. Nossos jornais noticiaram a realização desse Congresso, mas os dados a respeito foram escassos. Pesava sobre o Congresso a suspeição de atitudes que pudessem perturbar as relações entre a Ciência Soviética e os interesses básicos da ideologia fundamental do Estado. Na Romênia marxista a Parapsicologia mudou de nome, passando a chamar-se Psicotrônica, e isso com a finalidade declarada de aproximar das ciências paranormais os materialistas mais ferrenhos ou mais cautelosos, que não desejam ver-se envolvidos em complicações espíritas. Todos esses fatos provam que a Ciência Admirável elaborada pelo ‘bruxo parisiense’ continua a pesar nas preocupações e no desenvolvimento da Ciência atual, que avança inelutavelmente sobre o esquema científico de Kardec. Este é o fato mais significativo dos nossos dias, que os espíritas não podem ignorar. As próprias pesquisas da Astronáutica têm seguido – sem querer e sem saber – o esquema de Kardec na ‘Société Parisien’. Das comunicações mediúnicas de Mozart, Bernard Palissy, Georges e outras entidades, na Société, referindo-se à Lua, à Marte e Júpiter, até a remessa de homens à Lua e sondas soviéticas e norte-americanas à Marte e Júpiter, mostram que o mapa das incursões possíveis foi decalcado, de maneira inconsciente, mas evidente, no mapa kardeciano. Além disso, as próprias descrições desses corpos celestes, feitas pelos espíritos comunicantes em Paris, que Kardec considerou com reservas, têm geralmente coincidido com os dados atuais das pesquisas astronômicas. No tocante à Lua há um problema referente à sua posição na órbita em torno da Terra. Mas Kardec acentuou, no seu tempo, com o apoio do famoso astrônomo Flammarion, que os dados espirituais davam a única teoria existente na época sobre o problema. O esquema kardeciano não foi feito intencionalmente. Resultou de comunicações espirituais espontâneas, que Kardec recebeu com reservas, acentuando que esse fato não se enquadrava nas pesquisas da Société e eram recebidos como curiosidades significativas, sujeitas a confrontos futuros no processo de desenvolvimento das Ciências.

Também nessa atitude evidencia-se o critério científico de Kardec, interessado nos casos gratuitos, mas reservando a sua verificação real ao futuro. Aos que, na época, entusiasmados com essa possível revelação de problemas cósmicos, diziam a Kardec que as utopias de hoje se realizam amanhã, Kardec respondia que deviam esperar a transformação da utopia em realidade para depois as aceitar. Os dados positivos, os fatos, a realidade evidente e a lógica de clareza meridiana eram os elementos preferenciais do seu trabalho. Suas obras nos mostram a limpidez clássica do pensamento francês. Era o mestre por excelência. Sua didática ressalta de toda a sua obra. Richet lhe censurou a aparente facilidade com que aceitava a realidade dos fenômenos mediúnicos e da vida após a morte, mas acabou reconhecendo que ele nunca fizera uma só afirmação que não estivesse respaldada pelas pesquisas.

Não dispunha dos recursos atuais da pesquisa tecnológica, mas tocou a verdade com a ponta dos dedos, como Tomé. Tudo quanto afirmou no seu tempo permanece válido até hoje. A instabilidade das hipóteses e das teorias científicas não existiu para ele. Os cientistas atuais não conseguiram abalar o edifício das suas conclusões. Giram ainda hoje como borboletas noturnas no fogo da sua verdade mil vezes comprovada em todo o mundo. Esse problema da comprovação é freqüentemente levantado pelos contraditores da doutrina e até mesmo por adeptos pouco informados, que alegam a impossibilidade de repetição dos fenômenos para atender às exigências do método científico. Com esse velho chavão nas mãos, pensando haver descoberto a chave do mistério, declaram com ênfase que a Ciência Espírita não é ciência, mas apenas um apêndice espúrio da doutrina. Com isso agridem a competência de Kardec e de todos os grandes cientistas que, desde o século XIX até o presente, de Crookes a Rhine, submeteram os fenômenos às formas possíveis de repetição. Basta a leitura das anotações de Kardec em ‘Obras Póstumas’, o episódio do seu encontro com o fenômeno das mesas-girantes, para se ver a falácia dessa acusação. A impossibilidade de repetição dos fenômenos espíritas implicaria a impossibilidade da pesquisa. Todos os anos da pesquisa sistemática, minuciosa e exaustiva de Kardec, e os anos de pesquisa exemplar de Crookes, Notzing, Gibier, Ochorowicz, Aksakof, Myers, Geley e Osty, e assim por diante, são displicentemente atirados no baú das antiguidades estúpidas. Foi por essa e por outras que Richet escreveu o seu livro ‘O Homem Estúpido’. A repetição de experiências é medida corriqueira em qualquer pesquisa. Os que lançam mão dessa alegação para negar a existência da Ciência Espírita nos dão a prova gratuita da sua incapacidade para tratar do assunto.

Houve interrupção no desenvolvimento da Ciência Espírita, alegam outros. Depois de Kardec ninguém mais pesquisou e os espíritas se entregaram a rememorar os feitos do passado. Se tivéssemos feito isso, simplesmente isso, já teríamos mantido viva a tradição doutrinária, vigorosamente apoiada em séries infindáveis de pesquisas mundiais, realizadas por nomes exponenciais das Ciências. Mas a verdade é que não houve solução de continuidade na investigação, mas simples diversificação das experiências em várias áreas culturais, acompanhada de renovações metodológicas. A Ciência Espírita projetou-se em direções diversas, desdobrou-se em outras coordenadas e deu nascimento a outras ciências. Atacada por todos os lados, por todas as forças culturais da época, a Ciência Espírita firmou-se nos seus princípios e multiplicou os seus meios de comunicação. A escassez do elemento humano interessado na busca da realidade

pura não lhe permitiu a expansão necessária. O homem terreno continua ainda apegado aos interesses imediatistas e aos seus preconceitos, à sua vaidade sem razão e sem sentido. São poucas as pessoas de mente aberta e coração sensível, nesta humanidade egoísta e voraz. Esses elementos compreensivos e abnegados nem sempre dispõem de condições culturais suficientes para enfrentar a luta contra as fascinações do seu próprio passado e dos insufladores de idéias confusas e perturbadoras no meio espírita e nas áreas adjacentes. Mas tudo isso faz parte da lenta e difícil evolução humana. Estamos ainda nos arrancando dos instintos animais, dos mecanismos condicionados pelos milênios do passado genético. O panorama atual do mundo nos dá a medida exata do nosso atraso evolutivo. O contraste chocante entre os pesados lastros da barbárie e as aspirações renovadoras do futuro, geralmente desprovidos de recursos materiais para realizações concretas urgentes, revelam a densidade do nosso karma coletivo.

Por isso a dor explode por toda a parte, em vagalhões enfurecidos. A dor aumentará, porque só ela pode arrancar os insensíveis de suas tocas. – A preguiça mental e a atração magnética do passado encarceradas em si mesmas, mostram-se incapazes de um gesto de grandeza em favor de realizações urgentíssimas. Por isso a dor explode por toda a parte, em vagalhões enfurecidos. A dor aumentará, porque só ela pode arrancar os insensíveis de suas tocas. As leis da evolução são implacáveis e nada as deterá enquanto os homens não acordarem para o cumprimento dos seus deveres morais e espirituais. A Ciência Espírita está em nossas mãos e nos indica o roteiro a seguir. Mas nós a envolvemos em dúvidas e debates inúteis, ao invés de nos alistarmos em suas fileiras e de nos entregarmos generosamente ao seu estudo, à sua divulgação e à sua prática. Homens de recursos financeiros julgam-se agraciados por Deus para viverem ‘à tripa forra’, esquecidos das multidões de ignorantes, muitos deles ansiosos por elevação cultural, mas presos às grilhetas da chamada sociedade de consumo, que na verdade está consumindo o próprio planeta. Os privilégios sociais de uma ordem social estabelecida pela força e não pelo amor lhes dão a ilusão da graça divina. Desapareceram do mundo os antigos mecenas, que punham suas fortunas ao serviço da coletividade. Preferem socorrer os pobres com suas migalhas de sopas e assistências precárias, julgando que assim aumentam seu crédito nos Bancos da Eternidade. Não jogam com a caridade, mas com os cálculos de juros que não existem no Além. São os novos vendilhões do Templo, os cambistas da caridade fácil e supostamente rendosa. Chegarão no Além de mãos vazias e manchadas pelas nódoas da ambição desmedida e da insensibilidade moral.

A Ciência Espírita necessita de escolas, de Universidades, de bibliografias especializadas. Não pode contar com os recursos comuns da simonia, em que se banqueteam as religiões pomposas e mentirosas. Não existe no mundo uma única Universidade Espírita, em que a Ciência Admirável possa manter e desenvolver os seus trabalhos de pesquisa científica. De vez em quando, um potentado se sente tocado pela intuição de uma entidade benévola e faz doações generosas a um médium ou a uma instituição de assistência social. O médium, se honesto e sensível, passa a doação para outras instituições de caridade. Os serviços culturais continuam à míngua, sustentados apenas pelos que dão seu tempo, sua vida e seu sangue para a sustentação da cultura espírita. Certas instituições gastam os seus recursos em aviltamento da Doutrina, com a produção de obras espúrias, a serviço da mistificação. Respondem por essa situação precária da Ciência Espírita todos os que preferem os juros bancários ao desenvolvimen-

to cultural. A Ordem Divina é regida por Deus, mas a ordem humana é dominada pelo homem, no aprendizado da vida terrena. Se não conseguirmos despertar os homens para o urgente desenvolvimento da Ciência Espírita, nada mais teremos do que a cultura terrena em que vivemos, de olhos fechados para o alvorecer dos novos tempos. Não veremos o raiar da Era Cósmica, porque teremos voluntariamente enterrado a cabeça na areia, em pleno deserto, na hora das tempestades. E o que faremos, de nossa ignorância espiritual, ante a proliferação das Universidades das subculturas materialistas? ...

*

Pesquisa Científica da Mediunidade – Sessões Experimentais – (Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Espírito e o Tempo”, Editora EDICEL, DF., 7ª. edição, 1995, págs.183-186.

A pesquisa científica dos fenômenos mediúnicos foi iniciada e desenvolvida por Allan Kardec na parte psicológica. Embora os fenômenos físicos despertassem maior interesse em todo o mundo, Kardec dedicou maior atenção aos fenômenos psicológicos, partindo de um critério metodológico justificado pela sua posição filosófica. Formado e especializado em Pedagogia, na Escola de Pestalozzi, interessava-se profundamente pelos problemas da natureza humana. Assim como o Magnetismo, em voga na época, abriu-lhe novas perspectivas para a investigação das potencialidades anímicas do homem, os fenômenos mediúnicos revelavam-lhe novas possibilidades nesse sentido. Considerou os fenômenos físicos como simples efeito de uma causa que era naturalmente mais importante. Em 1854, quando observou pela primeira vez fenômenos mediúnicos de natureza física (movimentos de objetos, dança das mesas etc.) considerou-os como de origem possivelmente energética, produzidos por indução de correntes elétricas das pessoas presentes ou efeitos desconhecidos da lei de gravidade. Logo mais estabeleceu relações entre o psiquismo dos médiuns e essas forças, antecipando de vinte anos a Psicologia-Fisiológica de Wilhem Wundt, que surgiria em 1874. Experiências posteriores com as meninas Julia e Carolina Baudin e com a srta. Japhet lhe provaram a presença de inteligências estranhas na produção e orientação dos fenômenos. Kardec reconheceu a importância desse fato e desenvolveu métodos específicos de pesquisa, relacionando os fatores espirituais com os psíquicos (psiquismo dos médiuns) e anímicos (alma dos médiuns) e fisiológicos. Esse complexo de fatores antecipava a metodologia de Wundt e superava antecipadamente a metodologia experimental de Weber e Fechner.

A posição de Kardec de iniciador da Psicologia Experimental (Wundt) e a de pioneiro da Psicologia Profunda (Freud) – O desafio aos sábios – A Parapsicologia e a Física – Das experiências iniciais com médiuns diversos, em que obteve o material reunido em ‘O Livro dos Espíritos’, passou aos trabalhos sistemáticos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, onde contava com a colaboração de Camille Flammarion, Alexandre e Gabriel Delanne, Victorien Sardou, Didier e outros. Recusou-se a fazer pesquisas físicas, deixando estas a cargo dos especialistas científicos que punham em dúvida a validade dos seus trabalhos. Sua convicção o levava a não desviar-se do rumo traçado e a lançar esse desafio aos adversários e críticos. A tenacidade e o rigor com que prosseguiu nas pesquisas, que qualificou justamente de psicológicas, e os resultados a que chegou, positivos e irrefutáveis, teriam lhe assegurado a posição de iniciador da Psicologia Experimental que deram a Wundt, e a de pioneiro da Psicologia Profunda, que deram a Freud. Ao tratar das manifestações anímicas dos médiuns, revelou a existência do inconsciente, sua dinâmica e sua influência no comportamento humano, e isso quando Sigmund Freud não tinha mais do que um ano de idade. A catarse espírita de Kardec foi muito mais eficaz e profunda que a catarse psicanalítica de hoje. Albert De Rochas o provou na França e Wladimir Raikov, seguindo o método empregado por De Rochas, o comprova hoje na Universidade de Moscou, enquanto Ian Stevenson faz o mesmo na Universidade da Califórnia (EUA) embora sem o gênio e o rigor kardecianos. O preconceito científico (aberração nas ciências) e a alienação cultural ao materia-

lismo, que colocou um pressuposto absurdo como base de toda a Ciência, negaram a Kardec o reconhecimento de sua contribuição ao desenvolvimento da Cultura. O desafio aos sábios, entretanto, surtia os seus efeitos. As pesquisas de William Crookes, Henry Sidgurick, Edmund Gurney, Oliver Lodge, Frederic Myers, Schrenk Notzing, Charles Richet, Gustave Geley, Eugene Osty, Friedrich Zöllner, Paul Gibier e tantos, tantos outros nomes exponenciais da Ciência comprovaram, nos anos sucessivos, a validade absoluta do trabalho pioneiríssimo de Kardec. Hoje, a Parapsicologia e a própria Física, que rompeu o seu arcabouço de materialismo estratificado, mostraram, sem querer e sem saber, que as conclusões kardecianas são verdadeiras. Incumbiram-se os parapsicólogos e os físicos atuais da reparação científica devida inexoravelmente a Kardec.

As pesquisas científicas dos fenômenos espíritas prosseguem na atualidade – Muitas pessoas reclamam da falta de pesquisas científicas dos fenômenos espíritas na atualidade, sem perceber que essas pesquisas prosseguem como deviam e como Kardec desejava, ou seja, nos laboratórios científicos de todos os grandes centros universitários do mundo, pela ‘força das coisas’, como escrevia Kardec, por necessidade absoluta do progresso científico e sem qualquer delimitação ideológica ou sectária. E enquanto os cientistas cumprem o seu dever de pesquisar sem preconceitos, os espíritas prosseguem na prática de suas atividades doutrinárias, socorrendo as vítimas do equívoco científico (os obsedados, fascinados e subjugados) através de suas simples e humildes sessões de assistência fraterna e gratuita. Isso não impede que os espíritas, no âmbito de suas instituições doutrinárias, realizem também suas sessões de pesquisas científicas. Mas as instituições espíritas, em geral, não dispõem de condições para esse trabalho especializado (diremos mesmo: especializadíssimo) que exige a participação de especialistas, de aparelhagem custosa, de todos os recursos de um laboratório de tipo universitário. Algumas instituições espíritas aventuram-se ingenuamente à promoção de pesquisas sem disporem de nada disso. Alimentam ainda as crenças religiosas do passado, esperando que o Alto (o mundo dos espíritos superiores) possa suprir as suas desoladoras deficiências culturais e conceptuais, no tocante ao problema espírita. Alguns graduados universitários pensam que seus canudos de bacharel ou licenciado são suficientes para lhes dar a habilitação especializada que não possuem. Criam institutos ‘científicos’ domésticos, sem recursos de espécie alguma para pesquisas complexas e refinadas, e passam a julgar-se e apresentar-se, até mesmo em televisões, como cientistas dignos de acato. Um pouco de bom-senso bastaria para lhes mostrar o erro em que incidem. Enquanto não tivermos uma Universidade suficientemente aparelhada – com pessoal especializado e competente e com aparelhagem técnica suficiente – não podemos promover sessões de materialização, efeitos físicos, ectoplasma diversificada, psicofonia e escrita direta, que possam dar algum resultado positivo no campo dos interesses científicos. O exemplo de Kardec deve servir de advertência aos que se aventuram nesse terreno escorregadio. Vivendo num tempo em que o problema científico era muito menos complexo do que hoje, assim mesmo ele se recusou a dedicar-se a trabalhos que poderiam desviá-lo do campo exigente da elaboração e divulgação da Doutrina Espírita, que precisava levar o seu socorro imediato ao povo, preparando a mente popular para a superação indispensável das concepções supersticiosas do passado. A tarefa principal de um espírita consciente, naquele tempo, como ainda hoje, era a de assentar as bases do novo edifício a construir.

Todas as Ciências, enfim, já atravessaram o limiar do Mundo Espiritual e não podem mais recuar - Os meios científicos atuais já chegaram à compreensão de que os tabus materialistas foram pulverizados pelas explosões atômicas. A realidade espiritual se impõe de tal maneira que os materialistas são obrigados a sofismar e até mesmo a disfarçar suas conquistas científicas mais avançadas, para não darem a mão à palmatória implacável da Verdade. A História, a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Física, a Astronáutica – todas as Ciências, enfim – já atravessaram o limiar do Mundo Espiritual e não podem mais recuar. Já temos a pesquisa da reencarnação, dos fenômenos paranormais, especialmente dos chamados ‘fenômenos théta’ (de manifestações e comunicações de espíritos) nos mais adiantados centros universitários do mundo, sem excluir sequer os da órbita soviética, onde o ‘corpo-bioplásmico’ é o novo fantasma, agora constituído de plasma físico, que apavora os remanescentes do Materialismo falecido por asfixia e reduzido a cinzas nos fornos crematórios da Verdade. Pensemos nisso, analisemos bem esses problemas, antes de nos aventurarmos a pioneiros de porão, na retaguarda do avanço científico e tecnológico dos nossos dias, que não estamos em condições de acompanhar.

*

5 – A CIÊNCIA ESPÍRITA E A PARAPSICOLOGIA

5.1 – O que é o homem? – (Explicação de José Herculano Pires em seu livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, editora EDICEL, SP, 6ª. edição, 1981, págs. 13-17).

O “homem-psicológico” moderno está irremediavelmente superado pelo “homem-psi” contemporâneo - A pergunta “O que é o homem?” abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica – ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine – encontram a sua superação dialética na síntese do ‘homem-psi’. Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema ‘espiritualismo-materialismo’ à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às consequências desse processo. O ‘homem-psicológico’ não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de ‘se abrir’ no extra-sensório, como o Universo físico ‘se abriu’ no energético. O ‘homem-psi’ é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem – e reagirão ainda por algum tempo – certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. O ‘homem-psicológico’ moderno está irremediavelmente superado pelo ‘homem-psi’ contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo - “dualismo relativo”: psique e soma - Ao superar o conceito do ‘homem-psicológico’, o novo conceito de ‘homem-psi’ não destrói aquele: apenas o amplia. É o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de ‘matéria’ e ‘energia’. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores. A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de ‘dualismo-absoluto’, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um ‘dualismo-relativo’. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação ‘psico-somática’. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana. Assim, o ‘homem-psi’ é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a ‘mente’, elemento extrafísico do homem,

capaz de sobreviver à morte física, mas susceptível de investigação científica em laboratório.

Abrem-se, assim, novas possibilidades à própria Medicina psicosomática, bem como a todas as Ciências do Homem – Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser “do outro mundo” para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do “momento parapsicológico”, segundo nos parece, são os seguintes:

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado ‘teta’ (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de “reencarnações sugestivas”, embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhari-che sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Mölnbo, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro ‘Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro’, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

Sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de “ação sobre a matéria”- Essas novidades mostram uma tendência geral do “momento parapsicológico” para a aceitação da tese da sobrevivência do ho-

mem após a morte física e sua possibilidade de ‘ação sobre a matéria’, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

O preconceito científico e religioso: É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as tornam mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apóiam: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos – todo um vasto acervo honrado por nomes exponenciais das Ciências em todo o mundo. O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso que se recusa a aceitar a possibilidade de investigações científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez ‘apesar’ dessas dificuldades.

O conceito de “homem-psi” já está definitivamente firmado – É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências nos últimos quarenta anos pode aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo “no ar”. Sofrem daquela “alergia ao futuro” descoberta pelo Prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, mas a sua própria reação é um indício de que o futuro se aproxima. A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixiados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências. Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol, que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

5.2 – Mec – (Memória extracerebral) - Mergulho no passado – Reencarnação – (Explicação de José Herculano Pires no mesmo livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs.91-102).

‘Mec’ é a sigla de memória extracerebral, o mais recente fenômeno a entrar no campo das pesquisas de ‘psi’. Com ele, esse campo de pesquisas se amplia de súbito, rompendo a aparente estagnação em que parecia haver caído. E assinala-se a contradição: representando um mergulho no passado, ‘mec’ é, na verdade, um salto no futuro. A colocação científica do problema de ‘mec’, simultaneamente na URSS e nos EUA, por cientistas de reconhecida capacidade e probidade, valeu por um rompimento inesperado das barreiras do preconceito que impediam o avanço das pesquisas e chegavam mesmo a ameaçar a Parapsicologia com a repetição da aparente derrota infligida pelos adversários da Metapsíquica. Podemos agora dizer que esse perigo foi afastado, exorcizado pela audácia dos pesquisadores modernos.

Memória extracerebral = Paramemórias = Reencarnações Sugestivas.

A expressão ‘memória extracerebral’ surgiu simultaneamente com outras, como: paramemórias e reencarnações sugestivas. É evidente a superioridade teórica da primeira designação, que se emparelha perfeitamente com ‘pes’ (percepção extra-sensorial) e ao mesmo tempo rejeita a suspeição de causas puramente sugestivas, que torna anticientífica a última designação. Por sinal que esta última surgiu na Rússia, onde é evidente o interesse ideológico de contestação do significado do fenômeno. Quanto à expressão ‘paramemórias’, que também se ajusta à nomenclatura parapsicológica, perde, entretanto, para ‘mec’ no tocante às exigências de clareza e precisão.

Memória extracerebral é um tipo de memória que não pode estar no cérebro, pois este pertence à existência atual do indivíduo, surgiu com o seu corpo, ‘nesta vida’, como a ‘tábula rasa’ dos empiristas – disco virgem para as primeiras gravações sensoriais – enquanto a referida memória corresponde a uma possível existência anterior. De onde vem ela? Esse o problema essencial a ser resolvido pelas pesquisas. Era muito fácil e cômodo, até há pouco tempo, resolvê-lo com um simples dar de ombros negando a sua existência. Mas ‘agora’, com as provas científicas da sua realidade, só resta a evasiva simplória da sugestão ou a escapadela provisória pelas vias da ‘percepção extra-sensorial’. Essas duas vias de escape, entretanto, já se encontram bloqueadas pelas conseqüências teóricas e as evidências práticas das pesquisas.

Podemos dividir em três campos (regiões), no momento, a área de pesquisas de “mec”. De um lado temos o campo ocidental constituído pelos investigadores norte-americanos e europeus; de outro, o campo oriental constituído pelos pesquisadores indianos e asiáticos; e por fim o campo soviético, de onde se destaca a figura do Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou. As pesquisas realizadas no Brasil pelo Eng. Hernani Guimarães Andrade e outros pesquisadores, bem como as da Argentina, enquadram-se naturalmente no campo ocidental. O pioneiro das investigações no meio universitário, ao que parece, foi o prof. Dr. Hamendras Nat Barnejee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia. Desde 1954, segundo ele mesmo nos informou em entrevista pessoal, suas pesquisas vêm aprofundando a questão de maneira sistemática e rigorosa. Vários livros em que apresenta o resultado de seus trabalhos

foram editados em inglês pela própria Universidade. Seu fichário de casos excede ao de qualquer outro pesquisador, indo além de um milheiro. Apesar disso, as suas conclusões não são tão positivas como as do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, EUA, que parece agir com mais desenvoltura. O Dr. Barnejee dá-nos a impressão de um homem que sofre das restrições naturais determinadas pela sua condição de indiano. Sua posição científica é mais ou menos afetada pelo preconceito ocidental que sempre envolve as figuras da Índia numa auréola mística. Reagindo contra isso, Barnejee se mostra demasiado cauteloso, embora nem sempre consiga manter essa cautela. Stevenson está livre dessa coação e age de maneira mais decisiva.

O pioneirismo de Barnejee, porém, restringe-se à atualidade. Antes dele temos de assinalar a presença vanguardeira do Cel. e Prof. Albert De Rochas, Diretor do Instituto Politécnico de Paris, que em 1924 já lançava o seu livro ‘As Vidas Sucessivas’, pelos Editores Chacorcán Frères, e o Dr. J. Björkem, que em 1943 publicava em Estocolmo o seu livro ‘Hypnotiska Hallucinationerna’, pela Editora Litteraturforlaget. Na Inglaterra, embora não estritamente em plano universitário, o livro ‘This Egyptian Miracle’, do Dr. F. H. Wood, despertou grande interesse, relatando o caso de Rosemary, médium espontânea que ‘falava’ o egípcio faraônico, revelando recordações de uma vida longínqua. Outro livro inglês, recente, e que enquadra o autor nas pesquisas atuais, é o do Dr. Alexander Canon, médico da corte, intitulado ‘Reencarnação e Psiquiatria’.

As pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação – Albert De Rochas foi o pioneiro das pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação. Sua técnica é hoje (1^a. edição deste livro em 1965) desenvolvida pelo Dr. Raikov, na Universidade de Moscou, favorecendo a posição do pesquisador em face do materialismo oficial da URSS. Daí a expressão ‘reencarnações sugestivas’ por ele utilizada inicialmente. Mas Barnejee e Stevenson seguem outro método, preferindo o exame dos casos espontâneos de lembranças de vidas anteriores reveladas por crianças. Segundo esses dois cientistas, os casos espontâneos têm a vantagem da naturalidade, enquanto o processo de ‘regressão da memória’ pela hipnose é artificial e o mais sujeito a suspeita de fabulações inconscientes pelo paciente. Os dois métodos, porém, vão se revelando aos poucos como processos complementares, servindo alternadamente para a comprovação científica da realidade das vidas sucessivas. Em suas conferências e entrevistas em São Paulo o Dr. Barnejee colocou-se numa posição cautelosa, mas instado por um entrevistador de televisão, no Canal 4, chegou a sustentar a tese da prova da sobrevivência espiritual do homem através da pesquisa sobre a ‘memória extracerebral’. O Dr. Stevenson, em seu livro ‘20 Casos Sugestivos de Reencarnação’, no qual figuram dois casos observados no Brasil, admite que as pesquisas já romperam os limites da simples sugestão, atingindo a evidência. Isto mostra o quanto se avançou no campo da Parapsicologia nestes últimos anos. Mas como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica, e, portanto irrefutável, de um caso de reencarnação através das manifestações espontâneas ou provocadas da ‘memória extracerebral’? É o que procuraremos esclarecer a seguir.

Como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica e, portanto irrefutável, de um caso de reencarnação através das manifestações espontâneas ou provocadas da “memória extracerebral”? O método seguido por De Rochas é ainda o empregado pelos cientistas atuais, mas aperfeiçoado. Com exceção, naturalmente, de Raikov, que não se preocupa com a verificação

da realidade da reencarnação, mas apenas com o problema em si, estritamente psicológico, da 'memória extracerebral'. Raikov, na linha pavloviana da psicologia soviética, pretende explicar o fenômeno em termos biológicos. Mas tanto Barnejee como Stevenson, e os demais cientistas que os acompanham nesse campo de pesquisas, seguem as trilhas de De Rochas: verificação objetiva das lembranças nos locais e meios social e familiar em que teria vivido a personalidade anterior, que agora aparece como reencarnada. Essa verificação, dando resultados positivos, é tanto mais significativa quanto menos as pessoas atuais, em cujo meio vive o reencarnado, tiverem informações sobre os fatos lembrados. Ou seja: quanto mais estranhos sejam para os familiares atuais do reencarnado os locais, as pessoas e os costumes de sua existência anterior.

A esse método de verificação acrescentaram-se técnicas modernas de comparação tipológica, tanto de natureza psicológica como biofisiológica. Barnejee e Stevenson servem-se de fichas tipológicas comparativas. Isso é possível nos casos de reencarnações recentes, particularmente em meios sociais afins, por exemplo: no mesmo país, na mesma família, em famílias interligadas por relações de amizade. É possível também no caso de personalidades que deixaram marcas na tradição local ou na História, tornando-se impossível em casos de reencarnações que implicam distâncias maiores de tempo entre a vida anterior e a atual, porque então escasseiam ou desaparecem totalmente os dados da tipologia anterior. De qualquer maneira, essa técnica de comparação tipológica, quando bem aplicada, proporciona elementos valiosos de evidência. Stevenson, seguindo tentativas feitas no passado por Sir Oliver Lodge e atualmente por C. J. Ducasse, dá grande importância aos padrões culturais, que podem ser confrontados, entre as duas personalidades, mesmo quando colocada a segunda (a do reencarnado) em situação cultural e social diferente da situação do passado. Nos padrões físicos, corporais, destacam-se os sinais de nascimento e as deformações que podem identificar, ao menos em princípio, a personalidade atual com a personalidade anterior. Em vários casos há também um elemento ponderável a ser considerado: o aviso de reencarnação, que poderíamos chamar de 'anúnciação' em virtude dos casos clássicos de anúncias de nascimento nas várias religiões. Lembre-se a anúnciação do anjo a Maria, a anúnciação do nascimento de João e assim por diante. As anúncias, naturalmente mais modestas, feitas no âmbito familiar, têm inegável significação quando o fato se realiza e as suas circunstâncias confirmam a previsão.

Todo esse processo de verificação dos casos de reencarnação não exclui a multiplicidade de teorias explicativas do fenômeno de 'memória extracerebral'. Mas, como em todos os campos da Ciência, e particularmente no setor específico das Ciências Psicológicas, a verificação depende da capacidade e habilidade do investigador, pois o processo é complexo, implicando numerosos fatores sutis (porque psíquicos) e exigindo elevado grau de bom-senso, de conhecimento dos problemas em causa e de capacidade de discernimento. Como assinala Stevenson, é preciso discernir, por exemplo, entre casos de 'possessão' e de reencarnação. Os casos de possessão pertencem ao capítulo da mediunidade. Uma criatura atual é possuída pelo espírito de outra, que se manifesta nela como personalidade alternante. O interessante neste caso é a aceitação científica, e já agora pacífica, dos casos de manifestações mediúnicas. A evidência dos casos de reencarnação supera a fase das discussões teóricas sobre a questão da sobrevivência espiritual e da comunicabilidade dos mortos. Stevenson confunde, em

certos casos, a possessão mediúnica com a reencarnação propriamente dita, o que prova que ele não é espírita.

Allan Kardec, o Espiritismo e a Reencarnação – Fazemos justiça a Allan Kardec e ao Espiritismo, reconhecendo sua prioridade no campo das investigações científicas sobre a reencarnação. A “Revista Espírita” (coleção do tempo de Kardec) hoje editada em português, é um valioso repositório de fatos e uma eloqüente demonstração do esforço de Kardec no campo da pesquisa psíquica, para provar a reencarnação. E os métodos hoje postos em prática pelos cientistas têm as suas raízes mais profundas no Espiritismo. Ao contrário do que dizem as pessoas mal informadas ou mal intencionadas, Kardec não tirou o princípio da reencarnação das doutrinas da Índia. O princípio espírita da reencarnação originou-se das manifestações dos espíritos e confirmou-se nas pesquisas. O próprio Richet, no ‘Tratado de Metapsíquica’, reconhece que Kardec jamais aceitou um princípio que não fosse confirmado pela experiência, pela investigação de tipo científico. Até mesmo a questão das fichas tipológicas atuais já teve o seu precedente em ‘O Livro dos Espíritos’. O meio ali indicado para saber-se o que se foi no passado é o exame das tendências atuais. Essas tendências, vocações e habilidades revelam, no presente, as conquistas efetuadas no passado, pelo espírito.

Allan Kardec e Léon Denis: os druidas reencarnados – Kardec se considerava um druida reencarnado. O mesmo aconteceu com Léon Denis, continuador de Kardec, a quem Conan Doyle chamou ‘um druida da Lorena’, em cuja província ele havia nascido. Kardec publicou na Revista um curioso estudo sobre os celtas e sua religião, o Druidismo. Léon Denis desenvolveu esse estudo num livro dos mais belos e curiosos: ‘La Génie Célitique et le Monde Invisible’. Mas ambos, Kardec e Denis, ‘não acreditavam’ apenas que eram druidas reencarnados na França, território da antiga Gália de Vercingetórix. Eles ‘sabiam’ que o eram. E sabiam por quê? Porque haviam constatado as suas tendências, a orientação cultural (o problema dos padrões de cultura) que já traziam em seus espíritos ao nascer, a sua predisposição para o reerguimento dos princípios druídicos (reencarnação, comunicação mediúnica, existência dos vários planos espirituais, lei de causa e efeito, conceito de Deus e lei de evolução) através do Espiritismo.

As provas da reencarnação no Espiritismo – abrangem todos os elementos considerados pelas pesquisas científicas atuais. São considerados elementos probantes os seguintes: lembranças de vidas passadas, sinais físicos reproduzidos no reencarnado, anúncio mediúnica de renascimento (comprovada por sinais ou semelhanças temperamentais e tipológicas), súbito reconhecimento pelo reencarnado de locais em que vivera e de pessoas com as quais vivera (sempre que seguidos de comprovações objetivas), simpatias ou antipatias acentuadas e sem motivos imediatos entre pessoas (excluídos os casos de simples atração ou repulsão fluídica por motivos de disposições temperamentais ou psíquicas). Como se vê, a posição espírita, rejeitada pelas Ciências, é a mesma por elas adotadas na atualidade. Há profundas diferenças entre as leis da reencarnação no Espiritismo e nas antigas religiões da Índia e de outros povos, bem como na posição dos espíritas ante o problema e a posição dos indianos, por sinal bem ressaltada pelo Dr. Stevenson em seu livro acima citado. A concepção espírita da reencarnação se liga, de um lado, à do Cristianismo primitivo, e de outro lado à concepção druída, segundo acentuaram Kardec e Denis.

As concepções sobre a reencarnação variaram através dos tempos – A concepção cristã da reencarnação encontra-se nos próprios Evangelhos e alguns dos Pais da Igreja, como Orígenes, São Clemente de Alexandria e São Gregório de Nazianza. A concepção celta se encontra nas ‘tríades druídicas’, exposição da doutrina em estrofes de três versos, largamente estudadas pelos especialistas ingleses, franceses, escoceses e outros. Kardec apresenta essas duas concepções confluindo na Doutrina Espírita, e dialeticamente se fundindo na síntese superior da concepção espírita, o que as investigações científicas estão agora comprovando e referendando. Como se sabe, o princípio da reencarnação vem de épocas imemoriais. Desenvolveu-se amplamente nas civilizações antigas, como a do Egito, as da Mesopotâmia, da Índia e da China. As tradições religiosas de Israel a registraram com o nome de ‘ressurreição’ e os judeus atuais, estudiosos de sua religião, não podem negá-la. Mas o Cristianismo herdou essa tradição e aprimorou-a, apesar de tê-la suprimido (bem como à pneumatologia ou manifestação mediúmica) para vê-la renascer nos tempos modernos através do Espiritismo, que Kardec apresentou como uma forma de Renascimento Cristão.

As concepções da reencarnação variaram através dos tempos e dos povos, desde a forma retroativa da Metempsicose egípcia, que Pitágoras adotou, até às formas confusas da ressurreição judaica e cristã (João Batista era Elias, Jesus um dos profetas antigos e ensinava que ‘é preciso renascer de novo, da carne e do espírito’ – ou da água e do espírito, o que dá na mesma, pois a água era o símbolo do elemento material para os antigos). Essas variações não militam contra, mas a favor do princípio da reencarnação, como realidade interpretada diversamente por diversas culturas.

A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável) – O estudo e a pesquisa de “mec” representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento - O que a Ciência faz agora com ‘mec’ (memória extracerebral) é o que já fez com vários outros problemas religiosos e terá de fazer com outros no futuro: racionaliza-os, integrando-os na cultura contemporânea através da pesquisa e da comprovação. O sobrenatural dá lugar ao natural. A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável) à semelhança das leis físicas e matemáticas. Assim, o estudo e a pesquisa de ‘mec’ representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento, reintegrando o espírito no quadro das realidades científicas do século.

A falta de pesquisas intensivas sobre a reencarnação no Brasil e em toda a América de língua castelhana, decorre principalmente da falta de recursos financeiros e de pessoal habilitado. Nos Estados Unidos, como se vê pelos trabalhos ali publicados – e um dos atestados disso é o livro de Ian Stevenson – os pesquisadores são financiados por indivíduos ou instituições que lhes permitem a tranqüilidade, as condições e o tempo necessários. Por outro lado, as condições culturais e a preparação universitária dos pesquisadores facilitam a habilitação para esse campo específico e difícil de estudos e investigações. Em nossos países latino-americanos escasseiam recursos, condições e preparação. Stevenson observou em seu livro que as condições psicológicas no Brasil são mais favoráveis do que na própria Índia, onde uma tradição espiritualista de tipo ar-

caico, fundamentada em pressupostos místicos e eivada de superstições, dificulta o aparecimento dos casos e mais ainda a sua pesquisa. As condições psicológicas do Brasil decorrem de sua formação cultural, na qual Stevenson destaca duas correntes importantes de contribuição, provenientes de fontes e camadas estruturalmente diversas. A primeira é a corrente africana, folclórica, representada pelas religiões primitivas trazidas até nós pelo tráfico negreiro. É a corrente do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, da mistura de religiões e crenças do continente negro com o Catolicismo e as crenças indígenas de nossa terra. A segunda é a corrente filosófica francesa, que chegou bem mais tarde, somente em fins do século XIX, com o Espiritismo e, portanto, com as obras de Allan Kardec. Entre esses dois extremos da estrutura cultural – o Folclore africano e a Filosofia francesa (esta particularmente em suas conseqüências religiosas) – há, porém, a vasta área de reação da cultura acadêmica européia, de tipo materialista, que levanta uma barreira de preconceitos contra as pesquisas parapsicológicas.

As próprias conquistas da Física abrem novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial. Mas os meios intelectuais – e particularmente os universitários – no Brasil e demais países do continente não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais. Há inegavelmente um complexo de inferioridade cultural em toda a América Latina, que não lhe permite o arejamento e a desenvoltura com que norte-americanos e europeus enfrentam o momento de transição em que nos encontramos no mundo. A evolução cultural do nosso tempo já superou, e com muita rapidez, a fase de materialismo defensivo que marcou fortemente a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. As próprias conquistas da Física abrem novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial. Mas os meios intelectuais – e particularmente os universitários – no Brasil e demais países do continente, não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais. Permanecem fechados na casca de tatu do materialismo superado, convencidos de encontrarem-se ainda na trincheira da verdade contra a superstição, sem perceberem que a guerra já acabou e a anistia ampla se faz em todo o mundo. Encastelado assim numa posição retrógrada, o nosso intelectualismo acadêmico se vê acuado, principalmente no Brasil, pelas avalanchas de ‘hordas bárbaras’ que aumentam sem cessar, tanto no campo da corrente africana quanto no da corrente francesa. Essa teimosia o levará fatalmente a uma derrocada semelhante à do Império Romano, mas enquanto não se der a queda da orgulhosa Roma Imperial, a pesquisa de ‘mec’ entre nós prosseguirá em ritmo de catacumba, à luz de archotes. Esse aspecto trágico da situação cultural brasileira escapou naturalmente à observação de Stevenson.

Os casos de reencarnação no Brasil, conhecidos particularmente no meio espírita, são numerosos. Mas o interesse existente nesse e em outros meios culturais afins é esterilizado pela indiferença e pela reação dos meios universitários. Essa reação, num país de pouco desenvolvimento cultural, exerce poderosa influência, levando as próprias famílias em que ocorrem os casos de reencarnação a uma curiosa posição de ambivalência: de um lado, elas se orgulham da ocorrência, que as torna objeto de interesse especial dos meios espiritualistas; de outro lado elas se esquivam e disfarçam a situação, com o receio de serem consideradas pelos intelectuais como redutos de superstições, e também com o receio (por sinal muito humano e muito de acordo com o sentimentalismo

brasileiro) de exporem os seus parentes reencarnados ao ridículo e lhes criarem situações embaraçosas no futuro. Isso particularmente nos casos de reencarnação com mudança de sexo. Mas apesar disso os ventos do mar largo, que sopram de todos os quadrantes do mundo, e o desenvolvimento cultural acelerado dos últimos anos nos levam a esperar, talvez para mais breve do que se pensa, uma mudança favorável dessa situação opaca para a transparência necessária.

Não é fácil fazer um levantamento geral dos pesquisadores atuais da reencarnação em todo o mundo. Por toda a parte eles se multiplicam sem cessar. Basta correr os olhos em algumas publicações especializadas da Europa e da América, particularmente o ‘Journal of Parapsychology’, para se ver a abundância de estudos publicados a respeito. Mas o livro de Ian Stevenson, ‘20 Casos Sugestivos de Reencarnação’, oferece-nos, já nos agradecimentos do autor aos que com ele colaboraram, uma lista impressionante de figuras exponenciais das Ciências contemporâneas. Na abertura de um ciclo de conferências na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, o Dr. Barnejee declarou que pôde verificar pessoalmente a existência, na Rússia, de duzentos cientistas empenhados na investigação da ‘memória extracerebral’. Barnejee tem estado com certa frequência nos Estados Unidos, na URSS e no Canadá, três países em que essas pesquisas se processam com mais intensidade.

Ian Stevenson é diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, EUA. Entre os cientistas atuais citados no seu livro podemos destacar os seguintes: Dr. Karlis Osis, eminente Parapsicólogo norte-americano; Dr. Robert Laidlaw, Psicólogo e Diretor do Hospital Roosevelt, de New York; Prof. C. J. Ducasse, da American Society for Psychical Research; Prof. Gardner Murphy, famoso Psicólogo norte-americano; Dr. J. G. Pratt, do grupo de parapsicólogos da Universidade de Duke, EUA; Prof. P. Pal, do Itachuna College de Bengala Ocidental; Prof. B.L. Atreya, da Universidade Hindu de Benares; Dr. Jamuna Prasad, Diretor do Gabinete de Psicologia do Ministério da Educação da Índia; Dr. William A. Coates, da Universidade do Ceilão e atualmente na Universidade de Vidalankara, Índia; Dra. Louise Rhine, esposa e companheira de pesquisas do Dr. Joseph Banks Rhine, Duke University, EUA.

“Mec” pertence ao campo de “psigama” no quadro de classificação dos fenômenos paranormais. Sua própria natureza o inclui nesse campo, pois tratando-se de ‘memória’ não tem nenhuma forma de manifestação exterior. Não obstante, como todos os fenômenos parapsicológicos, suas provas são sempre objetivas. Só podemos saber se estamos diante de ‘mec’ ou de uma fabulação inconsciente pelo confronto das lembranças do paciente com a realidade histórica e social.

*

5.3 – Parapsicologia e Espiritismo – (Explicação de José Herculano Pires em seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs. 199-204)

Os domínios da Parapsicologia são um ‘enclave’ no vasto império do Espiritismo: um pequeno território autônomo, recortado pelos cientistas no campo da imensa fenomenologia espiritual. Os livros de Parapsicologia, por isso mesmo, costumam citar o Espiritismo e os fenômenos espíritas como antecedentes dessa nova Ciência. Um exemplo típico desse procedimento é o livro do Prof. Ricardo Musso, do Instituto Argentino de Parapsicologia, que traz o expressivo título: ‘En los limites de la Psicología’, mas seguido de um subtítulo bastante significativo: ‘Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología’.

As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são amistosas – Para os psicólogos que, tendo à frente o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, reiniciaram as pesquisas metapsíquicas neste século (XX), dando-lhes nova orientação sob esse novo nome, o Espiritismo representa uma fase antiga e superada do trato com o paranormal. É o passado. E com ele a Metapsíquica, cujas experiências e investigações estão sendo submetidas a rigorosa e penosa revisão. As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são, portanto, amistosas, como pensam geralmente espíritas e não-espíritas. Pelo contrário, têm sido até bastante ásperas, pois os parapsicólogos não desejam qualquer confusão entre os dois campos. O ‘enclave científico’, orgulhoso como um Principado de Mônaco, retém ciosamente o que conseguiu conquistar do vasto império que o rodeia e ameaça desmantelá-lo por completo no futuro, se os espíritos puderem ser eliminados.

A tese parapsicológica é a seguinte: O Espiritismo surgiu em virtude de interpretações apressadas de fenômenos desconhecidos. Escapando ao controle das Ciências, esses fenômenos ofereceram larga margem à credence humana. Depois surgiu a Metapsíquica, pretendendo colocar o problema nos devidos termos. Mas essa Ciência também se perdeu no emaranhado dos fenômenos paranormais, avançando demasiado rapidamente nas suas investigações. Agora a Parapsicologia tem de repor tudo novamente em seus lugares. E isso sem pressa, sem precipitar conclusões, avançando devagar e com a mais absoluta segurança, que o terreno é traiçoeiro.

A tese espírita é bem outra. Tentemos resumi-la: A Metapsíquica e a Parapsicologia representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Louváveis esforços que farão os homens de ciência compreenderem a verdade do Espiritismo, dando-lhes uma visão mais ampla e mais bela da vida universal. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas a levarão fatalmente ao reconhecimento da realidade espiritual. Como o Espiritismo não quer outra coisa para os homens, a existência desse pequeno e orgulhoso enclave científico, no seu território, longe de incomodá-lo, só pode dar-lhe satisfações.

Mas nem todos os espíritas entendem essa tese. Alguns pensam que a Parapsicologia é apenas uma nova denominação – orgulhosamente dada pelos cientistas, com o fim exclusivo de fugirem à verdade – ao vasto império do Espiritismo. Outros chegam a temer que os espíritas, fascinados pelo brilho aparente e a prosperidade desse Principado de Mônaco, acabem se perdendo no pano verde das suas cartas de baralho e dos seus jogos de dados. Ficam indignados

quando vêm espíritas militantes entregarem-se a atividades parapsicológicas. E outros, ainda, certamente os mais felizes e ingênuos – que ganharão o Reino dos Céus – entendem que todo parapsicólogo é um espírito disfarçado de cientista para minar e sabotar o edifício das ‘Ciências materiais’.

Como vimos no confronto das duas teses, a aspereza existente nas relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia decorre apenas da falta de compreensão. Se os parapsicólogos abdicassem dos seus preconceitos positivistas ou pragmatistas, e se os espíritas, por sua vez, abdicassem dos resíduos do dogmatismo que ainda alimentam, essas relações seriam as mais amistosas e compreensivas. É o que, felizmente, já vem ocorrendo em várias áreas. Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e aqui mesmo, no Brasil, alguns parapsicólogos e espíritas já aprenderam a darem-se as mãos, jogando fora os seus preconceitos e os seus possíveis temores.

Tanto a Parapsicologia quanto o Espiritismo objetivam exclusivamente a descoberta da verdade sobre a natureza humana. Aquela realiza o seu trabalho no campo das Ciências positivas, servindo-se dos métodos a elas inerentes; este o faz no campo das Ciências culturais, servindo-se também de metodologia específica. O Espiritismo surgiu de um processo de síntese do conhecimento: a conjugação das experiências científicas e religiosas do homem, num momento exato de fusão, permitiu o aparecimento de uma concepção nova, de natureza global, para o estudo dos problemas humanos. Por isso, Kardec afirma que o Espiritismo é uma Ciência, mas que trata especificamente do elemento inteligente do Universo, ou seja, uma Ciência espiritual. Não se pode confundi-lo com as Ciências chamadas positivas que tratam do elemento material do Universo. Mas é evidente que as duas formas de Ciência devem conjugar-se para abrangerem todos os aspectos do Universo. A Parapsicologia surgiu das pesquisas psicológicas, perfeitamente integrada nos quadros e nas exigências das Ciências positivas. Podem e devem, portanto, marchar lado a lado na conquista do objetivo comum.

O Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais: seu método é cultural e não apenas científico. Para esclarecer melhor o que acima dissemos basta lembrar que o Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais. Ao examinar esses fenômenos ele toma uma posição analítico-sintética e não somente analítica. Não vê os fenômenos em si, como o faz a Parapsicologia, mas os ‘fenômenos em si ligados a um contexto’. Por isso o seu método é cultural e não apenas científico. As Ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos. O Espiritismo é global e ‘entrosa’ os fenômenos ‘em si mesmos e no contexto a que pertencem’. Psicologicamente, podemos dizer que o procedimento do Espiritismo é ‘gestáltico’, ou seja: ‘ele se preocupa com a forma global e não com os detalhes’. Os parapsicólogos entendem que essa posição do Espiritismo é arcaica, pertence ao passado místico da Humanidade. Para eles a verdade só pode ser descoberta pela análise, pelo esmiuçamento dos problemas, isolados e submetidos ao processo cartesiano de divisão. Mas o Espiritismo não despreza a análise. Procura apenas colocá-la no devido lugar, como uma simples fase do processo do conhecimento. Aliás, o próprio desenvolvimento das Ciências positivas está sendo feito nesse sentido. O método ‘gestáltico’ em psicologia e a teoria da relatividade na física são exemplos disso. O que nos mostra que o Espiritismo está bem firmado na sua posição, que não é arcaica, mas adiantada, representando uma antecipação no campo do

conhecimento. Enganam-se os parapsicólogos que desprezam o Espiritismo. E mais ainda se enganam os espíritas que, empolgados pelo desenvolvimento atual das Ciências positivas, entendem que a Parapsicologia vai realmente tomar o lugar do Espiritismo e arquivá-lo nas estantes empoeiradas do passado. Para maior clareza podemos dizer que os parapsicólogos são como os mineiros que cavam no escuro, arrancando os minérios da terra. Os espíritas são como os pedreiros que constroem à luz do sol, sobre a terra. É evidente que o trabalho dos parapsicólogos interessa de perto aos pedreiros do Espiritismo. E não há razão nenhuma para os pedreiros se assustarem com o trabalho penoso dos mineiros. Os espíritas, portanto, não devem menosprezar nem superestimar os domínios da Parapsicologia, que na verdade estão encravados – na exata expressão da palavra francesa ‘enclave’ – nos próprios domínios do Espiritismo.

A existência do extrafísico no Homem e no Universo. A “mediunidade generalizada”. O campo de “psigama”: PES (Percepção Extra-Sensorial) e Teta (manifestações de espíritos). A investigação parapsicológica já venceu a sua primeira fase – a da constatação da existência do extrafísico no Homem e no Universo – e está avançando para a demonstração da supervivência do homem após a morte. Rhine dedica-se, no momento, à elaboração de metodologia especial necessária a essa comprovação científica que vai aos poucos realizando, no exame dos ‘fenômenos teta’, de manifestação de entidades espirituais. Enquanto isso, podemos assinalar a área da concepção espírita já plenamente confirmada pela pesquisa parapsicológica. Ao afirmar que as ‘funções psi’ são comuns a toda a espécie humana, a Parapsicologia confirma a tese espírita da ‘mediunidade generalizada’. Reconhecendo a diversificação dessas funções em dois campos, o subjetivo e o objetivo, endossa a divisão espírita das manifestações inteligentes e dos fenômenos físicos. Sustentando a independência da mente, que percebe e age sem se servir dos órgãos corporais, restabelece a dualidade relativa de corpo e espírito. Provando a ação psicocinética, confirma a tese espírita das relações alma-corpo. E, por fim, reconhecendo a existência de fenômenos mentais, possivelmente produzidos por ‘mentes desencarnadas’, confirma a divisão espírita dos fenômenos mediúnicos em dois campos: os anímicos (produzidos pela própria alma do médium) e os espíritas (produzidos por espíritos desencarnados). O campo de ‘psigama’ está hoje dividido em duas áreas – a de PES, percepção extra-sensorial, e a de ‘Teta’, manifestações de espíritos. Além disso, ao tratar da existência de pseudofenômenos paranormais, a Parapsicologia endossa as explicações espíritas a respeito da existência dos chamados ‘fenômenos espiritóides’.

A posição de Rhine no tocante à questão da sobrevivência é declarada nos seus últimos livros e artigos: até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo – Assim, as novidades parapsicológicas, que deviam “aturdir os ingênuos espiritistas” nada mais fazem do que reafirmar tardiamente as teorias espíritas, já confirmadas pelas experiências do Espiritismo há mais de um século. Não é de admirar que os adversários do Espiritismo queiram reduzir a Parapsicologia à triste condição de um ‘pavlovismo’ ou um ‘behaviorismo’ paranormal. É o único recurso que lhes resta diante do avanço das Ciências na comprovação progressiva das pesquisas e teorias espíritas. A posição de Rhine no tocante à questão da sobrevivência é declarada nos seus últimos livros e artigos. O Prof. Jorge Ayala, da Universidade do México, declarou-nos pessoalmente: Rhine segue por etapas – a primeira foi a prova de que os fenômenos existem; a segunda, a prova de que a mente não é física; a terceira

será a da sobrevivência espiritual do homem. A equipe de Puhariche, que realizou pesquisas com Arigó e outros médiuns, tem o mesmo objetivo. É importante assinalar que até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo. Pelo contrário, só têm confirmado, passo a passo, a doutrina espírita em seu aspecto científico.

*

**5.4 – PSI e a revolução cristã – Liberdade, Igualdade, Fraternidade
– Os estados: teológico-metafísico, científico-positivo e psicológico; Fé, Ra-
zão e Intuição - (Explicação de José Herculano Pires em seu referido livro
“Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs. 173-177)**

Psi abre as portas do mundo extrafísico e completa a revolução da Física Nuclear - Rompida com a prova científica da existência das ‘funções psi’ a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano, que na sua futilidade, fizera do nosso planeta o centro do cosmos, e, posteriormente, da nossa forma animal de vida, o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais e inteligentes, foi abatido no seu último reduto. ‘Psi’ abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear, revelando a outra face do cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa. Ao fazer isso, ‘psi’ transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração, o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos então, aquele ‘universo pleno de deuses’ de que falava Tales, não no sentido greco-mitológico, mas no sentido ‘psi’, ou seja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de ‘psi’ não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas, teoricamente, ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas Zener e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

A realidade extrafísica (o outro lado da vida) e as consequências para as relações sociais de ordem filosófica, política e econômica – Colocados, assim, diante daquela realidade extrafísica que Carl Du Prel chamava ‘outro lado da vida’, verificamos, imediatamente, algumas consequências para as relações sociais, da mais alta importância filosófica, política e econômica. Na primeira dessas ordens, a filosófica, temos a reafirmação prática do ‘princípio teórico da liberdade’. Os experimentos de precognição parecem contrariar esta dedução, revelando uma estrutura determinista do processo existencial. Essa primeira impressão decorre da nossa prisão conceptual, nos limites de tempo e espaço. A precognição, se de um lado revela a existência de um determinismo na sequência dos eventos, de outro lado demonstra a possibilidade de penetração da mente nesse determinismo e conseqüentemente a sua possibilidade de ação sobre ele. A mente não é apenas espectadora passiva dos acontecimentos, mas a modeladora e condutora destes. Esse fato se patenteia particularmente nas experiências de telepatia precognitiva, onde se verifica, como nas observações de Carington, que o pensamento deflagra uma ordem causal ou sincrônica de eventos. É o caso das estruturas ‘psicônicas’ ou das estruturas mentais, em que o percipiente consegue penetrar descobrindo os elementos não-revelados que constituem todo um plano de experimentação.

Ordem Filosófica: ‘O princípio de liberdade’, tão limitado no plano existencial, mas que assim mesmo serviu para a definição sartreana da essência do homem como sendo a própria liberdade, reafirma-se e amplia-se nessa outra

face do existencial que é a existência extrafísica, em termos de ‘psi’. ‘Domínio do espaço e do tempo, ação da mente sobre a matéria e sobre a estrutura determinista dos eventos extrafísicos: são estas as características da liberdade psíquica muito mais ampla e fecunda que a liberdade humana do plano temporal’. A mente é livre de penetrar o espaço e o tempo em todos os sentidos – do que podemos ter a nossa experiência comum através do pensamento – e livre para se determinar a si mesma e determinar a cadeia de eventos que lhe convém ou não desencadear. Não temos apenas a reafirmação, mas também a ampliação do princípio de liberdade.

Ordem Política: ‘Reafirmação e ampliação dos princípios de igualdade’ – A seguir, na ordem política – que também se abre para as perspectivas místicas da ‘polis celeste’ – temos a reafirmação e a ampliação do princípio de igualdade. Os homens já não são iguais somente perante a lei, no plano dos direitos convencionais, mas também e, sobretudo, perante a sua funcionalidade, a sua função na ordem cósmica. A igualdade humana rompe as comportas do convencionalismo, supera os conflitos do organocentrismo – provenientes da extrema variabilidade orgânica no plano étnico – e projeta-se como realidade extrafísica, superando o existencial (que no caso se apresenta simplesmente como o circunstancial) para afirmar-se como essencial. Os homens são essencialmente iguais, como o comprova a observação de suas possibilidades mentais, intelectuais e emocionais (ou estéticas) na própria observação comum. A natureza mesma das ‘funções psi’, como manifestações de um psiquismo primitivo comum aos animais e ao homem, revelando apenas graduações evolutivas, demonstra a igualdade psíquica fundamental como potencialidade sujeita às mesmas leis e aos mesmos processos de atualização, de maneira universal. Assim como no plano biológico o recém-nascido é potencialmente igual ao adulto, no plano psíquico a igualdade potencial se apresenta válida, e ainda mais, enriquecida pela irredutibilidade e a irreversibilidade do psiquismo. As experiências de ‘psi’ com retardados mentais demonstrou que a atrofia psíquica é apenas decorrente das deficiências orgânicas do plano físico, podendo os retardados, como os psicopatas em geral, exercer suas ‘funções psi’ tão bem ou melhor que os indivíduos normais.

Ordem Econômica: ‘Princípio da fraternidade’ - No tocante à economia, ‘psi’ nos arranca da infra-estrutura material como o mineiro que arrancasse minérios das entranhas da terra para convertê-los em utilidades da superestrutura cultural. A economia de ‘psi’ não é simplesmente econômica, mas ético-econômica. Nesse novo plano da ético-economia, nossos conceitos se elevam acima da matéria e da energia, para atingirem, além do que conhecemos comumente por psiquismo, a área de ‘psi’ propriamente dita. Nessa área temos uma superestrutura de funções psíquicas ‘onde a fraternidade se apresenta como lei’. As experiências parapsicológicas revelam a inviabilidade de ‘psi’ entre pessoas que não se estimam. A simpatia é condição básica para a sintonia mental e psíquica que produz os resultados significativos na experimentação de laboratório. Simpatia, sintonia, harmonia, eis os termos que nos podem abrir as portas da concepção ético-econômica do Universo, reafirmando e ampliando o princípio da fraternidade.

Dessa maneira, vemos que “psi” nos aparece como a seqüência lógica do processo histórico do Cristianismo. A revolução cristã, que minou a estrutura de injustiças do mundo clássico e preparou o advento do mundo contemporâneo através do Renascimento e da Revolução Francesa, renova-se e amplia-

se na conquista desta nova concepção do homem e do mundo que a Parapsicologia nos propõe. Não nos esqueçamos de que, segundo Wilhelm Dilthey e Whitehead, o milênio medieval não foi mais do que a preparação do Renascimento, predispondo o homem para a volta à cultura clássica, mas através do enriquecimento conceptual do Cristianismo. ‘Psi’ prossegue essa revolução ao provar cientificamente a transcendência do homem.

A Fé, A Razão e a Intuição - Estamos no fim de outra fase de preparação histórica. O processo dialético se evidencia novamente: à fase teológica do medievalismo (com acentuação metafísica) sucede a fase positiva da era científica. Aquela preparou o advento da razão, esta prepara o advento da intuição. Às formas fragmentárias – porque racionais, analíticas, da percepção e do conhecimento – sucedem-se as formas ‘gestálticas’ da percepção intuitiva que proporcionam o conhecimento global. Passamos da tese teológico-metafísica à antítese científico-positiva, e desta à síntese psicológica que se inicia com as investigações da Parapsicologia. Aos três estados da lei positivista de Augusto Comte, o Prof. Rhine acrescenta o ‘estado psicológico’, com a descoberta científica das ‘funções psi’, repetindo o gesto de Kardec em abril de 1868, como se pode ver na “Revue Spirite”.

*

5.5 – PSI e a civilização do espírito – (Explicação de José Herculano Pires no seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs.179-182)

O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha – (A estrutura político-religiosa da Igreja – A Reforma e a Contra-Reforma) - Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o ‘caldeirão medieval’ de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca. Victor Hugo já o dissera, no prefácio de ‘Cromwell’: “Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna”. Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica. Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o ‘point d’optique’ da expressão hugoana, em que “tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte”. O desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção romântica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

A civilização contemporânea é ainda um momento da diástole. Mas os sinais da sístole são visíveis. Na diástole o Cristianismo alienou-se, fragmentou-se e perdeu-se no mundo. Mas o fez para conquistá-lo. Na verdade ele apenas continuou a infiltrar-se nas estruturas arcaicas, mas agora para apossar-se delas, dominá-las e fundi-las preparando o Reino de Deus. O racionalismo nos deu as Ciências, que superaram as superstições mitológicas e quiseram reduzir o mundo a uma equação matemática. O homem se transformou em número – não o fecundo número pitagórico, mas a fria e estéril cifra do economismo utilitarista – e esse número passou a existir em termos de soma, multiplicação, subtração e divisão. A qualidade desapareceu alienada na quantidade. Mas como a qualidade é substância e a quantidade é apenas atributo, a primeira voltará a se impor.

A sístole cristã é o momento de volta à qualidade, à essência, ao Ser, ao homem como homem e não como número, ao homem como espírito e não como acidente biológico. O racionalismo se salva da alienação quantitativa

superando suas próprias limitações através do avanço científico. É por isso que o rompimento da concepção física do mundo se verifica no próprio campo da Física: os números se opõem ao homem e o definem como o anti-número, da mesma maneira por que o mundo, na concepção sartreana, se opõe à consciência e a define como não-mundo. Nas ciências psicológicas esse fato se patenteia de maneira dramática através das experiências quantitativas da Parapsicologia. O método fragmentário conduz à reunificação do objeto, as provas quantitativas reafirmam a qualidade una do psiquismo. Isso é o que permite a Rhine proclamar que a Parapsicologia devolve à Psicologia o ‘seu objeto perdido’.

É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo através da descoberta parapsicológica de suas “funções psi”. Torna-se agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos – “conhece-te a ti mesmo”. ‘Psi’, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

Interpretação científica dos princípios evangélicos – A importância de ‘psi’, como se vê, é fundamental para o momento de transição que estamos vivendo. A demonstração científica da natureza espiritual do homem, ainda apenas em início, mas já suficientemente realizada pela investigação parapsicológica, abre a possibilidade de interpretação científica dos princípios evangélicos. Surge, não somente no plano da cogitação filosófica, mas na polaridade teórico-prática das ciências modernas – a hipótese parapsíquica como potência atualizada na experimentação – a possibilidade de construção de uma civilização do espírito que superará as limitações da civilização materialista do presente. O homem-cósmico da astronáutica é também o homem-psíquico das ‘funções psi’. E é graças a essa verdadeira ação de pinça – o ataque sincrônico através da Física e da Psicologia – que o arcabouço materialista cederá mais rápido do que o supõem os seus defensores.

O “racionalismo-fideísta”, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito - O mundo consciencial ou a ‘República dos Espíritos’ que René Hubert proclama na corrente néo-kantiana do relativismo-crítico, já não se assemelha à República de Platão, mas a um resultado fatal do processo dialético hegeliano. Este processo, por sua vez, revela a sua mola oculta, que o Marxismo e o Existencialismo sartreano ignoraram: é o elã vital bergsoniano em trânsito psíquico através das formas orgânicas. A Parapsicologia animal revela a identidade psíquica do reino biológico, quebrando mais uma vez a aparente dicotomia cartesiana. As ‘funções psi’ dos animais se elevam no plano hominal, onde a conquista e a elaboração da razão as enriquecem, predispondo-as à criação do novo tipo de racionalismo com que precognitivamente sonharam os escolásticos: o ‘racionalismo-fideísta’, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito. Mas o que podemos entender por esse tipo de civilização? O racionalismo-fideísta é a síntese da razão e da fé, a unificação do espírito. O homem dividido reencontra a sua metade perdida, segundo o mito platônico. O amor então

se realiza na plenitude do espírito. Se o homem racional era incerteza e desespero, conquista e ganância, em oposição ao homem de fé, que era acomodação e espera, mortificação e medo, o novo homem espiritual será compreensão e esperança, na percepção intuitiva das suas potencialidades, o que vale dizer da sua perfectibilidade. O desabrochar das 'funções psi' o terá sobrelevado às contradições da dialética evolutiva. Não se trata de um simples sonho, pois são as próprias investigações científicas que abrem essas perspectivas para o nosso século. Estamos no limiar de um mundo renovado pelo poder do espírito, que é o construtor das civilizações.

5.6 – PSI e o desenvolvimento moral – (Explicação de José Herculano Pires em seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs. 183-186).

Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador - A investigação das ‘funções psi’ tem as consequências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das consequências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. É um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional. É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve ser, sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista, apresentado como uma espécie de ‘robot’, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana, para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

“Vós e eu, os seres humanos, o que somos? Ninguém o sabe. É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!” - Em seu livro ‘The Reach of the Mind’, apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, “o problema central do homem”. Sua primeira frase é socrática: “Vós e eu, os seres humanos, o que somos?” E ele mesmo responde: “Ninguém o sabe”. A seguir exclama: “É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!” Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: “Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência”. Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade de ‘conhecer-se a si mesmo’ antes ‘de conhecer o mundo’. A pesquisa científica de ‘psi’ não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de investigações ‘psi’, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas consequências. E as últimas consequências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na experiência quanto no pensamento – na ordem empírica e na racional – são sempre de sentido moral.

A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito – Rhine acentua este aspecto contraditório do nosso tempo: enquanto nas Faculdades de Teologia preparam-se jovens pregadores instruídos em velhos princípios de fé, nas Faculdades de Medicina, a poucos metros de distância das primeiras, formam-se jovens médicos instruídos nos princípios da descrença. E ambos, o sacerdote e o médico vão operar no meio social, muitas vezes encontrando-se aos pés do mesmo leito, cada um com sua verdade particular, oposta e irreduzível à verdade do outro. O mesmo enfermo, entretanto, aceita

e ajusta as duas verdades diante dos dois perigos que enfrenta: o da morte e o da sobrevivência. A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito. Nada mais justo que nessa situação de conflito insanável, o Existencialismo sartreano nos proponha a moral da ambigüidade. Moral, aliás, que antes de sua formulação por Simone de Beauvoir já superava na prática os antigos padrões morais derruídos ao impacto das transformações sociais e culturais. Acusado de espiritualismo, no sentido de preconceito prejudicial à investigação científica, Rhine responde com a colocação das cartas na mesa. Literal e efetivamente é essa a sua atitude. As cartas e os dados sobre a mesa para que o problema seja solucionado nos termos da evidência cartesiana.

As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de “psi” não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica – No final de ‘The Reach of the Mind’ declara serenamente: “Se as futuras descobertas excluïrem toda possibilidade de aceitação da hipótese da sobrevivência, podemos antecipar, com segurança, que o desaparecimento das teorias de toda a espécie sobre a ressurreição não seria mais lamentável que o da existência dos antigos anjos alados, ou o da velha doutrina do enxofre entre os intelectuais das escolas teológicas de hoje”. As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de ‘psi’ não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica. O que importa não é a posição mental diante dos fatos, mas a realidade das comprovações. Porque tanto é prejudicial, do ponto-de-vista científico, o preconceito espiritualista quanto o materialista. Ambos, como assinala Ernst Cassirer, acabam por fazer os fatos empíricos deitarem no leito de Procusto das simples teorias. A verdade, portanto, e não as suposições – a verdade que ressalte dos fatos – eis o que importa. E essa verdade, como o demonstra Rhine, já não admite contradições no estado atual das investigações parapsicológicas. Quando publicou o livro a que aludimos, as investigações ainda não haviam atingido o desenvolvimento de hoje. Mas assim mesmo Rhine podia afirmar que “as experiências de ESP e PK demonstram que a mente está livre das leis físicas”. E acrescentava: “Estas investigações oferecem a única comprovação indiscutível que pode contribuir para a solução do problema da liberdade moral”.

A conclusão de Rhine é um anúncio dos novos tempos. É um programa do Reino, que renova em bases científicas o manifesto do Sermão da Montanha. A descoberta das “funções psi” e de seu alcance, oferece bases experimentais para a formulação de uma nova moral. Não a moral ambígua destes tempos de incertezas e de contradições, mas a moral positiva dos tempos que já se abrem diante de nós, a moral apoiada no conhecimento da natureza extrafísica do homem. Uma coisa é a crença nessa natureza, outra coisa, e bem diversa, é a certeza científica. Como dizia Denis Bradley: “Afirmar ‘eu creio’ não é o mesmo que afirmar ‘eu sei’”. Por isso ‘psi’ se apresenta no quadro científico do nosso tempo como o resgate moral da Ciência e, portanto, da razão. A malsinada razão atinge em ‘psi’ o momento de afirmar a sua vitória decisiva, superando a si mesma. Dessa vitória e dessa superação resulta a ‘moral psi’ que, na precognição de Rhine, estruturará o novo mundo.

Razão da ignorância... Razão da astúcia... Razão do sábio... Razão do sábio-santo (razão iluminada pela intuição e a fé) – Muitos perguntam o que entendemos por uma razão que supera a si mesma. Basta olhar para a gradu-

ação do processo racional em nosso mundo para ter a resposta. Vamos da razão da ignorância à razão da astúcia (a chamada razão diabólica), até à razão do sábio. Mas acima desta existe a razão do sábio-santo, que é o verdadeiro sábio, a razão iluminada pela intuição e a fé. Porque a razão é a experiência vital dinamizada no espírito em forma de categorias mentais. Essa experiência e suas categorias dinâmicas se elevam ao plano da intuição e com ela se fundem na visão global e endopática do todo. A razão que supera a si mesma é a que rompe os limites sensoriais e se eleva além do tempo e do espaço nas asas de 'psi'.

*

QUARTA PARTE

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À RELIGIÃO ESPÍRITA

CADEIRA DE INTRODUÇÃO À RELIGIÃO ESPÍRITA

Conceito de Religião. O problema da Religião em Espírito e Verdade nos Evangelhos

7. A RELIGIÃO ESPÍRITA:

RELIGIÃO EM ESPÍRITO E VERDADE. (Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Espírito e o Tempo”, Editora EDICEL, DF, 7ª. edição, 1995, págs. 159-170)

7.1 – O Espiritismo e as Religiões –

A posição do Espiritismo, em face das religiões, foi definida desde o princípio, ou seja, desde a publicação de *O Livro dos Espíritos*. A terceira parte do livro tem o título de “Leis Morais”, e começa pela afirmação: “A Lei natural é a lei de Deus”, que equivale ao reconhecimento da unidade divina de todas as leis que regem o Universo. Note-se que Kardec e os Espíritos referem-se à lei de Deus no singular, como lei única, e nela incluem as leis morais, no plural. Assim, as leis morais são espécies de um gênero, que é a lei natural. Mas como esta não é a lei da Natureza, e sim a lei de Deus, não estamos diante de uma concepção monista natural, mas de uma concepção monista de ordem ética. As religiões, como fenômenos éticos, formas de educação moral das coletividades humanas, nada mais são do que processos diferenciados, segundo as necessidades circunstanciais e temporais da evolução, pelos quais as leis morais se manifestam no plano social.

Vejamos a explicação de Kardec, no comentário que fez ao item 617-*a* de *O Livro dos Espíritos*: “Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: essas são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da ciência. As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo, e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo, tanto quanto as da vida da alma: essas são as leis morais.” Dessa maneira, o Espiritismo nos oferece a visão global do Universo, num vasto sistema de relações, que unem todas as coisas, desde a matéria bruta até à divindade, ou seja, desde o plano material até o espiritual. As religiões, nesse amplo contexto, são como fragmentações temporárias do processo único da evolução humana.

Essa compreensão histórica permite ao Espiritismo encarar as religiões, não como adversárias, mas como formas progressivas do esclarecimento espiritual do homem, que atinge na atualidade um momento crítico, de passagem para um plano superior. Daí a afirmação de Kardec, feita em *O Livro dos Espíritos* e repetida em outras obras, particularmente em *O que é o Espiritismo*, de que este, na verdade, é o maior auxiliar das religiões. Auxiliar em que sentido? Primeiro, no sentido de fornecer às religiões, entrincheiradas em seus dogmas de fé, as armas racionais de que necessitam, para enfrentar o racionalismo materialista, e especialmente as armas experimentais, com que sustentar os seus princípios espirituais diante das ciências. Depois, no sentido de que o Espiritismo não é nem pretende ser uma religião social, pelo que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização do mundo. A finalidade das religiões é arrancar o homem da anima-

lidade e levá-lo à moralidade. O Espiritismo vem contribuir para que essa finalidade seja atingida.

Nisto se repete e se confirma o que o Cristo declarou, a propósito de sua própria missão, ao dizer que não vinha revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Como desenvolvimento natural do Cristianismo, o Espiritismo prossegue nesse mesmo rumo. Sua finalidade não é combater, contrariar ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Para auxiliá-las, porém, não pode o Espiritismo endossar os seus erros, o seu apego aos formalismos religiosos, a sua aderência às circunstâncias. Porque tudo isso diminui e enfraquece as religiões, expondo-as ao perigo do fracasso, diante das próprias leis evolutivas, que impulsionam o homem para além das suas convenções circunstanciais. O Espiritismo, assim, não condena as religiões. Considera que todas elas são boas – o que é sempre contestado com violência pelo espírito de sectarismo –, mas pretende que, para continuarem boas, não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

Justamente por isso, o Espiritismo se apresenta, aos espíritos formalistas e sectários, como um adversário perigoso, que parece querer infiltrar-se nas estruturas religiosas e miná-las, para destruí-las. Era o que parecia o Cristianismo primitivo, para os judeus, gregos e romanos. Não obstante, os ensinamentos de Jesus não visavam à destruição, mas ao esclarecimento e à liberdade do pensamento religioso da época. Podem alegar os religiosos atuais, que os espíritas os combatem, às vezes, com violência. O mesmo faziam os cristãos primitivos, em relação às religiões antigas. Mas essa atitude agressiva não decorre dos princípios doutrinários, e sim das circunstâncias sociais em que se encontram os inovadores, diante da tradição. Por outro lado, é preciso considerar que a agressividade das religiões para com o Espiritismo é uma constante histórica, determinada pela própria natureza social das religiões organizadas ou positivas. Nada mais compreensível que o revide dos espíritas, quando ainda não suficientemente integrados nos seus próprios princípios.

No capítulo segundo da terceira parte de *O Livro dos Espíritos*, item 653, temos a explicação e a justificação da existência das religiões formalistas. Kardec estuda, através de perguntas aos Espíritos, a lei de adoração, que é o fundamento e a razão de ser de todo o processo religioso. Desse diálogo resulta a posição espírita bem definida: “**A verdadeira adoração é a do coração.**” Não obstante, a adoração exterior, através do culto religioso, por mais complicado e material que este se apresente, desde que praticada com sinceridade, corresponde a uma necessidade evolutiva dos espíritos a ela afeiçoados. Negar a esses espíritos a possibilidade de praticarem a adoração exterior, seria tão prejudicial, quanto admitir que os espíritos que já superaram essa fase continuassem apegados a cultos materiais. A cada qual, segundo as suas condições evolutivas.

O princípio da tolerância substituí, portanto, no Espiritismo, o sistema de intolerância que marca estranhamente a tradição religiosa. As religiões, pregando o amor, promoveram a discórdia. Ainda hoje podemos sentir a agressividade do chamado espírito-religioso, na intolerância fanática das condenações religiosas. Por isso, Kardec esclareceu, em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, que o princípio religioso da doutrina não era o de salvação pela fé, e nem mesmo pela verdade, mas pela caridade. A fé é sempre interpretada de maneira particular, como a dogmática de determinada igreja a apresenta. A verdade é sempre condicionada às interpretações sectárias. Mas a caridade, no seu mais amplo sentido,

como a fórmula do amor ao próximo ensinada pelo Cristo, supera todas as limitações formais. A salvação espírita não está na adesão a princípios e sistemas, mas na prática do amor.

7.2 – Panteísmo Espírita – Uma das acusações constantes formuladas ao Espiritismo pelos religiosos, e particularmente pelos teólogos, é a de panteísmo. Segundo afirmam, de modo geral, o Espiritismo seria uma concepção materialista do mundo, por confundir o Criador com a Criação. Já vimos que essa acusação é infundada. Ao tratar da Filosofia Espírita, verificamos que a cosmologia e a cosmogonia doutrinárias não permitem essa confusão. Anteriormente, verificamos que o próprio Kardec dedicou um capítulo ao problema, em *O Livro dos Espíritos*, esclarecendo a posição do Espiritismo. Não obstante, convém analisarmos alguns aspectos da questão, para melhor definirmos o nosso pensamento a respeito.

Segundo a etimologia, e de acordo com o emprego tradicional do termo, panteísmo é uma concepção monista do mundo que pode ser traduzida na expressão: tudo é Deus. Espinosa foi o sistematizador filosófico dessa concepção. Deus é a realidade única, da qual todas as coisas não são mais do que emanções. Mas existe o chamado panteísmo materialista, não obstante a contradição dos termos. Segundo a concepção de D'Holbach, por exemplo, a realidade primária é o Mundo, e Deus é a suma do Mundo, ou seja, o resultado do conjunto de leis universais. Com razão se diz que não se trata propriamente de panteísmo, apesar do emprego tradicional da classificação. Essas duas formas de panteísmo são rejeitadas pelo Espiritismo.

Kardec argumenta, no comentário ao item 16 de *O Livro dos Espíritos*, que “não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode ser” Forma precisa de definir a posição espírita. Deus não pode ser confundido com o mundo, da mesma maneira por que um artista não pode ser confundido com as suas obras. Assim como as obras exprimem a inteligência e a intenção pessoal do artista, nas várias direções seguidas pela sua inspiração, as obras de Deus o revelam ao nosso entendimento, mas não podemos confundi-las com o seu Autor. O Espiritismo, portanto, não pode ser considerado como nenhuma forma de panteísmo, no sentido absoluto que se dá ao termo.

Apesar disso, podemos dizer que existe uma forma de panteísmo-espírita, se entendermos a palavra em sentido relativo. Essa forma, porém, não é privativa do Espiritismo. Aparece em todas as concepções religiosas, pois todas as religiões consideram universal a presença de Deus, que se manifesta na natureza inteira e “está em todas as coisas”. É conhecida a afirmação do apóstolo Paulo, de que vivemos em Deus e n'Ele nos movemos. Essa fórmula encontra correspondência no pensamento grego e no pensamento romano: o racionalismo dos primeiros e o juridismo dos segundos constituem sistemas de leis universais, presididos por uma inteligência suprema. Quanto ao judaísmo, o providencialismo bíblico é uma forma ainda mais efetiva de panteísmo conceptual. Mas fora do âmbito da tradição ocidental vamos encontrar a mesma concepção, tanto nas religiões indianas, quanto na própria religião-filosófica ou civil do confucionismo, bem como entre os egípcios, os mesopotâmicos e os persas.

A presença universal de Deus é uma forma relativa de panteísmo, que nos mostra o Universo em relação estreita com Deus, a Criação ligada ao Criador. Mesmo no panteísmo espinosiano, é necessário compreendermos o pante-

ísmo de maneira mais conceptual do que real, ou seja, num plano antes teórico do que prático. Porque Espinosa fazia a distinção entre o que chamava “natura naturata”, ou material, e “natura naturans”, ou inteligente. Deus, para ele, era esta última, o que pode ser entendido, do ponto de vista espírita, como uma confusão entre o princípio-inteligente e Deus. Ou seja, Espinosa confundiu a segunda hipóstase do Universo, o Espírito, com a primeira, que é Deus. O Espiritismo não faz essa confusão, admitindo apenas a imanência de Deus no Universo, como consequência de sua própria transcendência.

Não é fácil compreendermos esse processo, sem uma definição dos termos. Mas quando procuramos examiná-los, tudo se torna mais claro. Imanente é aquilo que está compreendido na própria natureza, como elemento intrínseco, pertencente à sua constituição e determinante do seu destino. Dessa maneira, o panteísmo tem sido considerado uma teoria da imanência de Deus. Não obstante, a própria teologia católica considera as aspirações religiosas do homem como decorrência da imanência de Deus na alma. E o Cristianismo evangélico estabelece o princípio da imanência de Deus em nós mesmos. Como poderíamos entender, assim, a imanência daquilo que é transcendente, que está acima e além do mundo e dos homens?

Este problema tem provocado grande celeuma no campo teológico, mas a posição espírita é de tal maneira clara, que a podemos compreender sem maiores dificuldades. Kardec a colocou em termos de causa e efeito: não há efeito inteligente sem uma causa inteligente. Ora, se Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, a transcendência de Deus é a própria causa da sua imanência. Ou seja: Deus, como criador, está presente na Criação, através de suas leis, que representam ao mesmo tempo a ligação de todas as coisas ao seu poder e a possibilidade de elevação de todas as coisas à sua perfeição. A lei de evolução explica a imanência, como consequência lógica e necessária da transcendência. As disputas teológicas decorrem mais do formalismo em que o problema é colocado, do que das dificuldades lógicas ou filosóficas existentes no mesmo.

O panteísmo-espírita não seria mais, portanto, do que a consideração da presença de Deus em todas as coisas, através de suas leis, e particularmente na consciência humana. No item 626 de *O Livro dos Espíritos* vemos a afirmação de que as leis divinas “estão escritas por toda parte”. Esse o motivo por que: “todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las”. Reafirma ainda esse item: “Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos, pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos, ou alterados pela ignorância e a superstição.” O relativismo panteísta está bem claro nesta proposição.

A presença de Deus e, portanto, a sua imanência, não se restringe à consciência humana, mas estende-se a toda a natureza. Todas as religiões admitem esse princípio, de uma ou de outra forma, principalmente quando pretendem oferecer as provas da existência de Deus. O Espiritismo o esclarece de maneira simples e precisa, retirando-o da névoa das discussões teológicas e colocando-o sob a luz dos princípios lógicos. Ainda neste terreno controvertido, como vemos, o Espiritismo se apresenta com todo o seu poder de esclarecimento.

7.3 – Teologia Espírita – Falar de teologia espírita é escandalizar alguns setores doutrinários, que só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e conseqüências morais. Mas num curso de introdução doutrinária não podemos fazer concessões nesse terreno. A palavra teologia tem um sentido etimológico e usual bastante conhecido e claro: é a Ciência de Deus, ou, numa interpretação mais humilde, o estudo de Deus. Não importa que a tradição católica a considere como a Ciência de Deus revelada pelo Cristo e conservada pela Igreja. Lalande a define assim: “Ciência de Deus, de seus atributos e de suas relações com o mundo e o homem.” Nessa acepção filosófica é que ela nos interessa, do ponto de vista espírita, e que dela não podemos prescindir para um conhecimento geral da doutrina.

Já vimos que “*O Livro dos Espíritos*” começa pela definição de Deus e, portanto, como um tratado teológico. Sua primeira pergunta é esta: “O que é Deus?” E a primeira resposta dada pelos Espíritos está formulada como a pedra angular da teologia espírita: “Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.” Todo o primeiro capítulo do livro básico do Espiritismo é dedicado ao estudo de Deus. Um capítulo teológico, portanto. Mas não ficamos nisso. A teologia espírita se estende por toda a codificação. E nem poderia ser de outra maneira, uma vez que o Espiritismo, na sua condição de filosofia espiritualista, tem por fundamento a existência de Deus e suas relações com o homem.

Após a afirmação da existência, *O Livro dos Espíritos* trata do problema dos atributos de Deus. A seguir, das relações de Deus com o mundo e com os homens. Esse problema das relações vai ser amplamente desenvolvido por Kardec, não só na continuidade do livro básico, mas também nas demais obras da Codificação. Há alguns livros escritos especialmente para esclarecer o assunto, como “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, “*A Gênese, os Milagres e as Predições*” e “*O Céu e o Inferno*”. Livros teológicos, no pleno sentido da definição de Lalande, que nos dão toda a estrutura de uma teologia racional, abrindo perspectivas para desenvolvimentos em várias direções: o estudo da concepção de Deus através dos tempos, das relações dessa concepção com a moral; do desenvolvimento da mística espírita, ou seja, da experiência psicológica da prece e do conseqüente desenvolvimento do sentimento de Deus entre os espíritos; e assim por diante.

Vemos, pela simples citação dessas possibilidades, que dois problemas fundamentais da teologia clássica foram postos de lado: o da natureza de Deus e o da Criação do Mundo. Realmente, esses problemas são considerados pelo Espiritismo como limítrofes do incognoscível. Nesse ponto, aliás, o Espiritismo coincide com a posição de Espinosa, para quem Deus possuía dois atributos que conhecemos: o espírito e a matéria, e muitos outros que escapam às nossas possibilidades de conhecimento. Mas não é por não tratarmos desses problemas que podemos negar a existência de uma teologia espírita, racional, e livre do espírito de sistema, como afirmava Kardec, a respeito da filosofia espírita.

A teologia espírita é, portanto, a parte da doutrina que trata de Deus, que procura estudá-lo, dentro das limitações da nossa capacidade cognitiva. Começa com um axioma: a existência de Deus. Mas este axioma se evidencia de maneira matemática, por uma seqüência lógica que podemos seguir nesta afirmação: “Deus existe, não o podeis duvidar e isso é essencial” (item 14 de *O Livro dos Espíritos*). Analisando esta assertiva, encontramos o seguinte: 1.º) a afirmação pura e simples de Deus, como verdade suprema, que antecede a nossa razão e a

ela se impõe; 2^o.) a afirmação de um atributo de Deus, que é a sua existência, ou seja a sua imanência; 3^o.) a afirmação de que não podemos duvidar dele e de sua existência, não porque estejamos proibidos de fazê-lo, mas porque há uma impossibilidade lógica de duvidar; 4^o.) a afirmação de que “isso é o essencial”, ou seja, de que, no nosso estado atual de evolução, não precisamos de mais do que essa compreensão, que nos basta.

Poderíamos argumentar que essa posição teológica é absurda, principalmente quando falamos de uma teologia racional. Partimos de um dogma de fé, que se impõe à nossa consciência. Não se trata, porém, de um dogma de fé, e sim de um axioma matemático. As coisas evidentes se impõem pela sua própria evidência. Não podemos negar a existência de Deus, porque, como dizia Descartes, isso equivaleria a negar a existência do sol em nosso sistema planetário. Muito antes dos homens saberem o que era o sol, não podiam negá-lo. E hoje mesmo continuamos cercados de evidências que escapam à nossa inteligência. Apesar do grande avanço das ciências da vida, não sabemos o que é a vida. E todas as ciências partem sempre de axiomas, de evidências que lhes servem de base, e sobre as quais constroem os seus sistemas racionais, como as religiões constroem a sua dogmática. A posição espírita, portanto, nada tem de estranho. Está perfeitamente enquadrada nos limites gerais do conhecimento humano, sujeita aos mesmos princípios que regem o desenvolvimento das ciências, da filosofia e das religiões.

A teologia espírita implica ainda a existência da revelação. Nas relações entre Deus e o homem existe a possibilidade do diálogo. O homem pode receber informações de Deus a respeito de problemas que a sua razão não alcança. É o que vemos no item 20 de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta se é possível a revelação de coisas que escapam à investigação científica. Os Espíritos respondem: “Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar aquilo que a ciência não consegue apreender.” E Kardec comenta: “É através dessas comunicações que o homem recebe, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu destino futuro.” Mas, por outro lado, existe a revelação humana, aquela que não é uma oferta de Deus ao homem, mas uma conquista deste, através de sua evolução. “A ciência lhe foi dada para o seu adiantamento, em todos os sentidos”, afirma o item 19, e Kardec reafirma em *A Gênese*, capítulo primeiro, essa duplicidade da revelação, considerada do ponto de vista espírita. Assim, pela sua própria natureza, ao mesmo tempo divina e humana, a teologia espírita confirma a sua racionalidade.

7.4 – Cristianismo e Espiritismo – A religião espiritual se define pela superação do social. Johann Heinrich Pestalozzi, mestre de Kardec, considerava a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social ou positiva, e a espiritual ou moral. A esta última preferia chamar simplesmente moralidade, a fim de não confundi-la com as duas formas anteriores. Kardec recebeu dos Espíritos a confirmação dessa teoria pestalozziana. Todo *O Livro dos Espíritos* a confirma, ensinando uma religião pura, desprovida de exigências materiais para o culto, de investidas sacerdotais, e conseqüentemente de organização social em forma de igreja. As comunicações particulares que Kardec recebia, como já vimos, e que figuraram posteriormente em *Obras Póstumas*, acentuavam a importância espiritual da nova doutrina, como restabelecimento do Cristianismo em espírito e verdade. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o problema foi esclarecido em definitivo.

No item 673 de *O Livro dos Espíritos*, vemos como o problema da religião espiritual é colocado pelos Espíritos, de maneira incisiva, condenando o apego às exterioridades. É a seguinte a resposta dada a uma pergunta de Kardec: “Deus abençoa sempre os que praticam o bem. Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de o homenagear. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente do que é. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração, é um espírito de vista estreita: julgai se Deus deve se importar mais com a forma do que o fundo.”

No capítulo oitavo das “Conclusões” de *O Livro dos Espíritos* é o próprio Kardec quem declara: “Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem. Por que Deus que o enviara para lembrar a sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos, para novamente a lembrarem, e de maneira mais precisa, agora que os homens a esquecem, para tudo sacrificarem ao orgulho e à cupidez? Quem ousaria pôr limites ao poder de Deus e determinar os seus caminhos? Quem dirá que os tempos preditos não são chegados, como o afirmam os Espíritos, e que não alcançamos aquele em que as verdades mal compreendidas, ou falsamente interpretadas, devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano, para acelerar o seu adiantamento?”

No item 625 vemos a ligação direta que *O Livro dos Espíritos* estabelece entre Cristianismo e Espiritismo. Os Espíritos apontam Jesus como modelo que o homem deve seguir na Terra e Kardec comenta, de maneira incisiva: “Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que a humanidade pode pretender na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque ele estava animado do espírito divino, e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra”.

A seguir, no item 627, a ligação histórica e espiritual se completa pela voz dos Espíritos: “O ensino de Jesus era freqüentemente alegórico, em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois explicar e desenvolver essas leis, tão poucos são os que as compreendem, e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é a de espertar os olhos e os ouvidos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que afetam exteriormente a virtude e a religião, para ocultar as suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância, e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão. Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade.”

O Espiritismo aparece, nesse trecho de *O Livro dos Espíritos*, como o continuador natural do Cristianismo, confirmando o que estudamos anteriormente a respeito. Sua missão é a de restabelecer o ensino do Cristo e efetivá-lo nos corações e nas consciências, já amadurecidas pela evolução, preparando assim o Reino de Deus, ou seja, levando o Cristianismo às suas últimas conseqüências. Assim, quando Kardec nos apresenta o Espiritismo como a religião em espírito e verdade, porque sendo o cumprimento da promessa do Consolador, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nada mais faz do que confirmar o que já havia sido anunciado em *O Livro dos Espíritos*.

No capítulo sexto de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, comentando o advento do Consolador, Kardec assinala: “Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e porque está na Terra; reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus; e consolação pela fé e pela esperança.” A análise desse pequeno trecho oferece-nos, ao mesmo tempo, a confirmação da ligação histórica entre o Cristianismo e o Espiritismo, e os traços característicos da religião em espírito e verdade.

O Consolador vem para esclarecer os homens, e assim consolá-los através do conhecimento. Religião sem dogmas, sem culto exterior, sem sacerdócio, sem apego material, sem intenção de domínio político e social, pode explicar livremente ao homem que ele é um espírito em evolução, responsável direto pelos seus atos e, portanto, pelos seus fracassos ou as suas vitórias. Pode dizer-lhe que, tendo vindo do mundo espiritual, voltará a esse mundo após a vida terrena, tão naturalmente como as borboletas se livram dos casulos, e lá responderá pelos seus erros e os acertos, sem a mediação de sacramentos ou cerimônias materiais de espécie alguma. Sua permanência na Terra pode também ser explicada sem alegoria, pela simples necessidade da evolução espiritual.

A reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus equivale ao restabelecimento dos ensinamentos do Cristo. A palavra francesa do texto original é “rappel”, que tem sido traduzida por “lembrança”. A tradução mais fiel é a que oferece a idéia de restabelecimento, como o faz a palavra reevocação. Essa idéia está de acordo com o texto de Kardec e com a promessa do texto evangélico. Reevocar os verdadeiros princípios é relembrar, não apenas lembrar: “tudo aquilo que vos ensinei”, segundo a expressão do Evangelho de João. Relembrados os princípios esquecidos, deturpados pela ignorância e a vaidade humanas, a religião espiritual se restabelecerá em sua plenitude.

A consequência desse processo é naturalmente o restabelecimento da fé e da esperança. A fé, não mais dogmática, fruto de uma imposição autoritária, mas racional, e portanto consciente, como decisão livre do homem. E, por fim, a esperança na vida futura, que se apresenta como oportunidade renovada de reencantar o progresso espiritual. A “moralidade” de Pestalozzi se afirma através das palavras do seu discípulo Rivail, no plano superior do ensino espiritual, como a forma mais pura de religião: aquela em que o homem age com plena consciência dos seus deveres, livre de ameaças e coações, ciente de que é ele mesmo o construtor do seu futuro.

O conceito de religião espiritual, atualmente, já não mais requer a diferenciação que Pestalozzi adotou. No tempo de Kardec ainda era necessário, principalmente numa obra de divulgação, como *O Livro dos Espíritos*, evitar a palavra “religião”. Hoje, a definição filosófica de religião superou as confusões anteriormente reinantes. O trabalho de Bergson sobre as fontes da moral e da religião colocou o problema em termos claros. A “religião estática” de Bergson é a religião social de Pestalozzi, como a “religião dinâmica” é a religião espiritual, ou moralidade.

A prova das razões por que Kardec evitou a palavra religião, para definir o Espiritismo, nos é dada pela sua própria confissão, no discurso que pronunciou na Sociedade Espírita de Paris, a primeiro de novembro de 1868: “Por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque só temos uma palavra

para exprimir duas idéias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da palavra culto: revela exclusivamente uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma classe sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião se tem levantado tantas vezes.”

Essas palavras de Kardec, ao mesmo tempo afirmam a natureza religiosa do Espiritismo, já implícita na própria Codificação, e negam a possibilidade de sua transformação em seita formalista. A religião-espírita reafirma, assim, pelas declarações do próprio Codificador, o seu sentido e a sua natureza espirituais, já evidentes no contexto doutrinário.

*

3 – A REVELAÇÃO - (José Herculano Pires, Livro “Revisão do Cristianismo”, Ed. Paidéia, SP, 3ª. edição, 1990).

Toda a estrutura do Cristianismo estatal (vaticânico) se apóia no dogma da Revelação. O mesmo acontece com o Cristianismo da Reforma e o remanescente das chamadas heresias dos primeiros tempos. Mesmo as seitas cristãs mais recentes, que os norte-americanos exportam num fluxo constante, e as Igrejas Católicas nacionais, rebeladas contra a Santa Madre geralmente aceitam esse dogma. Kardec aceitou no Espiritismo, dando-lhe uma nova interpretação, puramente racional e dotada de conotação científica. Assim, devemos tratar da Revelação como um sustentáculo geral das estruturas cristãs mais diversas. Até mesmo no Islamismo, o filho árabe e enfeitado do Judaísmo, a Revelação Islâmica torna-se comunicação e ordenação, assemelhando-se ao caso, também específico, da manifestação de Deus a Moisés no Sinai.

A PRIMEIRA REVELAÇÃO - Os estudos religiosos contemporâneos enquadram a Revelação no campo científico dos fenômenos paranormais. Na Teologia Católica Romana, a Revelação se divide em dois tempos: a do Antigo Testamento (bíblica) e a do Novo Testamento (evangélica). A primeira é considerada numa interpretação contraditória, com uma face de grandeza e profundidade e outra face de miudeza e superficialidade, em que a manifestação de Deus se esmiúça na área corriqueira dos sonhos ou oráculos. Nesses dois sentidos, porém, sua natureza é de comunicação direta de Deus com os seus servos preferidos do povo eleito. É uma Revelação preferencial, dada por Iavé à raça a que ele deve pertencer ou, pelo menos, ter sido criada pelo seu poder com privilégios específicos e irredutíveis. Deus absorve em si mesmo o preferencialismo dos deuses mitológicos da Grécia e de Roma, e com ele o desprezo, a ira e a indignação contra os povos idólatras. Se o amor de Deus criou os homens sem distinções preferenciais, a ira de Deus faz o contrário, e o faz da maneira mais violenta e imprecisa, ordenando os judeus a dizimarem todos os povos que possam obstar-lhes a conquista, a fio de espada, da Terra Prometida. Moisés é o seu filho amado e tem o privilégio de falar com Ele face a face. Iavé é irascível e ciumento, ordena matanças arrasadoras e só respeita a sua própria figura nos seres humanos da sua raça preferida. Apesar dessa dualidade estranha, a Revelação Bíblica é considerada como um ato de plena doação. Deus não se limita a falar, a advertir, a ensinar, pois revela-se na plenitude de si mesmo, na profundidade da sua natureza íntima, liga-se ao seu povo, “engaja-se”, faz-se reconhecer pelo povo eleito na sua qualidade de Ser Supremo.

Essa doação completa de Deus aos homens é teoricamente universal, mas praticamente se limita ao povo judeu. Os ingênuos cristãos que, nas várias Igrejas, costumam chamar-se coletivamente de povo de Deus, estão simplesmente enganados. A Igreja Católica considerou-se a herdeira absoluta desse privilégio, chegando mesmo a negá-lo aos judeus. Hoje, com a tentativa do Ecumenismo, há uma aproximação entre as várias igrejas, mas a distinção permanece rígida. O processo ecumênico se desenvolve sob a regência da Mater e Mestra, o que provoca rebeldias muitas vezes agressivas no campo da unificação cristã. Iavé é o mesmo, mas como os judeus de hoje não são os mesmos da Antiguidade, segundo afirmam os teólogos, a sua posição perante Roma é a de novos goyim da Nova Jerusalém. Há puros e impuros, e só estão em estado de pureza os que receberam os sacramentos da Igreja e a ela se engajarem. Disso quase não se fala, pois não é conveniente. Deus também conhece as manhas políticas dos homens e,

como engajou-se a eles, continua a usar os seus processos, como nos tempos bíblicos.

A SEGUNDA REVELAÇÃO - A Revelação do Novo Testamento diverge da antiga em amplitude e posição. Restringe-se a Jesus Cristo, Filho de Deus, e é dada por ele mesmo. Revelação pessoal de si próprio, na distinta condição de filho. Nessa interpretação a Igreja contradiz o dogma da Trindade, aceitando a doutrina de Ário, rejeitada naquela. A relação entre pai e filho torna-se evidente e específica. O objeto único dessa revelação é a pessoa de Jesus Cristo e sua doutrina. Numa e noutra Jesus aparece como o único mediador entre Deus e os homens e o único meio de salvação ou redenção. Essa interpretação fecha as fronteiras da redenção na pessoa única de Jesus, o que determinou o estabelecimento das alfândegas da fé no processo ecumênico. Todo o universalismo da Revelação Cristã desaparece, com essa volta ao sociocentrismo judaico. Não obstante, o que mais ressalta dos textos evangélicos é precisamente a ruptura do sociocentrismo da antiga Israel com a definição nova de Deus, oferecida e pregada por Jesus, através de uma única palavra – Pai – que anulou os divisionismos antigos e estabeleceu a fraternidade universal dos povos. Jesus de Nazaré, embora designado pelo mito grego do Cristo, não deixa de ser o Messias judeu, fechado nas estreitas fronteiras da sua própria raça terrena. Ao invés de aparecer como o reformador religioso que ampliou as dimensões do Cristianismo, Jesus se converte no ponto-final definitivo do preferencialismo de Iavé. A sofisticada tessitura da doutrina sibilina da Igreja reduz a redenção do mundo à simples redenção de uma seita religiosa. Desde o tempo dos gregos, os sofistas primaram em confundir as coisas mais claras, o que levou Sócrates a desligar-se deles para descobrir a verdade do conceito no fundo da palavra, como a Verdade se esconde no fundo do poço.

Colocado em termos sectários e num plano de misticismo medieval, o problema da Revelação Cristã tornou-se o espinheiro da parábola em que as sementes germinam mas não podem desenvolver os seus poderes latentes. Enleada nas malhas de interpretações sobrenaturais, absurdas e delirantes, a Revelação impôs-se aos crentes como a encarnação da Sabedoria Divina. As antigas escrituras judaicas revestiram-se da infalibilidade que mais tarde seria conferida também ao Papa em seus pronunciamentos ex-cátedra. O Clero armou-se de poderes absolutos e a renovação cristã do mundo transformou-se em retrocesso ao tempo das civilizações teocráticas. As maldições, excomunhões e condenações do Santo Ofício amedrontaram e acovardaram os meios culturais. A Filosofia tornou-se serva da Teologia e a piedade cristã chegou ao extremo das torturas em calabouços e execuções nas fogueiras como atos de caridade em favor dos hereges condenados ao fogo eterno. O Cristianismo era o próprio anti-Cristo, pois obra de redenção virara obra de restrição, o sonho de amor e fraternidade dos Evangelhos revertera em pesadelo de perseguições, guerras e atrocidades. Como reconhecer nas instituições cristãs a promessa do Cristo? Apesar de tudo, as instituições prevaleceram e a verdade cristã foi asfíxiada sob a avalanche de maldições e condenações cruéis proferidas em nome do Cristianismo. E ainda hoje é esse Cristianismo institucional que se apresenta como o Cristianismo do Cristo, herdeiro exclusivo do pensamento do Cristo.

A pequena mostra que demos do processo mágico de metamorfose forçada da Revelação é suficiente para colocar o problema. Mas a penetração a fundo da história desse processo, com a documentação necessária à comprova-

ção de suas várias fases, das incríveis manobras realizadas nos bastidores da política dos reinos do mundo, seria suficiente para que o Reino do Céu fosse condenado pela justiça perecível e cega da Terra. Isso revela insensatez humana e a irresponsabilidade a que nos entregamos quando nos atrevemos a cambiar as estrelas por moedas de prata e ouro. Mas o tempo incumbiu-se de roer as construções humanas, romper os seus revestimentos de púrpura falsa e desnudar as estruturas internas das grandezas aparentes. O homem sedento de conhecimentos não se sujeitou à escravidão dos dogmas, acabou rompendo as barreiras teológicas e desenvolvendo a Ciência e a Filosofia no plano exato das pesquisas. Os resultados objetivos das pesquisas e das descobertas, tornaram insustentáveis no plano cultural os princípios e conceitos derivados do Mito da Revelação. A Razão teria de triunfar, como realmente triunfou. O pensamento racional do Cristo brotou das investigações históricas, retomando o seu lugar no campo cultural.

A TERCEIRA REVELAÇÃO - Entre as numerosas doutrinas que surgiram em oposição ao dogma da Revelação, postulando os direitos da Razão, o Espiritismo enfrentou face a face a questão, e Kardec a colocou no lugar devido. Revelar não é nada mais do que mostrar o que estava oculto. Para isso, basta levantar o véu que encobre os mistérios. Quanto mais densa é a ignorância do Mundo, maior é o número dos mistérios que aturdem a compreensão humana. Com o avanço dos estudos e das pesquisas, a Ciência descobria a natureza e as leis dos fenômenos considerados misteriosos. A investigação do mistério dos milagres, dos estranhos fenômenos da mediunidade, das manifestações proféticas e oraculares lançou a luz necessária sobre esses problemas. Uma grande dúvida havia sido lançada sobre a validade do Cristianismo, cuja razão de ser parecia ligada exclusivamente à mentalidade mitológica da Antiguidade e ao espírito supersticioso dos tempos do obscurantismo. Teria realmente existido o Cristo, esse Jesus de Nazaré que fundara a seita cristã dos galileus? Não se trataria apenas de um mito? A tragédia da Paixão não seria uma simples transfiguração do mito de Osíris, esquarterado e ressuscitado? O mito solar das civilizações agrárias, como queriam os mitólogos, não seria a fonte de que surgira a estranha história do Messias judeu, forjada pela imaginação excitada dos pescadores do Lago de Genezaré? Não existia – dizia-se – nenhuma prova histórica da existência de Jesus.

Renan, ex-seminarista, tomado pelas dúvidas, resolveu investigar o assunto e conseguiu provar a realidade existencial de Jesus. E Kardec, debruçado sobre as realidades invisíveis que transpareciam das manifestações mediúnicas, colheu em suas pesquisas os dados necessários para reformular a questão em termos mais profundos e desenlear da ganga dos mistérios teológicos o sentido real da Revelação. Nos próprios textos evangélicos, examinados à luz da crítica histórica e segundo critérios psicológicos e antropológicos, encontrou a confirmação de uma nova teoria. Era fácil, com esses recursos, separar dos textos evangélicos o que pertencia ao clima mitológico da época da redação dos textos e o que pertencia à realidade histórica. Ao mesmo tempo, era fácil explicar, na perspectiva de uma visão antropológica da evolução do homem, o desenvolvimento das manifestações espirituais no plano mediúnico, desde as selvas até os oráculos do mundo civilizado e à eclosão da mediunidade positiva nos Estados Unidos e na Europa do Século XIX. A Revelação surgia do mistério teológico como Vênus do mistério das águas.

A Revelação perdia a sua face de esfinge e aparecia como um fato natural e contínuo ao longo da História. Colocou, então, o problema nestes termos:

A REVELAÇÃO E A PESQUISA CIENTÍFICA - A Revelação Divina provêm de oráculos e profecias, tendo sido aceita na Antigüidade como ensino superior que devemos encarar com reverência. Se existem entidades espirituais que podem comunicar-se com os homens, é natural que essas entidades nos forneçam informações sobre o plano em que vivem, e ensinos de ordem moral. Um profeta ou vidente pode também revelar-nos as suas intuições ou visões de uma realidade que escapa aos nossos sentidos. Mas a validade dessas revelações depende da comprovação que pudermos efetuar através de pesquisas científicas rigorosamente controladas, segundo um critério lógico rigoroso e uma metodologia específica de comprovada eficiência.

A Revelação humana é feita por homens que não possuem dons mediúnicos, mas estão preparados para a investigação científica e a ela se dedicam. Não há mistério divino nesses dois casos, há leis a serem descobertas e demonstradas. O valor da profecia e da vidência dependem naturalmente das comprovações objetivas que possam referendá-las. Qualquer Revelação que ultrapasse o nível presente dos conhecimentos humanos deve ser encarada, quando lógica, apenas como provável. Só a comprovação futura da realidade revelada pode nos dar a prova da sua validade, a menos que consigamos, no presente, descobrir meios capazes de nos permitir a investigação do problema e o reconhecimento científico da sua realidade.

A Revelação Cristã foi de ordem moral e a sua validade se comprovou na vivência dos seus princípios, por homens que não se entregaram a devaneios a respeito. Coube à Ciência Espírita comprovar a possibilidade dos milagres de Jesus e dos seus apóstolos, através das pesquisas científicas dos fatos mediúnicos. E Jesus mesmo foi o primeiro a declarar que os seus feitos, e até feitos maiores que os dele, podem ser realizados por nós. (Não estamos dando textos de Kardec, mas fazendo uma síntese de suas explicações a respeito, que é o que nos dá a medida da sua posição).

Estudando o panorama das Revelações Divinas no Mundo, Kardec estabeleceu o seguinte critério: as revelações da Antigüidade foram sempre pessoais e locais, pois as civilizações se desenvolviam ilhadas, distanciadas umas das outras, sem as facilidades modernas de comunicação. Cada Revelador falava ao seu povo, mas todas se harmonizavam nos pontos fundamentais. As revelações de Moisés e de Jesus foram também pessoais e locais, mas abrindo perspectivas ao projetar-se do meio judeu, universalizando-se progressivamente. Essa Revelação mostrou, com isso, representar uma síntese de todas as Revelações anteriores. A Revelação Espírita não foi pessoal nem local e representa a continuidade da Revelação Cristã, no esclarecimento de todos os princípios cristãos e no restabelecimento do ensino real do Cristo. Sua finalidade não é a implantação de uma nova Religião, mas unificar o conhecimento, unindo a Ciência, a Filosofia e a Religião num sistema integrado. O Espiritismo é um auxiliar das Religiões, às quais oferece os recursos necessários para enfrentarem o Materialismo e se livrarem dos resíduos supersticiosos do passado. A Ciência Espírita vem contrabalançar o avanço da Ciência da Matéria, ampliando as dimensões do conhecimento humano. A Filosofia Espírita é o corpo central da Doutrina e dela resulta a Moral Espírita, coincidente com a Moral Evangélica pura, liberta de tendências sectárias.

A vida terrena é apenas um estágio do espírito na encarnação, um passo no seu processo evolutivo. A Revelação Espírita provém de instruções dos Espíritos Superiores, transmitidas por via mediúnica. Essas instruções não foram dadas através de nenhum processo místico, mas como consequência das pesquisas científicas dos fenômenos paranormais. Como dizia Kardec, os fenômenos investigados não eram mudos, mas falantes, revelando a presença de uma inteligência, que ele a princípio atribuiu às pessoas presentes e a ele mesmo. Na continuidade das pesquisas essa inteligência revelou-se autônoma, estabelecendo-se então um diálogo esclarecedor por meio de tipologia e depois de psicografia. Kardec elaborava em segredo os testes de cada experiência. As respostas não eram aceitas gratuitamente, mas através de discussão com a inteligência presente, examinadas sob critério lógico, submetidas a confronto com a cultura da época e a experiências de comprovação. Na “Revista Espírita” ele divulgava essas experiências e outros pesquisadores, na França e no mundo, passaram a colaborar com ele. Seu critério científico foi louvado por Richet, que reconheceu o seu pioneirismo, discordou de suas conclusões espíritas, mas depois, através de suas famosas experiências metapsíquicas, comprovou o acerto de Kardec. Apesar de sua elevada posição nas Ciências, Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, acabou aceitando as conclusões de Kardec. Hoje, as pesquisas parapsicológicas e o avanço geral das Ciências, particularmente da Física Nuclear, trouxeram novas e decisivas comprovações ao trabalho de Kardec.

A CIÊNCIA ESPÍRITA - Essa, segundo ele mesmo explicou, foi a primeira Revelação ao mesmo tempo divina e humana, em que as entidades espirituais e os homens se conjugaram num esforço comum em busca da Verdade. O resultado foi a elaboração da Ciência Espírita, que por sua vez desencadeou no mundo as pesquisas psíquicas científicas, realizadas em laboratório nos grandes centros universitários. A essa Revelação, sem precedentes, é que ainda hoje se opõem alguns sacerdotes das religiões cristãs, tristemente desprovidos de capacidade científica, sem os recursos culturais e o preparo científico necessários, na ingloria e inútil defesa de seus dogmas.

Não há mais lugar, no pensamento contemporâneo, para as crenças ingênuas do passado, fundadas em pressupostos absurdos, alimentadas por esperanças irracionais e aspirações indefinidas de povos incultos. O Espiritualismo Utopico e o Materialismo Científico estão inteiramente superados. O primeiro ainda vive graças a tradições religiosas que rapidamente vão se apagando no suceder das gerações, e o segundo só subsiste graças às estruturas políticas que o sustentam, preservando-o através de medidas coercitivas, à semelhança dos métodos medievais com que a Igreja pretendeu, na fase do seu domínio absoluto, impedir o desenvolvimento científico.

Não há Revelação sem Ciência. E não há Ciência sem espírito livre aberto, entregue à pesquisa com o único objetivo de conhecer a realidade em suas múltiplas faces. O progresso humano depende do progresso científico. O conhecimento se forma da conjugação de todos os campos da Ciência, abrangendo a totalidade do Existente. As várias instâncias da estrutura bio-psico-somática do homem correspondem aos diversos planos na Natureza e no Cosmos em que se engasta o nosso planeta. O conhecimento é um sistema único e integrado. Sua divisão em Ciência, Filosofia, Arte e Religião é apenas metodológica. Uma religião sem apoio lógico e científico é um conjunto de lendas ou de cavalações astuciosas. Uma Ciência sem os dados da Religião é um corpo sem alma. Ciência,

Arte e Religião, desprovidas de arcabouço filosófico, não são mais do que esboços imprecisos do que pretendem ser.

Revisão Histórica e Estrutural do Cristianismo - O Cristianismo surgiu da intervenção de um Gênio, Jesus de Nazaré, na Cultura palavresca e formalista dos fins do Mundo Antigo, para dar-lhe a possibilidade da integração cultural. O dogma da Revelação frustrou esse desígnio, opondo a infalibilidade da suposta palavra de Deus a todas as formas de progresso que contrariassem esse mito. Mas agora, nesta fase de acelerado avanço do Conhecimento além dos próprios limites do Sistema Planetário e do Sistema Solar, impõe-se a volta ao Pensamento do Cristo com todos os recursos novos que conquistamos. A revisão histórica e estrutural do Cristianismo é uma exigência vital da Nova Era – a Era Espacial ou Cósmica – que se abre para a Terra.

Quando Kardec lançou, no século XIX, a teoria da pluralidade dos mundos habitados, a que o astrônomo Camille Flammarion deu o apoio de uma obra especial a respeito, os escribas do século tentaram ridicularizar a ambos. Não obstante, Jesus já havia anunciado a existência de muitas moradas na Casa do Pai. O mesmo fizeram no tocante ao perispírito ou corpo espiritual. Hoje ninguém de bom senso se atreve a ridicularizar as conquistas da Astronáutica ou a descoberta científica, pelos físicos e biólogos soviéticos, na famosa Universidade de Kirov (materialista) do corpo bioplásmico do homem. É hora de revisão, e revisão profunda, corajosa, para repormos o Cristianismo no seu justo lugar.

*

4 – “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”- “RESUMO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS”– (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, tradução de José Herculano Pires, Ed. FEESP, 10^a. edição, 2001 – Introdução).

“O Livro dos Espíritos” – Explicação do tradutor –

Com este livro, surgiu no mundo o Espiritismo. Sua primeira edição foi lançada a 18 de abril de 1857, em Paris, pelo editor E. Dentu, estabelecido no Palais Royal, Galérie d’Orleans, 13. Três novidades, à maneira das tríades druídicas, apareciam com este livro: a DOCTRINA ESPÍRITA e a palavra ESPIRITISMO, que a designava; o nome ALLAN KARDEC, que provinha do passado celta das Gálias. A primeira novidade era apresentada como antiga, em virtude de representar a eterna realidade espiritual, servindo de fundamento a todas as religiões de todos os tempos: a Doutrina Espírita. Era, entretanto, a primeira vez que aparecia na sua inteireza, graças à revelação do Espírito da Verdade prometida pelo Cristo. A segunda, a palavra Espiritismo, era um neologismo criado por Kardec e, desde aquele momento, integrado na língua francesa e nos demais idiomas do mundo. A terceira representava a ressurreição do nome de um sacerdote druida desconhecido. A maneira por que o livro fora escrito era também inteiramente nova. O prof. Denizard Hippolyte Léon Rivail fizera as perguntas que eram respondidas pelos Espíritos, sob a direção do Espírito da Verdade, por meio da cestinha-de-bico. Psicografia indireta. Os médiuns, duas meninas Caroline Baudin, de 16 anos, e Julie Baudin, de 14, colocavam as mãos nas bordas da cesta e o lápis (o bico) escrevia numa lousa. Pelo mesmo processo, o livro foi revisado pelo Espírito da Verdade por intermédio de outra menina, a srta. Japhet. Outros médiuns foram posteriormente consultados e Kardec informa, em Obras Póstumas: “Foi dessa maneira que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho”.

Este livro é, portanto, o resultado de um trabalho coletivo e conjugado entre o Céu e a Terra. O prof. Denizard não o publicou com o seu nome ilustre de pedagogo e cientista, mas como Allan Kardec, nome obscuro que havia tido entre os druidas, na encarnação em que se preparara ativamente para a missão espírita. O nome obscuro suplantou o nome ilustre, pois representava na Terra a Falange do Consolador. Esta falange se constituía dos Espíritos Reveladores, sob a orientação do Espírito da Verdade, e dos pioneiros encarnados, com Allan Kardec à frente. A 16 de março de 1860 foi publicada a segunda edição deste livro, inteiramente revista, reestruturada e aumentada por Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, que desde a elaboração da primeira edição já o avisara de que nem tudo podia ser feito naquela. Assim, a primeira edição foi o primeiro impacto da Doutrina Espírita no mundo, preparando o ambiente para a segunda que a completaria. Toda a Doutrina está contida neste livro, de forma sintética, e foi posteriormente desenvolvida nos demais volumes da Codificação.

Escrito na forma dialogada da Filosofia Clássica, em linguagem clara e simples, para divulgação popular, este livro é um verdadeiro tratado filosófico que começa pela Metafísica, desenvolvendo em novas perspectivas a Ontologia, a Sociologia, a Psicologia, a Ética, estabelecendo as ligações históricas de todas as fases da evolução humana em seus aspectos biológico, psíquico, social e espiritual. Um livro para ser estudado e meditado, com o auxílio dos demais volumes da Codificação.

Resumo da Doutrina dos Espíritos – Explicação de Allan Kardec -

Os seres que se manifestam designam-se a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou gênios, e dizem alguns, pelo menos, que viveram como homens na Terra. Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal. Resumimos em poucas palavras os pontos principais da doutrina que transmitiram, a fim de mais facilmente responder a certas objeções:

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais. Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos. O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário; pode deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita. Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte os devolve à liberdade. Entre as diferentes espécies de seres corporais Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, o que lhes dá superioridade moral e intelectual perante as demais. A alma é um Espírito encarnado e o corpo é apenas o seu invólucro. Há no homem três coisas: 1.º) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2.º) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3.º) O liame que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. O homem tem assim duas naturezas: pelo corpo participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos. O liame ou perispírito que une o corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição. O Espírito não é portanto um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreciado, pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato. Os Espíritos pertencem a diferentes classes, não sendo iguais em poder nem inteligência, saber ou moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores que se distinguem pela perfeição, pelos conhecimentos e pela proximidade de Deus, a pureza dos sentimentos e o amor do bem: são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes se distanciam mais e mais dessa perfeição. Os das classes inferiores são inclinados às nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc. e se comparam no mal. Nesse número há os que não são nem muito bons, nem muito maus; antes perturbadores e intrigantes do que maus; a malícia e a inconseqüência parecem ser as suas características: são os Espíritos estouvados ou levianos.

Os Espíritos não pertencem eternamente à mesma ordem. Todos melhoram, passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse melhoramento se verifica pela encarnação, que a uns é imposta como uma expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se repetidas vezes até atingirem a perfeição absoluta; é uma espécie de peneira ou depurador de que eles saem mais ou menos purificados. Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de que havia saído para reiniciar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece-

rá no estado de Espírito errante. Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos. A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria um erro acreditar que a alma ou espírito pudesse encarnar num corpo de animal. As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição. As qualidades da alma são as do Espírito encarnado. Assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso a de um Espírito impuro. A alma tinha a sua individualidade antes da encarnação e a conserva após a separação do corpo. No seu regresso ao mundo dos Espíritos a alma reencontra todos os que conheceu na Terra e todas as suas existências anteriores se delineiam na sua memória, com a recordação de todo o bem e todo o mal que tenha feito.

O Espírito encarnado está sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência, pela elevação e purificação de sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preferência à natureza animal. Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. Os Espíritos não-encarnados ou errantes não ocupam nenhuma região determinada ou circunscrita; estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos sem cessar. É toda uma população invisível que se agita em nosso redor. Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados, que não encontram solução racional. As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e cair no seu estado.

As comunicações ocultas verificam-se pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós sem o sabermos, cabendo ao nosso julgamento discernir as más e boas inspirações. As comunicações ostensivas realizam-se por meio da escrita ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes através dos médiuns que lhes servem de instrumentos. Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou pela evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros e os dos personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos e deles obter, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se acham no espaço, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que tenham a permissão de fazer-nos. Os Espíritos são atraídos na razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores gostam das reuniões sérias em que predominam o amor do bem e o desejo sincero de instrução e de melhoria. Sua presença afasta os Espíritos inferiores, que encontram, ao contrário, livre acesso e podem agir com inteira liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de obtermos bons conselhos e informações úteis desses Espíritos, nada mais devemos esperar do que futilida-

des, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois freqüentemente se servem de nomes veneráveis para melhor nos induzirem ao erro.

Distinguir os bons e os maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, cheia da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior, seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por alvo o nosso progresso e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores é inconseqüente, quase sempre banal e mesmo grosseira; se dizem às vezes coisas boas e verdadeiras, dizem com mais freqüência falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância; zombam da credulidade e divertem-se à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na perfeita acepção do termo, não se verificam senão nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos dirigidos para o bem. A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, na máxima evangélica: “Fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam”, ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta mesmo para as menores ações.

Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, desde este mundo, se liberta da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e o cultivo do amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante, viola a lei de Deus. Eles ensinam, enfim, que no mundo dos Espíritos nada pode estar escondido: o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas reveladas; a presença inevitável e incessante daqueles que prejudicamos é um dos castigos que nos estão reservados; ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos, correspondem penas e alegrias que nos são desconhecidas na Terra. Mas eles nos ensinam, também, que não há faltas irremissíveis que não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra o meio necessário nas diferentes existências, que lhe permitem avançar na via do progresso, em direção à perfeição, que é o seu objetivo final.

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como ela aparece no ensinamento dos Espíritos Superiores. Vejamos agora as objeções que lhe fazem”.

5 – A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO – (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, Introdução).

A oposição das corporações científicas é, para muita gente, senão uma prova, pelo menos uma forte presunção contrária. Não somos dos que levantam a voz contra os sábios, pois não queremos dar motivo a nos chamarem de estouvados; temo-los, pelo contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Entretanto, sua opinião não poderia representar, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável. Quando a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjecturas: cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta encarniçadamente. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem preconizadas e rejeitadas, repelidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos,

eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.

No tocante às coisas evidentes, a opinião dos sábios é justamente digna de fé, porque eles as conhecem mais e melhor que o vulgo. Mas no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, a sua maneira de ver não é mais do que hipotética, porque eles não são mais livres de preconceitos que os outros. Direi mesmo que o sábio terá, talvez, mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a tudo subordinar ao ponto de vista de sua especialidade: o matemático não vê nenhuma espécie de prova, senão por meio de uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo com a ação dos elementos, e assim por diante. Todo homem que se dedica a uma especialidade escraviza a ela as suas idéias. Afastai-o do assunto e ele quase sempre se confundirá, porque deseja tudo submeter ao seu modo de ver; é esta uma consequência da fragilidade humana. Consultarei, portanto, de bom grado e com absoluta confiança, um químico sobre uma questão de análise; um físico sobre a força elétrica; um mecânico sobre a força motriz; mas eles me permitirão, sem que isto afete a estima que lhes devo por sua especialização, que não tenha em melhor conta a sua opinião negativa sobre o Espiritismo do que a de um arquiteto sobre questões de música.

As ciências comuns se apóiam nas propriedades da matéria, que pode ser experimentada e manipulada à vontade; os fenômenos espíritas se apóiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a todo instante não estarem submetidas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira, num e noutro caso. No Espiritismo elas requerem condições especiais e outra maneira de encará-las: querer sujeitá-las aos processos ordinários de investigação seria estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto, e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.

O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independente de sua condição de sábios. Querer, porém, deferir a questão à Ciência, seria o mesmo que entregar a uma assembléia de físicos ou astrônomos a solução do problema da existência da alma. Com efeito, o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência da alma e o seu estado após a morte. Ora, é supinamente ilógico pensar que um homem deve ser grande psicólogo pelo simples fato de ser grande matemático ou grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e, porque não a encontra com o seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a vê evolir-se como um gás, conclui que ela não existe. Isto, em razão de colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se daí que ele esteja com a razão, contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem vulgarizadas, quando forem aceitas pelas massas, - o que, a julgar pela rapidez com que se propagam, não estaria muito longe, - dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as idéias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. Eles a aceitarão individualmente, pela força das circunstâncias. Até que isso aconteça, seria inoportuno desviá-los de seus trabalhos especiais para constrangê-los a ocupar-se de coisa estranha que não está nas suas atribuições nem nos seus programas.

Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da questão, pronunciavam-se pela negativa e zombam dos que não concordam com a sua opinião esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentando a lista dos ilustres negadores das idéias novas, inscritos ao lado dos membros da douta assembleia que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada o relatório de Franklin sobre os pára-raios, julgando indigno de figurar entre as comunicações da pauta, e daquela outra que fez a França perder as vantagens da navegação a vapor ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável. Não obstante, eram questões da alçada da Ciência. Se essas assembleias, que contavam com os maiores sábios do mundo, só tiveram zombaria e sarcasmo para as idéias que ainda não compreendiam e que alguns anos mais tarde deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos possa ser melhor aceita?

Esses erros lamentáveis não tirariam aos sábios, entretanto, os títulos com que, noutros assuntos, conquistam o nosso respeito. Mas é necessário um diploma oficial para se ter bom senso? E fora das cátedras acadêmicas não haverá mais do que tolos e imbecis? Basta olhar para os adeptos da doutrina espírita, para se ver se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito, que a abraçaram, permite que a releguemos ao rol das simples crendices. O caráter e o saber desses homens autorizam-nos a dizer: pois se eles o afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem reduzidos ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física do fenómeno seria do domínio da Ciência; mas desde que se trata de uma manifestação fora do domínio das leis humanas, escapa à competência da Ciência material, porque não pode ser explicada por números, nem por forças mecânicas. Quando surge um fato novo, que não se enquadra em nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para o estudar, deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, que não pode ser feito com idéias preconcebidas. O homem que considere a sua razão infalível está bem próximo do erro; mesmo aqueles que têm as mais falsas idéias apóiam-se na própria razão e é por isso que rejeitam tudo quanto lhes parece impossível. Os que ontem repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade hoje se orgulha, apelaram a esse juiz para as rejeitar. Aquilo que chamamos razão é quase sempre o orgulho mascarado, e quem quer que se julgue infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, portanto, aos que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao apogeu nem que a Natureza lhes tenha virado a última página de seu livro.

*

6 – “PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIONAL”: DEUS – A ALMA – CRIAÇÃO - CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS – REENCARNAÇÕES - MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS - (Livro “Obras Póstumas”, Allan Kardec, Editora LAKE, 11^a. edição, 1995, tradução de João Teixeira de Paula, págs. 26 e seguintes).

DEUS – Existe um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. A prova da existência de Deus está no axioma: **não há efeito sem causa.** Vemos constantemente uma multidão de efeitos inumeráveis, cuja causa está fora da humanidade, não podendo esta, pois, produzi-los, nem sequer explicá-los. A causa, que está acima da humanidade, é o que se chama: **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito, etc.**, segundo as linhas, os tempos e os lugares. Aqueles efeitos não se produzem ao acaso, fortuitamente e sem ordem; desde a organização do mais pequeno inseto, do mais pequeno grão, até à lei que rege os mundos suspensos no espaço, tudo atesta um pensamento, uma combinação, uma providência, uma solicitude superiores a toda concepção humana. A causa desses efeitos é, por conseguinte, soberanamente inteligente.

Deus é eterno, imutável, imaterial, uno, onipotente, soberanamente justo e bom. Deus é **eterno**, porque se houvesse tido princípio, alguma coisa teria existido antes dele; teria saído do nada, ou seria criação de um ser anterior. É por esta dedução que gradativamente nos elevamos ao infinito na eternidade. Deus é **imutável**, porque, se assim não fora, se estivesse sujeito a modificações, as leis, que regem o universo, não poderiam ter estabilidade. Deus é **imaterial** ou de natureza oposta ao que chamamos matéria; pois que se o não fora, se fosse da natureza da matéria, seria, como esta, sujeito às flutuações e transformações: não seria, pois, **imutável**. Deus é **uno**, pois que se múltiplo fora, múltiplas seriam as vontades; e, conseguintemente, impossível seria a unidade de vista e de ação na criação e na manutenção da ordem universal. Deus é **onipotente**, porque é **uno**. Se não possuísse o absoluto poder, haveria algum ser mais poderoso; não seria o criador de todas as coisas, e aquelas, que não tivesse criado, seriam obras de outro Deus. Deus é **soberanamente justo e bom**, porque a sabedoria das suas leis, revelando-se nas menores como nas maiores coisas, não permite pôr-lhe em dúvida a justiça e a bondade.

Deus é infinito em todas as suas perfeições. Se fosse possível admitir imperfeição em qualquer dos atributos divinos, se se lhe suprimisse a menor parcela de **eternidade**, de **imutabilidade**, de **imaterialidade**, de **unidade**, de **onipotência**, de **justiça** e de **bondade**, ficar-se-ia logicamente no direito de admitir um ser dotado de tudo quanto lhe faltasse. Então esse ser, mais perfeito que ele, seria o verdadeiro Deus.

A ALMA – Há no homem um princípio inteligente que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar. Se o pensamento fosse propriedade da matéria, a matéria bruta pensaria; mas a matéria inerte evidentemente não possui faculdades intelectuais e o corpo logo que morre cessa de manifestar pensamentos; portanto é de rigor concluir que a alma é independente da matéria e que os órgãos corpóreos não são senão instrumentos de que se serve o homem para transmitir os pensamentos.

As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social. Se, como julgam os materialistas, o pensamento fosse

uma secreção do cérebro, como a bÍlis o é do fÍgado, resultaria que, morto o corpo, a inteligÊncia e as qualidades morais do homem ficariam reduzidas a nada; os pais, os amigos e todos, a quem se amasse, ficariam para sempre perdidos; o mÉrito do talento nada valeria, porque sÓ ao acaso deveria as suas faculdades transcendentais que revela, e entre o imbecil e o sÁbio a diferença seria apenas de mais ou menos massa cerebral. As conseqüÊncias desses princÍpios seriam que o homem, nada esperando depois desta vida, nenhum interesse teria em fazer o bem; que o que é natural é procurar ele todo o gozo possÍvel, mesmo à custa dos outros; que seria estúpido privar-se do que lhe apraz por causa de outrem; que o egoÍsmo seria o mais racional dos seus sentimentos; que o infeliz, perseguido pela adversidade, o que melhor pode fazer é matar-se, uma vez que, tendo fatalmente de reduzir-se a nada, teria a vantagem de abreviar o tempo de sofrimentos. A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoÍsmo, fonte de todos os vÍcios; a negação da caridade: origem de todas as virtudes, pedra angular da ordem social – bem assim como a justificação do suicÍdio.

A independÊncia da alma é provada pelo Espiritismo. A existÊncia da alma é provada pelos atos inteligentes do homem, os quais decorrem necessariamente de uma causa inteligente e jamais de uma causa inerte. A sua independÊncia da matéria é demonstrada de modo patente pelos fenômenos espÍritas, que a mostram agindo por si mesma; e o é, principalmente, pela experiÊncia do seu desprendimento, **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir separada do corpo. A química separa os elementos constitutivos da água, patenteando-lhe as propriedades, bem como pode decompor e recompor o corpo composto. Pois bem! O Espiritismo pode, do mesmo modo, separar os dois elementos constitutivos do homem: **o espÍrito e a matéria, a alma e o corpo**; pode separá-los e reuni-los à vontade, donde decorre a prova de sua independÊncia.

A alma sobrevive ao corpo e conserva a individualidade depois da morte. Se a alma não sobrevivesse ao corpo, a única perspectiva do homem seria o nada, do mesmo modo como se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se ela não conservasse a individualidade, isto é, se se perdesse no seio do **grande todo**, como gotas d'água no oceano, valeria isto pelo nada do pensamento humano, e as conseqüÊncias seriam absolutamente as mesmas como se o homem não tivesse alma. A sobrevivÊncia da alma prova-se de maneira irrecusável e, por assim dizer, palpável, pelas comunicações espÍritas. A sua individualidade demonstra-se pelo caráter e qualidades próprias a cada uma; essas qualidades, distintas umas das outras, constituem a personalidade; se se confundissem em um todo comum, as qualidades de todos seriam uniformes. Além dessas provas, ainda temos a material das manifestações visuais ou aparições, que são tão freqüentes e tão autênticas a ponto de não deixarem a menor dúvida.

A alma é feliz ou infeliz depois da morte, segundo o bem ou o mal, que fez na vida. Desde que se admite um Deus, soberanamente justo, é impossÍvel crer-se que as almas tenham a mesma sorte. Se o criminoso e o virtuoso tivessem a mesma posição depois da morte, inútil seria praticar o bem, e seria negar a justiça de Deus supor que Ele não faz diferença entre os que praticam o bem e os que praticam o mal, o que seria a negação da sua justiça. Deus não seria justo se, não sendo o mal punido na terra e o bem premiado, não o punisse ou galardoasse depois da vida terrestre. As penas e recompensas futuras nós as conhecemos, materialmente, pelas comunicações com as almas dos que viveram

entre nós, e nos vêm descrever as suas felicidades ou infelicidades, a natureza de uma e outras e o que as causa.

Deus, a alma, a sobrevivência e a individualidade da alma depois da morte do corpo, as penas e as recompensas futuras – eis os princípios fundamentais de todas as religiões. O Espiritismo vem acrescentar às provas morais desses princípios, as provas materiais através dos fatos e da experimentação, cortando assim pela raiz os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, não há razão para a incredulidade. E assim o Espiritismo restitui a fé aos que a perderam e dissipa as dúvidas aos que vacilam.

CRIAÇÃO – Deus é o criador de todas as coisas. Esta proposição decorre da prova da existência de Deus.

O princípio das coisas é segredo de Deus. Tudo atesta que Deus é o autor de todas as coisas; mas quando e como as fez? A matéria existe de toda a eternidade, como Ele? Ignoramo-lo. Não podemos formular senão hipóteses, mais ou menos prováveis, sobre o que não julgou oportuno revelar-nos. Dos efeitos que vemos, podemos chegar a certas causas, mas há um limite, que nos é impossível transpor, e tentar fazê-lo seria perder tempo e arriscar-se a cair em erro.

O homem tem um farol para a procura do desconhecido: são os atributos de Deus. No tentame de devassar, pelo raciocínio, os mistérios da criação, temos um critério infalível, um guia seguro: os atributos de Deus. Uma vez admitido que Deus não pode deixar de ser **eterno, imutável, imaterial, uno, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições**, toda a doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que deprimir, ainda que infinitesimalmente, qualquer daqueles predicados, é necessariamente falsa, pois tende à negação do próprio Deus.

Os mundos materiais tiveram princípio e não de ter fim. Em qualquer das hipóteses, ou de existir a matéria de toda a eternidade, como Deus, ou de ter sido criada em uma dada época, é evidente, à vista do que se passa constantemente a nossos olhos, que as transformações pelas quais ela passa são temporárias, resultando de tais transformações diferentes corpos que nascem e se destroem incessantemente. Sendo os diversos mundos produzidos pela aglomeração e transformação da matéria, devem, como todos os corpos materiais, ter princípio e fim, segundo leis que nos são desconhecidas. A ciência pode, até certo ponto, formular as leis que lhes presidiram à formação e remontar ao estado primitivo deles. Toda teoria filosófica, em contradição com os fatos demonstrados pela Ciência, é necessariamente falsa, salvo se se provar que a Ciência está em erro.

CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS – REENCARNAÇÕES - Deus criou, juntamente com os mundos materiais, seres inteligentes, que chamamos Espíritos. Não conhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; sabemos somente que são criados simples e ignorantes, isto é, sem sabedoria e sem o sentimento do bem e do mal, sendo, porém, dotados de perfectibilidade e igual aptidão para adquirir sabedoria e moralidade. No princípio, são como crianças, sem vontade própria, nem consciência perfeita da sua existência. À medida que o Espírito se afasta do ponto inicial, desenvolvem-se-lhe as idéias, como acontece às crianças, e com as idéias rompe o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de ação consciente para escolher o caminho a seguir em sua marcha – o que constitui um dos atributos essenciais do Espírito. O termo final da caminhada dos Espíritos, o

destino de todos, é a conquista da perfeição, de que é susceptível a criatura, e o resultado ou conseqüência dessa conquista é o gozo da suprema felicidade, que se alcança lenta ou rapidamente, segundo o uso que se faz do livre-arbítrio.

Os Espíritos são os agentes do poder divino, constituem a força inteligente da natureza, concorrem para a realização dos desígnios do Criador, no intuito de manter-se a harmonia geral do universo e das leis imutáveis da criação. Para concorrerem, como agentes do poder divino, à obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem temporariamente um corpo material. Os Espíritos encarnados constituem a humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado. A vida normal dos Espíritos é a espiritual, que é eterna; a corpórea é transitória e passageira, um verdadeiro instante na eternidade. A encarnação dos Espíritos deriva de lei natural, é uma necessidade, tanto para o seu progresso, como para a realização dos planos de Deus. Pelo trabalho, função necessária da vida corporal, aperfeiçoam a inteligência e adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que lhes proporcionam a eterna felicidade. Resulta do exposto que os Espíritos, concorrendo para a obra geral da criação, trabalham ao mesmo tempo em seu próprio progresso. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu trabalho, ele o alcança na razão da atividade e boa vontade que emprega para a aquisição das qualidades que lhe faltam.

Reencarnações – Não podendo o Espírito adquirir em uma única existência corpórea todas as qualidades intelectuais e morais, que devem conduzi-lo ao fim para que foi criado, precisa, para conseguir esse fim, de uma série de existências, em cada uma das quais adianta um passo nas vias do progresso e se limpa de algumas imperfeições. Em cada uma dessas existências, o Espírito traz o cabedal adquirido nas anteriores, quer intelectual, quer moralmente; do mesmo modo como traz os germens das imperfeições de que não conseguiu expurgar-se. O Espírito, que emprega mal uma existência, não adiantando uma linha no caminho do bem, nenhum proveito colhe e tem de recomeçar o trabalho em condições mais ou menos penosas, em conseqüência de sua negligência e má vontade. Uma vez que o Espírito adquire alguma coisa de bom e se despoja de algo de mau, em cada existência corpórea, segue-se que, ao fim de certo número de encarnações, se encontra depurado e chega ao estado de Espírito puro.

O número de existências corporais é indeterminado e depende da vontade do Espírito no trabalho ativo do aperfeiçoamento moral. No intervalo das existências corporais, o Espírito fica **errante** e vive a vida espiritual. A erraticidade não tem duração determinada. Os Espíritos que adquiriram o progresso compatível com o mundo em que estiveram deixam-no para se encarnarem em outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim vão fazendo a sua excursão, até chegarem ao ponto de não mais precisarem de um corpo material, vivendo exclusivamente a vida espiritual, em que progredem ainda noutro sentido e por outros meios. Desde que chegam ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. São admitidos aos conselhos do Onipotente, cujo pensamento recebem, e constituem-se seus diretos ministros para o governo dos mundos, tendo sob as ordens Espíritos de variados graus de adiantamento.

MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS – Caráter e conseqüências religiosas de manifestações de Espíritos. As Almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra, constituem o mundo invisível no espaço que nos cerca. Resulta daí, que desde que há Espíritos e que, se estes têm o poder de se manifestarem, deveriam tê-lo em todo tempo. É o que provam a história e as religiões de

todos os povos. Ultimamente, porém, as manifestações de Espíritos têm adquirido enorme desenvolvimento e maior autenticidade, sem dúvida por querer a Providência curar a chaga da incredulidade e do materialismo por evidentes provas, permitindo aos que deixaram a Terra virem comprovar a sua existência e revelar-nos as condições felizes ou penosas em que vivem. O mundo visível, sendo envolvido pelo invisível, com o qual vive em perpétuo contato, age incessantemente sobre ele e recebe dele a reação. Esta reciprocidade é origem de uma multidão de fenômenos, considerados sobrenaturais, por se lhes ignorar a causa. A ação e a reação de um mundo sobre outro é uma das leis, uma das forças da natureza, necessárias à harmonia universal, como, por exemplo, a lei de atração. Se aquela força deixasse de obrar, perturbar-se-ia a ordem universal, como em um maquinismo, de que se tirasse uma roda. Não têm, portanto, o caráter de sobrenatural os fenômenos produzidos por semelhante força ou lei da natureza, julgados tais por não se lhes conhecer a causa, como acontece com certos efeitos da luz, da eletricidade, etc.

Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por objetivo o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de interesse capital, está necessariamente ligado à existência do mundo invisível; e, é por isso, que em todos os tempos a humanidade tem feito do conhecimento desse mundo o principal objeto dos seus estudos e preocupações. A sua atenção era naturalmente arrastada para todo o fenômeno indicativo daquele mundo, e nenhum havia tão positivo como o das manifestações dos Espíritos, pelos quais os seus habitantes nos revelam a sua existência. É por isso que os fenômenos se tornaram a base da maior parte dos dogmas das religiões.

Havendo o homem tido em todos os tempos a intuição de um poder superior, foi induzido a atribuir à ação **direta** dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida, considerando-os prodígios e efeitos supernaturais. Essa tendência é, pelos incrédulos, considerada obra do amor do homem pelo maravilhoso, mas não lhe procuram os motivos. Se se dessem a esse trabalho, reconheceriam que o amor do maravilhoso procede da intuição, mal definida, de uma ordem de coisas extra corporais. Com o progresso da Ciência e o conhecimento das leis da natureza, aqueles fenômenos têm, pouco a pouco, passado do domínio do maravilhoso ao dos efeitos naturais; e por isso o que se supunha outrora sobrenatural não o é mais atualmente, nem mais o será de ora em diante.

Os fenômenos dependentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua própria natureza, larga contribuição aos fatos considerados maravilhosos; devia, porém, chegar o tempo em que fosse conhecida a lei que os rege e eles entrassem, como quaisquer outros, na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, fazendo conhecer aquela lei, trouxe a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas, que aludiam a ela e dos fatos reputados miraculosos. O caráter de um fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é ser uma derrogação das leis da natureza. Desde que um fenômeno se reproduza em identidade de condições, é porque obedece a uma lei e, portanto, não é miraculoso. Essa lei pode ser ignorada, mas nem por isso deixa de existir, competindo ao tempo torná-la conhecida. O movimento do Sol, ou, melhor, da Terra, sustado por ordem de Josué, seria um verdadeiro milagre, por ser uma manifesta derrogação da lei, que rege o movimento dos astros; se, porém, o mesmo fato pudesse reproduzir-se, em dadas condições, é porque obedeceria a uma lei e deixaria de ser um milagre.

A Igreja não tem razão de perturbar-se por se ir estreitando o círculo dos fatos miraculosos. Deus afirma muito mais a sua grandeza e poder, com o admirável conjunto das suas leis, do que com a infração delas; tanto mais atribuindo ela ao demônio o poder de fazer prodígios, o que implica ser o demônio tão poderoso quanto Deus, uma vez que tem a faculdade de interromper o curso das leis divinas. É blasfêmia e sacrilégio dizer que o Espírito do mal pode suspender a ação das leis divinas! A religião ganha autoridade, em vez de a perder, com a classificação na ordem natural dos fatos reputados miraculosos e isto porque, se um deles é falsamente considerado milagre, nasce dali um erro e a religião, obstinando-se em mantê-lo, só tem que perder. Além disso, ainda é prejudicado porque muitas pessoas não admitem a possibilidade dos milagres; donde resulta negarem os fatos tidos como tais, e a religião que os sustenta. Pelo contrário, admitidos os fatos como efeitos de leis naturais, nenhuma razão há para se lhes recusar fé, tanto como à religião, que os proclama.

Os fatos, que a ciência demonstra peremptoriamente, não podem ser negados por nenhuma crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las. Um dogma fundado na negação de uma daquelas leis é necessariamente falso.

O Espiritismo, firmado no conhecimento de leis ainda não compreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, mas torná-los mais aceitáveis, dando-lhes explicação racional. O que ele vem destruir são as falsas deduções tiradas daquelas leis, por erro ou ignorância. A ignorância das leis da natureza, induzindo o homem a procurar causas fantásticas para os fenômenos que não compreende, é a origem das idéias supersticiosas, entre as quais algumas são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos. O conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas idéias supersticiosas, dando às coisas o seu caráter real e demarcando os limites do possível e do impossível.

*

FIM DO PRIMEIRO ANO

BIBLIOGRAFIA